UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

FELIPE DARTAGAN MAROPO TEIXEIRA DE CASTRO

**COMPLEIÇÃO DO MIGRANTE EM *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, DE LUIZ
RUFFATO**

TRÊS LAGOAS-MS
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

FELIPE DARTAGAN MAROPO TEIXEIRA DE CASTRO

**COMPLEIÇÃO DO MIGRANTE EM *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, DE LUIZ
RUFFATO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Literários) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues

TRÊS LAGOAS-MS

2022

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, a fim de perceber o desenvolvimento da compleição do migrante. Partindo de uma leitura cerrada, decompomos analiticamente os elementos que se mostraram mais profícuos para o entendimento dos muitos sentidos que a obra evoca. Além de referencial do campo dos Estudos Literários, mantivemos diálogo interdisciplinar com três conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu: “habitus”, “campo” e “capital”. O processo de estudo levou-nos a detectar três *topoi* simbólicos centrais na obra: ingenuidade, pensamento mágico e uma noção antagônica entre progresso e decadência. Uma vez no país de recepção, e então um migrante propriamente dito, as personagens migrantes, em especial o protagonista Serginho, encontram-se em novas condições que os levam a desenvolver o que chamamos de compleição do migrante. Durante esse período, eles precisam lidar com: condições materiais precárias, redes sociais, perspectiva de retorno e provisoriedade e relações de alteridade com outros atores sociais – nacionais e outros migrantes. Sendo assim, assumimos, como hipótese, que o processo migratório transforma o indivíduo que migra, fazendo-o se deslocar não apenas espacialmente, mas também em termos de suas crenças e ações. Eles partem de uma condição ingênua e, com o passar do tempo, experiência e condições modificando-se, atingem uma nova condição diferente da inicial: desamparada e sem perspectivas. Esse processo de transformação é o que chamamos de compleição do migrante. Isso é revelado tanto pelos elementos de conteúdo e forma da obra, quanto pela cosmovisão do autor, que denuncia as péssimas condições da classe média baixa urbana no Brasil, que sonha com a possibilidade de ascender socioeconomicamente pela migração.

Palavras-chave: *Habitus* do migrante; Literatura brasileira; Luiz Ruffato; Migração.

ABSTRACT

The present work analyzes the novel *Estive em Lisboa e lembrei de você*, by Luiz Ruffato, in order to understand the development of the migrant's complex. Starting from a close reading, we analytically decompose the elements that proved to be most fruitful for the understanding of the many meanings that the novel evokes. In addition to being a reference in the field of Literary Studies, we maintained an interdisciplinary dialogue with three concepts by French sociologist Pierre Bourdieu: "habitus", "field" and "capital". The study process led us to detect three central symbolic *topoi* in the work: naivety, magical thinking and an antagonistic notion between progress and decay. Once in the receiving country, and then a migrant, the migrant characters, especially the protagonist Serginho, find themselves in new conditions that lead them to develop what we call the migrant complex. During this period, they have to deal with: precarious material conditions, social networks, perspective of return and provisional and alterity relations with other social actors – nationals and other migrants. Therefore, we assume, as a hypothesis, that the migratory process transforms the individual who migrates, causing him to move not only spatially, but also in terms of his beliefs and actions. They start from a naive condition and, with the passage of time, experience and conditions changing, they reach a new condition different from the initial one: helpless and without prospects. This process of transformation is what we call the migrant complex. This is revealed both by the content and form elements of the work, as well as by the author's cosmology, which denounces the terrible conditions of the urban lower middle class in Brazil that dreams of the possibility of ascending socioeconomically through migration.

Keywords: Migrant *habitus*; Brazilian literature; Luiz Ruffato; Migration.

RESUMEN

El presente trabajo analiza la novela *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, para comprender el desarrollo de la complejidad del migrante. A partir de una lectura atenta, descomponemos analíticamente los elementos que resultaron más fructíferos para la comprensión de los múltiples significados que evoca la obra. Además de los referenciales en el campo de los Estudios Literarios, mantuvimos un diálogo interdisciplinario con tres conceptos del sociólogo francés Pierre Bourdieu: “habitus”, “campo” y “capital”. El proceso de estudio nos llevó a detectar tres *topoi* simbólicos centrales en la obra: la ingenuidad, pensamiento mágico y una noción antagónica entre el progreso y la decadencia. Una vez en el país receptor, y luego migrante, los personajes migrantes, especialmente el protagonista Serginho, se encuentran en nuevas condiciones que los llevan a desarrollar lo que llamamos complejidad del migrante. Durante este período, tienen que lidiar con: condiciones materiales precarias; redes sociales, perspectiva de retorno y provisional y relaciones de alteridad con otros actores sociales – nacionales y otros migrantes. Por lo tanto, asumimos, como hipótesis, que el proceso migratorio transforma al individuo que migra, haciéndolo moverse no solo espacialmente, sino también en cuanto a sus creencias y acciones. Parten de una condición ingenua y, con el paso del tiempo, la experiencia y las condiciones cambiantes, llegan a una nueva condición diferente a la inicial: indefenso y sin perspectivas. Este proceso de transformación es lo que llamamos la complejidad del migrante. Esto lo revelan tanto los elementos de forma y contenido de la obra, como la cosmovisión del autor, que denuncia las pésimas condiciones de la clase media baja urbana en Brasil que sueña con la posibilidad de ascender socioeconómicamente a través de la migración.

Palabras clave: *Habitus* del migrante; Literatura brasileña; Luis Ruffato; Migración.

AGRADECIMENTOS

Aos primeiros professores que tive, meus pais, Izabel e Ribamar, cada um a seu modo, que me ensinaram e ensinam sobre a vida. Sou grato também à minha irmã, que sempre, com muito carinho, incentivou-me em todos os projetos em que me envolvi. À minha sobrinha Isa, que, com seu jeito de ser criança, sempre é um oásis em meio às preocupações cotidianas.

A todos os meus professores que ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, desde a pré-escola até aqui, têm sido generosos em me ensinar aquilo que sabem e provocar o meu intelecto e o desejo pelo conhecimento. Seria impossível me lembrar nominalmente de todos, mas registro minha gratidão assim mesmo.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Rauer, pela paciência, cuidado, compreensão, mas principalmente pela inteligência ao me orientar ao longo do processo de construção deste trabalho.

E, por último, mas não menos importante, agradeço à minha esposa, Tammi, pela paciência, cuidado, carinho e incentivo em todo esse período.

*Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
De ningún lado del todo
De todos lados un poco
Jorge Drexler ("Movimiento")*

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
RESUMEN	5
AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	10
1 INGENUIDADE	36
1.1 Infantilidade	38
1.2 Tutelagem	40
1.3 Ausência de malícia	44
1.4 Carência afetiva e autoimagem positiva	49
1.5 Provincianismo	54
1.6 Alienação	60
1.7 Otimismo	62
2 PENSAMENTO MÁGICO	69
2.1 Destino/azar	69
2.2 O mito da Caipora/Curupira	72
2.3 Religiosidade	78
3 “ERA DE OURO”	86
3.1 Antítese: progresso <i>versus</i> decadência	86
3.2 Progresso e decadência na trajetória das personagens migrantes	97
3.3 Progresso e decadência para Portugal	110
4 <i>ESTIVE EM LISBOA... E A LITERATURA MIGRANTE</i>	125
4.1 A existência material do migrante	125
4.1.1 Condições materiais precárias anteriores ao deslocamento e desejo de ascensão socioeconômica	127
4.1.2 A vulnerabilidade migrante	130
4.1.3 Condições precárias durante a estada no país de recepção e fracasso	137
4.1.3.1 O desconforto na “pele”: fome e frio	138
4.1.3.2 Trabalhos subalternos	139
4.1.3.3 Prostituição	140
4.2 A importância das redes sociais	143
4.2.1 Contatos anteriores ao deslocamento	148
4.2.2 Benefícios no local de recepção ao fazer parte de uma rede social	150
4.2.3 Manutenção dos laços com o local de origem	153
4.3 O retorno do migrante: efetivo e ilusório	157
4.3.1 O retorno efetivo	158
4.3.2 A ilusão da provisoriedade	161
4.3.3 A ilusão do retorno	162
4.3.4 O retorno simbólico	164
4.3.5 Alguns outros aspectos do retorno	164
4.4 Relações de alteridade	168
4.4.1 As relações entre os migrantes e os nacionais	169
4.4.2 Xenofobia	175
4.4.3 As relações entre migrantes e outros migrantes	179
5 AS TRANSFORMAÇÕES DOS MIGRANTES AO LONGO DA EXPERIÊNCIA DE DESLOCAMENTO	184
5.1 Conceitos bourdieusianos	184
5.2 Uma proposta de <i>habitus</i> de migrante	188

5.3 A compleição do migrante em <i>Estive em Lisboa...</i>	190
5.4 Biografia, fortuna crítica e cosmovisão do autor	195
5.4.1 Trajetória como escritor	196
5.4.2 Projeto literário de Luiz Ruffato	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS	211
ANEXO – FORTUNA CRÍTICA	220
Artigos em Periódicos	220
Livros dedicados à obra Ruffatiana	226
Capítulos de livro	227
Dissertações de Mestrado	229
Teses de Doutorado	232

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho propõe-se a analisar a obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*¹, de Luiz Ruffato (2009), a fim de perceber como é elaborado nela o que chamamos de compleição do migrante. Autor de origem mineira, Ruffato tem destaque no cenário nacional e internacional pelo seu trabalho. Publica desde o fim dos anos 1990, sendo o seu primeiro livro *Histórias de remorsos e rancores* (1998). Publicado em volumes separados e depois editados em conjunto, *Inferno provisório* (2016) é uma das obras que se destacam dentre a sua produção. Outra obra muito bem recebida pela crítica, e que talvez mais tenha dado visibilidade a seu trabalho, foi *Eles eram muitos cavalos* (2001). Além da prosa, possui obras em outros gêneros, como poesia e crônica.

No nosso percurso de pesquisa e de definição de *corpus*, percorremos a leitura de várias obras que entre seus temas abordassem a migração. Uma das nossas primeiras incursões foi pelas obras que compõem a “Coleção Amores Expressos”², da editora Companhia das Letras, e da qual *Estive em Lisboa...* faz parte.³ De forma ampla, a proposta da editora foi proporcionar a estada de autores em algumas cidades relevantes no mundo a fim de que desenvolvessem narrativas que tratassem de amor e fossem ambientadas nessas mesmas cidades. Mas, além desses, também fomos, aos poucos, por meio de indicações em artigos científicos e leituras de resenhas, tomando contato com mais obras semelhantes.

Destacam-se, nesse sentido, os seguintes romances: *Azul corvo* (2014A), de Adriana Lisboa; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; e *El síndrome de Ulises* (2005), de Santiago Gamboa. Estes três romances tanto nos impactaram, que chegamos a cogitar um trabalho mais amplo que procurasse elaborar uma comparação entre ambos, no que se refere às questões do fenômeno migratório. Esta nossa intenção foi abandonada em razão de entendermos que isto demandaria tempo e recursos superiores ao que dispúnhamos. Ainda assim, vale destacar algumas questões que estes romances contemplam. Todos os autores – os dois primeiros

¹ Tendo em vista que o título da obra é relativamente longo, nas próximas vezes, referir-nos-emos a ela apenas como *Estive em Lisboa...*

² À frente, listamos todos os romances desta coleção a que tivemos acesso e que lemos.

³ Foi nesse processo que tomamos contato com a obra pela primeira vez.

brasileiros, Adriana Lisboa e Edney Silvestre, e o terceiro colombiano, Santiago Gamboa – carregam no currículo a experiência da migração.

Adriana Lisboa, autora carioca com grande reconhecimento crítico de sua obra, possui, além de *Azul corvo*, outros trabalhos – na prosa, na poesia e no conto – que abordam a questão da migração. Vive atualmente nos Estados Unidos e teve passagem pela França e Nova Zelândia. Apesar disso, o romance citado destaca-se entre os que ela aborda o tema da migração. Edney Silvestre, também do estado do Rio de Janeiro, talvez mais conhecido pelo seu trabalho como repórter correspondente nos Estados Unidos, também tem trabalhos bem recebidos pela crítica. Em *Vidas provisórias*, as questões relacionadas à migração são muito pungentes e ricas em possíveis análises. Santiago Gamboa, colombiano de Bogotá, estabeleceu-se na Europa, vivendo na Espanha e na França. *El síndrome de Ulises* é um dos romances com que tomamos contato que mais amplamente abordaram questões relacionadas à migração.

Esse percurso de leitura dos autores e obras citadas, além de muitas outras que não as citamos para sermos mais assertivos, proporcionou-nos um contato riquíssimo com a literatura ficcional que tematiza a migração. O processo de escolha não foi fácil, mas critérios como qualidade estética da obra e bom acolhimento pela crítica foram centrais. Certamente não queremos dizer, com isso, que as outras carecessem desses atributos, mas então a variável mais subjetiva terminou por dar o veredicto final.

Entendemos que obras ficcionais são portais para tomarmos contato com realidades diversas, apresentações de universos com que talvez nunca tivéssemos qualquer tipo de interação. Sabemos também que, não sendo a realidade, constituem-se em um objeto de estudo próprio, com suas características e exigências de abordagem de estudo particulares. Mesmo em propostas de análises de aspectos da realidade, há diferenças sensíveis, ainda que um diálogo interdisciplinar sempre seja possível e desejável. Fazemos essas ressalvas para pontuar que em estudos que não são da realidade em si, tende-se a observar certas questões em escalas mais reduzidas, mais intimistas. No caso da tematização da migração, não costumamos ler obras ficcionais que tratem de explicar as razões teóricas para que elas ocorram, ou uma preocupação de visão panorâmica sobre ela. Ao contrário, observamos o cotidiano, as dificuldades e alegrias corriqueiras pelas quais as personagens passam.

Metaforicamente também somos migrantes em nosso percurso acadêmico. Com formação em História e com mestrado em Estudos Fronteiriços, temos uma proximidade com disciplinas das humanidades e das ciências sociais. Por conta disso e motivados a entender como o cotidiano dos migrantes está presente em obras ficcionais, recorreremos a alguns conceitos da Sociologia. Trata-se, especialmente, de conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2004): “*habitus*”, “campo” e “capital”. Posteriormente esclareceremos melhor cada um desses conceitos, mas faz-se necessário tangenciar o primeiro, dada a sua importância. “*Habitus*”, de modo aproximado, refere-se ao conjunto de práticas e crenças que um dado ator social, membro de uma certa categoria social, costuma operar, segundo Bourdieu (2004). Entendendo que algumas personagens de *Estive em Lisboa...* referem-se a atores sociais em situação de migração e que compõem uma categoria social em razão desse traço – estar em mobilidade espacial –, gostaríamos de saber quais práticas e crenças eles operam e que estão presentes ali. Além desses conceitos de base, outros são evocados quando necessário, em diálogo com os que se referem aos Estudos Literários.

Aproximamo-nos do nosso *corpus*, procurando o analisar de acordo com os princípios da “leitura cerrada”. Essa estratégia elaborada pela *New Criticism* caracteriza-se, em linhas gerais, conforme nos aponta Piquer, em: “[...] una crítica intrínseca y un método que les parecía totalmente riguroso: el denominado *close reading* (lectura atenta, minuciosa, detallada)” (2002, p. 405). Ainda assim, orientados por pressupostos de como Antonio Candido entendia a “leitura cerrada”, não deixamos de considerar elementos externos à obra. Vasconcelos (2018) informa-nos que Candido aderiu a esse método:

Dessa corrente crítica surgida no pós-Primeira Guerra Mundial, que defendia o valor intrínseco da obra literária e a compreendia como uma unidade autônoma de sentido, Candido incorporou a técnica da leitura cerrada (*close reading*) e o princípio da indissociabilidade entre forma e conteúdo poéticos, a partir da noção de que as palavras de um poema, com suas tensões internas, constituem seu significado. (pp. 92-93)

Porém, em estreito diálogo com a História e a Sociologia, com as quais elaborava sua crítica social. Como o próprio Candido (2006) afirma: “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado,

mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (p. 14).

Outras ideias caras⁴ no processo de análise foram as de Piglia (2004), em seu texto *Teses sobre o conto*, e Poe (2016), em seu texto *A filosofia da composição*. Piglia (2004) diz que os contos geralmente tratam de duas histórias, uma evidente, que está na superfície, e outra que está oculta, secreta. Importa, segundo ele, descobrir justamente qual é essa segunda história. A essa dimensão que está oculta ele chama de “teoria do iceberg” e atribui a Hemingway tal procedimento: “A teoria do iceberg de Hemingway é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não dito, com o subentendido e a alusão” (pp. 91-92). Apesar de temerário imaginar que esse princípio seja extrapolável para outros gêneros textuais, parece-nos interessante assumir a ideia de que todo texto possui uma dimensão oculta, não evidente, que demanda sempre um esforço por parte de quem lê e se propõe analisar e interpretar. Esse sentido estabelece uma relação próxima com a noção de “leitura cerrada”.

Poe (2016) destaca que as elaborações artísticas, e a literatura está incluída, não são fruto do acaso, ou de inspiração, como costuma se defender; pelo contrário, são consequência de trabalho deliberado. Os artistas desenvolvem uma sequência de passos para atingir um determinado fim. Ainda que não seja comum eles tornarem público o seu processo, é preciso ter claro que é dessa forma. Ele mesmo, ao longo desse texto, como maneira de exemplificar, descreve como procedeu para escrever o seu poema “O corvo”, o mais conhecido, segundo ele. Sendo assim, isso nos alerta que elementos que poderiam ser tidos como menos relevantes podem, eventualmente, comporem um sentido mais profundo.

Outra referência importante que nos ajudou a orientar tanto a leitura quanto a forma como organizaríamos a própria feição do nosso texto foi “Uma metodologia de leitura”, de Rodrigues (s.d.). Esse texto propõe uma estratégia de leitura para textos literários e de outras disciplinas, bem como orienta a escrita de textos que resultam de um entendimento dessa leitura. Conforme o próprio autor diz,

[...] apresenta-se aqui uma metodologia útil, de sentido quase universal, que permite traduzir a leitura fluida e corriqueira em um entendimento maior,

⁴ Conforme afirmamos, não tendo formação inicial na área de Literatura, as aulas durante o curso de Doutorado, em disciplinas como “Teorias do Conto”, foram essenciais para incorporarmos certos princípios e teorias comuns nos Estudos Literários.

aprofundando na verticalidade a busca de sentidos construídos pelo texto, e horizontalizando a descrição do texto como constructo, como uma invenção que 'lê' o mundo e no mesmo passo inventa um universo próprio ao reinventar o 'real', no caso da literatura, ou apreender o real e o compreender, no caso das disciplinas de outras áreas. (RODRIGUES, s.d., s.p.)

As etapas que ele propõe são: i) descrição; ii) análise; iii) interpretação; iv) hermenêutica; v) proposição; e vi) cosmovisão. Essas etapas, em linhas gerais, seriam:

Os passos da descrição e da análise são essencialmente de apresentação ampla, horizontalizada, do texto sob estudo; os passos da interpretação e da hermenêutica são aqueles de entendimento aprofundado do texto, são os passos de verticalização; e os passos da proposição e da cosmovisão são os passos que indicam uma compreensão – ampla e pessoal – do texto sobre o qual o leitor empreende a sua leitura. (RODRIGUES, s.d., s.p.)

Essas etapas apresentam-se assim, separadas, em sua explicação para fins didáticos, mas estão imbricadas uma na outra. Nosso texto, portanto, metodologicamente se guiou por esses princípios além de outras referências que apontamos ao longo das nossas considerações.

No nosso percurso de leitura e estudo da obra sob análise detectamos *topoi* simbólicos que orientam a construção de personagens, e da obra em si por conseguinte, com destaque para o protagonista, como: ingenuidade, pensamento mágico e tempo progressivo *versus* tempo cíclico. Apesar desses *topoi* estarem inter-relacionados, apresentamo-lo dessa maneira por entendermos que possuem uma certa autonomia entre si. Cada um dos três primeiros capítulos aborda um desses *topoi*. No quarto capítulo, estabelecemos um diálogo mais próximo da obra com a literatura migrante, apresentando quatro aspectos da experiência migrante que aparecem de maneira mais evidente: i) condição material precária – tanto antes do deslocamento quanto durante; ii) a importância das redes como facilitadora do processo de deslocamento; iii) a perspectiva do retorno; e iv) a alteridade. No quinto e último capítulo, aproximamos todos os elementos apresentados e discutidos nos capítulos anteriores e demonstramos como eles convergem para o que estamos chamando de “compleição do migrante”, além de acrescentarmos uma breve discussão sobre o autor, seu projeto literário e cosmovisão.

Como forma de contextualização, maior aproximação e entendimento do fenômeno migratório, apresentamos nos próximos parágrafos algumas abordagens e discussões teóricas em termos mundial e nacional.

Ao pensarmos sobre a história da humanidade e lembrarmos que talvez a primeira grande revolução pela qual tenhamos passado foi a revolução agrícola, tomamos consciência de como a mobilidade humana sempre fez parte de nossa experiência enquanto espécie. Abandonamos a prática nômade, de constante movimentação, para uma condição de fixação e sedentarização. Apesar disso, não deixamos de nos mover e continuamos até hoje. Grupos humanos, por motivações diversas, como o impacto de eventos naturais ou conflitos com outros grupos, viram-se forçados a se deslocarem. Um exemplo que logo nos vem à mente é do povo judeu, que, em função de perseguições de ordem ideológica, vivenciaram várias diásporas ao longo de sua história enquanto povo. A primeira delas foi registrada na Bíblia como a fuga do Egito até a ocorrida no século XX no contexto do nazismo alemão. Outras são citadas no texto sagrado, e não podemos nos esquecer da promovida pela Igreja Católica a partir do fim do séc. XIV na Península Ibérica, no que ficou conhecido como Inquisição. Outro exemplo dramático foi a escravização de vários povos oriundos do continente africano a partir das chamadas Grandes Navegações. Esses casos são marcantes especialmente pelo fato de terem sido experiências forçadas e de grande violência. No entanto, é preciso lembrar que muitos movimentos são voluntários, ou pelo menos não constrangidos de forma tão direta.

Cavalcanti *et al.* (2017, p. 13), em seu capítulo intitulado “Um convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais”, citando Massey e Feldman-Bianco, diz o seguinte:

Para Massey (1999)⁵, as migrações modernas podem ser delineadas em quatro períodos: i) período mercantil (1500-1800); ii) período industrial (1800-1925); iii) período de migração limitada (de 1925 até o final da II Guerra Mundial); e iv) período pós-industrial (pós-1960). Em todos esses períodos é importante frisar que as migrações estão relacionadas aos processos de expansão do capitalismo, às categorizações socioculturais baseadas na noção de racialização, à colonialidade do poder e às estruturas de dominação e desigualdades sociais. (FELDMAN-BIANCO, 2014)⁶

Essa proposta de periodização das migrações modernas ajuda a dar uma visão mais clara e panorâmica das fases pelas quais o fenômeno migratório nos últimos

⁵ MASSEY, D. S. Why does immigration occur? A theoretical synthesis. In: HIRSCHMAN, C.; DEWIND, J.; KASINITZ, P. (Ed.). *Handbook os international migration: the American experience*. New York: Russel Sage Foundation, 1999.

⁶ FELDMAN-BIANCO, B. La circulación de las personas debería ser considerada como utopia. *Crítica y Emancipación Revista Latino Americana de Ciencias sociales*, v. 11, pp. 613-626, 2014.

séculos passou. O destaque aos processos e conceitos a que se vincula também são bastante explicativos.

Alguns importantes pensadores da migração, como Sayad (1998), Arango (2003) e Sasaki e Assis (2000), entram em consenso ao dizerem que o fenômeno da migração, especialmente pela sua complexidade, deve ser estudado por uma perspectiva interdisciplinar. Isto nos parece bastante acertado e, por isso, apesar de estarmos calcados numa perspectiva dos Estudos Literários, recorreremos sempre que necessário a referenciais das mais diversas disciplinas conforme o nosso objeto de estudo assim parecer exigir.

Talvez uma das primeiras perguntas que possam nos ocorrer ao refletir sobre a migração é quanto às motivações para que ela ocorra. Elas podem ser as mais diferentes: mudanças climáticas – escassez de alimento, alagamentos, destruição de residências, etc.; perseguições por convicções ideológicas – políticas, filosóficas, religiosas, etc.; ânsia por melhores condições materiais de existência; busca por um *status* diferenciado do que se tem em seu lugar de origem, entre tantas outras.

Ainda pensando de maneira bem abrangente sobre migração, recorreremos a Castles e Miller (2004). Segundo esses autores, os processos migratórios na atualidade têm ganhado grande vulto, principalmente em função da globalização, chegando a dizer que vivemos em uma “era da migração”. Também, segundo esses mesmos autores, parece ter havido um aumento significativo dos fluxos migratórios no pós-Guerra Fria, ou seja, especialmente nos anos 1990 (CASTLES; MILLER, 2004, pp. 11-12). Nesse contexto histórico, portanto, passa a haver uma espécie de maior fluidez entre os territórios, transitando, de forma muito mais dinâmica, mercadorias, pessoas e ideias, que formam inúmeras redes.

O Brasil não se encontra alijado desse processo, que poderíamos seguramente classificar como mundial. Para exemplificar e mencionar algumas reflexões sobre o fenômeno dos brasileiros que migram para o exterior, apresentamos alguns autores que se debruçam sobre o assunto.

Uma das primeiras ideias que os autores que vamos destacar deixam clara é a noção de que o Brasil deixou de ser um país de recepção de imigrantes para passar a ser um país que envia migrantes (CAVALCANTI, 2007, p. 2; PATARRA, 2005, p. 25).

[...] lembro que crescemos aprendendo na escola e nos meios de comunicação que o Brasil é um país de imigração, um verdadeiro 'cadinho de raças'. Para cá vieram alemães, italianos, poloneses, árabes, japoneses e tantas outras etnias, que festejam invariavelmente seus costumes e suas tradições. Não se fala, no entanto, sobre a diminuição desta imigração nas últimas décadas, nem de sua transformação qualitativa, ora pendendo para a clandestinidade, ora para a especialização. (SPRANDEL, 2001, p. 1)

Percebemos, assim, que se trata de um fenômeno relativamente recente, ensejado em algum grau por fatores econômicos, uma vez que a década de 1980 ficou conhecida como a “década perdida” por causa da grande crise econômica mundial. No entanto, é na década de 1990 que um maior número de brasileiros começa a migrar cada vez mais, talvez como reflexo da década anterior, especialmente para a América do Norte (Estados Unidos), Europa (Reino Unido, Itália, Portugal, Espanha) e Ásia (Japão), conforme destacam Patarra (2005, p. 23) e Margolis (1994, p. 29).

Quanto ao destino escolhido, nem sempre há uma lógica clara, mas, em alguns casos, fruto do passado histórico dos fluxos migratórios para o Brasil, essa escolha segue um traço cultural (PATARRA, 2005, p. 27), ou seja, os brasileiros vão buscar as terras de seus antepassados. Isso fica muito claro no caso dos chamados decasségus brasileiros que vão para o Japão, mas não apenas.

Autores como Sprandel (2001), Patarra (2005) e Póvoa Neto (2006) destacam, entre outras coisas, a importância da mídia no sentido de dar visibilidade a esse novo fenômeno. A novidade dessa migração brasileira termina sendo desconhecida da população em geral, mas a mídia vem cumprindo seu papel dando destaque ao tema. A questão, no entanto, é que nem sempre a imagem veiculada é positiva, mostrando muitas vezes apenas, ou com maior ênfase, os aspectos negativos da migração, como a ilegalidade documental, a prática de atos ilícitos, a exploração sexual e a evasão de cérebros.

É importante destacar também as formas de acessar esses países de recepção por parte dos brasileiros. Proceder à migração não é um ato fácil, exige uma série de mecanismos de solidariedade estabelecidos por meio de redes de contatos entre parentes, amigos e outros nacionais que já realizaram a migração. Dessa forma, cria-se uma circularidade dos fluxos que mantêm o fenômeno (PATARRA, 2005, p. 26).

Quanto à ocupação laboral desses brasileiros que emigram, a literatura especializada aponta, grosso modo, aqueles que possuem uma formação profissional e aqueles que não possuem. No primeiro caso, comumente chamado de “fuga de

cérebros”, encontramos aqueles indivíduos que têm um alto grau de conhecimento em sua área e que não têm perspectiva de ascensão profissional e salarial no Brasil, enxergando oportunidades maiores no exterior (MARGOLIS, 1994, p. 13). O segundo caso, mais comum inclusive, são de indivíduos que, ao migrarem, apesar de no Brasil ocuparem postos de trabalho, em termos de *status* melhor, submetem-se a trabalhos subalternos no exterior. Isso se explica pelo fato do valor da moeda em que recebem, sendo que, apesar de estarem em trabalhos subalternos, recebem mais do que se estivessem em trabalhos melhores no Brasil. Claro está que existe sempre a perspectiva de ascender no país de recepção, o que faz com que esse indivíduo encare esses trabalhos subalternos como algo temporário. Sobre essa questão, Vieira (2013, p. 55) cunhou o termo “ascensão subalterna”.

Apresentamos a seguir algumas ideias de três trabalhos que procuraram fazer uma revisão da literatura sobre as abordagens teóricas do fenômeno migratório: Cavalcanti *et al.* (2017), Sasaki e Assis (2000) e Arango (2003). O primeiro desses três divide seu texto em duas grandes categorias: as abordagens que tentam explicar as razões para que as migrações ocorram – causalidade – e as abordagens que tentam explicar as razões para que permaneçam no tempo e espaço – manutenção. Os outros dois trabalhos apresentam as propostas teóricas seguindo a cronologia do surgimento de cada uma. Apesar do primeiro apontar uma divisão diferente, parece-nos que, com algumas exceções, apresenta as mesmas linhas que o último. Arango (2003) é o que mais se posiciona de forma crítica a cada uma das abordagens que apresenta.

Sasaki e Assis (2000) são os que mais retrocedem cronologicamente, grifando algumas propostas e autores que, de alguma forma, tenham abordado a questão do fenômeno migratório. De forma geral dizem que os autores clássicos da Sociologia – Malthus, Marx, Durkheim e Weber – pouco se importaram com o estudo das migrações.

Para estes autores, portanto, a migração era analisada como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que, por sua vez, dá-se através da industrialização, urbanização e mobilidade populacional. Assim, a migração é uma preocupação secundária para estes autores, naquele contexto. (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 3)

Segundo essas mesmas autoras, a Escola de Chicago teria sido a primeira abordagem a considerar de forma mais sistemática o problema da migração. Essa

escola de pensamento viu-se propensa a pensar e a discutir a migração em razão dos debates políticos que se deram nos Estados Unidos – país que no contexto do séc. XX ainda recebia muitos migrantes. A Escola de Chicago debruçou-se com maior ênfase nos processos de assimilação dos migrantes ao novo país. Esse processo foi chamado de *melting pot*.⁷ No entanto, configurou-se um dos pontos mais sensíveis das críticas que recebeu, já que o que se observou empiricamente foi a formação de grupos étnicos não totalmente integrados e assimilados na sociedade estadunidense.

Quanto à primazia cronológica das abordagens teóricas sobre o fenômeno migratório, Arango (2003) não parece concordar com as autoras anteriores. Ele explica a razão de assim se posicionar em função de acreditar que são poucas as abordagens que de fato merecem o qualificativo de teoria. Segundo ele, a primeira que deve ser considerada como realmente uma teoria é a Teoria Neoclássica das migrações.

Por supuesto, no se trata de una teoría ad hoc, pensada inicialmente para el fenómeno migratorio, sino una aplicación a este terreno del paradigma neoclásico, basado en principios tan conocidos como la elección racional, la maximización de la utilidad, los rendimientos netos esperados, la movilidad de factores y las diferencias salariales. Un paradigma tan versátil, que ha sido aplicado a tantas dimensiones del comportamiento humano y cuya influencia sigue fluyendo de la economía a las demás ciencias sociales, no podía dejar de extenderse a las migraciones, a las que parece adecuarse de manera natural. (ARANGO, 2003, p. 3)

Com inspiração econômica, essa abordagem não foi pensada exclusivamente para as migrações, mas parece responder a algumas perguntas relevantes sobre elas. De forma bastante sintética, o cerne da teoria neoclássica defende que as migrações ocorrem em função de uma desigual distribuição espacial do capital e do trabalho. Países com mais capital e menos mão de obra tendem a pagar melhores salários; por sua vez, países com escasso capital, mas com maior quantitativo de mão de obra tendem a pagar salários mais baixos. Dessa forma, as migrações seriam um mecanismo natural de equilíbrio entre esses fatores, levando, em algum momento, ao equilíbrio (ARANGO, 2003, pp. 3-4). Essa abordagem é muito criticada, mas ainda possui muitos adeptos. Apesar de conjugar, em certa medida, aspectos macros – os mercados, as relações entre países – e micro – a decisão individual e racional com o objetivo de ganhos materiais, desconsidera outras dimensões do fenômeno, como o

⁷ Figuradamente o conceito de *melting pot* refere-se à existência de comunidades humanas com origens e culturas distintas.

social e o político. Essa abordagem é citada tanto por Cavalcanti *et al.* (2017) quanto por Sasaki e Assis (2000), apontando para as mesmas questões que Arango (2003) discute.

Arango (2003) destaca que a realidade altamente cambiante que vivenciamos principalmente desde o último quartel do séc. XX exigiu que novas abordagens fossem elaboradas, criando o que ele chamou de “mosaico teórico contemporâneo”. Nesse sentido, dá destaque ainda às seguintes linhas: a “nova economia das migrações laborais”; a “teoria dos mercados de trabalho duais”; a “teoria do sistema mundial”; as abordagens que enfatizam as “redes migratórias”; a “análise de sistemas aplicada às migrações” e a “causação acumulativa”. As três primeiras, pensando na divisão proposta por Cavalcanti *et al.* (2017) em termos de abordagens que explicam a causalidade e as que explicam a sua manutenção, refeririam-se às que explicam as razões para se migrar; e as últimas, às razões de sua continuidade.

A abordagem da “nova economia das migrações laborais” é bastante próxima da “teoria neoclássica”, buscando corrigir algumas debilidades dessa, como a questão de quais atores tomam as decisões de migrar. Se na abordagem anterior enfatizava-se o ator individual, esta afirma que tal decisão é de um grupo maior, da família, mas a ênfase em que se trata de uma escolha racional na busca de angariar a maior quantidade de benefícios permanece. Alguns dos méritos da “nova economia das migrações laborais” em comparação com a teoria neoclássica é esclarecer: que as diferenças salariais entre os países de referência – origem/recepção – não são os principais responsáveis pela decisão de migrar; a família é uma unidade muito mais confiável em considerações sobre as razões de se migrar; a consideração da variável das remessas e os vínculos que se estabelecem entre o local de recepção e o de origem dos migrantes (ARANGO, 2003, p. 12). As principais críticas que se podem fazer a esta abordagem é seu alcance explicativo relativo, já que muitos tipos de migrações não conseguem ser explicados por ela e sua preocupação majoritária com o local de origem dos migrantes.

Sobre a “teoria dos mercados de trabalho duais”, ao contrário da “nova economia das migrações laborais”, dá ênfase à sociedade receptora e presta muito mais atenção aos aspectos macroestruturais determinantes do fenômeno (ARANGO, 2003, p. 13). Em suas próprias palavras, diz:

Más precisamente, aunque con una estructura diferente, la teoría explica: a) por qué en las economías avanzadas hay trabajos inestables y de baja productividad; b) por qué los trabajadores autóctonos rechazan ese tipo de

trabajos; c) por qué la reticencia de los trabajadores autóctonos a ocupar puestos de trabajo poco atractivos no puede solucionarse a través de mecanismos de mercado ordinarios, tales como aumentar los salarios correspondientes a esos trabajos; d) por qué los trabajadores extranjeros, procedentes de países con bajos ingresos, están dispuestos a aceptar ese tipo de trabajos; y e) por qué esta demanda estructural de mano de obra ya no puede cubrirse como se hacía antes con mujeres y adolescentes. (ARANGO, 2003, p. 14)

Seguindo a mesma estrutura de tópicos que a teoria explica, Arango (2003) afirma: a) nas economias avançadas existem trabalhos instáveis e de baixa produtividade por conta de um mercado de trabalho segmentado em primário e secundário – daí o nome da abordagem. O primeiro demanda mais capital e o segundo mais mão de obra; b) os trabalhadores nacionais rechaçam esses trabalhos porque conferem pouco prestígio e pouca possibilidade de ascensão social; c) se o mercado simplesmente aumentasse os salários desses trabalhos para que os nacionais estivessem mais dispostos a ocupá-los, não resolveria o problema porque isso demandaria aumentar os salários dos outros trabalhos a fim de manter a hierarquia salarial gerando uma inflação estrutural; d) os trabalhadores estrangeiros aceitam esses trabalhos porque, comparativamente aos seus países de origem, esse salário é alto e o prestígio que consideram é em relação ao seu país de origem, em especial se ainda mantêm o desejo de retorno; e) esses trabalhos não podem mais ser preenchidos pelas mulheres, porque essas ocupam uma posição distinta na economia agora, de maior importância e autonomia, orientada a uma carreira profissional, e, quanto aos adolescentes, é preciso levar em conta a diminuição da fecundidade e o maior tempo gasto no processo de escolarização (ARANGO, 2003, pp. 14-15). Algumas críticas que se podem fazer a esta abordagem são: seu foco apenas nas sociedades receptoras só pode explicar parte do fenômeno; parece considerar existir um processo de recrutamento desses trabalhadores estrangeiros, o que empiricamente não se confirma, ainda que no terceiro quartel do séc. XX isso acontecesse; essa teoria não consegue explicar como países economicamente semelhantes – os avançados e receptores – podem ter taxas de migração tão diferentes (ARANGO, 2003, pp. 15-16).

A terceira abordagem que dá maior destaque em tentar entender as causas para que as migrações aconteçam é a “teoria do sistema mundial”. De forma semelhante à “teoria dos mercados de trabalho duais”, afirma que as economias mais avançadas necessitam de mão de obra estrangeira para funções que não são

preenchidas pelos seus nacionais – postos mal remunerados, sem prestígio, etc. Dessa forma também possui uma perspectiva macrossocial. Porém seu ponto mais significativo é a afirmação dos desequilíbrios gerados pela penetração do capitalismo em países menos desenvolvidos (ARANGO, 2003, p. 16).

Conceptualmente, la piedra angular de la teoría del sistema mundial es la noción de un ‘moderno sistema mundial’, acuñada a mediados de los años setenta del siglo XX por el historiador y sociólogo Immanuel Wallerstein y que habla de un sistema mundial de predominio europeo que empezó a formarse en el siglo XVI y que está compuesto por tres esferas concéntricas: centro, periferia y semi-periferia (Wallerstein, 1974). (ARANGO, 2003, p. 16)

Também guardando semelhança com a “teoria neoclássica”, esta abordagem pensa em termos estruturais e de existência de um sistema de dominação hierárquico desigual, mas, diferentemente das perspectivas que pensam a migração em termos de fator de equilíbrio, esta teoria pensa em termos de reforço das desigualdades (ARANGO, 2003, pp. 16-17). Da perspectiva da “teoria do sistema mundial” há de se pensar as migrações como consequência de um sistema, principalmente econômico, em que países centrais incorporam cada vez mais em um sistema global os países periféricos. Se anteriormente isso se dava pela colonização, agora isso se dá de maneira mais sutil, como pelo processo de investimentos estrangeiros e de multinacionais. Os países mais desenvolvidos, ao diminuírem suas margens de lucros pelo aumento de salários e benefícios de seus nacionais, adotam investimentos nos países menos desenvolvidos como forma de compensação. As ações dos países centrais nos periféricos leva à mudança de processos tradicionais por processos capitalistas – especialmente na agricultura e manufatura; à mudança na propriedade de terras; à mudança de produção para subsistência para uma produção para o mercado; às melhorias técnicas, a mecanização da produção conduz a uma diminuição dos postos de trabalho (ARANGO, 2003, p. 17). Esses elementos estão intimamente encadeados, levando à perda dos modos de vida tradicionais e, com isso, ao êxodo rural; por sua vez, acarreta um inchaço cada vez maior nas cidades, que também não conseguem absorver toda essa quantidade de trabalhadores ensejando às migrações internacionais; uma vez lá, esses migrantes encontram postos de trabalho com baixos salários, que assim precisam ser para manter os níveis de lucro; em suma, as migrações funcionam como um sistema de oferta de mão de obra mundialmente (ARANGO, 2003, pp. 17-18). Algumas críticas que se podem fazer à

“teoria do sistema mundial” são: trata-se de uma grande generalização, um subproduto de uma interpretação unívoca da história, reducionista e tendenciosa, que acredita que todos os países necessariamente precisariam passar pelas mesmas etapas de desenvolvimento histórico; em tal cenário, os migrantes não passam de “peões passivos” no jogo das grandes potências e dos processos mundiais regidos pela lógica do acúmulo de capital; é uma proposta predeterminada, sendo de difícil verificação empírica; as atuais diversificações e rotas de migração parecem contradizer a teoria, sendo difícil sua conciliação (ARANGO, 2003, p. 18).

Passando para as abordagens que se preocupam majoritariamente pelas razões que explicam como as migrações permanecem no tempo e no espaço, apresentamos a primeira delas: as abordagens que enfatizam as “redes migratórias”.⁸ Seus princípios já estavam presentes nos primeiros trabalhos sobre migração, mas no fim do séc. XX assumem uma importância maior nos estudos sobre o fenômeno migratório.

El concepto es tan conocido que no precisa de mucha exposición. Las redes migratorias pueden definirse como conjuntos de relaciones interpersonales que vinculan a los inmigrantes, a emigrantes retornados o a candidatos a la emigración con parientes, amigos o compatriotas, ya sea en el país de origen o en el de destino. Las redes transmiten información, proporcionan ayuda económica o alojamiento y prestan apoyo a los migrantes de distintas formas. De estas múltiples formas facilitan la migración al reducir sus costos y la incertidumbre que frecuentemente la acompaña (Massey et al., 1998: 42-43). Las redes también pueden inducir a la emigración a través del efecto demostración. (ARANGO, 2003, p. 19)

As “redes migratórias” são uma “forma de poder” e são passíveis de serem convertidas em outros tipos de benefícios. É importante lembrar que as “redes migratórias” não são compostas apenas por atores sociais individuais, mas também por instituições, desde redes de contrabando ou organizações de caráter filantrópico ou humanitário, que atuam ajudando o migrante de alguma forma (ARANGO, 2003, p. 19). O fato de vivenciarmos um mundo atual com muitas restrições à mobilidade humana reforça a importância das redes como elemento imprescindível para que os migrantes consigam proceder seu deslocamento (ARANGO, 2003, pp. 19-20). As redes são um fator que permitem que as migrações perpetuem-se; a sua natureza é cumulativa com tendência a crescer e se tornar cada vez mais densa, já que cada

⁸ Arango (2003), em quem nos apoiamos para esta breve exposição de algumas linhas teóricas, ora refere-se a “redes sociais”, ora a “redes migratórias”. Manteremos apenas “redes migratórias”, entendendo que este é um tipo mais específico de “rede social”.

deslocamento configura-se em possíveis deslocamentos posteriores, aumentando a rede e potencializando novos deslocamentos por sua vez; as redes podem ajudar a explicar a continuação de certo fluxo mesmo com a mudança das motivações iniciais de tal fluxo, sendo, por esta razão, os melhores preditores de fluxos futuros; em relação a este último aspecto, pode ajudar a explicar as migrações diferenciais – porque locais de recepção relativamente semelhantes possuem níveis de migração distintas; apesar de tudo isso, a experiência mostra que as redes não podem se expandir indefinidamente, deve haver um ponto de saturação, depois do qual deve ocorrer sua desaceleração; a dinâmica de crescimento e o estancamento das redes migratórias ainda carecem de mais investigação (ARANGO, 2003, p. 20).

Quanto à “análise de sistemas aplicada às migrações”, Arango (2003, p. 21) diz que ela pressupõe que as migrações compõem um sistema relativamente estável entre países receptores e de origem que se vinculam por interações de diversos tipos. Eles se associam para além das migrações. Seus vínculos, com sua variedade de interações, constituem uma forma relevante de se estudar as migrações. Apesar disso e de seu potencial explicativo, carece de maior integração com outras abordagens teóricas, somado à consideração de vários atores sociais que geralmente são negligenciados, como os Estados nacionais por exemplo.

Sobre a “causação acumulativa”, Arango (2003, pp. 21-22) não se aprofunda, mas esclarece que se trata de uma abordagem que busca entender os elementos no fenômeno migratório que contribuem para a sua perpetuação. Um deles são as redes, mas existem outros. Exemplos seriam: privação relativa⁹; desenvolvimento de uma cultura de migração; distribuição perversa de capital humano; estigmatização dos trabalhos que geralmente os migrantes realizam.

Uma abordagem não contemplada por Arango (2003), mas que Cavalcanti *et al.* (2017) aponta é a dos estudos sobre o “transnacionalismo”. Segundo este autor, o “transnacionalismo” supera as abordagens com enfoque unidirecional, que enfatizam ou o local de origem ou o de recepção.

É importante ainda frisar que políticas nacionais influenciam os migrantes e suas práticas transnacionais; portanto, não é possível falar que estão ‘desterritorializados’, ou vivem uma vida *in between*; na realidade, eles partilham um espaço social transnacional, que sofrem influências de políticas nacionais, culturais e das negociações interpessoais, que irão se alterar ao

⁹ Percepção de que outros indivíduos ou famílias, mesmo sendo da mesma classe social, estariam tendo maior sucesso.

longo dos estágios da vida e do processo migratório. (CAVALCANTI *et al.*, 2017, p. 24)

As demais abordagens tendem a pressupor que o migrante rompe com seu local de origem, o que empiricamente não parece acontecer.

O entendimento dessas linhas teóricas, ainda que não diretamente usadas no nosso estudo do desenvolvimento da compleição do migrante, dão sustentação ao processo de discussão delas. A seguir, discutimos como os estudos da questão migrante na literatura brasileira vêm acontecendo.

Para abordar a questão de como a migração está presente na literatura brasileira, recorreremos a dois trabalhos que contemplam a questão: o texto “Notas sobre a imigração na literatura brasileira”, de Chiarelli (2012), e o texto “Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural”, de Vieira (2016). Apesar de ambos debruçarem-se sobre a migração na literatura brasileira, o texto de Chiarelli (2012) enfatiza autores e obras que pensaram a presença de migrantes no Brasil, enquanto o de Vieira (2016) dá destaque à presença de brasileiros no exterior.

Iniciamos pelas ideias contempladas no texto de Chiarelli (2012), já que cronologicamente se refere a obras e autores temporalmente mais antigos, mesmo que ainda hoje se trate de migrantes no Brasil. Um dos primeiros destaques desta autora é o fato de como a literatura serviu de artifício para a construção de uma ideia de nação e nacionalismo, desde o romantismo no séc. XIX. As obras desse século, quando mencionavam personagens migrantes, o faziam de forma muito tangencial, sendo geralmente “personagens-tipo”. Com o incremento das migrações no fim do séc. XIX e entrada o séc. XX, as visões sobre a migração paulatinamente vão mudando essa posição e a importância dada às personagens migrantes. Eles se deslocam de papéis secundários, ocupando eventualmente uma posição protagonista.

Em uma perspectiva cronológica, é possível sondar como as diversas etnias aparecem representadas em momentos da literatura brasileira. Partindo, por exemplo, de uma primeira etapa, de personagens pontuais (o italiano Loredano, no romance *O guarani*, de José de Alencar), passando por obras em que são figuras centrais (em Josué Guimarães ou Alcântara Machado) até a contemporaneidade, em narrativas como as de Milton Hatoum ou Bernardo Carvalho. (CHIARELLI, 2012, p. 95)

O trecho anterior, nas palavras da própria autora, esclarece e exemplifica como se deu esse processo em linhas gerais. Uma classificação interessante, ainda que não exaustiva, que essa autora faz é de autores que tratam da migração tomando como critério quais etnias se fazem presentes.

É possível agrupar escritores como Samuel Rawet e Moacyr Scliar entre aqueles que tangenciam a questão judaica; Viana Moog, Josué Guimarães e Lya Luft e o elemento germânico; Raduan Nassar, Milton Hatoum e Ana Miranda em uma linhagem que trabalha com a questão libanesa; Alcântara Machado, Mário de Andrade, Zélia Gatai e José Clemente Pozenato dentro de um grupo que privilegia a imigração italiana, e, por fim, Bernardo Carvalho e Adriana Lisboa entre os que focalizam o transplante cultural japonês. (CHIARELLI, 2012, p. 96)

Segundo Chiarelli (2012), esses autores, agrupados cada um em função da etnia que abordam e sua presença no Brasil, e o critério maior de apresentarem a migração no país não significa que necessariamente esses textos sejam semelhantes em suas estratégias narrativas. Muitos são os recursos de que cada autor se vale para abordar as vicissitudes da experiência migrante.

Seja através do relato autobiográfico, do viés memorialístico ou da ficção, todos os autores anteriormente citados se propõem a incorporar a multiplicidade de vozes que compõem os discursos produzidos sobre a cultura brasileira pela fala de personagens estrangeiros. (CHIARELLI, 2012, p. 97)

São várias as questões que essas obras abordam, mas geralmente se referem às dificuldades enfrentadas pelas personagens migrantes em um território novo e muitas vezes hostil à sua presença.

Abordamos agora algumas ideias presentes no texto de Vieira (2016). Ainda que este autor enfatize a presença de migrantes brasileiros no exterior, ele também cita a questão dos migrantes no Brasil na literatura brasileira e acrescenta que uma mudança no perfil migratório do Brasil – de receptor de migrantes para um país que também envia seus nacionais –, nas últimas décadas, ensejou abordagens sobre este fenômeno também.

A literatura brasileira, desde o século XIX, tem dramatizado cada vez mais através de narrativas e versos as vivências de imigrantes à procura de um Eldorado moderno em terras brasileiras. Não obstante, como assinalado acima, desde a última década do século XX, a literatura brasileira tem significativamente narrado outra migração, apontando outro ângulo narrativo – o de fora do Brasil. Esta nova perspectiva literária se assenta na emigração

de brasileiros viajando a terras estrangeiras, normalmente para o norte como a Europa, a Escandinávia, os Estados Unidos e, em geral, a fim de estabelecerem um melhor padrão de vida, seja econômico, seja sociopolítico. A nova ótica 'fora do lugar' brasileira dá enfoque a viagens e locais internacionais em que protagonistas fazem o papel de viajantes, exilados, residentes, migrantes ou imigrantes, tentando sobreviver a experiências sociais e mentais de deslocamento e desamparo. (VIEIRA, 2016, p. 50)

Ainda que ambas as ênfases tratem, grosso modo, da questão da migração, há diferenças que justificam essa distinção entre a de migrantes no Brasil e de brasileiros migrantes em outros países.

Semelhantemente a Chiarelli (2012), Vieira (2016) também faz um levantamento de autores e obras que contemplam esse tipo de abordagem da migração em obras ficcionais.

Apesar de romancistas brasileiros narrarem histórias de migrantes, dramatizando e registrando na ficção este percurso para o exterior, ao mesmo tempo problematizam esta interconexão global. E já existe um número crescente de autores brasileiros lidando com o tema de cruzar fronteiras – Bernardo de Carvalho, Adriana Lisboa, Chico Buarque, João Gilberto Noll, Luiz Ruffato, Silviano Santiago e, ainda mais recente, Edney Silvestre, Julián Fuks, Tatiana Salem Levy, Regina Rheda, João Paulo Cuenca e Paloma Vidal, entre outros. Estas vozes transcendem a cena nacional e, assim, desafiam formas estáticas de identidade, sociedade e nacionalidade. Além do mais, estas vozes também recorrem a formas não absolutistas de cidadania, ao contrário dos debates sobre identidade nacional entretidos no passado. (VIEIRA, 2016, p. 49)

Vieira (2016) diz que uma importante iniciativa para que isso acontecesse foi a da coleção “Amores Expressos”. Tivemos a oportunidade de lermos vários dos livros desta coleção e foi nesse processo que escolhemos nos debruçar sobre *Estive em Lisboa....*

Obviamente, a coleção “Amores Expressos” não foi a única iniciativa que tratou de abordar a presença de brasileiros no exterior. Muitos autores, alguns dos citados anteriormente e que tivemos a oportunidade de ler, independentemente dessa coleção, também contribuíram para o conjunto de obras que contemplam esse tipo de questão.

O processo de levantamento de quais obras ficcionais abordam um determinado tema nem sempre é uma tarefa simples e fácil de ser feita. Por isso, trabalhos como os de Chiarelli (2012) e Vieira (2016), no caso do tema da migração, podem ser muito úteis para outros pesquisadores que trabalhem a mesma temática. Damos a nossa contribuição listando alguns livros com que tivemos contato e que

tratam da questão do migrante, quer de brasileiros no exterior, quer de migrantes no Brasil.

Iniciamos pelos livros da coleção “Amores Expressos”: *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato (2009); *O Filho mais velho de Deus e/ou Livro IV*, de Lourenço Mutarelli (2018); *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008); *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009); *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron (2010); *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de J. P. Cuenca (2010); *Nunca vai embora*, de Chico Mattoso (2011); *O livro de Praga*, de Sérgio Sant’Anna (2011); *Digam a Satã que o recado foi entendido*, de Daniel Pellizzari (2013); *Barreira*, de Amílcar Bettega (2013); *Solidão continental*, de João Gilberto Noll (2012), e *Ithaca Road*, de Paulo Scott (2013).

Outros livros que tomamos contato, mas que não fazem parte da coleção e que merecem destaque foram: de Adriana Lisboa, os livros *Hanói* (2013), *Azul corvo* (2014A), *Rakushisha* (2014B) e *Todos os Santos* (2019); de Paloma Vidal, *Mar azul* (2012), *Mais ao sul* (2018) e *Algum lugar* (2019); de Carola Saavedra, *Toda terça* (2007) e *Com armas sonolentas* (2018); de Miguel Sanches Neto, *A segunda pátria* (2015) e *Um amor anarquista* (2020); de Tatiana Salem Levy, *A chave de casa* (2013); de Edney Silvestre, *Vidas provisórias* (2013).

Assim como Chiarelli (2012) destacou que os autores das obras que abordam os migrantes no Brasil não se valem das mesmas estratégias narrativas, da mesma forma acontece com os autores que abordam os brasileiros no exterior. Além disso, as nuances e os subtemas também variam.

Uma vez apresentadas questões teóricas mais abrangentes sobre o fenômeno migratório e algumas obras literárias que a tematizam, tratamos de elaborar uma descrição mais pormenorizada de *Estive em Lisboa...* de forma a situar os nossos leitores sobre a estrutura da obra, suas personagens e outras categorias da narrativa. Esclarecemos que uma mesma passagem pode ser evocada mais de uma vez em diferentes contextos nos próximos capítulos, caso entendamos que ela é relevante para discutir mais de um aspecto da obra.

Estive em Lisboa... está dividida em duas grandes partes, intituladas “Como parei de fumar” (pp. 15-37) e “Como voltei a fumar” (pp. 39-83). Internamente, a cada parte, dessas não há outros subtítulos. Seus parágrafos são relativamente longos, geralmente sem pontos finais, e sem uma indicação clara das falas das personagens, como travessões que usualmente servem para indicar o início da fala de cada uma. A

estratégia usada para permitir a indicação do discurso direto é feita com o emprego de aspas. Essa característica do texto, que poderíamos chamar de fluída, gera uma certa dificuldade de leitura.

Dada a dificuldade de percebermos com maior exatidão a divisão da obra em suas partes, pensamos em recorrer, como forma de referência, aos seus parágrafos. Toda a obra está dividida em dezoito parágrafos: os quatro primeiros na primeira parte – “Como parei de fumar” – e os próximos catorze, do quinto ao décimo oitavo, na segunda parte – “Como voltei a fumar”. Isso é o que poderíamos chamar de corpo principal, havendo ainda uma seção intitulada “Nota” (p. 13); um poema de Miguel Torga (p. 11); e um trecho da música *Lisboa, a Magnífica*, da banda Xutos e Pontapés (p. 7) como epígrafe.

Os dois blocos da principal divisão demarcam uma questão central do enredo, em termos de espaço e tempo: a primeira parte refere-se ao momento em que o protagonista ainda não migrou, estando ainda em sua cidade natal, Cataguases-MG, Brasil; e a segunda parte, ao momento em que se encontra, já tendo migrado, em Lisboa, Portugal.

Sua classificação em termos de gênero textual não parece ter sido discutida com exatidão em outros trabalhos, e alguns autores a chamam de novela (muito provavelmente em razão de se relativa pequena extensão – oitenta e três páginas), como Brandellero (2017), enquanto outros, como Botton e Angelini (2017), de romance. Não é nossa pretensão também propor uma definição, e, portanto, referir-nos-emos a ela evitando termos definitivos. No entanto, é ponto pacífico que se trata de uma obra em prosa.

Um traço marcante da obra, que ainda gostaríamos de destacar aqui no início de nossa descrição, é a oralidade. Do início ao fim, essa característica faz-se presente e é anunciada já na *Nota* (p. 13), quando L.R.¹⁰ diz que o que estamos prestes a ler é basicamente fruto do seu trabalho de transcrição, minimamente editado segundo ele, de um depoimento colhido e gravado, do migrante brasileiro Sérgio de Souza Sampaio. Na segunda parte, em que o protagonista está em Portugal, palavras em português que são normalmente empregadas lá são grafadas com destaque em negrito. É possível dizer que a estrutura dos parágrafos longos, e com poucos pontos finais, favorece essa forma que realça a oralidade.

¹⁰ Uma espécie de narrador extradiegético que diz ser o responsável em organizar e transcrever o depoimento de Serginho que resultou na obra.

O que acompanhamos ao longo do enredo da obra é a trajetória do protagonista Sérgio de Souza Sampaio, mais conhecido apenas como Serginho. É ele quem narra a história, ainda que mediado por uma espécie de arquinarrador chamado L.R., conforme nos é esclarecido na *Nota* (p. 13). Segundo o próprio protagonista, o depoimento com que estamos tomando contato é o relato do que aconteceu entre dois marcos episódicos da vida dele: o momento em que parou de fumar e o momento em que voltou a fumar: que são destacados como subtítulos das duas grandes partes da obra. Percebemos que esse término e retomada do hábito de fumar funcionam como uma desculpa para ele contar o trecho de sua vida entre eles.

Esse recorte temporal de sua vida vai ser marcado por vários acontecimentos, tendo destaque a sua migração para Portugal. Vivendo em Cataguases-MG, Brasil, sua cidade natal, no fim dos anos de 1990, mora ainda com sua mãe, apesar dos seus quase trinta anos de idade. Trabalha na Seção de Pagadoria da Companhia Industrial de Cataguases e luta contra o vício do fumo. Leva uma vida simples, de classe média baixa, em uma cidade pacata de interior e diz ser muito namorador. De acordo com ele, sua vida passa por uma reviravolta a partir do momento que ele para de fumar: engravida sua namorada (o que o obriga a se casar); sua mãe falece (em função de desentendimentos com os familiares da esposa); perde o emprego (pelas preocupações advindas do casamento); e sofre durante o seu período de migração (sua tentativa de mudar de vida) em Portugal. Essa sua percepção de que sua vida transforma-se negativamente a partir do momento em que para de fumar, assumindo uma certa relação de causalidade, será uma das chaves de leitura em que nos aprofundaremos mais à frente.

Devido às dificuldades vividas por Serginho quando ainda estava no Brasil e incentivado por conhecidos, como o dono do *Beira Bar*, português chamado seu Oliveira, lugar que frequentava, decide migrar para Lisboa, Portugal. Na primeira parte vemos, portanto, as dificuldades enfrentadas pelo protagonista e suas articulações para conseguir migrar. Já na segunda parte, tendo migrado, vemos novas complicações vividas por ele no país de recepção: conseguir lugar para morar e trabalhar; procurar por contatos que havia recebido no Brasil; indicações de lugares para se alimentar e passear; juntar dinheiro para enviar a seus parentes; as relações sociais, entre outras questões. Em ambos os lugares percebemos o cotidiano vivido por ele. Durante todo o seu percurso, ele interage com outras personagens: conterrâneos em sua cidade, parentes, conhecidos, alguns migrantes e, em Portugal

com os nativos, outros brasileiros e migrantes de outras nacionalidades. Algumas dessas personagens destacam-se por ficarmos sabendo um pouco de suas trajetórias, muitas vezes pela perspectiva de Serginho e, eventualmente em discurso direto, com especial destaque para os migrantes.

Enfim, podemos dizer que o enredo é a história de um indivíduo que inicia sua trajetória como aspirante a migrante, dadas as dificuldades por que passava na época, e encerra-se como um migrante fracassado em terras estrangeiras.

Sobre as personagens já sabemos que o protagonista chama-se Serginho. Como a obra está dividida em duas grandes partes, apresentaremos brevemente as personagens e quais as suas relações com Serginho, que, no nosso entender, têm maior relevância.

Na primeira parte, quando ainda está em sua cidade natal, temos as seguintes personagens: dona Zizinha, sua mãe, com quem vive, e exerce um papel de bastante cuidado para com ele; Pierre, seu filho com Noemi, motivo por ter sido obrigado a se casar; Semíramis, sua irmã, com quem mantém uma relação relativamente próxima; Noemi, sua esposa, com quem foi obrigado a se casar devido a uma gravidez não planejada; Leo, seu sobrinho e afilhado, com quem deixa sua moto quando migra; Josias, seu cunhado, esposo de Semíramis; Stela, sua cunhada, irmã de Noemi, com quem mantém uma relação bastante tensa; seu Ponté Carvalho, seu sogro, pai de Noemi, que o obriga a se casar; o doutor Fernando, médico que lhe receita os remédios para tratar o vício do fumo; Ivan, Cachorro Doido, amigo que o ajuda a procurar imóveis para investir no futuro; seu Oliveira, conhecido, português, dono do Beira Bar, principal incentivador para que migre para Portugal; e uma senhora portuguesa, cujo nome não é revelado, companheira de viagem, com quem interage durante parte de seu trajeto de migração.

Na segunda parte, já tendo migrado, serão mencionadas estas personagens: Rodolfo, amigo, brasileiro, que irá ser um ponto de apoio ensinando-o muitas coisas; Jerê, amigo, brasileiro, que também lhe dá um suporte, indicando trabalho, por exemplo; Sheila, prostituta, brasileira, com quem flerta e mantém uma relação de afeto; seu Carrilho, amigo, português, mas que morou muito tempo no Brasil antes de retornar; seu Seabra, dono do hotel onde mora, português, com quem não se dá muito bem, mas que lhe defende de sua esposa; seu Peixoto, dono do restaurante onde trabalha, O Lagar do Douro, português; dona Celestina, cozinheira e colega de trabalho, portuguesa; dona Palmira, dona do hotel, esposa de seu Seabra,

portuguesa, que costuma implicar bastante com ele; seu Frade, dono do restaurante Ao Recanto dos Caçadores, onde Serginho costumava almoçar, português; o Poeta, cliente no restaurante de seu Frade, português, que pedia para ouvir Serginho falar porque achava engraçado o sotaque; seu Lopo Garcia, cliente também no restaurante de seu Frade, português, que numa dada passagem fica gritando insandecido em frente a uma igreja; Baptista Bernardo, esposa e filhos, são hóspedes no mesmo hotel que Serginho, angolanos; seu Almeida, agiota que empresta dinheiro para Sheila e toma o passaporte de Serginho como garantia, angolano; Nino, colega de trabalho, guineense; e Anatólio, colega de trabalho, ucraniano, com quem mantém uma relação de antagonismo e tensão.

São muitas as personagens que, por um motivo ou outro, são relevantes na construção de certos sentidos na obra. No entanto, devido à sua pouca extensão, obviamente poucos têm um maior aprofundamento. Exemplos disso são Sheila, Rodolfo e seu Carrilho, migrantes, cujas trajetórias contribuem para a imagem que é construída sobre o migrante, além, é claro, do protagonista Serginho. Para usar a nomenclatura de Forster (2005), diríamos que essas personagens são “redondas” (mais complexos e profundos), afinal, guardadas as proporções, é possível saber, comparativamente, mais sobre suas trajetórias e transformações ao longo da obra do que sobre as demais personagens, “planos”, que apesar de sua importância, são secundárias, e servem majoritariamente de suporte para as interações daqueles.

Obviamente que, com isso, não queremos dizer que sabemos todos os detalhes da vida dessas personagens migrantes, elas são, como todas as personagens ficcionais, conforme nos alerta Brait (1985), “lacunares”. Mas são centrais, porque fornecem um sentido maior à experiência migrante, que é o tema principal da obra. É válido lembrar também, como Candido *et al.* (2002) ensinam-nos, que são as personagens o elemento que costuma ser o maior responsável pela adesão à obra por parte do leitor.

Sobre a dimensão temporal da obra podemos dizer que se trata do relato de uma história que já aconteceu. De acordo com a tipologia de Genette (s.d.), a obra está *in ultima res*, ou seja, o discurso narrativo inicia-se no ponto final da diegese. Conforme nos é informado por L.R. (p. 13), o depoimento de Serginho foi gravado em quatro encontros: 9, 16, 23 e 30 de julho de 2005, e refere-se, como Serginho diz, a um período de aproximadamente seis anos e meio (p. 15): o intervalo entre o momento que parou e voltou a fumar. Não há como ter certeza, mas acreditamos ser razoável

supor que o momento que dá o seu depoimento está próximo desse marco final quando volta a fumar. Admitindo isso, é possível dizer que ele parou de fumar por volta do fim de 1998 ou início de 1999, marco inicial a partir do qual todos os acontecimentos narrados se dão. Levando em conta os acontecimentos ainda no Brasil, como casamento, morte da mãe, nascimento do filho e período de preparação para migrar, especulamos que ele já estivesse, no momento de seu depoimento, há aproximadamente cinco anos em Portugal. Com exceção de algumas “analepses”¹¹ que o narrador evoca ao longo da obra, o que ele relata segue linear e progressivamente do momento em que parou de fumar para aquele que voltou a fumar.

Quanto ao espaço e à ambientação, há essa grande divisão da obra que situa cada parte em um país: Brasil e Portugal. Internamente, em cada um, cotidianamente o protagonista vai vivenciando ora espaços mais íntimos, ora mais públicos. Sobre sua cidade natal, temos uma caracterização espacial que aponta para uma ideia de: cidade pequena e interiorana; periferia; um certo atraso comparada a outros lugares; um comportamento das pessoas tipicamente de interior, como o de conversarem bastante uns com os outros, fofocarem, de tematizarem a vida dos outros. Existem passagens no local de trabalho, em casa, no bar, na praça, pelo bairro. Ainda que nem todo o Brasil possa ser caracterizado dessa forma, a escolha dessa cidade é como se estabelecesse uma comparação entre o Brasil e Portugal, país para onde o protagonista migra e que, supostamente, é uma oposição a essa imagem. Uma vez em Portugal, temos passagens que se dão no aeroporto, no hotel onde mora, no restaurante, no local de trabalho, em praças ao passear sozinho e com Sheila, em casas de alterne, etc. Se em sua cidade natal há uma ambientação que remete ao calor, à proximidade, ao interior, ao espaço pequeno e aconchegante, de alguma maneira, em Lisboa, temos o inverso: um espaço amplo, cosmopolita, hostil e frio (literal e no trato das pessoas). No entanto, se em termos de ordem das nações, e de prestígio, Portugal situa-se em uma posição mais privilegiada que o Brasil, há também, nessa construção de espaço e ambiente, uma imagem de lugar decadente, evidenciada claramente pela arquitetura, mas também simbolizada, por exemplo, pela escolha de personagens idosas de origem portuguesa. Desde o início, e pouco a pouco ainda mais evidente, o protagonista vai percebendo que aquele lugar não é

¹¹ “Analepse” é o termo usado por Genette (s.d.) para o que se costuma chamar também de *flashback*, uma espécie de memória sobre um evento passado.

exatamente o que havia imaginado. Quanto a esse aspecto, as proposições de Lins (1976) são bastante úteis. Para esse autor, há uma distinção entre as noções de espaço e ambiente, ainda que sejam muito próximas. Essa última noção implica pensar uma dimensão mais abstrata do espaço, que se constrói literariamente ao permitir que os espaços signifiquem mais do que meras descrições da materialidade do espaço.

Serginho, além de protagonista, também é o narrador. Trata-se de um “narrador-personagem” de acordo com a classificação de Friedman (2002). Ele narra a sua própria trajetória, no recorte temporal já apontado. Dada a sua condição social de classe média baixa, passando por situações miseráveis, enquadra-se no que Ginzburg (2012) chama do fenômeno de “descentramento do narrador”, ou seja, não é o típico narrador da literatura brasileira anterior a 1970: homens brancos, de posses, com grande poder e influência social. Porém, como essa história é feita em forma de depoimento e gravada, sendo posteriormente transcrita por um tal de L.R., é preciso relativizar essa narração. Em uma “Nota”, logo no início da obra, antes mesmo do corpo principal da história, essa questão é exposta. Segundo L.R., ele faz essa transcrição com poucas edições. Vale lembrar da advertência de Dalcastagnè (2012):

Desde o dia em que Bentinho se transformou em Dom Casmurro e passou a narrar seu drama, o leitor brasileiro teve de abandonar a confortável situação de testemunha crédula. Rompido o pacto da ‘suspensão da descrença’, restamos o tenso diálogo com um narrador que, se por um lado se afirma como farsa, por outro, tenta nos cooptar pela franqueza e expansão de seus sentimentos. Até hoje, muitos leitores são capturados pela armadilha discursiva de Dom Casmurro. E, outros tantos, cientes das regras (ou da falta delas), passeiam com alguma desenvoltura por seus labirintos, recuperando o prazer do jogo. (p. 75)

Para essa autora, a desconfiança deve-se a fatores, entre outros, como: “Um narrador suspeito, seja porque tem a consciência embaçada – pode ser uma criança confusa ou um louco perdido em divagações –, seja porque possui interesses precisos e vai defendê-los” (p. 75). No caso de Serginho, veremos que uma das nuances de sua ingenuidade é querer parecer mais esperto do que realmente é. No entanto, é preciso atentar também para a figura do L.R. Entendemos que ele se enquadra no que Cintra (1981) chama de “arquinarrador”:

É a esse suporte, capaz de governar os diferentes focos de visão, a quem cabe ordenar o discurso, escolher, dispor e alterar no decorrer da narrativa as funções e a posição do narrador e decidir o estilo (direto, indireto, indireto

livre, monólogo interior etc.) a ser empregado, que estamos chamando de arquinarrador. (p. 8)

Um exemplo pode deixar isso mais claro: nos trechos em que o narrador Serginho fala inglês, as palavras são transcritas de uma forma não normativa, escolha de L.R., e que implica certos sentidos. Outro exemplo é o emprego do negrito para as palavras em português usadas em Portugal. O ponto de vista é majoritariamente do próprio narrador-protagonista, salvo nas poucas ocasiões em que ele permite o discurso direto de algumas personagens evidenciadas pelo uso das aspas.

A questão principal que nos levou a escolher esta obra foi a tematização da migração, mas, além dela, foi possível detectar outros temas e subtemas correlacionados: redes migratórias; o anseio pela ascensão social; as relações de alteridade; a “ilusão de retorno”, entre outros. No entanto, demais temas pareceram emanar com mais força ainda da obra, e não necessariamente relacionados diretamente à questão da migração, mas que muito nos ajudam a pensar como nesta obra específica a imagem do migrante é construída. É com base nestes temas que decidimos explorar a nossa leitura, inclusive orientando a construção de nossa tese: ingenuidade, pensamento mágico e a antítese progresso *versus* decadência. Esses três *topoi* farão parte dos próximos três capítulos em que analisaremos e interpretaremos à luz de alguns referenciais teóricos a obra, perpassando inevitavelmente por subtemas ligados à migração.

A escolha desses *topoi* deu-se muito em função de trabalharmos com o apoio tanto de dicionários convencionais, como o *Aurélio* (FERREIRA, 2010), que apresentam a definição mais corrente dos termos, quanto com dicionários analógicos, como o *Thesaurus Essencial* (AZEVEDO, 2013). As primeiras leituras já nos faziam perceber como certos termos e ideias estavam muito presentes ao longo da obra. Com isso exploramos o campo semântico de certos termos, o que nos ajudou a pensar e perceber como eles eram trabalhados, mesmo que eventualmente fossem empregados sinônimos.

Dos três *topoi*, o primeiro destaca-se em importância: ingenuidade. Os demais, pensamento mágico e a antítese progresso *versus* decadência, apesar de autônomos, submetem-se ao primeiro mantendo um diálogo entre si. No quarto capítulo, aproximamos de maneira mais direta os temas de caráter mais diretamente associados à migração com a literatura especializada sobre o tema. Em um quinto capítulo, tratamos de articular o exposto anteriormente com a noção de *habitus*,

aplicada à figura do migrante, ao que se chama de “habitus de migrante” (BRITO, 2010), e permitiu-nos desenvolver a noção de compleição do migrante. Essa articulação busca mostrar como as formas de agir, pensar e ser do migrante, conforme trabalhadas na obra, transformam-se ao longo dela em razão das experiências e condições vividas pelos migrantes, em especial pelo protagonista.

As nossas primeiras leituras levaram-nos a pensar que uma categoria bastante ampla e que parece caber, de maneira bastante adequada, ao protagonista é ingenuidade. Portanto, partimos da hipótese que o migrante em *Estive em Lisboa...* é um indivíduo que se desloca não apenas no espaço, mas também de uma condição ingênua para uma outra: consciente, madura, apesar de sem perspectivas metafísicas, e desamparada.

É esse processo de transformação do indivíduo que inicia a sua trajetória antes mesmo de começar seu deslocamento, quando ainda apenas aspira à migração, e perpassa por situações de planejamento da viagem, acionamento de contatos, dificuldades financeiras, percalços no local de recepção e um conjunto muito maior de elementos, que o levarão, processualmente, a uma condição distinta da inicial, a que chamamos de compleição do migrante. A noção refere-se ao processo e não apenas a um retrato estático num dado momento, como quando já está no país de recepção. Os capítulos, portanto, são a construção de uma argumentação em favor de comprovar se é realmente isso o que se verifica ao longo da obra.

1 INGENUIDADE

Gostaríamos de iniciar este primeiro capítulo, antes de explorarmos mais minuciosamente a nossa análise da obra, com algumas considerações teóricas mais gerais sobre a categoria ingenuidade. Valemo-nos especialmente de Friedrich Schiller (1985) que parece ser uma das principais referências quando se trata do tema da ingenuidade. Em seu texto *Sobre poesía ingenua y sentimental* (SCHILLER, 1985), publicado originalmente no fim do século XVIII, ele estabelece uma distinção entre o que ele chama de “poesia ingênua” e “poesia sentimental”. Essa distinção não nos interessa diretamente, mas como no seu processo de elaboração ele precisou discorrer mais genericamente sobre a ideia de ingenuidade, o texto é-nos fundamental.

Para Schiller (1985), ingenuidade é um movimento humano em direção ao primordial, manifestado especialmente por uma atração que teríamos pela natureza. Nesse sentido ele diz:

En la vida hay momentos en que dedicamos cierto amor y conmovido respeto a la naturaleza en las plantas, minerales, animales, paisajes, así como a la naturaleza humana en los niños, en las costumbres de la gente campesina y de los pueblos primitivos [...] por el mero hecho de ser naturaleza. (p. 67)

Todos os aspectos que remetem à natureza, a um período anterior, antigo, menos elaborado, com uma presença menor da cultura, seriam manifestações do que ele entende ser ingenuidade.

Dois questões na citação anterior chamam-nos atenção: a identificação da ingenuidade com a fase infantil e com os povos primitivos. A fase infantil pela qual passam todos os indivíduos carrega consigo essa evocação dos primórdios, de uma primeira fase da vida; e, quanto aos povos primitivos, ainda que precisemos relativizar as imagens negativas que muitas vezes se colam a essa ideia, também remetem a uma primeira fase, não mais de um indivíduo, mas da espécie como um todo.

Louis de Jaucourt (1765, v. XI, p. 10), em verbete para a primeira edição da *Enciclopédia de D'Alembert e Diderot*, intitulado em francês como *naïveté*, que equivaleria ao que estamos tratando aqui, também discute brevemente essa categoria. Vale lembrar, no entanto, que segundo o enciclopedista há uma diferença em francês entre *la naïveté* e *une naïveté*. Interessa-nos este último, sobre o qual o autor diz se tratar de uma certa imprudência e ignorância dos costumes do mundo, o que se percebe geralmente em crianças e aldeões. Entendemos assim que ele está remetendo à falta de domínio de certos códigos sociais, que geralmente emergem em um contexto mais urbanizado e que demanda certa vivência nesses espaços para dominá-los.

Outra referência importante para pensarmos a categoria ingenuidade é Adorno (2003) em seu texto *Sobre a ingenuidade épica*. Nesse texto, o autor discute o que ele chama de traço ingênuo do gênero épico. Esse gênero inscreve em seu interior os mitos, que anteriormente estavam restritos à esfera do oral, e é justamente esse elemento que permite a característica ingênua da epopeia. O mito, apesar de já possuir um germe do pensamento científico, já que propõe explicações para fenômenos que inquietam os seres humanos, e ainda que distante do que entendemos atualmente como explicação cientificamente amparada em evidências,

dialoga com essa instância do sobrenatural, do que está na esfera do divino, do não material. Nesse sentido, os mitos, que em Adorno estão associados à ingenuidade, evocam mais uma vez um estágio primevo da condição humana, um período em que, enquanto espécie, começávamos a propor e elaborar explicações sobre o que nos rodeava, mas ainda muito distante do que costumamos considerar, atualmente, como conhecimento legítimo e digno de prestígio.

Essas características relacionadas à ingenuidade, conforme vimos nas citações anteriores, e alguns desdobramentos, parecem-nos perfeitamente congruentes com traços encontrados em *Estivem em Lisboa...*, num geral, e em particular em seu protagonista.

1.1 Infantilidade

Como visto anteriormente, a infância está intimamente relacionada à ideia de ingenuidade. No entanto, a infância comporta muitas nuances e muitos sentidos. Neste primeiro subitem, abordaremos parte dela.

Chama-nos atenção inicialmente o apelido do protagonista: Serginho. Apesar de adulto, na casa dos trinta anos, é conhecido por um apelido no diminutivo, sendo impossível não pensarmos em uma associação com a infância, com um tipo de apelido que geralmente é usado para as crianças.

Uma passagem reveladora desse aspecto infantil também se encontra quando Serginho acorda, numa determinada ocasião, de ressaca. Por recomendação do doutor Fernando, que estava lhe direcionando como proceder, e que remédios tomar para deixar de fumar, ele deveria, antes de iniciar o tratamento, se embriagar deliberadamente. Ele o faz, e no outro dia, sem se lembrar muito bem como havia chegado em casa, sua mãe conta o vexame que deu pela vizinhança e profere uma frase emblemática: “Deus protege mesmo os cachaceiros e as crianças” (p. 20). Essa frase é significativa porque, apesar de o foco parecer e, de certa maneira, estar no aspecto da embriaguez, ela não deixa de grifar o elemento infantil do ditado popular.

Vale destacar aqui a possível relação intertextual do nome do médico, Fernando, com o poeta português Fernando Pessoa. Brandellero (2017, pp. 16-17) diz que é muito clara a relação de Ruffato com Fernando Pessoa, especialmente na obra que consideramos aqui. Um dos significados que o nome Fernando evocam está relacionado a viagem, e é conhecido o fato de que Fernando Pessoa foi educado na

África do Sul, tendo depois retornado a Portugal, deixando evidente a referência à questão da migração.

O seu casamento com Noemi, igualmente, revela um aspecto infantil de Serginho. Sendo obrigado pelo seu Ponté Carvalho, homem bronco e bravo, pai de Noemi, por um lado, o que revela certa falta de coragem de Serginho em confrontá-lo; e por outro, em completa obediência à sua mãe, dona Zizinha, que o obriga, em razão de seu senso moral, a se colocar em uma posição que podemos associar à infância, já que sua própria vontade não é respeitada, nem ele a faz valer.

Mais uma passagem significativa que remete à ideia de infância em associação com a ingenuidade encontra-se na segunda parte da obra, no momento em que Serginho interage com seu Frade. Nesta passagem, o aspecto infantil não parece ser intrinsecamente do protagonista, mas associado a ele por outro. Curioso sobre o ótimo tratamento dispensado a uma figura que sempre comparecia ao restaurante Ao Recanto dos Caçadores: o seu Lopo Garcia. Serginho questiona seu Frade, dono do estabelecimento, sobre quem seria aquele. De forma desproporcional e bastante agressiva, o Seu Frade diz que só desculpava a sua ignorância por ele ser brasileiro:

Uma vez, desencabulei e especulei do seu Frade quem era aquele fulano que todo mundo puxava-o-saco, e ele, fora-de-si, só faltou me bater, gritando, 'O Lopo Garcia?! É a Ideia Viva de Portugal', 'O Mais Capaz de Todos os Concidadãos', 'A Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa', e que só desculpava minha ignorância porque eu era brasileiro [...]. (RUFFATO, 2009, p. 51)

Nesta passagem, há uma outra questão: a xenofobia. Não a desdobraremos agora, mas vale notar como a personagem do português, posicionado como nativo e membro da nação de recepção, de maior prestígio na ordem das nações, atribui a si mesmo a prerrogativa de mais "evoluído", e de capaz em distinguir que o comentário do outro é descabido e ignorante, logo, entre outras coisas infantis, merecendo senão o perdão.

Talvez um dos traços mais marcantes do que chamamos de infantilidade seja a incapacidade de percepção do mundo para além de sua concretude. Infantil é o indivíduo que não é capaz, não tanto por uma insuficiência essencial, mas por uma falta de experiência, de vivência, de treino, que lhe coloca num lugar em que não consegue ainda dominar os códigos sociais, perceber as ironias, os sarcasmos e tudo aquilo que não seja literal.

Alguns dos próximos subitens também remeterão em parte à noção de infância intrínseca à ingenuidade, mas até aqui, recapitulando, foi possível perceber alguns traços bastante gerais: o pronome de tratamento no diminutivo; a evocação maternal do cuidado divino para com as crianças; a submissão infantil a figuras de autoridade; e a atribuição de ignorância como traço infantil em uma associação xenofóbica.

1.2 Tutelagem

Uma outra nuance da ingenuidade bastante presente em *Estive em Lisboa...* é uma certa tutelagem que o protagonista parece constantemente precisar. Em alguma medida, relaciona-se à ideia de redes e solidariedade comuns entre migrantes, mas na obra é exponenciado e simbolizado por outros elementos. Este traço justifica-se também à medida que pensamos na infância, já que a criança demanda cuidados.

Serginho parece estar constantemente em situações que precisa ser guiado, tutorado, cuidado por uma outra pessoa, apesar de já ser adulto. Lembramos que, com quase trinta anos de idade, ainda mora com sua mãe, por exemplo. Algo que é bastante sintomático dessa característica é a presença de mulheres com quem se relaciona que são pedagogas, professoras ou de profissões que demandam algum tipo de cuidado. A primeira namorada que ele menciona, Karina, é estudante de Pedagogia (RUFFATO, 2009, p. 18). É conhecida a etimologia dessa palavra que está relacionada com a condução de crianças, funcionando, desta forma, como um elemento simbólico reforçador da imagem infantil e da necessidade de uma figura tutelar sobre ele.

[...] namorei amadoristicamente (da lista a seguir consta somente o nome daquelas com quem mantive relação afetiva por, no mínimo, um mês): Josélia, operária da Industrial, e Selene, da Manufatora; Ana Clara, colega da Pagadoria, desquitada; Kátia e Maíra, balconistas na rua da Estação; Silvana, Kênia e Lídice, estudantes de letras da Fafic (tomei antipatia por pedagogia); Mariana e Janaína, professoras, uma primária, outra secundária; Zilma, cabeleireira (casada, fato por mim desconhecido e sinceramente deplorado); Verônica, auxiliar de enfermagem; Leda, caixa-de-banco, encostada no INSS, problema de coluna; Bia, que mexia com enfeites de biscoí; Irineia, proprietária de uma banca-de-camelô, perto do Mercado do Produtor; e Bete, que olhava pessoas doentes. (RUFFATO, 2009, p. 22)

Além dessas, que são citadas como relacionamentos anteriores ao seu casamento, há o seu relacionamento com Sheila, em Lisboa, brasileira migrante como ele. Esta personagem diz que “[...] sonhava formar para professora de criança

pequena” (RUFFATO, 2009, p. 66), ainda que naquele momento exercia a prostituição. Sheila encaixa-se nessa função de guia para com Serginho também nas muitas passagens em que eles passeiam pela cidade de Lisboa, além de ser um amparo afetivo na cidade estrangeira.

Eventualmente, diante de situações conflituosas, são outras pessoas que intervêm em favor de Serginho. Após seu casamento, as relações entre seus familiares e os da sua esposa ficam mais acirradas, e é sua irmã, Semíramis, que confronta sua cunhada, Stela, que constantemente implicava com ele: “A Semíramis ainda cercou a Stela, minha cunhada, pra tirar satisfação, e o troço ferveu [...]” (RUFFATO, 2009, p. 24).

Há em Serginho uma certa falta de iniciativa. Mesmo quando ele diz estar disposto a migrar, por exemplo, a ideia não é totalmente sua. Fora incutida pelo indivíduo que lhe dera um cigarro em uma viagem a São Paulo com sua irmã: “[...] e acho que, naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra fora, invejoso da ladinice do fulano” (RUFFATO, 2009, p. 17). Diante de uma situação ruim: perda do emprego, morte da mãe e internação da esposa, é a sugestão de uma outra pessoa, seu Oliveira, que irá definir para qual país migrar. De origem portuguesa, seu Oliveira, dono do Beira Bar, faz uma propaganda positiva de seu país, promete um contato e convence Serginho a proceder a migração. É essa mesma personagem que fornece informações básicas para que ele pudesse efetivar o deslocamento.

‘O caminho é Portugal’; e diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país para onde todo mundo estava seguindo e que, se mais novo, até mesmo ele voltava [...] o seu Oliveira prometeu me passar um contato lá [...]. Resolvi explorar a experiência do seu Oliveira, que ultimamente, de dois em dois anos, viajava para lá, encostei no balcão, pedi uma cerveja, um pratinho de azeitona, e desembainhei um questionário [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 25-26 e 28)

Serginho, durante sua preparação para migrar, já sonhava com seu futuro sucesso e imaginava o que faria com os recursos, que, segundo ele, seguramente conseguiria ao retornar para o Brasil. Também por sugestão de seu Oliveira, ele planejava investir em imóveis para ter uma renda passiva com o recebimento dos aluguéis. Mais uma vez é uma outra pessoa que o vai assessorar: Ivan Cachorro Doido, um certo “camarada seu”, conforme ele se refere a ele (RUFFATO, 2009, p. 29), que o levava de moto por algumas incursões no bairro Taquara Preta e em outros a fim de visitar propriedades à venda que pudesse investir.

[...] devido a seus desafazer, ninguém mais indicado pra ajudar a destrinchar as inconveniências das moradias, como estrutura ('Ó, pode ver, a laje descai pro canto direito ali, ó'); vizinhança ('É procurar chifre-em-cabeça-de-cavalo, por quê que você acha que os antigos proprietários mudaram?'); documentação ('Esses não têm registro da planta na Prefeitura'); valia ('Quanto estão pedindo? Sai fora! Merece não') [...]. (RUFFATO, 2009, p. 29)

Um aspecto que remete à tutela também é a evocação de poderes sobrenaturais como protetores, de alguma forma, sobre a trajetória de Serginho. A dimensão mística presente na obra será melhor discutida em outro subitem, mas vale lembrar, a título de exemplo, a senhora portuguesa, já no fim da primeira parte da obra quando ele está saindo de ônibus de sua cidade, companheira de um primeiro trecho da viagem, deseja-lhe que Nossa Senhora de Fátima o acompanhe.

Esse cuidado que Serginho recebe de outras pessoas não é apenas oferecido, como deliberadamente pedido por ele. Logo no início da segunda parte, ainda no aeroporto de Lisboa, ele interage com a moça do balcão de informações: “[...] se dispôs a arranjar um lugar *especial* para mim, aí alertei que necessitava, de *momento*, apenas de uma pensãozinha barata, ‘Coisa simples, pra resguardar os primeiros tempos’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 40).

Quando chega a Lisboa e vai procurar o contato que seu Oliveira havia lhe passado, decepçiona-se ao não encontrar e, inclusive, acredita que tivesse sido enganado por aquele. No entanto, depois de um tempo, ao comentar com um outro brasileiro que morava em Lisboa, Jerê, com quem faz amizade, descobre o seu equívoco: “[...] expondo essa história pro Jerê, colega brasileiro [...], ‘Isso, rua do Vilar, perto do cais do porto’, [...] comentou que esse lugar existe sim, mas fica perto do cais do *Porto*, cidade do norte do país [...]” (RUFFATO, 2009, p. 44). É preciso a intervenção de um outro indivíduo, mais experiente, para lhe explicar o seu engano.

Além de Jerê, Rodolfo é outro brasileiro que desempenha para Serginho essa função de quem lhe fornece apoio e orientação no novo lugar.

[...] e de repente um sujeito me cumprimentou simpático, levantei, ‘Você é brasileiro?’, confirmou, e, satisfeito, eu disse, ‘Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente’, apertamos as mãos, ‘Sérgio de Souza Sampaio, às suas ordens’, apresentei, ‘Rodolfo...’, não entendi o sobrenome, e convidou pra tomar um café, andamos umas duas quadras, paramos num Segafredo, e ele contou que era do interior da Paraíba, esqueci o nome da cidade, e morava em Lisboa mais de quatro anos já, de começo tinha hospedado no Hotel do Vizeu, mas agora dividia um apartamentinho na Damaia com um colega, o Jerê, e de vez em quando vinha visitar o seu

Carrilho, um português **reformado**, que tinha passado a maior parte da vida no Brasil e que ajudou muito ele no princípio, aconselhando, ensinando, incentivando, e de gratidão levava pra ele uma coisa ou outra que estivesse *precisando* (descobri, depois, que tratava de revistas de sacanagem, que o velho colecionava, mas, por vergonha, evitava comprar, achava *indecente*), e me deu endereço e telefone, que não desanimasse não, aos poucos as coisas ajeitavam, se ficasse sabendo de alguma vaga deixava recado pra mim, e insistiu em mostrar um poquinho daquela parte da cidade, e caminhamos, o vento frio uma gilete, ele apontava um prédio, uma paisagem, um beco, e explicava, mas eu não entendia quase nada, ele na frente, o rosto embrulhado num cachecol, as palavras saíam abafadas, se perdiam, eu, atrás, ouvia apenas ‘Aqui é o’, ‘Lá embaixo, está vendo?, é a’, ‘O povo daqui é’, ‘Você tem que tomar cuidado com’, ‘Olha o’. (RUFFATO, 2009, p. 46-47 – grifos no original)

Percebemos, nessa passagem, que Rodolfo também, em outro momento, enquanto migrante, recebeu apoio de outras pessoas, como de seu Carrilho, português que havia sido migrante no Brasil por muitos anos, mas que há algum tempo havia retornado. O seu cuidado para com Serginho deu-se principalmente no sentido de fornecer informações sobre aonde ir, como as pessoas eram, o que evitar, dicas de emprego, entre outros.

A mesma personagem, seu Carrilho, que havia ajudado Rodolfo, vai ser importantíssimo para a permanência de Serginho em Lisboa. Indivíduo mais velho, com experiência de migração e retorno, nativo, ainda que tenha ficado muito tempo fora de Portugal, é alguém que vai atuar principalmente como um conselheiro, alertando para certos perigos e explicando certas situações sociais que Serginho não compreendia.

Assim que recebeu seu primeiro salário, quis se divertir um pouco e pediu indicações de lugares para ir ao seu colega de trabalho Nino. Ele vai até uma região onde havia prostitutas e entra em uma “casa de alterne”.¹² Depois de ir até uma espécie de motel com uma prostituta e ir embora, vê-se perdido, não sabendo como voltar para o hotel onde mora. É nessa ocasião que ele conhece Sheila, com quem desenvolve uma relação afetuosa. Nesse primeiro contato ele pede orientações a ela sobre sua localização, além de muitos passeios que posteriormente faz ao seu lado. Vemos, assim, situações em que ele depende das indicações espaciais de outras pessoas, que funcionam como guias para ele.

Com ela de-guia, visitamos um monte de **sítios bestiais**, o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa, Belém (pra comer *paste*), o Padrão dos

¹² Segundo Dolabella (2015), são: “[...] estabelecimentos direcionados ao público masculino onde o trabalho das mulheres é entreter os clientes e induzi-los ao consumo” (p. 22).

Descobrimentos e o Aquário, na estação Oriente, um negócio onde o sujeito enlabyrinthado em um nunca-acabar de peixe, uns baitas de tubarões e arraias, e outros, bostinhas de nada, mais parecendo bando de passarinho avoando em-dentro d'água, um troço impressionante, fora a imundice de estrela-do-mar, ouriço-do-mar, medusa, etc., e a geladeira dos pinguins **giras** e a piscina das lontras exibidas, mas o mais importante mesmo foi andar no **teleférico**, a Sheila toda boba, achando aquilo o máximo, o riozão embaixo, a ponte Vasco da Gama lá longe [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 67-68 – grifos do original)

Constatamos que a necessidade da presença de certas figuras para orientar, guiar e mesmo cuidar de Serginho são constantes em sua trajetória ao longo da obra. Obviamente que não estamos querendo dizer que um indivíduo precise prescindir de ajuda e do apoio de outros, mas imaginamos que, devido à condição adulta, é mais comum que se seja autônomo, tendo apoio eventual. Não é isso, porém, que verificamos na construção do protagonista. Em ambas as partes do livro, ainda que tendamos a ser mais compreensivos na etapa em que está num país estrangeiro, há sempre alguém atuando nessa função de tutor para com ele.

1.3 Ausência de malícia

Prosseguindo nas nuances da ingenuidade detectadas em *Estive em Lisboa...*, adentramos no que poderíamos chamar de ausência de malícia. Mais uma vez majoritariamente presente no comportamento de Serginho, percebemos: a sua incapacidade, ou dificuldade, em perceber as situações que envolvem perigo e que atentam contra ele; sua demasiada credulidade nas pessoas; uma certa desconexão com a realidade, já que não se dá conta do que está ao seu redor; e às vezes uma não percepção de assuntos de caráter sexual.

São sensíveis, sobre esse aspecto, os relacionamentos afetivos que ele desenvolve. Sua primeira namorada, a Karina, o traiu. Segundo ele: “Não durou muito a safadeza: ela me permutou por um rapaz dono de uma 125 azul [...]” (RUFFATO, 2009, p. 18). Anteriormente, já havíamos mencionado a lista de namoradas que ele diz ter tido antes do casamento e, nela, ele faz menção de uma que era casada e que ele não sabia: “[...] Zilma, cabeleireira (casada, fato por mim desconhecido e sinceramente deplorado) [...]” (RUFFATO, 2009, p. 22). Mas, certamente, os casos mais significativos da sua falta de malícia em seus relacionamentos afetivos são o seu próprio casamento com Noemi e a sua relação com Sheila em Lisboa.

Serginho, no momento que está relatando sua história, já afastado temporalmente, sugere que o interesse de Noemi era puramente financeiro: “[...] engravidou justo a Noemi, do-lar, vizinha nossa, mal falada no bairro, que engraçou comigo quando finalmente consegui trocar a Biz por uma 125 retirada novinha em folha da concessionária [...]” (RUFFATO, 2009, p. 22), além de pairarem dúvidas sobre a paternidade do seu filho. Ainda mais problemático talvez seja a ciência que os parentes de Noemi já tivessem de que ela tinha algum problema psicológico e se aproveitaram da oportunidade de casá-la com Serginho.

O caso de Sheila é mais extremo ainda porque o levará à ruína em terras estrangeiras. O seu encontro inicial com ela demonstra claramente a forma como ele pensa e se deixa levar pelas aparências. Sua argumentação simplesmente não parece fazer muito sentido. Ele diz:

[...] e, para não ser enganado, que não sou trouxa, no meio de muitas selecionei uma meretriz que, mesmo amontada num sapato de salto alto, mínimo vestido grudado no corpo, demonstrava um verniz de decência [...] entre dentes alvos, bem-feitos, sem falhas, que revelavam uma origem de moça-de-família, como eu suspeitava, *difícilmente* erro nos julgamentos [...]. (RUFFATO, pp. 60-61 – grifo no original)

É possível admitir que a profissão dela não implica sua conduta moral, mas a constatação disso, em uma relação, se estabelece ao longo de uma convivência. Serginho, no entanto, sem conhecê-la, já adota uma crença positiva em relação a ela. Tal postura irá se revelar equivocada pelos prejuízos que terá em razão dessa relação. Destaca-se bastante ainda nessa passagem a crença que possui de estar agindo de uma forma acertada para não ser enganado.

Sua falta de malícia, no entanto, não se restringe aos seus relacionamentos afetivos. No que se refere a suas finanças, o erro parece persistir. Stela, sua cunhada, irmã de Noemi, após a internação desta e de Pierre ficar sob os cuidados da família Carvalho, está constantemente constrangendo Serginho a fornecer recursos para o suposto cuidado da esposa e do filho deste. Inicialmente isso não parece ser um problema, não fosse o histórico de trambiques que a personagem vive fazendo. Inclusive, Serginho é alertado por seu Carrilho, se ele tinha certeza que as remessas que fazia de Portugal realmente eram devidamente empregadas:

[...] o seu Carrilho bradava, ‘Um descalabro’, que eu esfalfava achando que sustentava a esposa *incapacitada*, o filho *necessitado*, quando, ‘Conheço a alma humana’, a **rameira** da Stela e o *cornio* do marido é que deviam estar esbaldando, comendo e bebendo do-melhor, divertindo às minhas custas,

‘Quem garante’ que a *ajuda* escoava até os *destinatários*? [...]. (RUFFATO, 2009, p. 72 – grifos no original)

Se a cunhada o extorque de maneira mais deliberada, ele não está a salvo de parentes e supostos amigos. No dia em que resolve se embriagar, na véspera de iniciar seu tratamento contra a dependência do cigarro, ele o faz no bar de um colega, o seu Pimenta, mais conhecido como Chacon (RUFFATO, 2009, p. 20). Nesse dia ele termina pagando não apenas a sua própria conta, como também o consumo que o dono do bar fez e de outras pessoas que estavam lá.

A sua preparação para migrar foi outro momento de prejuízos para Serginho. A fim de levantar recursos o mais rápido possível para fazer sua viagem, termina vendendo sua parte da herança para sua irmã a um preço abaixo do que realmente valia. Além disso, sua irmã e seu cunhado o pressionam a não vender a sua moto e sim deixá-la “emprestada” com seu sobrinho e afilhado Leo.

[...] o Josias, apareceu, inteirou da boa-nova, e, entre uma garfada e outra, contabilizaram valores, pechincharam, antecipando minha riqueza futura, mas, quando o meu sobrinho, o Leo, chegou da escola, um varapau, a cara escarvada de espinha, a coisa quase desarranjou, porque ele não conformava com a venda da moto, ‘Ah, deixa emprestada comigo, tomo conta direitinho’, recebendo incondicional apoio dos pais, que ainda argumentaram, além de tio, batizei o menino e, entretanto, nunca havia satisfeito um único pedido do afilhado, ‘Não custa nada dar esse gosto ao Leozinho’, os colegas tudo tinham meio-de-transporte próprio, ‘Só ele pega ônibus’, e, como eu vacilasse, largou o prato de comida na metade, sumiu batendo a porta da sala, restabelecendo a discórdia, aí eu disse, pra pôr fim àquele embaraço, ‘Tá bem’, porque não deixavam de ter razão, talvez fosse mesmo um padrinho ausente, e a minha irmã abriu o bué, comovida, desde pequena muito emotiva, e meu cunhado bateu no meu ombro e falou pra não preocupar não que encarregava de dar andamento nos papéis, ‘Conheço os canais’. (RUFFATO, 2009, p. 27)

Outra passagem desvantajosa em termos pecuniários para Serginho foi o câmbio do real para o euro com o seu Oliveira: “[...] troquei dinheiro (com ele mesmo, de-favor, a um preço camarada, ainda assim caro pra chuchu) [...]” (RUFFATO, 2009, p. 35). Chama a atenção ele dizer que foi “um favor do outro”, algo “camarada”, não percebendo uma eventual exploração.

Em outros tipos de relacionamentos, como amizade, ou mesmo suas primeiras impressões sobre as pessoas com quem interagia, denunciam essa credulidade extrema e incapacidade de perceber o mal no outro. Ivan Cachorro Doido, que o ajuda a procurar casas para investir, possui esse perfil de alguém que costuma enganar os outros. Serginho está ciente da má fama daquele, mas mesmo assim o considera um

camarada: “[...] Ivan Cachorro Doido, camarada meu encostado por causa de que dava uns acessos feios, de estrebuchar no chão escumando pela boca, embora a malícia do povo denunciasse tramoia, ‘Doença dele é horror de pegar no pesado’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 29). Uma passagem significativa sobre esse aspecto é a primeira impressão que tem sobre seu Almeida, agiota que fica com seu passaporte:

[...] e ele desatou, entusiasmado, ‘Ah, os brasileiros!’, adorava o nosso povo, que, não fossem interesses em Portugal, certamente moraria no Rio de Janeiro, ‘Que luz! E vossa’ musicalidade, ‘Sublime!’, em São Paulo ‘Talvez não’, grande demais, ‘Necessito estar próximo das pessoas’, e confesso que o sujeito açambarcou minha simpatia [...]. (RUFFATO, 2009, p. 75)

Suas impressões sobre dois indivíduos que costumavam frequentar o Ao Recanto dos Caçadores, o Poeta e o Lopo Garcia, são sintomáticos dessa questão. Empolgado por os ter conhecido e imaginar ter alguma proximidade com figuras tão bem quistas entre os frequentadores do restaurante, comenta com seu Carrilho, que lhe esclarece:

‘Poetas sem livros... todos...’, aí perguntei quem sustenta esses tipos, passam o dia inteiro à toa e sempre têm o de-comer, e ele explicou que aquele Poeta era descendente do marquês de Alva, ‘Tem sangue azul’, mas não tem dinheiro, só passado, ‘E vive mesmo do passado’, passeia pelos alfarrabistas bateando edições antigas de grandes escritores portugueses, pra depois, imitando a firma deles, autografar os livros e revender, multiplicando preço vinte, trinta vezes... Aquele caderno dele ‘Não é um rascunho de poesias’, mas um bloco de exercício de falsificação de assinaturas... E eu fiquei pasmado com tanta esperteza! (RUFFATO, 2009, p. 52)

A sua falta de malícia nas interações sociais é tão acentuada que ele vivencia situações que poderíamos dizer que faz papel de bobo. Em certa ocasião interage com o Poeta, que debocha da sua forma de falar, em um claro exercício xenofóbico, mas que ele não parece notar:

Uma vez, seu Frade, que no final do expediente aderiu à conversalhada, disse pro Poeta, apontando pra mim, ‘É brasileiro, o **gajo**’, e notei que ele tinha em alta conta o nosso povo, porque de imediato virou e pediu, ‘Enuncie alguma coisa, ó brasileiro, quero ouvir a música da tua fala’, e eu, que nunca cantei, expliquei, ‘Rapaz, sou passarim na muda!’, e ele, curioso, indagou da minha região, porque não compreendia *patavina* do meu sotaque, ‘De Cataguases, Minas Gerais, terra de gente ordeira e trabalhadora’, respondi, e ele gargalhou, e os comensais **troçaram**, e até eu ri para agradar o Poeta. Daí, todas as vezes que me via, requeria que eu palestrassem um pouquinho com o pessoal pra escutar meu **acento** e se divertir, ‘Estes brasileiros!’, no que, após, contente, recuperava o debate com seus pares. (RUFFATO, 2009, pp. 50-51 – grifos no original)

O vizinho de quarto, Baptista Bernardo, eventualmente ficava no *hall* do hotel ninando seus filhos, o que intrigava Serginho. Curioso, questionou seu Carrilho se aquele costumava brigar muito com a esposa, ao que é esclarecido de que isso acontecia porque, naqueles momentos, a esposa estava fazendo programa, no quarto deles, com um cliente atraído pelo próprio marido:

[...] eu escutava a barulhama do assoalho veterano e rinchador, e me vinha à cabeça o destino do Baptista Bernardo, vizinho de parede, escravo de uma muleta *compensatória* da perna esquerda, que deparava, de vez em quando, a desoras, ninando o casalsinho de filhos que ressonava num **edredão** estendido atrás da poltrona, onde, sentado, os fones do uálquemen pendurados nas orelhas, ouvia autista, a **kizomba**, música lá-deles, e especulei do seu Carrilho se o angolano e a mulher desentiam muito, e ele, respondendo ‘Ao contrário, vivem bem’, ficou abestalhado com minha cegueira, *todos* sabiam que, quando o Baptista Bernardo refugiava lá embaixo com as crianças, é porque tinha arranjado freguês pra mulher [...]. (RUFFATO, 2009, p. 54 – grifos no original)

Nessa passagem, é bastante revelador a fala de seu Carrilho ao dizer que ficou “abestalhado com a cegueira de Serginho”, já que todos sabiam daquilo.

Uma última passagem em que sua falta de malícia parece ficar mais evidente é quando lhe oferecem droga.

[...] certa feita quase que ia me estrepando, um **tipo** me abordou, me confundindo talvez com um gringo, ‘Marirruana?’, não atinei com a pergunta, balancei a cabeça, simpático, e me fez um sinal pra acompanhar ele, descemos toda a rua Augusta, eu no sobrepasso dele, desguiando dos **ambulantes** que infestam o calçadão, e, ultrapassado o Arco, estacionamos no meio da praça do Comércio, ele me mandou sentar na escadaria da estátua esverdeada que tem lá, e desapareceu, daí uns minutos veio um outro **gajo**, levou a mão entreaberta na minha direção, julguei que era um cumprimento, de pé tentei retribuir a amabilidade, ele assustou, reclamou, ‘És **parvo** ou quê?’, nervoso, ‘Marirruana ou heroína?’, quando compreendi, o rapaz, um traficante!, ‘Sai fora, sô! Sou pobre, mas sou direito’, e ele, esbugalhado, me deu um empurrão, bati a boca na grade que protege o monumento, sangrou, ele sumiu pros lados do Cais do Sodré, estudei o entorno buscando uma autoridade, desgramado!, mas aí lembrei que não possuía o raio do documento, se denunciasses eles, passando droga em plena luz do dia, podia ainda é me lascar, então tratei de sair de fininho e percorrer a direção contrária que o marginal tinha tomado [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 70-71 – grifos no original)

Ele é simplesmente incapaz de perceber com antecedência o que estava acontecendo; e já bem desenvolvida a interação, ainda demora para se dar conta de que lhe estavam oferecendo drogas. O emprego do termo “parvo” pelo traficante para

se referir a Serginho é marcante porque demonstra a imagem que ele passava com seu comportamento.

Todas essas situações que o protagonista vivencia e que revelam sua falta de malícia intensificam a noção de ingenuidade incorporada por ele, por seu comportamento. Em suas interações sociais, percebemos um indivíduo que não apenas é explorado pelos outros, mas que deliberadamente se coloca em situações que favorecem isso.

1.4 Carência afetiva e autoimagem positiva

Uma característica bastante marcante do protagonista e que compõe, ao nosso ver, essa constelação de traços que o enquadram como alguém ingênuo é a sua carência afetiva e, juntamente com esta, uma imagem muito positiva de si mesmo.

É bastante clara a rapidez com que ele desenvolve afetos pelas pessoas, em geral, e em particular pelas mulheres. A acreditarmos na extensa lista de relacionamentos que ele diz ter tido antes do casamento e as elucubrações que faz tão mal conheça uma mulher, esse traço confirma-se. Quando estava na casa de alterne e uma mulher aproxima-se, lemos a seguinte passagem:

[...] nunca em toda a minha vida tinha estado perto de uma mulher assim, tão, tão, sei lá, lembrava uma estrela de cinema, uma atriz de televisão, faria bonito na casa de qualquer rico do Brasil, e eu ali, encostado nela, já imaginando nós dois desembarcando, casados, em Cataguases, o povo em roda empurrando pra avizinhar da gente, 'Serginho, caralho, onde arrumou esse monumento?', e eu, aborrecido por relatar *mais uma vez* a mesma história, 'Paixonou comigo, largou tudo pra me acompanhar... Por mim, muita responsabilidade... Mas, fazer o quê?' [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 59-60 – grifo no original)

Ao longo da obra, ele vai dando pistas de como se enxerga. No início, uma das primeiras coisas que nos conta é que é uma pessoa “[...] de-natural calmo, cordato, civilizado” (RUFFATO, 2009, p. 15), mas que, nas tentativas anteriores de parar de fumar, ficava impaciente e ignorante. Esses primeiros traços positivos que diz sobre si mesmo são percebidos em outras passagens, como quando diz que costumava ficar conversando com as pessoas no corredor da faculdade onde estudava a Karina, sua primeira namorada, enquanto a esperava sair: “De vez em quando aguardava até a última aula, zanzando pelos corredores – amigo de professor e funcionário [...]” (RUFFATO, 2009, p. 18).

Essa sua carência afetiva o leva a acatar a vontade do outro, mesmo em detrimento da sua própria vontade. Em dois momentos ele explicita, por exemplo, seu desejo em desistir do tratamento para deixar de fumar e diz não fazê-lo em consideração ao doutor Fernando e por preocupação com o que os outros iriam pensar: “[...] e só não desisti daquela empreitada pra não desapontar o doutor Fernando, que adotou uma felicidade irradiante, me expondo pra deus-e-o-mundo como *prova incontestada* do seu *método revolucionário* [...]” (RUFFATO, 2009, p. 21 – grifos no original); e

[...] aos poucos baixou uma saudade danada da época que eu fumava, e passou pela minha cabeça comprar um maço de cigarro, o doutor Fernando nunca ia descobrir, ali, tão longe, mas foi só pensar nisso, e a voz dele protestou, ‘Quê isso, Serginho! Vai decepcionar agora as milhares de pessoas que aconpanham há anos seus hercúleos esforços?’, ô raio, sô! [...]. (RUFFATO, 2009, p. 44)

A sua perspectiva quanto ao seu futuro, ao resultado do seu empreendimento migratório, para além de positivo e esperançoso, era sempre acompanhado de uma expectativa de que seria muito bem considerado e tratado pelos outros. Em passagens como a seguinte, isso fica claro: “[...] projetava daí a pouco, caminhando por aquelas mesmas ruas, feito lorde, o povo todo puxando-saco, Serginho isso, Serginho aquilo, *Doutor Serginho*, só faltava deitarem no chão pra eu pisar em cima [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 27-28 – grifo no original). Além dessa, vemos o mesmo aspecto na seguinte passagem também:

[...] fazendo nada o dia inteiro, subindo e descendo a rua do Comércio, sentar na praça Rui Barbosa pra conversar fiado, jogar porrinha, ver o mulhero desfilar, o povo, ensardinhado dentro dos ônibus, respeitoso, me cumprimentar, Boa tarde, Serginho, Serginho não, seu Sérgio, Boa tarde, seu Sérgio, não, não, Doutor Sérgio, Boa tarde, Doutor Sérgio, quem sabe candidatar a vereador, entrar pro Rotary ou pro Lions, virar gente importante, frequentar o Clube do Remo, aparecer na coluna social do Cataguases [...]. (RUFFATO, 2009, p. 57)

Ele anseia receber um tratamento diferenciado e participar das mesmas atividades que a classe mais abastada de sua cidade participa.

Não bastasse ele mesmo dizer coisas positivas sobre si mesmo, sempre que outros o dizem – e nesses casos há mais razões ainda para duvidar, ainda que haja boa-fé por parte dele – ele faz questão de reportar. Quando estava no processo de se decidir se iria migrar, ele diz que recebeu o incentivo de seu Oliveira: “[...] e incentivou,

com a minha cultura, a minha desenvoltura, a minha saúde [...]’ (RUFFATO, 2009, p. 29). Além de seu Oliveira, outras pessoas parecem o ter incentivado e elogiado, o que ele dá bastante destaque. Vizinhos, moradores do bairro, políticos, apresentadores de rádio, conhecidos e outros enalteciam a sua coragem por migrar.

‘Eu sempre soube que você ia longe, meu filho [...] [...]’ ‘Um enorme orgulho de você’ [...] ‘Vou deixar o Serginho com você’, disse, exigindo *tratamento de primeira*, ‘Final, temos que destacar os valores da terra que despontam pra vencer lá fora’, e me segurou novamente, posando pro Lucas Novaes bater o retrato que ilustrou a matéria, um capricho, tão bem relatada, ‘Os seus pais devem estar muito orgulhosos de você, Serginho’, despachou, enviando *congratulações* a todos [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 31-32 – grifos no original)

Entre outros aspectos de que muito sente orgulho de si mesmo está o de ser namorador. Serginho enxerga-se como um verdadeiro conquistador. Em certa ocasião que Ivan Cachorro Doido o está tentando convencer em investir em bairros mais nobres em sua cidade quando voltasse endinheirado, lemos:

‘Pense grande, Serginho, ganhando em euro, você também vai ser um bambambã’, antecipou, ‘Vai passar no relho as grã-finas todas, cara’, quem sabe até casava com uma delas, ‘Não sei se quero repetir essa façanha não, Ivan, fiquei traumatizado’, reclamei, ‘Melhor, fica só na sacanagem então’, e, inflamado, questionou, mesmo reconhecendo em mim um colosso de conquistador, ‘Já fechou um abecedário inteiro’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 33)

Nessa passagem, percebemos que Ivan o está animando e inflando um pouco o seu ego, mas ele enxerga como simples constatação da realidade, pelo menos da realidade que ele vê.

Da mesma forma que o incentivo e os elogios lhe agradavam, as críticas mexiam profundamente com ele. Assim que tinha decido pela migração, a notícia correu e todos o elogiavam, mas ao demorar em conseguir efetivar o seu intento, logo vieram as críticas:

[...] e os que há pouco me aplaudiam, agora, impacientes, achincalhavam, ‘E aí, Serginho, rápida a sua viagem, heim?’, um inferno, mas não há de ser nada, refletia [...] mas a pressão me descontrolou a ponto de não querer nem pôr o nariz pra fora, e já ia embicando pra mesma perambeira que descambou a Noemi [...]. (RUFFATO, 2009, p. 34)

Tanto para o bem quanto para o mal, os posicionamentos alheios eram motivo para desestabilizar o emocional de Serginho, dada a sua preocupação excessiva com a opinião dos outros sobre sua vida. Quando, de alguma forma, a imagem positiva

que tinha de si mesmo era posta em xeque, isso o fazia se questionar sobre sua trajetória.

Em uma passagem quando havia acabado de chegar a Lisboa, destaca-se, quanto à sua preocupação com sua autoimagem. Cansado, provavelmente ainda sob o efeito do *jet lag*, faz uma espécie de elucubração:

Esgotado, enfiei debaixo das cobertas e despenquei no sono, e, mais tarde, espertando zonzo, extraviado das horas, em local incerto e escutando vozes estranhas vindas não sei daonde, pensei em desespero, ‘Serginho, no mínimo você está morto’, e abateu uma tristeza, dificilmente iam me achar ali, ninguém sabia do meu paradeiro, enterrado como indigente, jogado numa cova rasa e sem identificação, eu, que sonhava com uma cerimônia bonita, missa de corpo-presente, todo mundo de luto (homens de terno escuro, mulheres de véu preto), caixão de madeira, alças douradas, quatro castiçais com velas graúdas, túmulo de mármore com retrato e inscrito o nome, a data de nascimento e a de falecimento, discurso celebrativo de minha pessoa, e muito, mas muito choro mesmo, porque, afinal, o defunto merece, e lembrei do coitado do Pierre, aguentando as maledicências do povo, um vexame o pai mal desembarcar em Portugal e já ir morrendo, sem quê nem porquê, e, cada vez mais deprimido, virei pro canto e ferrei no sono de novo. (RUFFATO, 2009, p. 42)

É nítida a sua preocupação com o que os outros vão pensar sobre ele. Mesmo sobre sua morte, ele quer que haja pompa e reconhecimento de sua pessoa. Todo o teatro mental que elabora é em torno da ideia de ser considerado alguém importante.

Momentos como o anterior, em que se mostra bastante triste, são mais comuns na segunda parte da obra, quando já havia migrado. No entanto, essa sua preocupação com a opinião alheia ora lhe desanimava, mas ora lhe impingia ânimo para continuar em seu empreendimento migratório.

[...] *besta!*, quem mandou seguir a cabeça dos outros!, bem que minha santa mãe, que Deus a tenha!, me dizia, se conselho fosse bom, ninguém dava, *vendia*, me martirizava por causa daquela bobajada, e agora, fazer o quê?, confesso que pensei até em arrumar as coisas e regressar, admitir que aquele empreendimento não era pra minha estatura não, que importava se rissem do meu fracasso?, não havia sido assim até o momento?, se quisesse fechar a conta, calcular o deve e o haver da minha existência, o saldo ia ser negativo, não tem como despistar a verdade, depois de uma fase, motivo de chacota da cidade inteira, talvez mesmo da região, outras estupidezes mais curiosas iam aparecer, as pessoas esqueciam, o que sustenta a piada é a novidade, um ano e ninguém mais ia recordar a minha desastrada viagem, mas aí boiavam os compromissos assumidos com o povo, as lembrancinhas pra um e outro, a palavra empenhada com o Ivan Cachorro Doido [...], a promessa de ajudar a pagar a faculdade do Leo, meu sobrinho [...], e principalmente o desejo de cevar uma poupança pro Pierre, quando perguntassem, ‘E seu pai, Pierre?’, ele podia responder, peito estufado de orgulho, ‘Em Portugal, cuidando do meu futuro!’, ah, isso sim me empurrava pra frente [...]. (RUFFATO, 2009, p. 45 – grifos no original)

Mesmo quando parece estar se conformando com a possibilidade de que não terá êxito no seu intento, logo ele reverte o pensamento e se vê impulsionado pela possibilidade de reconhecimento pelo seu esforço. Suas opções giram em torno da ideia de algum tipo de enaltecimento daquilo que está fazendo com tanto sacrifício. Mas esses momentos difíceis às vezes incentivam ideias ruins, como quando chegou a pensar até mesmo no suicídio: “[...] o dinheiro escasseando e nada de serviço, o que me deixava em uma situação de desespero, pensei até em fazer uma doideira, tomar veneno ou pular da ponte Vinte e Cinco de Abril [...]” (RUFFATO, 2009, p. 49).

Depois que consegue um emprego num restaurante, no Lagar do Douro, começa a lidar com uma clientela estrangeira, o que exige que fale um pouco de inglês. Essa passagem é curiosa porque do ponto de vista de Serginho ele está falando muito bem. Ele parece acreditar ser fluente, mas a intervenção do “arquinarrador” L.R. grafando as palavras inglesas de uma maneira não normativa, sugere mais um equívoco daquele.

[...] não é pra me gabar não, mas em dois tempos eu já encostava naqueles brancalhões e desatava o meu inglês, Rei ser, Rei mádam, Ria chipe fude, gude fude, uaine, fiche, mite, têm-quíu (obrigado dona Gilda, minha professora no curso noturno da Escola Estadual Guido Marlière, inesquecíveis as aulas naquelas salas verônicas, onde a gente repetia as lições achando que nunca iam servir pra nada, e ali, agora, tão distante da pátria, eu entendia o esforço que a senhora fazia pra enfiar na cabeça daqueles imbecis a importância do verbo tubí e a pronúncia certa das letras do alfabeto: êi, bi, ci, di, i, efe, di, êidi, ai). (RUFFATO, 2009, p. 58)

O início do trecho destacado já demonstra como ele é orgulhoso, mas ao mesmo tempo quer passar uma imagem de humildade.

Embora Serginho pareça ter algum tipo de consciência de sua miséria, uma passagem em que relata um episódio no local onde fazia as remessas para seus parentes parece revelar que Serginho tinha uma imagem um pouco mais positiva sobre si comparado a migrantes de outras nacionalidades.

[...] mastigava o meu orgulho e ia no Rossio depositar o dinheiro, e, enquanto preenchia a papelama, ficava olhando praqueles pobres-diabos, africanos, árabes, indianos, babel de raças e cores, se espremerem dois-três na mesma cabina de telefone, esgoelando, chorando, uma vez, perto do Natal, uma senhora negra, baixa e gorda, enfiada em uma roupa estampada, cabelos começando a alvejar, desmaiou no decorrer de uma ligação, socorremos ela, apareceu uma cadeira, um copo água, um abano, quando voltou a si, socando os pés no chão, a jabuticaba dos olhos clamou seu desespero num português estropiado que ninguém entendia mas que todos adivinhamos, o desalento imigrante de quem sabe que de nada serve essa vida se a gente

não pode nem mesmo aspirar ser enterrado no lugar próprio onde nasceu, e até o povo que conversava na internet, sempre alheio à desventura estrangeira, estancou, e de repente desabou um silêncio esquisito na Uéstem Únion [...]. (RUFFATO, 2009, p. 73)

Apesar de Serginho estar numa condição muito semelhante a daqueles outros migrantes, em razão talvez do que Sayad (1998) chama de “ordem das nações”, seja possível explicar a percepção de que ele, enquanto migrante oriundo do Brasil, esteja numa situação um pouco melhor, da mesma maneira como seu colega Anatólio, de origem ucraniana, seja tido em maior prestígio do que ele.

Não bastasse esse traço, que parece ser próprio do protagonista, de ter uma espécie de carência afetiva, temos que considerar que a experiência migrante pressupõe o afastamento, a perda de muitos elementos referenciais, para esse indivíduo que migra, como: elementos da cultura e entes queridos. Em uma dessas situações, em que a saudade bateu, Serginho disse: “[...] e aí me deu uma agonia danada, lembrei da minha gente, como será que estavam todos lá, será que continuavam naquela labuta lá deles, acordar cedo, ir trabalhar, voltar de tardinha, encontrar no Beira Bar, sábado jogar carteadado, domingo dormir até mais tarde...” (RUFFATO, 2009, pp. 73-74).

A sua carência afetiva e autoimagem positiva perpassa por toda a obra. Boa parte de suas escolhas, pensamentos, falas e ações são orientados em razão dessas características, que assim como as demais deste capítulo revelam tonalidades de ingenuidade.

1.5 Provincianismo

Referimo-nos a provincianismo como aquele atributo próprio do indivíduo que é originário de uma localidade que é menos urbanizada, o que implica comportamentos que tendem a causar tensões e estranhamentos com outros indivíduos de cidades maiores. Ao lembrarmos da ideia de Schiller (1985) sobre ingenuidade como categoria que remete, entre outras coisas, aos povos primitivos e camponeses, por aproximação, a ideia de provincianismo mostra-se pertinente. Certamente Serginho não é nem primitivo nem camponês em seu sentido literal, mas em contraste com outras personagens, especialmente com as quais interage na segunda parte da obra, depois de haver migrado, gera uma imagem semelhante. Tal

situação implicará situações em que ficará patente sua falta de domínio dos códigos sociais empregados em cidades grandes, afinal, falta-lhe experiência. Essa característica, bastante presente no protagonista, trará como consequência situações de alteridade ruins, muitas vezes xenofóbicas, e esses momentos acontecem na cotidianidade.

Ainda na primeira parte, em uma viagem que diz ter feito a São Paulo acompanhando a irmã para comprar roupas e revender, já aponta sua falta de traquejo com a cidade grande e que seu contato, quando houve, foi pontual: “Eu nem sabia que John Player Special era nome de cigarro, descobri por acaso em São Paulo, quando acompanhei a Semíramis, minha irmã, à rua Oriente, no Brás, pra comprar roupas que ela revendia em Cataguases, numa lojinha na Taquara Preta [...]” (RUFFATO, 2009, p. 17).

A ambientação de sua cidade, mais pontualmente de seu bairro, como um lugar tipicamente do interior do Brasil, é reforçador dessa imagem em Serginho como alguém provinciano. A proximidade das pessoas em termos de saber sobre a vida dos outros moradores, a popular fofoca; as relações de amizade e compadrio; o lazer na praça, entre outros traços vão construindo essa imagem interiorana. Por exemplo: para evitar o constrangimento por Noemi ter sido internada com problemas psicológicos, a família Carvalho muda-se de bairro: “Internaram ela numa clínica de repouso em Leopoldina, apossaram do Pierre pra criar (mudaram pra Granjaria, poupando da bisbilhotice dos vizinhos) [...]” (RUFFATO, 2009, p. 25); ou, como já mencionado, tão logo se dispôs a migrar e todos no bairro já sabiam:

Nessa toada, a minha iminente ida pra Portugal transbordou da Taquara Preta, a ponto da minha cunhada Stela me procurar pra *esclarecimentos*, que, quisesse mesmo tentar a sorte no estrangeiro, devia renunciar, *em juízo*, à parte do total auferido na repartição da herança, pra garantimento das minhas obrigações paternais e maritais [...]. (RUFFATO, 2009, p. 31 – grifos no original)

Em uma dada ocasião em que acompanhou o doutor Fernando para uma entrevista no rádio, lemos: “[...] declarou no Programa Roda Viva, que vai ao ar aos sábados às onze horas da manhã na Rádio Cataguases AM, ao qual comparecemos ambos, a convite do repórter Arnaldo de Souza, filho do finado seu Edgar de Souza, o Compadre Edgar [...]” (RUFFATO, 2009, p. 21), evocando o ditado popular: “cidade em que quem não é compadre é parente”.

Serginho é consciente dessa sua falta de vivência em cidade grande, e em algumas passagens compartilha o seu temor por se aventurar em terras distantes:

[...] mas o outro lado, cu-na-mão, pouco andejo, de cidade-grande conhecia, de passagem, o Rio de Janeiro (cinco vezes, em excursão, pra molhar os pés no mar em Copacabana, subir no bondinho do Pão de Açúcar, ver jogo do Flamengo no Maracanã) e São Paulo (pra Semíramis comprar roupa para revender), e Juiz de Fora também, mas Juiz de Fora não conta, é meio quintal de Cataguases, além de Piúma, que virou febre ir passar o fim de ano na praia lá, sendo que as férias, antes do sucedido com a Noemi, eu gozava ali mesmo, entretido em jogar buraco e cacheta a-valer na pracinha do Pau-Morto (por causa da audiência dos aposentados), perseguindo moça-solteira no comércio e na indústria, inventando jeitos de incrementar a moto pra fazer bonito nas visitas à parentalha espalhada pelas *grotas* entre Ubá e Viçosa (Senador Firmino, Presidente Bernardes, Dores do Turvo, Senhora de Oliveira), e agora embarcar pras lonjuras de Portugal, sem ninguém, meu deus do céu! (RUFFATO, 2009, p. 28 – grifo no original)

Suas experiências, poucas, foram pontuais, não fornecendo a bagagem necessária em termos de repertório que lhe permitissem atuar de maneira mais confiante e autônoma em outros lugares semelhantes em termos de tamanho.

Desse primeiro momento, anterior à migração propriamente dita, talvez o momento mais notável de seu provincianismo é quando elabora uma série de perguntas para o seu Oliveira a fim de se preparar para a viagem. Algumas até parecem mais razoáveis, dado o fato de que nunca havia saído do país, mas outras explicitam sua falta de prática mesmo, com ações que ele poderia estar mais acostumado caso morasse em uma cidade maior:

[...] desembainhei um questionário, ‘Como é que um sujeito chega em Portugal?’, ‘De avião, ora pois’, ‘Como é que é um avião por dentro?’, ‘Apertado’, ‘De onde sai o avião?’, ‘Do Rio de Janeiro’, ‘Quanto tempo demora a ida?’, ‘Umas nove horas’, ‘E a volta?’, ‘Mesma coisa, ora pois’, ‘Tem banheiro?’, ‘Evidentemente’, ‘Dá pra dormir?’, ‘Até ronco’, ‘Tem comida?’, ‘A da TAP é boa’, ‘E o país?’, ‘O melhor lugar do mundo’, ‘Onde um sujeito, que quiser ir, compra a passagem?’, ‘Em Juiz de Fora’, ‘Quanto custa mais ou menos?’, ‘Uns mil dólares, dependendo da época’, ‘Mil dólares?’, ‘Dependendo da época’, ‘Que mais que um sujeito que quiser ir, precisa saber?’, ‘Tem que tirar passaporte...’, ‘Passaporte?’, ‘Um documento universal’, ‘Hum...’, ‘E tem que trocar o dinheiro’, ‘Onde o sujeito arruma o tal passaporte?’, ‘Na Polícia Federal, em Juiz de Fora’, ‘E o quê que o senhor falou de dinheiro?’, ‘Tem que trocar, levar euro’, ‘E se o sujeito nem nunca viu um euro de perto?’, ‘Guardo comigo umas notas, posso mostrar’ [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 28-29)

Quando ele efetivamente viaja, em sua despedida, vemos uma passagem que coroa a imagem de lugar de interior. A forma como as pessoas despedem-se dele,

emocionadas, o que lhe dizem e os cartazes com mensagens de incentivo cristalizam essa visão:

E, na manhã que parti, impossível esquecer, uma multidão amontoou na frente de casa, a rua enformigada que nem dia de festa de São Cristóvão, faixas estendidas, 'A Taquara Preta se orgulha de Serginho, seu filho querido – Vereador Professor Anacleto', 'A Associação dos Moradores da Taquara Preta saúda Serginho – Vereador Todinho do Gás', o taxista, prevenido da importância do *transportado*, engalanou de terno e gravata, aguardando, compenetrado, o término do rapapé, abraços comovidos e apertos de mão emocionados, aconselhamento e chororô, e, quando adentramos o carro, a Semíramis e o Josias, endomingados, fizeram questão de acompanhar, alastraram as palmas e os assobios, 'Vai Serginho!', pipocou o foguetório, 'Viva o Serginho!', uma latomia, soluçando, a minha irmã falou, 'Até parece casamento' [...]. (RUFFATO, 2009, p. 35 – grifo no original)

Alertamos apenas para uma certa relativização desse momento, já que Serginho comumente elabora discursos e imagens sobre sua vida que pareçam maiores ou mais importantes do que de fato são.

Enquanto vai se afastando da cidade, confessando o medo e a dúvida de sua partida, apresenta uma imagem sintética de como via sua cidade:

[...] receio de nunca mais retornar, uma saudade já daquela gente, criados tudo juntos, observando o adiantamento do bairro, cafundó pouco a pouco civilizado, o arruamento, a luz elétrica, as redes de água e esgoto, o asfalto, os botequins, as festas pra construção da igreja católica, o erguimento silencioso dos templos dos crentes, os shows no Clube do Cavalo, os comícios, as peladas no campo que tem um marco em ruína AOS VINTE E UM DIAS DE ABRIL DO ANO DE 1982 AQUI FORAM LANÇADAS AS BASES DO ESTÁDIO MUNICIPAL DE CATAGUASES, SENDO PREFEITO MUNICIPAL O EXCELENTÍSSIMO SENHOR etc. etc. e que sempre serviu de pasto pras criações de seu Nilto Leiteiro, as enchentes que ameaçavam sorradeiras, as queimadas que sufocam as casas, a poeirama de agosto, a praga de pernilongos, escorpiões, carrapatos, a epidemia de gatos e viralatas, as desavenças, as uniões, os que nasceram, os que morreram, a bandidagem, os maconheiros, o pessoal da cocaína, a aids e, ultimamente, os mutirões contra a dengue [...]. (RUFFATO, 2009, p. 36 – grifo no original)

Em tom altamente nostálgico, ele já antevê a saudade daquele lugar que é sua referência de terra natal. Cita marcos espaciais importantes em sua memória da paisagem do local e que reforçam uma última vez, antes de sua partida, a imagem provinciana.

Tão logo chegou a Lisboa, já no aeroporto, tem um estranhamento com o comportamento do funcionário da migração: “[...] e quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema, pensei comigo que ele não

devia estar bem dos bofes [...]” (RUFFATO, 2009, p. 39). Acostumado ao calor do acolhimento de sua terra natal, à hospitalidade, ao bate-papo, tem uma aversão a um tratamento tão impessoal, que um funcionário de um grande aeroporto, que interage provavelmente com centenas ou mais pessoas por dia, estava lhe dispensando. Em uma das primeiras impressões que tem do povo português, ele diz: “[...] assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação [...]” (RUFFATO, 2009, p. 39). Mas, diferente do agente de migração, a moça do balcão de informações é mais simpática com ele, o que faz com que se mostre o provinciano conversador de sempre:

[...] e, detetiva, a sobancelha interrogou o que então me trazia à Europa, e delatei o desemprego em Cataguases, ‘Cataguases é onde moro’, o problema da Noemi, ‘Noemi é minha esposa’, hospitalizada numa casa de repouso em Leopoldina, a perda do Pierre, ‘O herdeiro’, pra Carvalhada criar, ‘Uma gente encrenqueira que só vendo’, e meu pensamento de trabalhar firme por um tempo, ganhar bastante dinheiro e voltar pro Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda, e, esperançoso, quem sabe, ‘Nada é impossível’, até mesmo, ‘Casar de novo’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 40)

Apesar de ter acabado de conhecê-la, desata a falar de seus planos, de sua vida, sua família, seu passado.

Ainda no aeroporto, ele se incomoda com a forma que sua bagagem – como se não fosse com a de todo mundo – foi despachada: “[...] descobri minha mala rodando sozinha numa esteira, arranhada e amachucada, o que me deixou bem nervoso, porque, quando despachei, contra minha vontade, no Brasil, estava estalando de nova, e receber ela assim, toda estropiada, achei muita desconsideração [...]” (RUFFATO, 2009, p. 40). O deslocamento em si de avião foi outra experiência bastante negativa para ele:

[...] eu estava cansado, ouvido zunindo, cabeça oca, detestei aquele negócio de avião, perna encolhida, não consegui sossegar sentado, arrumei uma ição no banheiro, bexiga solta, desconforto no estômago, o troço balangando o tempo todo lá em cima, só de imaginar uma emergência não ter pra onde socorrer, santo deus!, prometi que só boto os pés de novo dentro de um na hora de voltar pro Brasil, depois finco eles no chão, nunca mais [...]. (RUFFATO, 2009, p. 41)

Em uma das várias passagens que a xenofobia mostra-se pungente – sendo difícil eleger a que mais se destaca –, há um momento em que, apesar de estar querendo ajudar e demonstrar preocupação, é tratado muito mal pela dona do hotel onde mora:

[...] deparei com a recepção abandonada, tilintei a campainha uma, duas, três vezes, esperei, e, como não aparecia ninguém, toquei de novo, impertinente, até surgir uma senhora de cara amarrada, enxugando as mãos no avental, gritando mal-humorada que não era surda, sem graça falei bom dia, ela não respondeu, repeti, mais alto, ela ignorou perguntando o quê que eu desejava, expliquei nada não, só que, como não havia *ninguém* no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse, 'Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!', e voltou a praguejar, brava, saí de fininho, e desde aí a dona Palmira inimizou comigo, quando passava por perto me excomungava, me esconjurava, no começo ficava chateado, ainda tentei puxar assunto, conversas-fiadas, salpicando um elogio aqui, uma louvação ali, mas ela não fartava de falar poucas-e-boas de mim pros outros hóspedes, invencionices pra prejuízo meu, e graças a deus o seu Seabra não combinava muito com ela, fazia de-tudo pra contrariar a mulher, se ela me depreciava, ele me tratava com decência, se ela me espicaçava, ele me animava [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 42-43 – grifos no original)

A associação que a personagem portuguesa faz com a origem dele para argumentar que o raciocínio dele não se sustenta é bastante preconceituosa.

Durante suas primeiras saídas para conhecer a cidade, depara-se com o rio Tejo, que o impressiona. Há uma simbologia nessa passagem ao contrastar as dimensões dos rios Tejo, em Lisboa, e o Pomba, em Cataguases, sua terra natal. Ele chega a pensar em enviar um cartão-postal para os seus conhecidos com a imagem do Tejo, mas desiste.

[...] alcancei a beira do Tejo, uma ignorância tanta água, perto dele o infeliz do Pomba parece corguinho, comprei um cartão-postal pra exibir praquele povo incréu de Cataguases, mas às vezes fico pensando, acho que não vou mostrar não, pra que humilhar o pobre do nosso rio?, capaz até de adoecer, secar, a gente nunca sabe a reação das pessoas [...]. (RUFFATO, 2009, p. 43)

Parece-nos evidente como os rios indicam esse contraste entre o local central, mais prestigioso, e o periférico, menor, distante, provinciano.

Há mais um trecho significativo de embate entre Serginho e dona Palmira, dona do hotel onde ele mora, por conta de um comportamento que é esperado, mas que ele não domina. No trecho, fica transparecido que era prática comum, ao se chegar com um guarda-chuva molhado, colocá-lo num determinado recipiente, procedimento ignorado por Serginho:

[...] (cheguei da rua debaixo de um aguaceiro, fechei o guarda-chuva, e, pensando em expor ele no quarto pra secar, subi a escada ligeiro, deixando pra trás um rastro molhado, quando a dona Palmira, feita caninana, num bote me acercou, braços em cruz, sibilando, impedindo a passagem, gritando

coisas que eu não entendia direito, um escarcéu, até surgir o seu Seabra berrando pra mulher calar, pegou o guarda-chuva, enterrou no recipiente, que nem uma colher na gelatina, e, bravo, agitado, xingando, falou pra, vindo da rua, deixasse o chapéu de chuva ali, sempre, porque se não a diaba perdia a cabeça, instalava a arruaça, 'Ela é louca, senhor Sampaio, não vê?') [...]. (RUFFATO, 2009, p. 46)

Em situações como essa, percebemos um misto de implicância e xenofobia gratuita para com ele, sem ignorarmos a falta de conhecimento mesmo dele sobre como proceder em muitas dessas situações cotidianas.

O conjunto das experiências vividas por Serginho, desde sua preparação para a migração quando já antevia possíveis dificuldades dada a sua pouca ou quase nenhuma experiência em cidades grandes, e as situações propriamente ditas conformam um componente importante da ingenuidade que o caracterizam.

1.6 Alienação

Uma dimensão que também entendemos ser importante, ao pensarmos os vários matizes da ingenuidade, é a incapacidade de se perceberem as razões para que se esteja passando por determinadas situações. Certamente é preciso admitirmos que a realidade é complexa e composta por muitas variáveis, mas ignorar um certo conjunto de causalidades, que nos parecem além de óbvias com um peso significativo, como sua própria ingenuidade, perfazem o que chamamos aqui de alienação. Em capítulo posterior, exploraremos de forma mais aprofundada a noção de destino e seus correlatos, que é uma das dimensões que o protagonista alega como causa do estado de coisas pelas quais passa, mas neste subitem compete-nos apontar como ele simplesmente ignora variáveis concretamente perceptíveis como causação de sua trajetória.

A primeira situação que mencionamos é a traição que Serginho sofreu de sua namorada Karina (RUFFATO, 2009, p. 18). Ele acredita que a motivação para a traição tinha sido basicamente interesse financeiro. Apesar de razoável esse argumento, também temos que considerar que a própria ingenuidade dele seja um motivo importante, coisa que ele não o faz. De forma semelhante, ele diz que Noemi se “engraçou com ele” (RUFFATO, 2009, p. 22) quando tinha adquirido uma moto nova, evocando mais uma vez uma motivação apenas material.

Na segunda parte da obra, em uma das passagens mais significativas sobre a condição migrante, Serginho conversa com Rodolfo, e este faz afirmações bastante duras e cruentas sobre a experiência migrante. Apesar das dificuldades vividas por Serginho, ainda lhe faltava a experiência necessária para perceber a realidade do migrante e de desfazer todas as ilusões que os recém-chegados ainda nutrem:

O Rodolfo avivou a conversa, 'Nós estamos lascados, Serginho', aqui em Portugal não somos nada, 'Nem nome temos', somos os brasileiros, 'É o que a gente é no Brasil?', nada também, somos os outros, 'Eta paisinho de merda!, terra de ladroagem e safadeza!', ele, meio alto, quase-discursava, 'Pra se dar bem, o cabra tem que ser político ou bandido, que é quase a mesma coisa, aliás', porque o trabalhador, aquele que bate-cartão ou que capina sol a sol, este morre à-míngua, 'Tu conhece alguém, lá na tua cidade', que, nascido pobre e honesto, esteja bem de vida, 'Bem mesmo', sem ter que preocupar em como pagar as contas no fim do mês?, 'Não, claro que não', porque, nessa situação, só quem tem berço, as famílias que exploram o Brasil desde sempre, e que pra isso fazem política, 'Pra manter a pabulagem', discorria, revoltado, 'Na Paraíba, por exemplo', meia dúzia de sobrenomes mandam em-desde que o mundo é mundo, 'Se ficasse lá, Serginho, virava marginal', comprava uma carabina e saía caçando os ricos todos, 'la morrer, eu sei, mas antes cometia uma insensatez'. [...] macambúzio, prosseguiu, 'É ilusão, Serginho', pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, 'Volta nada', a precisão drena os recursos, 'É a mãe doente na fila do SUS, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro, é um irmão que estuda, uma irmã que casa, um sobrinho problemático', os cabelos caem, a pele enruga, 'Nessa brincadeira' cinco anos escorreram já, 'E sabe quanto consegui acumular? Nada... Porra nenhuma' [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 78-79)

Essa fala de Rodolfo é interessante porque, além de escancarar a situação do migrante, ele resgata motivações anteriores que levam os brasileiros a pensar e efetivar o projeto de migração. Claro está que existem outras modalidades de migração, mas o grosso é aquele que a obra está retratando, ou seja, do migrante laboral, de classe média baixa, que aspira por meio da migração a ascender socioeconomicamente. Essa questão foi amplamente discutida pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998), em *A imigração*, ao que ele chamou de "ilusão do retorno e ilusão da provisoriedade".

Desfazer-se dessas ilusões, tanto do retorno – quer seja pronto ou num horizonte temporal distante – quanto do sucesso, leva tempo e vivência de muitas experiências fracassadas no país de recepção. Colocar isso na voz de Rodolfo, outro migrante brasileiro, mas com muito mais tempo de estada em Portugal, ajuda a construir a ideia de uma outra fase pela qual o migrante termina passando conforme o tempo transcorre.

Apesar de darmos ênfase ao protagonista, até porque é a personagem sobre a qual temos mais elementos para refletir, algumas outras personagens migrantes também se mostram importantes na formação de uma imagem completa da transformação desses mesmos migrantes.

A questão da alienação do migrante e sua tomada de consciência também parecem se operar em *Serginho*, ainda que sejam mais sutis e já no fim da obra. Parece-nos que esse processo encontra amparo na formação política do autor, que em entrevistas (ROCHA, 2007) e discursos (RUFFATO, 2013) já deixou claro sua filiação política de orientação socialista; isso, porém, sem transformar suas obras em panfletos.

1.7 Otimismo

Um último traço, com o qual concluímos este capítulo, sobre a ideia de ingenuidade em *Estive em Lisboa...*, especialmente em seu protagonista, é uma postura otimista em excesso e que não encontra amparo na realidade. Mesmo sem parâmetro para se guiar, ele toma como certo o seu sucesso, do seu empreendimento migratório. É claro que há momentos de dúvida e medo, mas há em maior destaque expectativas, que poderíamos classificar como irrealistas, sobre um retorno certo, breve e bem sucedido.

Um argumento, por exemplo, que nos parece descabido, é dizer que seu entusiasmo está relacionado à sua ascendência mestiça: “[...] misturado carrego sangue coropó, lusitano e escravo, do qual me orgulho e me guia avante [...]” (RUFFATO, 2009, p. 25).

São muitas as passagens em que basicamente ele espera voltar muito rico e, isso, em um curto espaço de tempo: “[...] desmudar pra Portugal, de onde em um-dois anos retornava, os bolsos estufados, pronto para resgatar o Pierre [...]” (RUFFATO, 2009, p. 27).

Ainda que vejamos uma postura interesseira por parte de seus parentes, há neles também esse traço de expectativa elevada, de um otimismo injustificável: “[...] contabilizaram valores, pechincharam, antecipando minha riqueza futura [...]” (RUFFATO, 2009, p. 27). Isso também se manifesta em seus colegas e conhecidos, mesmo que já tenhamos grifado que todo o calor da despedida, das falas de incentivo, sejam algo característico do ambiente provinciano.

Uma ação que marca bastante o seu otimismo não comedido é a busca por imóveis a fim de investir quando voltaria, supostamente, cheio de dinheiro, do seu empreendimento migratório. Seu camarada, Ivan Cachorro Doido, também embarca nessa busca. Como os parentes de Serginho, o fazia por interesses próprios, mas ainda assim sendo otimista, já que em caso contrário muito provavelmente nem se disporia a fazer incursões na busca dos tais imóveis. Essas ações lhes geraram incômodos, como quando um corretor, ao perceber que eles não tinham recursos para fechar negócio, ficou bravo com eles: “[...] conforme explicou o Ivan Cachorro Doido ao corretor, furioso quando soube que nossa andança era *preventiva*, só ia dispor de capital *mais à frente* [...]” (RUFFATO, 2009, p. 34 – grifos no original).

Seu caráter relativamente expansivo, conversador, fazia com que compartilhasse esse seu otimismo com pessoas que, inclusive, mal conhecia, como na passagem, que já citamos, em que começa a contar toda a sua vida e seus planos para a moça do balcão de informações do aeroporto: “[...] e meu pensamento de trabalhar, firme por um tempo, ganhar bastante dinheiro e voltar pro Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda [...]” (RUFFATO, 2009, p. 40).

Esse seu otimismo às vezes ficava abalado. Tristeza, dúvida e medo abatiam-se sobre ele. Significativo é o momento em que, antes de conseguir o seu emprego no O Lagar do Douro, com as suas reservas esvaindo-se, chega a pensar no suicídio. Mas, tão logo consegue o trabalho, emerge novamente o seu grande otimismo:

Como o salário era bom, retomei os planos de, descontada a *pensão* pra Noemi e pro Pierre, economizar ao máximo pra ir embora logo, comprar umas casas em Cataguases, viver de aluguel, fazendo nada o dia inteiro, subindo e descendo a rua do Comércio, sentar na praça Rui Barbosa pra conversar fiado, jogar porrinha, ver o mulhério desfilar, o povo, ensardinado dentro dos ônibus, respeitoso, me cumprimentar, Boa tarde, Serginho, Serginho não, seu Sérgio, Boa tarde, seu Sérgio, não, não, Doutor Sérgio, Boa tarde, Doutor Sérgio, quem sabe candidatar a vereador, entrar pro Rotary ou pro Lions, virar gente importante, frequentar o Clube do Remo, aparecer na coluna social do Cataguases, abrir um negócio pro Pierre, um *sacolão*, se ele quisesse, ou então uma lâ-rause, que parece que está dando dinheiro agora, mas emantes eu tinha que melhorar meu desempenho. (RUFFATO, 2009, p. 57 – grifos no original)

Sheila, migrante brasileira por quem Serginho nutre um afeto, é uma garota de programa. Apesar de mais experiente que Serginho em termos de migração, também nutre expectativas otimistas sobre sua experiência migrante. Em seus diálogos com Serginho ficamos sabendo um pouco dos seus sonhos:

[...] ela falou, ‘Serginho’, preciso juntar muito dinheiro porque quero aparecer em Riverlândia por-cima-da-carne-seca, engranada, mandando e desmandando, pra mostrar pros maiores ‘Que sou uma pessoa decente’, tanto quanto as mulheres de lá, ‘Até mais’, se bobear, ‘Porque eu tive que vir pra Europa fazer a vida’, sem opção, ‘E muitas daquelas madames lá enganam os maridos porque são é umas sem-vergonha’, e derramou a chorar, amorrinhada [...]. (RUFFATO, 2009, p. 69)

Há outros elementos em sua fala que justificam esse seu desejo de ascender socialmente, como a vontade de superar uma imagem negativa que seus conterrâneos podem ter sobre ela. De qualquer forma, há um paralelo em sua crença de que será bem sucedida em seu intento.

Sobre o tópico do otimismo, pensamos que vale a pena mencionar uma fala de seu Almeida, agiota que empresta dinheiro para Sheila e que toma como garantia o passaporte de Serginho:

Mas graças a Deus, ‘E aos meus esforços’, consegui amealhar uns poucos haveres, ‘E posso’ dedicar a socorrer as pessoas, ‘Não fosse eu, meu querido’, vários colegas, brasileiros, angolanos, guineenses, moçambicanos, cabo-verdianos, são-tomenses, estariam na miséria, ‘Porque muitos deixam’ a situação de penúria, dão a volta por cima, transformam desespero em desafio, ‘Os imigrantes’ muito mais empreendedores que os europeus [...]. (RUFFATO, 2009, p. 76)

É difícil rastrear a origem do otimismo do migrante. Poderíamos especular que é um misto de uma disposição interna, com histórias de sucesso que ouve, notícias de jornal – as poucas positivas, mas que chamam atenção, numa espécie de viés de confirmação –, etc. Isso não parece ser muito explorado no caso de Serginho, salvo as orientações e o incentivo dados pelo seu Oliveira, que nos parece muito pouco para sustentar qualquer mínimo otimismo. No entanto, falas de outros migrantes, tomados em primeira mão, como a de seu Almeida, podem ter um efeito mais poderoso sobre o migrante, ainda que seja pura mentira, ou “argumento de vendedor”, já que o que ele queria era “vender o seu empréstimo”.

Constatamos assim que o otimismo do migrante, apesar de natural e desejável, carece de fundamentação. As personagens migrantes deslocam-se até um país estrangeiro desconhecido; praticamente não têm contato prévio algum – no caso do protagonista –, nem promessa de emprego; não conhecem pessoalmente nenhum outro migrante que tenha voltado bem sucedido, ainda que isso seja altamente questionável; ele mesmo não tem experiência migratória anterior; não pesquisa em

outras fontes, possíveis dificuldades que tal empreendimento pode implicar; e a lista de motivos para duvidarmos de um provável sucesso poderia se alongar mais ainda.

Todos os elementos que apontamos neste capítulo visam a apresentar as várias nuances que a ampla categoria ingenuidade apresenta em *Estive em Lisboa...*. Cada uma delas vai paulatinamente acrescentando uma camada na ideia da ingenuidade, que defendemos ser o traço mais marcante ao longo de toda a obra.

Como vimos nos autores que discutem a noção de ingenuidade, com destaque para Schiller (1985) e Adorno (2003), essa categoria evoca principalmente uma atração pelo que é primordial. Por primordial eles parecem se referir especialmente à natureza e ao que é antigo, e em consequência mais simples, menos elaborado. Nesse sentido, os subitens que elencamos mostram-se, ao nosso ver, bastante pertinentes: infância, tutela, ausência de malícia, carência afetiva, provincianismo, alienação e otimismo.

Quando pensamos na infância, a noção de primevo, de primeira momento da vida é evidente. Estamos cientes de que a ideia que temos atualmente de infância é uma construção social elaborada ao longo de nossa trajetória histórico-social e que variou ao longo do tempo, como bem nos informa Ariès (1981). Ainda assim, parecemos inescapável a associação da infância com a ideia de tempo anterior, que precede as demais: idade adulta e idosa e, logo, com a ideia mais ampla de ingenuidade. A ideia de infância em si, certamente, não implica nenhum problema. Suas características quando observadas em indivíduos com idade compatível são naturalizadas e incentivadas. O problema parece acontecer quando a testemunhamos em um indivíduo mais velho.

É justamente a disparidade entre um comportamento esperado para uma certa fase da vida em outra que é trabalhado esteticamente na obra, em especial em seu protagonista. Como mostramos, Serginho apresenta traços tipicamente infantis: tem um apelido infantilizado; é submisso a figuras de autoridade; e desconhece o mundo, por não ter experiência. Os demais traços da ingenuidade de que tratamos também guardam algum paralelo e alguma proximidade com a questão da infância presentes em Serginho.

O segundo subitem, tutela, por exemplo, é um dos que mais se ligam à noção anterior de infância, já que há uma implicação entre ambos. O indivíduo quando muito jovem carece de maiores cuidados, já que para muitas atividades ainda não dispõe das habilidades necessárias para se mover de maneira autônoma no mundo.

Há na forma como é trabalhada na obra uma proximidade com o que também poderíamos chamar de paternalismo. Uma vez mostrando-se incapaz de resolver seus próprios problemas, ou ser mais ativo na resolução de suas próprias demandas, Serginho está constantemente na dependência de que um outro o ajude.

Assim como no subitem anterior, causa estranhamento o fato de que um indivíduo adulto ainda precise dessa figura tutora, paternal, de alguém que aja em seu favor. Mais uma vez reforçamos que esses traços em si não são um problema, mas apenas quando se apresentam, deslocados, em certos indivíduos mais velhos.

Serginho precisa: de alguém para lhe indicar o caminho; que lhe sugira que decisões tomar, as quais acatará sem se opor; ensinar como operar em determinadas situações sociais, etc. A personagem do doutor Fernando, médico que o orienta como proceder no processo de tratamento da dependência do cigarro, é uma dessas figuras entre tantas outras. No estrangeiro, por exemplo, são outros migrantes mais experientes que vão atuar ocupando essa função.

A sua incapacidade de perceber o mal, sua falta de prudência, enfim, sua ausência de malícia é o subitem terceiro que destacamos. Colado a esta ideia está a sua autoimagem positiva. Segundo Gikovate (2014), o indivíduo ingênuo geralmente é alguém altamente egocentrado, tão preocupado consigo mesmo, sendo, inclusive, e por causa disso, alguém incapaz de atuar de forma empática com um outro. Sendo ele mesmo alguém bondoso, que não faz o mal para os outros e, ao mesmo tempo, centrado em si mesmo, não imagina que as outras pessoas sejam capazes de fazê-lo.

Isso parece muito coerente com a forma como Serginho atua ao longo da obra. Preocupado com sua autoimagem, que o tratem com respeito e admiração, confirmam seu autocentramento e, logo, sua dificuldade em se pôr no lugar do outro, inclusive para prever um possível prejuízo.

A partir de tal panorama, não é difícil notar como Serginho depende que o considerem de forma positiva e tenha sempre alguém ao seu lado. O seu afeto, que se constrói numa velocidade incrível, é percebido em muitas instâncias de suas relações sociais, mas especialmente, no que podemos chamar de amorosas. As muitas namoradas que diz ter tido são prova incontestante desse traço, e, somado a isso, lembramo-nos das elucubrações mentais que faz ao conhecer uma prostituta, a quem chama de “alemoa”. Ele já se vê casado com ela e todos no Brasil, uma vez tivesse voltado, invejosos de ele estar com uma mulher tão bonita. O mesmo se passa com

Sheila. Mesmo não havendo nada de concreto em termos de relação amorosa, seus planos são os mesmos: casamento, ainda que mal a conhecesse.

Outra característica marcante da ingenuidade é sua associação com a ideia de provincianismo. Sendo natural de uma cidade do interior do Brasil, Cataguases, em Minas Gerais, a caracterização desse espaço, o comportamento de seus habitantes, e do próprio Serginho, vão traçando as linhas que conformam o seu provincianismo. A sua admitida falta de traquejo e experiência anterior em cidades grandes o denunciam. Sugestiva, por exemplo, é a passagem em que vai pegar sua bagagem no aeroporto em Lisboa e fica chateado de ter sido obrigado a despachá-la e pegá-la toda “machucada”, segundo ele. Essas atividades que, em certos contextos, podem ser tidas como triviais entregam sua origem provinciana e, muitas vezes, é matéria para tensões com indivíduos de origem, ou experiência, mais urbanizada.

Apesar de haver alguma consciência por parte do protagonista em relação à sua situação miserável, já que é ela mesma que o motiva a tentar a migração como forma de revertê-la, há uma certa limitação em seu entendimento sobre as causas daquilo que lhe sobrevém. Apesar da realidade ser composta por múltiplos elementos e não ser possível rastrear com precisão a causalidade de cada evento pelo qual passamos, espera-se um mínimo de coerência nessa atribuição. Não é isso, porém, que parecemos ver em Serginho. Ele parece ignorar, seguidamente, muitas razões concretas que explicariam, em grande medida, as dificuldades pelas quais ele passa. Falta-lhe um olhar muitas vezes mais cruento sobre a realidade, mas por isso mesmo mais fidedigno a essa mesma realidade.

O último subitem que constatamos como compoendo a ingenuidade do protagonista é o seu otimismo injustificável. Ansiar e sonhar com um futuro melhor é legítimo e não há nada de equivocado em nutrir tal sentimento. Parece-nos, no entanto, incongruente esperar que tais anseios concretizem-se sem um mínimo de amparo na realidade. Por congruência, referimo-nos a um planejamento minimamente articulado e elaborado: com algumas etapas definidas; contatos confirmados; contrato de emprego – no caso de um migrante – estabelecido previamente; exemplos de outros migrantes bem-sucedidos com quem tenham conversado em primeira mão e se aconselhado; e, isso, para dizer o mínimo. Nada disso, porém, se verifica na trajetória de Serginho. Suas expectativas não têm um suporte concreto. Não há elementos que as justifiquem, tornando o seu otimismo, portanto, vazio.

Nos próximos capítulos trataremos de dois *topoi* que, no nosso entender, se distinguem da ingenuidade, mas estão, em grande medida, articulados a esta: um certo pensamento mágico e uma antítese entre a noção de progresso e decadência.

2 PENSAMENTO MÁGICO

Neste capítulo, evocamos a noção de pensamento mágico como um elemento marcante na construção de *Estive em Lisboa...* Por tal noção, referimo-nos às menções a componentes que implicam crenças descoladas da materialidade, da concretude. Provavelmente o item em que percebemos mais claramente essa questão é a religião, e a obra está recheada de alusões a ela.

Atualmente é ponto pacífico que aquilo a que chamamos de ciência, baseada especialmente em métodos rigorosos, e principalmente empíricos, associados majoritariamente às ditas ciências duras, possui maior prestígio e credibilidade, mas nem sempre foi assim. Costuma-se dizer que, para atingirmos o atual “ponto de civilização”, foi preciso passarmos por outros estágios anteriores, que ainda que menos desenvolvidos tiveram e têm sua importância. Geralmente elenca-se: o mito e a filosofia. Eles estão dispostos exatamente nessa sequência: mito, filosofia e ciência. O primeiro deles, o mito, ainda que, comparativamente com seus sucessores, não seja tão racional, e definitivamente não amparado em observações, possui o mérito de ter sido o primeiro esforço em se elaborarem explicações sobre o mundo e seus fenômenos. Há um deslocamento, de mero espanto e medo, para uma posição de se atribuírem nomes e razões ao que se percebe no mundo. Já o segundo, a filosofia, supera sua anterior na medida em que não mais se contenta em aceitar explicações que careçam de razoabilidade e de um mínimo de observações. E o terceiro estágio, o atual, da ciência, implica uma postura, das três, de maior desenvolvimento tecnológico e conhecimento do funcionamento do mundo. Percebemos, portanto, um crescente em termos de aprofundamento do saber, mas também de um afastamento da relação primeva com a natureza: quanto mais antigo, e mais próximo da noção e postura mítica, maior a relação com a natureza e no seu oposto, mais distante desta.

2.1 Destino/azar

Como a própria divisão da obra sugere, a questão do protagonista ter parado de fumar é central em sua argumentação enquanto narrador. Ele sustenta que a explicação para o estado miserável em que se encontra, que compreende o período de tempo de aproximadamente seis anos e meio, coincidente com o início de seu tratamento contra o vício, é ter parado de fumar: “Mas foi parar de fumar, e as coisas

degringolaram na minha vida [...]” (RUFFATO, 2009, p. 21). Todas as sucessivas situações ruins pela qual passa é, de maneira mais direta ou não, associada ao fato de ter parado de fumar.

Ainda que o termo “destino” seja relativamente pouco empregado, ao todo quatro vezes, uma no poema de Miguel Torga, que serve de epígrafe (RUFFATO, 2009, p. 11), e três vezes propriamente no corpo da obra, a noção está subjacente. O protagonista a usa ao se referir a si mesmo: “[...] e, mesmo que sobrepairasse uma ânsia, será, meu Deus, que é esse mesmo o meu destino?, tarde demais pra pestanejar” (RUFFATO, 2009, p. 35); ao seu vizinho no hotel onde morava em Lisboa: “[...] e me vinha à cabeça o destino do Baptista Bernardo, vizinho de parede, escravo de uma muleta *compensatória* da perna esquerda [...]” (RUFFATO, 2009, p. 54 – grifo no original); e ao reportar um trecho da trajetória da Sheila: “[...] e por lá entatuzaram, os irmãos, na medida em que encorpavam, engajavam nas lides roceiras, destino agravado para ela mesma [...]” (RUFFATO, 2009, p. 64); e a expressão “como a-deus-é-servido”, ainda sobre Sheila, destaca-se por evocar um sentido semelhante:

[...] e os olhos enchiam água, mas as coisas não eram fáceis, morava de pensão, até de-boca passava dificuldades, depois, quando virou atendente numa loja de roupa chique no Shopping Flamboyant e pôde dividir o aluguel de uma quitinete com uma colega, abandonou de vez aquela aspiração besta de entrar na faculdade, e durante alguns anos viveu como *a-deus-é-servido*, até que soube, por uma conhecida, de moças recrutadas pra Espanha, e a ideia passou a atentar ela, pensar no amanhã, viver uma temporada por lá, juntar dinheiro, voltar, estabelecer em Goiânia, um teto pra morar, um plano de saúde [...]. (RUFFATO, 2009, p. 66 – grifo no original)

Ou seja, tanto ao pensar a sua própria trajetória, quanto a de outros migrantes com quem toma contato, a lógica explicativa para o que lhes acontece é guiada pela noção de destino, de causalidade que extrapola razões concretas, palpáveis e observáveis.

Apresentamos a seguir alguns eventos no curso da vida das personagens, tanto do protagonista quanto de outras personagens migrantes, que apontam para a ideia de serem consequência de motivos não definíveis, salvo se forem atribuídas puramente ao azar, à má sorte. Quando Serginho estava fazendo ainda uma primeira apresentação sobre si mesmo e sua família, ele conta sobre um tio que teria falecido, segundo ele, no que se refere à forma como morreu, por “ironia”: “[...] meu tio Zé-Carlim, irmão caçula da minha mãe, fanático por automobilismo, e que, por ironia, morreu cedo, nem trinta anos, no trevo de saída pra Ubá, única vítima da batida entre

um ônibus da linha Belo Horizonte-Muriaé e o Chevette do seu Lino [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 16-17).

Outros eventos na vida de Serginho que são enfatizados por ele, ainda na primeira parte, são: o fato da Noemi ter engravidado e apresentado posteriormente, pelo menos de forma mais intensa, problemas psicológicos: “Por azar, engravidou justo a Noemi [...]” (RUFFATO, 2009, p. 22); sua mãe ter falecido: “[...] mulher incapaz de molestar uma mosca e que nunca queixou de uma dor-de-cabeça, uma dor-no-corpo, um resfriado, nada, veio o enfarte, pum!, estatelou dura” (RUFFATO, 2009, p. 24); ele ter perdido o emprego: “Eu vivia tão desacorçoado que não rendia mais na fábrica: as faltas e a desatenção me cortaram a carreira, e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe” (RUFFATO, 2009, p. 25), entre outros eventos ruins. Embora reconheça que o falecimento de sua mãe provavelmente estivesse relacionado aos desentendimentos com a família de sua esposa, e que a perda de seu emprego explicava-se pelo seu baixo rendimento no trabalho, a raiz desses eventos continua a ser, de acordo com a perspectiva dele, o ter deixado de fumar, o que iniciou uma série de eventos encadeados que levaram a cada um desses eventos ruins.

Na segunda parte, quando já estava em Lisboa, Portugal, destaca-se a perda de seu passaporte:

Esperançosa, a Sheila sacou da bolsa o passaporte e apresentou pro Senhor Almeida, que, sem pestanejar, rejeitou, desdenhoso, ‘Insuficiente’, ‘Insuficiente?’, ela como que desfaleceu. Ele então voltou pra mim, deliberativo, e eu, pego de surpresa, afobei, e, mesmo adivinhando que deslizava barranco abaixo, gaguejei, ‘Se... o caso... é... sério...’, e, de pé, desajeitado, tratei de resgatar o meu próprio documento, disfarçado por debaixo da calça, numa cinta abraçada no quadril, junto da cueca, enquanto a Sheila lamuriava, ‘Não, Serginho, não é justo, não é justo’. Já arrependendo, mas sem como voltar pra trás, perguntei, ‘Isso contenta o senhor?’, e o Senhor Almeida, já agora esvaziado da minha simpatia, levantou da poltrona, carregou, acompanhado do Kilape, os dois passaportes pra um cômodo afastado, e de lá gritou, satisfeito, ‘Agora sim, **caraças!**’. (RUFFATO, 2009, pp. 76-77 – grifo no original)

Uma outra passagem simbólica de eventos azarados vividos por Serginho é a perda de cinco euros quando o Lopes Garcia gritava palavras de ordem, em tom aloucado, em frente a uma igreja: “[...] tentei reaver meu dinheiro pra ir embora, mas aí apareceu a polícia, agravou a confusão, estalou o empurra-empurra [...]” (RUFFATO, 2009, p. 80). E um último exemplo de Serginho arremata os seus casos com a lembrança de uma fala do Ivan Cachorro Doido: “Pra piorar, como dizia o Ivan

Cachorro Doido, o azar é que-nem urubu, só ataca em bando [...]” (RUFFATO, 2009, p. 81), referindo-se ao que lhe aconteceria em seguida, a perda de seu emprego no O Lagar do Douro.

Dos eventos acontecidos com seu Carrilho e reportados por Serginho que também apontam na mesma direção, do azar, destaca-se o péssimo tratamento recebido pelo seu tio quando ele veio para o Brasil: “[...] um irmão da mãe recebeu ele em Santos, começou a trabalhar, três horas da manhã o tio acordava ele, arrancando a coberta no frio, estapeando no calor, pra amassar o pão e depois atender os clientes, todos os dias, sábados, domingos e feriados [...]” (RUFFATO, 2009, p. 47). Outro evento vivenciado por seu Carrilho foi quando depois de muito tempo morando no Brasil, já viúvo e com filhos crescidos, decidiu viajar a passeio na Europa. Quando do seu retorno, descobriu que fora enganado por aqueles que ficaram cuidando de seu negócio: “[...] algum tempo depois de retornar, descobriu, apavorado, que o tal **patrício**, mancomunado com seu genro, tinha dado um desfalque, e que estava falido” (RUFFATO, 2009, p. 49 – grifo no original).

O fracasso e os eventos ruins que acometem os migrantes são pensados e justificados em razão do azar, de uma causalidade imprecisa como o destino, quando para quem observa com um pouco mais de afastamento, parecem nítidas razões bastante concretas, como as explorações e má-fé de outros indivíduos com quem tomam contato, além da própria estrutura social a qual estão submetidos.

2.2 O mito da Caipora/Curupira

Conforme já apontamos até aqui, a questão da prática de fumar ocupa um lugar central em *Estive em Lisboa...*. Ocorreu-nos, portanto, ao pensarmos que a questão do azar é fortemente evocada ao ser associada ao momento em que o protagonista para de fumar, que ela dialoga, numa espécie de intertexto, com o relato mítico/lendário da Caipora/Curupira, muito presente em todo o território brasileiro.

Ao tratarmos desta questão, é incontornável recorrermos a Camara Cascudo, tido como o principal folclorista brasileiro. Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (s/d), nos verbetes sobre o “Caipora” e o “Curupira”, que diferem um pouco entre si, mas fazem-nos crer serem variações de um provável mesmo ser mítico, temos, grosso modo, a descrição de um ser essencialmente ligado à natureza e que a protege. Cascudo diz: “Caipora. É o Curupira tendo os pés normais. De *caá*, mato, e *pora*,

habitante, morador” (s/d, p. 223) . E, em outra passagem complementa: “De defensor de árvores passou a protetor da caça [...]” (p. 223). Tal característica o liga de maneira inerente à natureza. O próprio nome desse ser mitológico evoca essa questão. Ela está muito presente. Dessa maneira vemos uma ligação evidente com o que tanto Schiller (1985) quanto Adorno (2003) relacionam com a ingenuidade, ou seja, um retorno à natureza.

É muito conhecida a expressão popular que associa a pessoa que fuma muito a esse ser mitológico: “fulano fuma igual a uma Caipora”, e que encontra amparo na compilação do folclorista: “Por todo o nordeste do Brasil duas imagens verbais pintam o duende: fumar como o Caipora e assobiar como o Caipora” (CASCUDO, s/d, p. 224). Logo no início da obra, o próprio narrador protagonista nos diz: “[...] se eu continuasse consumindo quase dois maços por dia, logo-logo ia contrair uma doença grave, um efisema, um câncer [...]” (RUFFATO, 2009, p. 15), o que deixa claro a grande quantidade de cigarros que consumia diariamente.

De acordo com o relato mítico, o Caipora/Curupira exige dos caçadores certas oblações, tendo destaque a cachaça e o fumo. De acordo com Cascudo (s/d, p. 332), os índios costumam deixar certos objetos em oferenda ao Curupira como forma de serem favorecidos e não prejudicados por ele. Aqueles que não o fazem sofrem consequências por isso: “Quem a encontra fica infeliz nos negócios e tudo quanto empreender. [...] Engana os caçadores que não lhe trazem fumo e cachaça [...]” (CASCUDO, s/d, p. 224). Por extrapolação, podemos dizer que o caçador é aquele que está em busca de algo, daí ser possível associar a figura do migrante com a do caçador, como Serginho, e que está sujeito às ações do Caipora/Curupira, metaforicamente, ao ser infligido pelo azar tão logo deixa de fumar.

Talvez um dos traços mais marcantes desses seres mitológicos é a sua capacidade de fazer com que os seus desafortunados percam a noção de direção. Em alguns trechos dos verbetes de Cascudo lemos: “Demônio da floresta, explicador dos rumores misteriosos, desaparecimento de caçadores, esquecimento de caminhos, pavores súbitos, inexplicáveis [...]” (p. 332); em outra passagem, conferimos a seguinte colocação: “[...] engana caçadores e viajantes, fazendo-os perder o rumo certo, transviando-os dentro da floresta, com assobios e sinais falsos [...]” (p. 333); e, em uma última passagem, conferimos: “Pune com a morte ou o abandono, equivalente a fome fatal, os que esquecem os pactos” (p. 333).

Tal caracterização da Caipora/Curupira, em especial a sua predileção pelo fumo e sua capacidade de punir com a desorientação aqueles que a privam do fumo, é suficiente para defendermos o paralelo com *Estive em Lisboa...* Serginho, ao dizer que passa por uma fase ruim em sua vida e que ela está inerentemente ligada, como causa, ao fato de ter parado de fumar, assume uma crença semelhante aos prejuízos que esses seres mitológicos costumam infligir: ele para de fumar; não sabe o que fazer; decide, sem muita razão, migrar; e sofre, repetidamente, situações que ele classifica como azar, além de se sentir desorientado, muitas vezes com fome e abandonado. A sua desorientação é tanto pelo seu deslocamento migratório como um todo, o seu deslocar entre nações, sendo percebido também em seus deslocamentos na cidade de Lisboa, em sua prática de *flaneur*, quer sozinho, quer acompanhado de Sheila, mas principalmente de sua própria vida. Essa dimensão simbólica é demasiadamente forte para ignorá-la.

Apesar de estarmos analisando *Estive em Lisboa...*, ocorrem-nos alguns outros textos ficcionais que podem nos ser úteis para pensarmos como os aspectos de noção de destino e azar são tratados literariamente e parecem fornecer paralelos com esta obra. Referimo-nos a dois contos de Machado de Assis: *O rei dos caipora* (1870)¹³ e *Último capítulo* (1884).¹⁴ Em ambos os contos, a questão do azar, em especial com o emprego tanto do termo – desde o título em um deles – quanto da noção de caiporismo, está muito presente.

Sobre *O rei dos caipora* podemos sintetizar seu enredo da seguinte maneira: a personagem principal, João das Mercês, é um sujeito extremamente azarado desde que nasceu. Sua mãe morreu de parto; teve sete amas de leite porque sempre acontecia algum problema com a anterior; é expulso de casa pelo pai; perde a namorada por implicância do pai; sofre um golpe de um estelionatário – sócio do armarinho; seu bilhete da loteria premiado é roubado; perde empregos; tenta se suicidar e é resgatado; sua noiva velha e rica morre antes do casamento e antes de fazer o testamento, ou seja, é uma vida de infortúnios do início ao fim. A semelhança com Serginho é notória.

A primeira frase do conto é marcante: “Os acontecimentos humanos são regidos por um destino cego e caprichoso?” (s.p.). Ela marca o tom dos acontecimentos que se darão na sequência e das reflexões do narrador

¹³ Esta data refere-se à publicação original.

¹⁴ Esta data refere-se à publicação original.

heterodiegético. Ele diz, por exemplo: “A filosofia diz que os homens dependem de si [...]” (s.p.), estabelecendo, assim, a oposição entre acreditar que o que sobrevém aos indivíduos não tem uma causa certa ou se são consequências e responsabilidade desse mesmo indivíduo.

No embate para definir causalidades, especialmente quando o indivíduo está vivenciando uma série de eventos ruins, o narrador reflete: “A filosofia é uma boa senhora, e o vulgo é um sujeito prático; seria parcialidade inclinar-me a qualquer deles. Atento-me a ambos” (s.p.). Ele diz que esse homem vulgo é um sujeito prático, como se isso fosse uma virtude. Mas é justamente essa sua praticidade que o leva a raciocínios apressados e muitas vezes equivocado sobre as coisas em geral, e sobre suas causalidades em particular. Nesse sentido, há um paralelo com Serginho. Este é um homem vulgo, porque, em sua pressa a atribuir causalidade a elementos sobrenaturais, não materiais, quer sejam as suas próprias ações, quer sejam os elementos estruturais da sociedade, equivoca-se.

O narrador diz sobre o conto: “O que vou contar alude a esta questão de fatalidade e destino. O vulgo inventou uma palavra para indicar a fatalidade de um homem; chama-lhe Caiporismo. Os dicionários ainda não trazem o termo, mas ele corre já pelas salas e ruas e adquiriu direito de cidade” (s.p.).¹⁵ Chama a atenção o fato de ter sido esse homem comum o criador desse termo: caiporismo. Ele não diz, mas podemos inferir que se deve à relação com o ser mitológico a quem se atribui a causa de reveses – azar –, ainda que haja uma motivação por parte deste: o descumprimento de pactos e a falta de oferenda conforme já vimos.

Para cada evento azarado que João das Mercês vivencia, há algum tipo de reflexão no sentido de explicar as razões para que isso tivesse acontecido. Um exemplo claro disso é quando se refere à qualidade do leite de suas amas: “Parece que esta variedade de leite e de amas influiu poderosamente em João das Mercês” (s.p.). Ainda que não seja uma explicação mística, caminha no sentido de explicações pouco plausíveis, do tipo ingênuo, mítico. É forçoso não lembrar Serginho tentando explicar que a Karina, sua namorada, o traiu porque o outro rapaz tinha uma moto

¹⁵ Há uma nota no *site* onde se encontra este conto que trata sobre a afirmação do termo “caiporismo” não ser dicionarizado à época: “Segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, há registro do termo ‘caipora’ (na variante ‘caapora’) desde 1767; do termo ‘caiporismo’, desde 1865. Sendo o conto de 1870, é bem plausível que, nos dicionários acessíveis a Machado de Assis, o substantivo ‘caiporismo’ não estivesse consignado” (s.p.). Disponível em: https://machadodeassis.net/texto/@id/39114/comment_id/39121. Acesso em: 14 jun. 2022.

melhor, ou que Noemi tenha engravidado “por azar”, e não porque eles não tomaram nenhuma medida contraceptiva.

João das Mercês experimenta eventualmente momentos que não parecem ser de azar, mas isso gera uma expectativa que, a partir daquele ponto, as coisas vão melhorar provocando uma postura ilusória: “Aqui temos, em duas palavras, a nova família de João das Mercês. Sabendo com que amor o tratavam, o nosso João imaginou que ia levar uma vida regalada. Infelizmente foi ilusão que durou pouco” (s.p.). A ideia de “ilusão” é interessante porque evoca uma ideia de cisão do sujeito com a realidade, muito semelhante entre ambos os protagonistas considerados: João das Mercês e Serginho, que passam a nutrir um otimismo sem fundamento, ou pelo menos muito frágil.

O outro conto de Machado de Assis a que nos referimos anteriormente, *Último capítulo* (1884), e que nos permite pensar alguns paralelos, tem, resumidamente, o seguinte enredo: a personagem principal, Matias Deodato de Castro e Melo, inicia dizendo que há um costume excelente entre os suicidas que é o deixar bilhetes. Ele pretende se suicidar e vai fazer o mesmo. O conto é esse bilhete, que nada mais é do que a exposição dos motivos que o levaram a tomar essa decisão. Basicamente, então, é uma espécie de autobiografia, resumida, com destaque para os revezes da vida, que são os principais motivos para se suicidar.

O protagonista, que é o narrador também, enxerga-se a ele mesmo como um azarado, um caipora: “[...] tendo sido caipora em minha vida toda [...]” (s.p.) e “Repito, sou um grande caipora, o mais caipora de todos os homens” (s.p.). Ele não só se acha azarado como se acha o mais azarado de todos os homens, de maneira muito semelhante às outras personagens. Na sequência, ele conta que quando criança lhe aconteceu o que diz o ditado popular: “cair de costas e quebrar o nariz”, o cúmulo da falta de sorte: “O cônego Brito, de tarde, ao ir tomar guaraná conosco, soube do episódio e citou o rifão, dizendo que era eu o primeiro que cumpria exatamente este absurdo de cair de costas e quebrar o nariz. Nem um nem outro imaginava que o caso era um simples início de cousas futuras” (s.p.). A parte final desta passagem em que ele diz que aquilo era o “início de cousas futuras” revela a ideia de que aquilo era como um presságio de seu destino inescapável de azar.

De forma semelhante ao João das Mercês, mesmo eventos que poderiam ser tidos como exceção à sua vida repleta de azar, revelam-se como motivadores de mais eventos azarados: “Não me digam que isto foi uma exceção na minha vida caipora,

porque o diploma acadêmico levou-me justamente a coisas mui graves; mas, como o destino tinha de flagelar-me, qualquer que fosse a minha profissão, não atribuo nenhum influxo especial ao grau jurídico” (s.p.).

Sobre o fato de ter se formado em direito – em tese algo positivo –, o protagonista comenta: “Obtive-o com muito prazer, isso é verdade; a idade moça, e uma certa superstição de melhora, faziam-me do pergaminho uma chave de diamante que iria abrir todas as portas da fortuna” (s.p.). Ao mencionar sua formação jurídica nesse trecho, chama-nos a atenção o emprego de termos como: “superstição” e “fortuna”. O primeiro remete às noções de crenças no azar e na sorte, e a segunda, em que existe uma força invisível, que alguns chamam de destino, responsável pelo que acontece na trajetória de um indivíduo, que pouco ou nada pode fazer. Esses elementos estão muito presentes nesse conto, quando não explícitos com o emprego desses termos, implícitos nas ações e falas das personagens.

Outra semelhança paralela com *Estive em Lisboa...* e que dialoga diretamente com este nosso capítulo é a menção a elementos de religiões sistematizadas, como o catolicismo. Em certa ocasião ele diz: “E, no meu atordoamento, blasfemava comigo: ‘Deus é um grande invejoso; não quer outra eternidade ao pé dele, e por isso desmentiu a viúva; nem outro dogma além do católico, e por isso desmentiu o meu amigo’. Era assim que eu explicava a perda da namorada e dos cinquenta mil réis” (s.p.). Apesar de dizer contra a divindade em que acredita, resta-lhe a consciência que isso implica estar cometendo uma falta e, daí, dizer que era uma blasfêmia. De qualquer maneira, ele está atribuindo a essa mesma divindade a causalidade daquilo que lhe ocorre e confessa isso ao dizer que era a forma como explicava aqueles fatos.

Mesmo o deslocamento de um lugar para outro não garante que o protagonista livre-se do seu suposto azar: “O caiporismo foi comigo, na garupa do burro, e onde eu me apeei, apeou-se ele também. Vi-lhe o dedo em tudo, nas demandas que não vinham, nas que vinham e valiam pouco ou nada, e nas que, valendo alguma cousa, eram invariavelmente perdidas” (s.p.). Esta passagem revela como a personagem acredita que o tal “caiporismo” está tão impregnado nele que não importa para onde ele vá, ela lhe acompanha. É como uma força contra a qual não pode lutar. Como temos defendido, tratar-se muitas vezes de consequências dos próprios atos do dito azarado, parece-nos evidente que realmente o acompanhará para onde quer que vá, caso não mude suas atitudes. Se pensarmos que a fase azarada de Serginho é mais

aguda em Portugal, não podemos deixar de lembrar que ela se inicia ainda no Brasil. Não se trata do lugar, ou pelo menos não apenas.

As ações de outras personagens com quem os nossos protagonistas interagem e que têm relação direta com os ditos eventos de azar são marcantes nas narrativas. Matias, ao referir-se ao seu amigo Gonçalves, diz:

Este Gonçalves era o espírito menos jurídico, menos apto para entestar com as questões de direito. Verdadeiramente era um pulha. Comparemos a vida mental a uma casa elegante: o Gonçalves não aturava dez minutos de conversa do salão, esgueirava-se, descia à copa e ia palestrar com os criados. Mas compensava essa qualidade inferior com certa lucidez, com a presteza de compreensão nos assuntos menos árduos ou menos complexos, com a facilidade de expor, e, o que não era pouco para um pobre diabo batido da fortuna, com uma alegria quase sem intermitências. (s.p.)

Chama a atenção esta passagem pela forma como Matias descreve seu amigo Gonçalves, basicamente como alguém pouco inteligente. No entanto, como ficamos sabendo à frente, é este mesmo amigo “bobo”, junto de sua mulher, que, segundo Matias, também é apática, que vão lhe trair, inclusive tendo como consequência a gravidez dela. Esse traço, do ingênuo/azarado, de muitas vezes achar que um determinado indivíduo é bobo, quando na verdade é ele quem está sendo, é semelhante em Serginho, que também manifesta fortemente esse traço de caráter, ao se achar esperto, inteligente, bilíngue, entre outros atributos positivos. Eles têm uma postura extremamente confiante em si mesmos.

Acreditamos que essas poucas considerações sobre os dois contos de Machado de Assis, que tematizam enfaticamente a noção de azar e destino, dialogam com *Estive em Lisboa...* e, a nosso ver, ajuda-nos a pensar essas nuances da obra.

Precisamos fazer menção, na sequência, do aspecto religioso, que de alguma forma também se vincula às crenças naquilo que não é material. O aspecto religioso, como veremos, está fortemente assinalado na obra.

2.3 Religiosidade

A obra, como um todo, apresenta, ora patente, ora latente, o aspecto religioso. A caracterização do protagonista narrador, Serginho, deixa isso claro. Não há, no entanto, exclusividade de uma religião, havendo, porém, maior ênfase ao catolicismo. Lembramo-nos do que ele diz sobre sua mãe quando seu sogro lhe obriga a casar:

“[...] ciosa de decoros e honradezas (Irmã de Maria) [...]” (RUFFATO, 2009, p. 22). Constatar que sua mãe era religiosa e coerente com uma certa ética religiosa, bem como a postura obediente dele, nos faz entender como essa questão norteia a visão de mundo da personagem.

Uma passagem significativa, que também demonstra seu otimismo, é: “[...] como certa cigana arranchada na Rodoviária constatou nas cartas, e a Mãe Célia, que *baixava* na progenitora da Irineia, uma das minhas namoradas, avalizou nos búzios” (RUFFATO, 2009, p. 25 – grifo no original). Nesse último trecho, percebemos elementos de espiritismo, do oráculo cigano e de religiões de matriz africana. Quando se iniciaram as desavenças entre sua mãe e sua sogra, lemos: “[...] punha olho-gordo na hortinha [...]” (RUFFATO, 2009, p. 24). São elementos de ordem sobrenatural, mística, que lhe fornecem muitas vezes uma visão positiva sobre a vida e sua provável trajetória futura.

Ainda sobre o espiritismo, lemos em outra passagem:

[...] além do quê, parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde entrava, tratavam ela mal, aos **chutos e pontapés**, como se portasse **sida**, ou lepra, e então, conformada, recolhia no seu canto, e é isso que me deixa cismado de que talvez os espíritas tenham razão mesmo, a gente está aqui neste *vale de lágrimas* é pra expiar os erros cometidos numa encarnação passada, porque, se não, qual a outra explicação? (RUFFATO, 2009, p. 67 – grifos no original)

Ele está reportando situações vividas por Sheila. Em sua reflexão, ele diz fazerem sentido certas premissas do espiritismo, especialmente para explicar as muitas situações ruins pelas quais passamos durante a vida. Vemos a construção de uma argumentação que procura dar sentido aos problemas, às angústias, às dificuldades vivenciadas cotidianamente, com uma perspectiva transcendental, já que não consegue perceber motivo e razões, no âmbito material, que justificassem essas coisas.

A menção a vários santos também ajuda a percebermos como a obra está povoada do aspecto religioso. Quando Serginho estava no ônibus e dialogava com uma senhora portuguesa, antes de sair do Brasil, ela manifesta simpatia por ele e diz: “[...] me pedindo pra lembrar sempre dela, ‘Nossa Senhora de Fátima te acompanhe, meu filho’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 37). Essa passagem parece remeter a uma espécie de prenúncio de que Serginho também não voltaria. O pedido para que ele jamais se esqueça dela não se trata de apenas uma ação afetuosa, mas um chamado

a lembrar que o migrante não volta. O fato dessa santa ser comumente celebrada em Portugal, também reforça o “novo pertencimento” de Serginho àquele país. Vale lembrar também que a figura dessa santa está intimamente associada às crianças, já que foram três crianças que disseram terem presenciado a sua aparição, o que reforça a imagem infantil de Serginho.

Na passagem que lhe oferecem drogas e ele demora a se dar conta do que se tratava, há uma ambientação com menções a uma santa:

[...] e ele, esbugalhado, me deu um empurrão, bati a boca na grade que protege o monumento, sangrou [...] subi zozzo num **autocarro**, apeei na estação Santa Apolônia, desabei num banco, pernas bambas, respiração desregulada, tremedeira danada, espichei até me refazer do sucedido [...]. (RUFFATO, 2009, p. 71 – grifo no original)

Este trecho é interessante porque o autor vale-se de um espaço real relacionando-o com um evento ficcional, guardando uma construção de sentido simbólica. Nesse evento, ele machuca a boca, e a Santa Apolônia está relacionada a essa parte do corpo. Ela é considerada padroeira dos dentistas em razão de ter tido seus dentes arrancados em seu martírio.

No dia de sua viagem, ainda em sua cidade, quando conhecidos e vizinhos prepararam uma despedida para ele, o narrador faz uma comparação com uma festa religiosa: “E, na manhã que parti, impossível esquecer, uma multidão amontoou na frente de casa, a rua enformigada que nem dia de festa de São Cristóvão [...]” (RUFFATO, 2009, p. 35). Esse santo é considerado o padroeiro de peregrinos, motoristas e viajantes (VARAZZE, 2003, pp. 571-575), o que ganha força na narrativa, já que a associação feita no trecho acima menciona uma situação de deslocamento, demonstrando que a sua citação não é gratuita.

Em um de seus passeios com Sheila, Serginho faz menção de alguns lugares em Lisboa que remetem a figuras religiosas: “Com ela de-guia, visitamos um monte de **sítios bestiais**, o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa [...]” (RUFFATO, 2009, p. 67 – grifo no original). A alusão aos santos num geral, mas em particular daqueles que foram mártires, como é o caso tanto de São Jorge (VARAZZE, 2003, pp. 365-370) quanto de Santa Justa, evocam a questão do enfrentamento das dificuldades em razão de uma dada crença. No caso de São Jorge, acrescenta-se o fato de ter sido soldado, o que reforça ainda mais a imagem de luta. De forma análoga, os migrantes também estão a enfrentar cotidianamente situações que exigem que

lutem por aquilo que acreditam: que seu empreendimento migratório será bem sucedido. Sobre essa mesma passagem, Brandellero (2017) percebe uma vinculação à *Divina comédia*, de Dante Alighieri:

Dessa forma, ao descrever os trânsitos lisboetas, e apoiando-se na disjunção linguística entre as variantes portuguesas e brasileiras do português, Ruffato recria em Serginho a figura de um Dante descendo os círculos do inferno (experiência enfatizada pelo uso do negrito na alusão aos 'sítios bestiais'), o guia espiritual e intelectual Virgílio aqui aparecendo na figura da Sheila, prostituta brasileira com quem Serginho mantém uma relação amorosa e por quem é eventualmente traído [...]. (p. 19)

Parece-nos que a associação com a *Divina comédia* é apropriada; além de corroborar a imagem da carga religiosa da passagem, principalmente pela ideia de local hostil, como está estabelecida a ideia de inferno, que guarda um paralelo com Lisboa, pelo menos do ponto de vista e das experiências dos migrantes.

Um outro santo mencionado é o Santo Condestável: “[...] os **alfacinhas** usavam **bibes** do Jardim de Infância Santo Condestável, falavam português corretamente, proibidos de usar o **umbundo** em casa, e, verdadeiros cidadãos, iam ter a chance de ser alguém na vida, coisa que os pais não eram em Portugal e nunca tinham sido em Angola [...]” (RUFFATO, 2009, p. 55 – grifos no original). Serginho está reportando sobre a situação dos filhos do seu vizinho no hotel em Lisboa, o angolano Baptista Bernardo. Este é mais um santo vinculado à ideia de luta, de guerra. As situações vividas por essa família não deixam de estar intimamente conectadas à ideia de guerra, já que seu país de origem, Angola, passou por fortes lutas pela sua independência de Portugal, e a própria personagem teria perdido a perna por causa de uma mina, herança desse mesmo conflito.

Seu Carrilho, antes de retornar definitivamente para Portugal, fez uma viagem à Europa numa incursão em busca de suas raízes, daqueles que poderiam ainda fazer parte do seu passado, de sua memória. Sobre essa viagem, ficamos sabendo:

[...] mas nem a casa onde nasceu estava mais de pé, e, assim, ‘Sem passado e sem futuro’, rezou na igreja de Santo Antônio, em Lisboa, e rezou na igreja de Santo Antônio, em Pádua, na Itália, cumprindo promessa, e visitou o Vaticano, quando chorou ao ver, lá-longe, o papa João Paulo II, no meio da multidão, espremido na praça São Pedro [...]. (RUFFATO, 2009, p. 49)

Esse é mais um migrante com forte sentimento religioso. A menção a duas igrejas do mesmo santo, tanto em Lisboa, em Portugal, quanto em Pádua, na Itália,

explica-se por serem locais de nascimento e falecimento dele (VARAZZE, 2003, pp. 171-175). O fato de ser esse santo em particular justifica-se, simbolicamente, por ser padroeiro, entre outras coisas, pelos objetos perdidos. Seu Carrilho estava fazendo essa viagem justamente em busca do que havia “perdido”, do que havia deixado para trás muitos anos antes quando, ainda adolescente, havia migrado para o Brasil. A menção ao apóstolo Pedro também é reforçadora desse aspecto, já que este é considerado um dos mais importantes apóstolos do cristianismo.

Serginho, um pouco antes de conseguir seu primeiro trabalho em Lisboa, também nos fornece uma passagem significativa da religiosidade na obra:

[...] e, desgostoso, subi pela calçada estreita da rua da Misericórdia até estacar, repentino, na frente da igreja de São Roque, uma aflição no peito, uma mágoa empedrada, e, de-afriteza, entrei, o silêncio friento me acolheu, amparando meu cansaço, e, comovido, ajoelhei e recordei a finada minha mãe, o finado meu pai, o Pierre, os amigos e parentes agora tão distantes, e clamei pra que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento, que Ele providenciasse logo uma colocação, porque o dinheiro escasseava, mal dava para bancar o aluguel do quarto e o almoço, minha única refeição, rifados o café-da-manhã e a janta, por demanda de economia, andando a pé pra cima e pra baixo e negaceando dos fiscais nos **elétricos** e **autocarros**, e prometi mundos-e-fundos, até mesmo peregrinar a Aparecida do Norte de-a-pé, porque as noites incendiavam meu estômago vazio, estumando a vigília [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 53-54 – grifos no original)

O componente da religião, da crença no sobrenatural, é marcante nessa passagem. Ao não conseguir aquilo que precisa, um trabalho para se sustentar e conseguir eventualmente no futuro alcançar os seus sonhos, recorre ao divino, e o paralelo com a ideia de uma criança em busca de ajuda do pai é evidente. A escolha da igreja de São Roque também não é gratuita. Santo considerado padroeiro dos inválidos, cirurgiões e dos cães, remete-nos imediatamente, além do óbvio inválido, à sua postura subserviente, canina, que costumava adotar.

Além das menções aos santos ao longo da obra, recordamos das muitas expressões vocativas que remetem também, a seu modo, à crença religiosa. Referimo-nos a expressões como: “que deus a tenha!”, “meu deus do céu!”, “será meu deus?”, “santo deus!”, “graças a deus”, “sabe deus por onde”, “que deus me perdoe”, “jura por deus?”, entre tantas outras, que se não revelam uma prática religiosa necessariamente, deixam transparecer uma base cultural arraigada também na maneira de se expressar, na linguagem.

Levando em consideração o âmbito cultural tanto do Brasil quanto de Portugal, do qual aquele é herdeiro deste, é preciso recordar a forte base católica na Península Ibérica, com eventos históricos marcados pela religião, como: a retomada da península das mãos dos muçulmanos, expulsão dos judeus, a marcante Inquisição, o posto do Brasil de maior país católico do mundo, entre outros.

Sigmund Freud, tido como o pai da Psicanálise, também desenvolveu algumas ideias na área da antropologia tangenciando em vários textos a questão da religião. Destacamos um desses textos que nos parece mais pertinente para estabelecermos alguns paralelos com a questão da religião presente em *Estive em Lisboa...*, em particular na personagem migrante Serginho: *Totem e tabu* (FREUD, 2012).

Os textos de Freud sobre religião, num geral, propõem ser esta um problema em termos do desenvolvimento psicológico para o indivíduo. Ao ser estabelecida uma relação entre uma dada divindade e a figura paterna, como acontece tanto no judaísmo quanto no cristianismo, por exemplo, verifica-se um apego e uma dificuldade de autonomia. Nani e Chaves (2011), ao comentarem *Totem e tabu*, dizem que Freud sugere o chamado “mito científico”:

[...] existia um pai ciumento e violento, ou um macho dominador e tirânico, que possuía todas as fêmeas, para si próprio e expulsava os filhos de seu convívio. Freud (1912-13/1996a), então, elabora uma descrição sobre um fato determinante que poderia ter ocorrido nessa época, o seu chamado ‘mito científico’: os filhos, que tinham sido expulsos, certo dia se unem e voltam para matar o pai, fundando a horda patriarcal. Como eram selvagens canibais, não só mataram, mas também devoraram o pai. Assim, ‘o violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força’ (1912-13/1996a p.170). (pp. 342-343)

Esse “mito científico”, do “pai da horda primeva”, que funciona como uma espécie de hipótese, embora não possa ser demonstrado empiricamente, permite explicar boa parte do comportamento que se desenvolve naqueles que aderem a uma dada religião, especialmente as com características monoteístas, com a figura de um ente todo poderoso, geralmente associado à imagem de um pai. Tabus, como o do incesto, que estão na base de tantos outros tabus de ordem moral, começam a fazer sentido, e damos-nos conta como estão presentes em tantas culturas diferentes. Os atributos que geralmente são imputados ao ser tido como deus, como a díade amor/temor também se encaixam nesse modelo.

Como temos defendido até aqui, o *topoi* da ingenuidade, que se desdobra em muitas nuances, implica, por exemplo, uma postura infantil. A característica marcante do protagonista não dispensar a figura de um tutor em muitas situações em sua vida deixa-nos claro certo senso de desamparo, e sobre esse sentido, Nani e Chaves (2011) dizem: “Segundo Freud, o que move o sujeito a procurar a religião é o sentimento de desamparo experienciado na infância, inerente a todo ser human” (p. 335). E, continuam: “[...] ela nasceu historicamente naquele estágio em que o homem percebeu sua finitude e sua incapacidade de lidar com suas angústias e medos. [...] fonte de verdades, especialmente no que concerne às questões existenciais [...] sistema de crenças inquestionáveis” (p. 339). O indivíduo, não sendo capaz de lidar com seus próprios problemas, medos, sentimentos, como o do de desamparo, recorre à religião como fornecedor desse sentimento de proteção e segurança. No caso de Serginho, vemos uma presença dupla: tanto de indivíduos mesmo, colegas, amigos, parentes, ocupando a posição de tutor e protegendo-o de problemas, quanto de figuras divinas com função semelhante.

As reflexões de Freud sobre a religião deixam muito claro como as religiões, num geral, aproveitam-se desse fato, do sentimento de desamparo, para estabelecer uma relação de semelhança entre o ser divino que cultuam e a figura paterna. Some-se a isso o fato de que não tendo uma base material comprovável, suas afirmações revestem-se de um sentido dogmático, acatado pelo primado da fé, logo, inquestionável.

A construção do protagonista estabelece como um traço marcante de seu caráter a questão do desamparo, mas, se pensarmos nos migrantes num geral, uma vez que já tenham realizado seu deslocamento e se encontrem em um novo lugar, que desconhecem, que se mostra na maioria dos casos hostil, é muito mais fácil entendermos a sensação de desamparo. Parece-nos que construir uma personagem migrante que, mesmo antes de seu deslocamento, se mostra desamparado é uma estratégia fecunda, já que, enquanto leitores, nos deparamos desde o início com essa qualidade tão importante.

Serginho, como vimos, é otimista, mesmo sem ter motivos razoáveis para tanto. Ele não tem um planejamento minimamente sistematizado sobre o que irá fazer no período que pretende estar em outro país – nem sequer tem definido com clareza quanto tempo ficará; não possui contatos anteriores com pessoas que estejam no local para onde migra, ou que, pelo menos, já tenham voltado e, preferencialmente,

tenham tido uma experiência bem sucedida; e, isso, para dizer o mínimo. Claro está que, por melhor que um planejamento seja feito, não há garantias de sucesso, mas parece-nos condição mínima para se justificar qualquer tipo de expectativa positiva. Não tendo esses parâmetros concretos, a religião oferece uma perspectiva que fornece algum conforto: “[...] a religião continua sendo um apoio reconfortante [...]. Frente à falta de garantias trazidas pela incerteza do futuro [...] tentativa de amenizar sua sensação de desamparo e insegurança” (NANI; CHAVES, 2011, p. 339). Entendemos que a religião, para a figura do migrante, com todas as suas dificuldades, incertezas e vulnerabilidades próprias de sua condição, é muito propícia para a atuação daquela. A ação de grupos religiosos, como as Pastorais do Migrante¹⁶, por exemplo, encontra campo propício para florescerem e apregoarem suas crenças entre os que migram. Nesse sentido, Luiz Ruffato foi muito feliz ao deixar tão presente a questão da religião em *Estive em Lisboa...*

Com base nessas considerações sobre a religião, percebemos como ela contribui também para o traço da infância do indivíduo ao estabelecer um desejo de prorrogar sua condição sob a tutela paterna: “Assim, as ideias religiosas são ilusões, não no sentido de erros, mas, sim, de realizações de um desejo a que o ser humano, em especial, o neurótico, se aferra: o desejo de prolongar a proteção paterna sentida na infância para toda sua existência” (NANI; CHAVES, 2011, p. 346). Seria legítimo pensar que o processo de amadurecimento implicaria abandonar tal desejo de proteção, mas não acontecendo para todos os indivíduos, o que constatamos em seu lugar é uma permanência num estado infantil.

¹⁶ Pastorais do Migrante são ações da Igreja Católica que atuam no sentido de fornecer apoio ao migrante em muitos aspectos. Desempenham um papel importantíssimo, principalmente quando o Estado se exime ou deixa a desejar no cumprimento de seu papel legal. No entanto, como não poderia ser diferente, há uma intencionalidade proselitista em tais ações.

3 “ERA DE OURO”

Ainda relacionado à ideia de ingenuidade, mas com características suficientes para ser tratado à parte, passamos a discutir como *Estive em Lisboa...* apresenta com bastante ênfase a noção de progresso. Um primeiro elemento que evidencia esse traço é o desejo, o sonho, a ânsia do migrante em ascender socialmente. Seu empreendimento migratório é justificado em sua narrativa por tal expectativa: sair de uma condição precária, miserável, ruim, decadente, e alcançar o seu outro polo: sucesso, ascensão social e econômica. A obra está repleta de falas que explicitam essa postura por parte do narrador protagonista.

Além dos anseios do protagonista, esse *topoi* é trabalhado de maneira marcante pela apresentação do espaço e da ambientação em que as personagens vivenciam cotidianamente. A trajetória do protagonista, que, se não desfrutava de uma condição social e econômica das melhores, antes do marco de ter parado de fumar, só começa a piorar desde aquele ponto. É clara a ideia de que, apesar de nutrir o desejo pelo progresso, em termos individuais, o que vivencia é o contrário, é uma decadência, uma queda. Tal padrão replica-se na trajetória de outras personagens migrantes e também na própria ideia de desenvolvimento histórico de Portugal, terra escolhida como local de migração.

3.1 Antítese: progresso *versus* decadência

A ideia de progresso não é apresentada apenas de forma direta, mas também pelo contraste com sua ideia contrária: a decadência. Ambas as ideias são caras às discussões em várias disciplinas, mas em especial aos estudos históricos, e, para isso, recorreremos a alguns textos que nos auxiliarão a pensar nelas.

Evocamos inicialmente um ensaio de Adler (2013), *Como pensar sobre progresso*, que elabora um esforço de definição sobre o conceito de progresso. De acordo com esse autor a noção de progresso é relativamente recente: “A *ideia de progresso* aparece pela primeira vez na Europa no século XVIII e torna-se dominante no século XIX. Evolução é uma ideia do século XIX” (p. 479 – grifo no original). Interessante também a vinculação que ele estabelece com o conceito de evolução. Ambas estão intimamente ligadas. Historiar o surgimento de um termo é bastante válido porque nos ajuda a entender o contexto de seu advento. Se pensarmos no

contexto sócio-econômico da Europa, especialmente da ascensão do Império Britânico como grande potência mundial, desbancando as decadentes nações ibéricas, bem como esse Império ascendente tornou-se o berço para eventos históricos marcantes como a chamada Revolução Industrial, percebemos que faz sentido que tal conceito tenha se desenvolvido nesse contexto. Essas noções apresentam, basicamente, a ideia de que há um transcorrer temporal retilíneo ascendente, positivo, de melhoria contínua em direção ao futuro:

Se alguém no alto da torre olha o passado, os eventos que ocorreram no passado, como se seguisse uma linha em ascensão, terá a impressão de que o passado é uma série de passos ascendentes, estágios de avanço, cada século, cada período sendo um avanço de um período anterior, o que permite que ele projete o futuro a partir desta sequência, como uma linha contínua de progresso em que o futuro é sempre cada vez melhor, seja em quantidade de coisas, seja em qualidade de tudo. Esta é a resposta que a filosofia da história, baseada no progresso, nos dá. Ela aponta uma ascendência gradual conforme se vai do passado para o futuro, com base em projeções. (ADLER, 2013, p. 481)

Teorias como o da “evolução”, desenvolvida pelo naturalista inglês Charles Darwin, também foram cruciais para a afirmação da noção de progresso. Outra contribuição no campo da ciência são os postulados de Karl Marx, que, em suas explicações sobre o materialismo histórico, de forma subjacente, também traz a noção de “progresso” e “evolução” ao discorrer sobre os “modos de produção” que se seguiram, um após outro, ao longo do transcorrer histórico.

Apesar da importância das ideias de caráter biológico para a consolidação das noções de progresso e evolução, de acordo com Adler, é a Filosofia da História a primeira a se debruçar sobre elas: “[...] é na filosofia da história que o conceito aparece primeiro, e não na biologia, ou cosmologia; a ideia de que o progresso é um conceito central, que levanta uma questão central” (2013, p. 480). Ainda segundo esse autor, a Filosofia da História é distinta da disciplina História. Ele estabelece uma analogia dizendo que o filósofo da história é alguém que sobe em uma torre e olha para o passado e, entendendo os padrões de mudança, consegue “imaginar” como será o futuro: “O filósofo da história é alguém que, sabendo o que aconteceu no passado, suas orientações e tendências, olha, então, para o lado oposto da torre e projeta seu conhecimento do passado no futuro, prevendo o que acontecerá e como a história se desenvolverá” (2013, p. 480). Não estamos plenamente de acordo com tal definição, especialmente no que se refere à disposição do filósofo da história em propor qualquer

tipo de previsão futura. No entanto, concordamos com a ideia de que se trata de um tipo de pensador cujas preocupações debruçam-se sobre o fenômeno das mudanças que ocorrem ao longo do tempo, propondo, eventualmente, alguns possíveis desdobramentos, mas jamais previsões. De qualquer forma, é bastante razoável pensar que essa é uma disciplina muito importante para pensar quaisquer categorias que envolvam o caráter mutante que o passar do tempo implica, como o é a ideia de progresso e evolução.

Mas qual seria uma outra forma de pensar o transcorrer do tempo senão da forma proposta pela ideia de progresso? Ou seja, que não seja retilínea e em direção, geralmente positiva, unívoca para o futuro? A ideia que se opõe a essa concepção é a de ciclos. Se na concepção de progresso a noção de tempo é representada por uma linha, uma flecha, apontando num único sentido, na concepção cíclica, a imagem representativa é a de um círculo, que de tempos em tempos volta a fazer o seu mesmo percurso. Em progresso há o entendimento implícito de um início e um fim; já em ciclos, há a ideia de fases, que podem ter um caráter ora positivo ora negativo, alternando-se indefinidamente. Esta última noção é mais apropriada a uma aproximação com ideias relacionadas com a natureza, enquanto aquela com o aprimoramento da técnica e das transformações culturais. Isso é fácil de entender se pensarmos que as noções cíclicas da passagem do tempo eram comuns em grupos humanos menos avançados tecnologicamente; logo, vinculadas majoritariamente à natureza. Além disso, a própria natureza dá destaque e enseja concepções deste tipo, já que eventos naturais, como a transição das estações e o seu retorno periódico, bem como a própria rotação da terra sobre si mesma, gerando o efeito dia/noite, atestam-na.

O surgimento e a reflexão mais aprofundada sobre a noção de progresso no contexto dos séculos XVIII e XIX, conforme defendida por Adler (2013), fazem-nos entender também que aquele momento histórico, do Ocidente, ensejava o tipo de raciocínio voltado à ideia de avanço, de mudanças, de transformações, entendidas geralmente num sentido de mudanças para melhor. No campo social e político, por exemplo, as chamadas “Revoluções Burguesas”, entre as quais citamos a “Revolução Industrial”, mas vale lembrar a que talvez seja a mais conhecida, a “Revolução Francesa”, marcaram profundas transformações na forma como a sociedade se organizava, com o fim do chamado “Antigo Regime”. Nesse sentido, ainda, é válido lembrar a emergência de vários Estados-Nações na América independentes de suas

antigas metrópoles e governados sob regimes republicanos, uma novidade naquele contexto.

Uma escola filosófica que teve grande impacto nesse contexto, especialmente nos séculos XVIII e XIX, e com impactos ainda hoje na cosmovisão Ocidental, é o Iluminismo. Boa parte da base conceitual e ideológica para a ideia de progresso encontra-se nessa linha de pensamento. No entanto, apenas como forma de contextualização, lembramo-nos de que o século XX, em razão de eventos como as duas Grandes Guerras, fomentadas e possibilitadas pelo avanço técnico, mas com consequências terríveis para a humanidade, ensejaram um questionamento de tal visão positiva sobre o progresso. Passou-se a duvidar se o avanço técnico, o progresso, realmente levaria inevitavelmente a algo bom e desejável, enquanto trajetória para a humanidade como um todo.

Retomando algumas ideias que Adler (2013) propõe sobre a discussão das duas principais formas de entender as transformações ao longo do transcorrer temporal: se progressivamente ou se ciclicamente, constatamos que ele aprofunda algumas questões sobre uma e outra visão. Ele diz que a visão que enxerga o transcorrer da história como constante progressão é uma visão “otimista”, e que em sua vertente mais radical, a progressão seria como uma espécie de “lei da história”, assim como, de forma análoga, a gravidade é uma lei da natureza. Essa nuance desse ponto de vista enxerga o progresso como um movimento necessário e inescapável da experiência humana (ADLER, 2013, p. 482). Essa noção mais radical de pensar progresso como uma espécie de “lei da história” incorre em um problema que foi muito comum às Ciências Humanas e Sociais e, por muito tempo, com destaque no século XIX quando ainda se consolidavam enquanto disciplinas autônomas: querer assumir uma postura e imagem de objetividade que era próprio das Ciências Naturais, com maior prestígio e tidas como mais rigorosas e dignas de credibilidade. Adler (2013) cita o exemplo de pensadores do progresso como algo necessário: Hegel, Marx e Spencer. Immanuel Kant teria assumido uma postura um pouco menos radical.

Nós podemos encontrar essa visão no trabalho do grande filósofo de história alemão Hegel, que olhava para o mundo histórico da seguinte forma: ele via a história em três estágios; o primeiro que ele chamou de estágio oriental é aquele em que somente um homem, o déspota, era livre. Na verdade, na visão de Hegel, nenhum homem era livre, porque mesmo o déspota não tinha real liberdade, mas sim capricho arbitrário. No segundo estágio, o estágio greco-romano da Antiguidade clássica, algumas pessoas eram livres, enquanto as outras eram escravos; e essa visão levava a mente de Hegel a

conceber o terceiro e quase final estágio da história, o estágio germânico-cristão, em que todos são livres. E ele vê tudo isso como um progresso da liberdade que aconteceria inevitavelmente no curso dos acontecimentos humanos. (ADLER, 2013, p. 482)

O trecho acima apresenta a proposta tipológica de Hegel, a forma como ele concebia os estágios progressivos pelos quais a humanidade teria passado e que, no seu entender, naquele momento havia alcançado seu estágio último. Outra tipologia bastante conhecida é a de Karl Marx:

Para ele [Karl Marx], há quatro estágios na história, um seguido do outro em uma sucessão inevitável e precisa. O primeiro estágio é a economia escravista dos tempos antigos. Ela foi substituída pela economia feudal da Idade Média, que, necessariamente, leva ao sistema de produção capitalista moderno e à luta de classes entre capitalistas e trabalhadores. Então, na visão de Marx, na sequência viria inevitavelmente o quarto e final estágio da história: a sociedade comunista. (ADLER, 2013, p. 482)

Trata-se de mais uma proposta que concebe certos momentos da história humana como etapas que aos poucos foram se transformando de maneira positiva e melhor, o que levaria a uma situação vindoura última de perfeição.

Após essas considerações gerais sobre a noção de progresso, Adler (2013) debruça-se sobre a de ciclos: “Essa é uma visão antiga da história, e em sua visão primitiva, ela era bastante radical” (p. 483). Ele cita como exemplos de pensadores que têm uma visão cíclica da história: Heródoto, Aristóteles, Lucrécio, Spengler e Arnold Toynbee. Este último teria uma visão mais moderada, entre o progresso e a visão cíclica. Uma citação de Adler que sintetiza a concepção cíclica do transcorrer do tempo, da História, está em: “Ascensão e queda, ascensão e queda, quase como as ondas do oceano. A história não prossegue em linha reta, ela vai para cima e para baixo” (2013, p. 483). O que percebemos, portanto, é uma visão que se contrapõe à de progresso:

O que se pode notar desta visão cíclica da história é, em minha opinião, que ela aplica um tipo de padrão de mudança para a história que é possível encontrar no mundo biológico dos seres vivos. Plantas e animais nascem, crescem, atingem a maturidade e morrem velhos e fracos. E o que os pensadores que tomam a visão cíclica como certa estão fazendo é encontrar nessa analogia um padrão de mudança histórica; história, sociedade e civilizações são quase como organismos vivos. (ADLER, 2013, p. 484)

Momentos ruins e bons alternam-se ao longo do tempo. Por mais que, ao pensarmos na existência de um único indivíduo, seja inescapável a ideia de início e

fim, a ideia mais ampla de natureza, e de que seres de uma dada espécie, geração após geração, alternam-se, implica uma concepção cíclica.

Após expor em linhas gerais uma e outra concepção do transcorrer do tempo, Addler (2013) advoga que nenhuma dessas posturas sustenta-se em si mesma. Parece haver evidências que ambas podem ocorrer não sendo fenômenos necessários. Como liberal que era, Adler (2013) sustenta que o progresso pode ocorrer se os seres humanos usarem de sua liberdade e inteligência para alcançar tal condição.

Uma vez colocado o contraste entre progresso e ciclos, conforme defendido por Adler (2013), valemo-nos de algumas ideias de Benjamin (1994) para engrossar nossas reflexões. Benjamin é tido como um importante pensador da “ruína”, e seu texto que mais frontalmente aborda essa questão é *Sobre o conceito da história* (BENJAMIN, 1994, pp. 222-232).

Texto de caráter truncado, fragmentado, de difícil interpretação – e isso não nos parece ser injustificado –, há uma intencionalidade por trás, uma intencionalidade programática em sua forma de escrita. Organizado em 18 pequenos trechos, mais 2 sob o título de apêndice, apresentam-se algumas ideias, nem sempre fáceis de se conectarem entre si, num geral sobre história. O texto gera a impressão que algumas colocações são fruto do momento histórico em que ele está vivendo. Vale-se de alegorias, metáforas, obras de arte, para estabelecer paralelos com suas afirmações.

Dada a importância e a dificuldade de se entender o texto benjaminiano, é essencial recorrermos ao contexto em que ele foi elaborado. Escrito pouco antes de sua morte – e publicado postumamente –, em plena Segunda Guerra Mundial, o cenário era de muito pessimismo em relação às promessas progressistas que desde o fim do XVIII, e especialmente infladas no XIX, propagavam a ideia de avanços e melhorias sem fim. É preciso entender que Benjamin, assim como outros pensadores e escolas de pensamento da época, defendia uma visão pessimista e crítica daquela visão anterior. As consequências do pós-Primeira Guerra Mundial além das consequências econômicas do entre-guerras foram fatores determinantes para o fomento de um sentimento desesperançado. Benjamin, nesse sentido, é um antiprogressista.

Apesar de Adler (2013) dizer que a noção de progresso surge no século XVIII, e em certo sentido ele não está errado, haja vista ela ascender de maneira mais sistemática e em campos que não se restringiam à religião, é preciso lembrar que os

cristãos, com sua teologia escatológica, já concebiam uma ideia linear do transcorrer temporal. De maneira mais apropriada talvez pudéssemos colocar nos seguintes termos: a história, segundo os gregos – entre outros povos antigos –, era cíclica; para os medievais, a partir de Agostinho, linear – início e fim – concepção cristã; os renascentistas retomam a concepção cíclica dos gregos; os filósofos dos séculos XVII e XVIII do Iluminismo, e do XIX do Positivismo e do Materialismo Histórico voltam a pensar em uma história linear, mas diferindo dos medievais na medida que o *telos* não é mais Deus, e sim o progresso; e os pensadores do XX colocam mais uma vez a noção de progresso em xeque.¹⁷

O texto benjaminiano que evocamos aqui, *Sobre o conceito da História* (BENJAMIN, 1994, pp. 222-232), está assentado em três fontes principais: i) Marxismo: materialismo histórico e dialético; ii) Messianismo judaico; iii) Romantismo alemão. Benjamin, na história da filosofia, geralmente é enquadrado como fazendo parte da Escola de Frankfurt; e esta escola, como é sabidamente conhecido, possui uma base conceitual intimamente ligada ao Marxismo, o que explica a primeira fonte. Quanto à segunda, o Messianismo judaico, justifica-se em razão de sua origem étnica e suas relações com pensadores do misticismo judaico. E, finalmente, a terceira fonte, o Romantismo alemão, talvez a mais óbvia, dá-se em razão do contexto nacional em que está inserido.

A terceira fonte é importante porque confronta justamente o Iluminismo, principal propagador da ideia de progresso, desde pelo menos o século XVIII. O Romantismo alemão busca o “reencantamento do mundo”, e não uma visão que poderíamos considerar muito confiável, mas rígida em relação à sua forma de interpretar os fenômenos no mundo. Para Benjamin, o homem não é apenas razão, mas também: sentimento, desejo e atração pela natureza. Não há uma pretensão de se alinhar às ditas ciências duras, com o propósito apenas de parecer mais rigoroso em seu pensamento. Ele entende que há campos do saber que se justificam por uma abordagem mais rígida, mas a experiência humana há que considerar outras instâncias.

Dado esse contexto e sua base conceitual, a crítica benjaminiana dirige-se a toda teoria da história, com especial destaque para o Historicismo, que pretenda

¹⁷ Esses momentos colocados aqui da forma como se entendeu o transcorrer do tempo, ora de maneira progressiva, ora cíclica, é um tanto esquemática, sabemos disso. No entanto, é uma simplificação com fins didáticos.

pensar a Modernidade como um “devir histórico otimista”. Essa crítica ao otimismo da modernidade será aumentada ao longo do século, especialmente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, com as correntes pós-estruturalistas, que não procuravam mais grandes explicações, nem acreditavam que houvesse um grande *telos*, ou sentido a ser buscado.

O Marxismo, sua primeira fonte, é o elemento que melhor permite estabelecer uma crítica à linha histórica do Historicismo. Essa perspectiva geralmente alheia aos oprimidos costuma se identificar apenas com o discurso dos vencedores e, por isso mesmo, é incompleta e equivocada, segundo Benjamin: “A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor” (p. 225). Ou seja, entre outros objetivos, a proposta benjaminiana é dar voz e visibilidade a todos, inclusive aos chamados “perdedores”:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. [...] Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. (BENJAMIN, 1994, p. 225)

O silenciamento dos que não venceram dá-se em muitas esferas, mas Benjamin dá destaque ao campo cultural. Sua crítica é dura e mostra como é cruel a ação dos que ocupam uma posição de dominação: enterram e relegam ao esquecimento tantos outros que são tão importantes quanto eles para a história. Constatar, resgatar e dar o devido valor a todos os grupos humanos, mesmo que pertencentes a grupos sociais distintos, demanda do historiador, conforme ele defende, uma ação como “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225).

O Historicismo, ao dar sempre voz e visibilidade aos vencedores, implicitamente, ou talvez nem tanto, está admitindo a ideia de progresso. Sendo assim, Benjamin continua sua crítica:

A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

É preciso ter em conta também a questão da ascensão do fascismo na Europa, em especial na Alemanha, no momento em que Benjamin está desenvolvendo suas reflexões.

Benjamin não aceita a ideia de tempo homogêneo e linear. O transcorrer das ações humanas não é um processo orientado pela razão, com ordem e linearmente orientado, mas algo caótico, violento e opressor, uma defesa do presente direcionado para e pelos vencedores. Parece-nos importante destacar que sua não adesão à ideia de linearidade não implica adesão ao que comumente é tido como seu oposto, ou seja, à ideia de tempo cíclico. Sua visão escapa a esses opostos.

Cada parte desse seu texto costuma ser chamado de tese, e a que parece ser mais debatida é a tese de número nove. Nela é possível ler:

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do páis e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

Ao fazer uma interpretação da pintura *Angelus Novus*, de Paul Klee, ele diz que o anjo da história deve ser semelhante à imagem que ali é representada. Basicamente ele diz que esse ser, esse anjo da história, no lugar onde vemos progresso, só deve ver ruína e fragmentação. Aqui ele deixa mais claro ainda sua visão pessimista sobre a história e em especial da visão de progresso na história. Para ele, a história não é algo orientado para uma finalidade de bem-estar, de progresso.

Para Benjamin, a história pode e deve ser escrita de outra maneira. É necessário romper radicalmente com o passado e recuperar o messianismo judaico mediante uma nova noção de tempo, que é o tempo do agora, e nessa nova concepção anuncia-se a esperança de um mundo melhor, mais justo e igualitário. Todas as grandes catástrofes do século XX levariam ao banco dos réus a razão ocidental e a própria ideia de uma racionalidade histórica.

Colocada a discussão sobre progresso, concepção cíclica do tempo e a crítica à noção moderna de progresso como algo positivo e desejável, voltamo-nos agora para uma concepção mítica da passagem do tempo, mais uma vez cíclica, presente

em um texto de Hesíodo intitulado *Os trabalhos e os dias* (1996), mais precisamente, sobre o mito *As cinco raças* (pp. 31-51).

Nesse texto, o autor aborda a existência de cinco raças que teriam se seguido, uma após outra: raça de ouro, raça de prata, raça de bronze, raça dos heróis e raça de ferro. Ao longo do mito, ele descreve cada uma delas. Essa sequência caminha não na direção de uma melhora, mas de uma decadência, sendo, portanto, a raça de ouro, a “primeira” – é difícil estabelecer um número ordinal em um sistema cíclico –, a que detém maiores e melhores atributos, tendo existido em um dado momento bastante favorável e bom. O mito como um todo também nos permite perceber o senso de transcorrer cíclico, de que cada fase dessa, após a sua anterior, voltar a existir.

Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava; / como deuses viviam, tendo despreocupado coração, / apartados, longe de penas e misérias; nem temível / velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos, / alegravam-se em festins, os males todos afastados, / morriam como por sono tomados; todos os bens eram / para eles: espontânea a terra nutriz fruto / trazia abundante e generoso e eles, contentes, / tranqüilos nutriam-se de seus pródigos bens. [...] (HESÍODO, 1996, p. 31) [v. 111-119]

Essa passagem refere-se à descrição da raça de ouro, ou como aparece em algumas traduções, como “era de ouro”. Chama-nos a atenção a figura do titã Cronos que exerce uma função paternal, de cuidado e provisão da humanidade. Logo, este período sempre é lembrado como um período de fartura, de elevação moral, de harmonia com as divindades, e de muitos outros aspectos que remetem a uma condição desejável, positiva.

É muito provável que a noção de “era de ouro”, que se costuma atribuir sempre que se entende que um dado momento foi positivo, tenha suas raízes nesse mito. Um exemplo disso é a concepção que historicamente se tem da virada do século XIX para o XX, antes da Primeira Guerra Mundial, a chamada *Belle Époque*, em que a Europa vivia um momento de relativa paz e prosperidade econômica e um considerável desenvolvimento tecnológico. Esse período maravilhoso, de extrema bonança, parece estar presente em muitos mitos de diversas culturas. Exemplo judaico-cristão é o “Jardim do Éden”. É um período que geralmente é lembrado com nostalgia e com intenso desejo de desfrutá-lo novamente.

Hesíodo continua o mito descrevendo cada uma das eras, sempre um pouco pior, mais decadente que a anterior. Sobre a raça de prata, por exemplo, ele diz: “[...] venturosos pelos mortais, segundos, mas ainda assim honra os acompanha” (1996,

p. 33). Está implícito em seu texto que ele mesmo está vivendo a última fase, a “raça de ferro”, e daí os muitos problemas vivenciados e observados por ele.

Recorremos na sequência a Lafer (1996), que, além de tradutora do texto de Hesíodo de que nos valem, também é sua comentadora. A respeito da primeira raça, a “raça de ouro”, ela nos esclarece que apesar de o sentido do mito não estar completo, salvo quando consideramos todo o conjunto de fases, essa termina se destacando, tanto por ser a primeira quanto por ser a melhor, a mais importante. Essa noção de um período anterior melhor, paradisíaco, parece estar muito arraigado na psique humana, ou pelo menos na dos ocidentais. A ideia de um paraíso perdido é repetida em vários relatos míticos.

Lafer percebe que implicitamente é possível depreender que Hesíodo acredita em uma lógica cíclica do transcorrer do tempo, e isso porque ele diz querer ter nascido antes, mas mais importante: *ou depois*. Se houvesse uma lógica linear, e pelo exemplo das anteriores que vêm num processo de decadência, não faria sentido dizer querer ter nascido depois, salvo se ele entender que o processo cíclico reiniciar-se-á:

[...] observamos que o tempo do mito não é linear e sim cíclico, assim como o é a sequência das estações do ano. [...] Hesíodo declarando claramente que gostaria de já estar morto antes da raça de ferro ou nascer depois dela, fica evidente não o término de um processo de declínio mas a existência de uma continuidade cíclica. (LAFER, 1996, p. 81)

Um outro comentário que nos parece importante feito por Lafer (1996) é a relação que ela percebe entre as primeiras raças e a fase infantil de uma indivíduo: “[...] as raças de ouro e de prata não têm nenhum conhecimento da necessidade, tudo lhes é doado espontaneamente, vivem sem preocupações, achando-se, assim, ligadas à infância [...]” (p. 81). Não que a infância não tenha necessidade, mas que tudo lhe é proporcionado pelo seu tutor, pelos deuses. Ideia semelhante talvez se encontre na punição que Javé opera contra Adão e Eva, ao dizer que, a partir daquele momento em que comeram do fruto proibido e do jardim, foram expulsos e teriam de trabalhar. Logo, não seriam mais contemplados pelo sustento divino, mas teriam eles mesmos a responsabilidade e necessidade de buscarem seu próprio sustento e, assim, desenvolverem habilidades e conhecimentos de agricultura e domesticação de animais, por exemplo.

E, para Adão, Deus disse o seguinte: – Você fez o que a sua mulher disse e comeu a fruta da árvore que eu o proibi de comer. Por causa do que você fez,

a terra será maldita. Você terá de trabalhar duramente a vida inteira a fim de que a terra produza alimento suficiente para você. Ela lhe dará mato e espinhos, e você terá de comer ervas do campo. Terá de trabalhar no pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; isso até que você volte para a terra, pois dela você foi formado. Você foi feito de terra e vai virar terra outra vez. (BÍBLIA, NTLH - GÊNESIS, 3:17-19)

Após essas breves considerações sobre concepções distintas do tempo: cíclica – voltada para uma relação mais próxima à natureza e presente em agrupamentos humanos antigos e presente em alguns mitos, especialmente os de caráter cosmogônico; e progressiva, que se afasta dessa relação íntima com a natureza e prima pelo avanço, pelo desenvolvimento cultural e tecnológico, veremos a seguir elementos textualmente presentes em *Estive em Lisboa...* que nos permitam refletir, em diálogo com este subitem, como essas noções temporais são importantes na construção de alguns sentidos da obra.

3.2 Progresso e decadência na trajetória das personagens migrantes

Serginho diz que sua vida começou a “degringolar” a partir do momento que parou de fumar: “Mas foi parar de fumar, e as coisas degringolaram na minha vida [...]” (RUFFATO, 2009, p. 21). “Degringolar” é um termo interessante porque evoca justamente a ideia de declínio, decadência, ruína. Esse é apenas o primeiro de vários termos e passagens, que na trajetória de Serginho e de outras personagens mais próximas a ele, fazem lembrar essa mesma questão.

Iniciamos fazendo menção à noção de doença, que desde o início, inclusive como motor para o desejo de Serginho parar de fumar, surge já na primeira página do corpo principal da obra: “[...] me presentearam dizendo que, se eu continuasse consumindo quase dois maços por dia, logo-logo ia contrair uma doença grave, um efisema, um câncer [...]” (RUFFATO, 2009, p. 15). A ideia de doença está presente também no percurso de outras personagens.

Os mesmos eventos que sugerem algum tipo de manifestação do azar, conforme o próprio Serginho parece acreditar, carregam consigo também essa noção de decadência, ruína. Lembramos da doença mental apresentada por Noemi.

Quase dois anos despendi nessa desordem até deparar o doutor Fernando por acaso perto da Fábrica Velha, ‘Quê que aconteceu, Serginho?’, cobrando minha ausência do Primeiro de Abril e perguntando, ‘Com todo respeito’, se confirmava os comentários da população sobre as *extravagâncias* da minha

esposa, ‘Acompanhei a gravidez, fiz o parto, não notei absolutamente qualquer perturbação’, seja *física*, seja *psicológica*, mas, ao fim da minha explanação, três cafezinhos depois, suspirou, ‘Um quadro típico de pemedê’, recomendando que levasse ela, ‘O mais breve possível’, a um *especialista*, e rabiscou o nome de um psiquiatra de confiança dele. (RUFFATO, 2009, pp. 23-24 – grifos no original)

Oliveira (2014, p. 86) diz que a expressão “pemedê”, presente no trecho acima, refere-se à sigla PMD, que significa Psicose Maníaco Depressiva. Independentemente da especificidade da doença, ou mesmo se é de caráter físico ou psicológico, parece-nos clara a associação possível entre a ideia de doença e ruína. No entanto, a ideia de depressão talvez deixe ainda mais claro a ideia de declínio, haja vista que alguns de seus significados, como os associados à Geografia, denotem a ideia de um movimento para baixo.

Também sobre uma condição enferma em termos psicológicos e/ou neurológicos, lembramo-nos de outras duas personagens: o Ivan Cachorro Doido e o Lopo Garcia. Sobre o primeiro, lemos: “[...] o Ivan Cachorro Doido, camarada meu encostado por causa de que dava uns acessos feios, de estrebuchar no chão escumando pela boca, embora a malícia do povo denunciasse tramoia, ‘Doença dele é horror de pegar no pesado’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 29). Embora haja a suspeita de se tratar mais de uma encenação, um engodo, do que uma doença real, não temos como ter certeza e, portanto, é um elemento a ser considerado. Quanto ao segundo, numa dada situação, ele se encontra em frente de uma igreja fazendo um discurso em tom alocado sobre a péssima situação de Portugal e a exploração que sofre:

Quem reencontrei foi o tal do Lopo Garcia, o poeta ou escritor, não sei, do Ao Recanto dos Caçadores, a-ideia-viva-que-vai-mudar-a-história-de-Portugal. Bem em frente da Sé, placa pendurada no pescoço, escrito agarranchado, Compre esse homem, longos cabelos brancos esvoaçantes, roupas descompostas, pregava pros transeuntes, movendo ligeiro de um lado pro outro, ‘É isso que desejam de Portugal’, que fiquemos de joelhos para o resto da Europa, [...] e deitado na escada da igreja esperneava, e urrando ameaçava sobre os intimidados turistas [...] percebiam que o sujeito era maluco [...] recolheram o Lopo Garcia, que ensandecido, excomungava Deus e os Estados Unidos [...] mas torço pra deparar aquele doido na rua um dia [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 79-81)

A situação do Ivan Cachorro Doido faz-nos pensar que talvez tivesse ataques epilépticos, que é um transtorno neurológico. Já o Lopo Garcia expressa sua condição em seu comportamento e o emprego de termos como: “maluco”, “ensandecido” e “doido”, além de sua aparência; com uma placa pendurada no pescoço, cabelos esvoaçantes e roupas descompostas reforçam a ideia de loucura.

Menções a outras condições de saúde também contribuem para essa construção simbólica que remete ao declínio. Quando Serginho refere-se a como Sheila costumava ser tratada quando percebiam que era prostituta, doenças como Aids (sigla em inglês para síndrome da imunodeficiência adquirida, que em português é Sida) e lepra são apontadas: “[...] além do quê, parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde entrava, tratavam ela mal, aos **chutos e pontapés**, como se portasse **sida**, ou lepra [...]” (RUFFATO, 2009, p. 67 – grifos no original). A alusão a essas doenças particularmente são reveladoras. É de amplo conhecimento que a Aids em décadas anteriores, especialmente até a dos anos de 1980 aproximadamente, quando o desconhecimento era bem maior que o atual, costumava gerar um isolamento daqueles que a portassem. Quanto à lepra, apesar dos muitos avanços médicos e esclarecimentos sobre seu tratamento, desde tempos imemoriais, acarreta a separação do doente do restante de sua comunidade, conforme nos atestam textos bíblicos da época de Moisés: “Ordene aos israelitas que mandem para fora do acampamento todo aquele que tiver lepra [...]” (BÍBLIA, NVI – Números 5:2). Portanto, essas doenças remetem à ruína do indivíduo porque o isolam, impossibilitando qualquer tipo de ascensão ou projeção social.

Outro aspecto da noção de doença/saúde pode ser percebido nas menções feitas às pernas de seu Seabra e do Baptista Bernardo. Assim que Serginho chega ao hotel do Vizeu, local onde morará em Lisboa, recebe uma série de recomendações do proprietário, que, para amedrontar, diz ser amigo do chefe de polícia e ter servido ao exército com aquele:

[...] e o seu Seabra, olhinho azul miudinho, atrás de mim explicando que a casa não oferecia café-da-manhã, que a porta fechava às dez da noite, que os hóspedes carregavam a própria chave, que a responsabilidade pelo entra-e-sai cabia a cada um, que se notasse alguma irregularidade chamava a polícia, aliás, conhecia bem o chefe da Judiciária, combateram juntos **em África**, parte da juventude, ‘A melhor parte’, tinha gastado servindo o Exército em Moçambique, sobrou da época a perna manca, ‘Um estilhaço bem aqui’, e uma insônia que remédio nenhum domava [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 41-42 – grifos no original)

Quanto ao seu vizinho angolano, Baptista Bernardo, Serginho reporta o seguinte:

[...] Baptista Bernardo, vizinho de parede, escravo de uma muleta *compensatória* da perna esquerda [...] tinha perdido a perna uns vinte anos atrás, quando, menino, pisou numa **mina** escondida no meio da lavoura

durante a guerra entre Portugal e os **independentistas**, e que, pernetá, não pôde nem sequer estudar mais, porque a escola era longe da aldeia [...]. (RUFFATO, 2009, p. 54 – grifos no original)

Em ambos os casos, tanto do seu Seabra quanto do Baptista Bernardo, a perda ou agravo na perna é decorrente de conflitos armados, de guerras, que notoriamente costumam implicar prejuízos, destruição, ruínas.

Outra passagem que aponta para a questão da doença/saúde é a da colega de trabalho de Serginho, a cozinheira n'O Lagar do Douro, a dona Celestina. Ela é caracterizada como alguém de difícil trato, muito reclamona, e com muitos problemas de saúde:

[...] ela era uma reclamona, cismada com macacoas, 'Olha as minhas pernas', e exibia os ninhos de varizes, e arranjava *terríveis* dores de estômago, tanta coisa boa 'E só posso ter **às papas**', e *mortificantes* enxaquecas, 'Desde **miúda** não me sossega a cabeça', e mãos *chamuscadas*, *vista curta*, e isso e aquilo, e despedia semana sim, semana não, um **fastio** que só vendo [...]. (RUFFATO, 2009, p. 56 – grifos no original)

Percebe-se a recorrência de problemas na perna somada a outras enfermidades das mais variadas.

Rodolfo, em seu discurso, pondera motivos que dificultam, ou mesmo impossibilitam, o retorno do migrante e, entre eles, ele destaca doenças daqueles que ficaram na terra natal do migrante: "'É ilusão, Serginho', pura ilusão imaginar que uma hora a gente volta pra nossa terra, 'Volta nada', a precisão drena os recursos, 'É a mãe doente na fila do SUS, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro' [...]" (RUFFATO, 2009, p. 79), sem contar com o próprio adoecimento e desgaste do migrante durante o processo migratório: "[...] os cabelos caem, a pele enruga, 'Nessa brincadeira' cinco anos escorreram já [...]" (RUFFATO, 2009, p. 79).

Se a questão da doença é simbólica para pensarmos a decadência, um passo adiante é problematizarmos a morte. O termo, em suas variantes, é relativamente comum, isso mesmo quando, sem uma menção direta, ela se faz presente. Aqui não estamos pensando na morte como um fim, mas como um componente que remete a um processo de decadência. A primeira menção é à morte de seu tio: "[...] meu tio Zé-Carlim, irmão caçula da minha mãe, fanático por automobilismo, e que, por ironia, morreu cedo, nem trinta anos, no trevo de saída pra Ubá, única vítima da batida entre um ônibus da linha Belo Horizonte-Muriaé e o Chevette do seu Lino [...]" (RUFFATO,

2009, pp. 16-17). Um pouco mais a frente, Serginho remete-se ao fato de já não ter mais pai, ainda que não especifique exatamente quando:

[...] não conseguia nem parar de pé, e que entreguei a ela o peso da moto e saí tropicando, e, não sabendo o que fazer, encostou a Biz no fícus, junto ao muro em frente de casa, pegou uma cadeira e passou a noite inteira vigiando pra ninguém roubar (sozinha, porque, nesta época, meu pai, paciente de uma ziquizira, já não encontrava mais entre nós). (RUFFATO, 2009, p. 20)

A passagem acima refere-se ao dia anterior ao início de seu tratamento, já que, como uma espécie de despedida do consumo do cigarro, tinha sido instruído pelo doutor Fernando a tomar um porre. Essas duas figuras masculinas, tio e pai, ausentes na vida de Serginho, podem sugerir, talvez, a necessidade de Serginho por figuras paternas, como os tutores a que já nos referimos anteriormente.

Se a ausência do pai tem um peso significativo para Serginho, a perda de sua mãe, dona Zizinha, é uma perda parental muito mais sentida por ele. Menções como: “Aí lacei e beijei minha mãe [...]” (RUFFATO, 2009, p. 20); “[...] e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe” (RUFFATO, 2009, p. 25); “[...] convocou, sentida, a memória da minha finada mãe [...]” (RUFFATO, 2009, p. 30); “[...] bem que minha santa mãe, que Deus a tenha!, me dizia, se conselho fosse bom, ninguém dava, *vendia* [...]” (RUFFATO, 2009, p. 45 – grifo no original); “[...] ajoelhei e recordei a finada minha mãe, o finado meu pai [...]” (RUFFATO, 2009, p. 53); e “[...] quando minha mãe era viva e meu pai também, que Deus os tenha em bom lugar, ainda importava de não deixar eles cismados, a-descoberto, mas, agora, quem ia sentir a minha falta? [...]” (RUFFATO, 2009, p. 72) são reveladoras da importância da relação que tinha com ela e o peso que a sua perda gerou nele.

A perda parental, quer pela morte, quer pelo simples desaparecimento, acompanha outras personagens. Lembramo-nos tanto da situação de Sheila quanto da de seu Carrilho. Ao reportar um trecho da trajetória da vida de Sheila, ficamos sabendo o seguinte: “[...] neta de garimpeiros sem pátria nem nome, cujo pai herdou o nomadismo e *sumiu* faiscando ouro na Serra Pelada, por ninguém mais visto, desamparando a mãe e uma fieira de seis de-menor, ela, a caçula, de-colo ainda, que viviam regateando favor de fazenda em fazenda [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 63-64 – grifo no original). Sobre seu Carrilho, também por ter contado um pouco de sua própria vida para Serginho, ficamos sabendo que ainda adolescente saiu de uma região

interiorana de Portugal, Trás-os-Montes, enviado pela sua mãe aos cuidados de um tio que o explorava:

[...] traumatizado com os **patrícios**, ‘Cheguei a estar rico na tua terra’, onde desembarcou sozinho, de navio, com doze, treze anos, ‘Menos um para passar fome na aldeia’, um irmão da mãe recebeu ele em Santos, começou a trabalhar, três horas da manhã o tio acordava ele, arrancando a coberta no frio, estapeando no calor, pra amassar o pão e depois atender os clientes, todos os dias, sábados, domingos e feriados, um regime tão penoso que nem o bairro conhecia direito, e, quando fez dezesseis anos, encorpado e vivaz, desentenderam, porque queria ser tratado que nem gente e foi chamado de *ingrato*, forte, esbanjando saúde, quarto e comida de graça, reclamava do quê?, ameaçou mandar ele de volta pra miséria de Trás-os-Montes, e, diante do terrorismo, acabou fugindo, *com a roupa-do-corpo*, pra São Paulo [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 47-48 – grifos no original)

Ainda que não dito de forma explícita, percebemos que a ausência das figuras parentais, mesmo que sob o cuidado de outros parentes, ensejou trajetórias de vida difíceis, repletas de necessidades. O emprego do termo “desamparando” quando se refere ao pai da Sheila marca bem o percurso dessas personagens migrantes.

Uma passagem marcante que aborda a questão da morte, e que já evocamos em capítulo anterior quando tratamos da vaidade e autocentramento de Serginho, é o momento em que, após ter recém-chegado, conjectura sobre sua própria morte:

‘Serginho, no mínimo você está morto’, e abateu uma tristeza, dificilmente iam me achar ali, ninguém sabia do meu paradeiro, enterrado como indigente, jogado numa cova rasa e sem identificação [...] e lembrei do coitado do Pierre, aguentando as maledicências do povo, um vexame o pai mal desembarcar em Portugal e já ir morrendo, sem quê nem porquê, e, cada vez mais deprimido, virei pro canto e ferrei no sono de novo. (RUFFATO, 2009, p. 42)

Esse pensamento dele sobre a morte provoca sentimentos ruins, de tristeza, em certa medida poderíamos dizer até depressivos, porque faz aflorar perspectivas ruins, de fracasso. Mas há uma situação pontual em que Serginho também evoca a morte, mas para justificar uma postura de se aproveitar a vida, para gastar mais, mesmo que isso redundasse em postergar seus sonhos:

[...] e, mesmo antevendo minha economia minguar, minorando as chances de retornar logo a Cataguases, decidi adiar um pouco o futuro, e arrancar ali, sem mais remorsos, *afinal*, quem sabe a hora extrema?, a gente pode ser atropelado na **passadeira** por um **autocarro**, ou de repente sofrer um ataque-do-coração ou um derrame desses que deixam o indivíduo retardado, ou então, ainda pior, a gente está bem, deita pra dormir, e, quando acorda, pum!, percebe que está morto! (RUFFATO, 2009, p. 63 – grifos no original)

É preciso ter claro que essa exceção explica-se em parte por Serginho estar nutrindo um grande afeto por Sheila.

O termo morte ainda é utilizado com um certo teor metafórico, mas para denotar a precariedade de muitas situações vividas por migrantes e aspirantes à migração. Rememoramos o caso do casal Baptista Bernardo e esposa. Em uma dada passagem, lemos: “[...] sem dinheiro e sem emprego, e, pra não morrerem de fome, a mulher prostituía, com o consentimento do marido, responsabilizando pelo pagamento das despesas do mês [...]” (RUFFATO, 2009, p. 55). Usada talvez com muita frequência como figura de linguagem, “morrer de fome”, no caso da situação contada, parece ser mais do que isso. A vulnerabilidade social e econômica do casal de origem angolana parece justificar o emprego da expressão para além de seu sentido figurado. Outra passagem significativa é no que estamos chamando de “discurso de Rodolfo”. Nessa passagem, essa personagem consegue sintetizar muitos pontos da experiência migrante em um diálogo que estabelece com Serginho. Uma das questões que ele aborda são as dificuldades passadas pela camada mais pobre no Brasil e a sua insatisfação e revolta com as desigualdades do país. Ele diz, por exemplo:

[...] o trabalhador, aquele que bate-cartão ou que capina sol a sol, este morre à-míngua, ‘Tu conhece alguém, lá na tua cidade’, que, nascido pobre e honesto, esteja bem de vida, ‘Bem mesmo’, sem ter que preocupar em como pagar as contas no fim do mês?, ‘Não, claro que não’, porque, nessa situação, só quem tem *berço*, as famílias que exploram o Brasil desde sempre, e que pra isso fazem política, ‘Pra manter a pabulagem’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 78 – grifo no original)

Ele emprega o termo “morrer à-míngua” para se referir às dificuldades enfrentadas cotidianamente pela classe mais baixa no Brasil e contextualiza com toda a precariedade vivida por esses. Tal situação lhe desperta um sentimento de revolta que o faz dizer: “[...] discorria, revoltado, ‘Na Paraíba, por exemplo’, meia dúzia de sobrenomes mandam em-desde que o mundo é mundo, ‘Se ficasse lá, Serginho, virava marginal’, comprava uma carabina e saía caçando os ricos todos, ‘la morrer, eu sei, mas antes cometia uma insensatez” (RUFFATO, 2009, p. 78). Nesta última parte, “morte” é usado de maneira mais literal, ainda que apenas como uma fantasia, como uma ação para acabar com as desigualdades sociais que ele verifica.

As condições econômicas de Serginho e das personagens que lhe são próximas, como o seu cunhado e a irmã, também apontam na direção da decadência e da precariedade. A alegação principal de Serginho, inclusive, de motivação central

para o seu deslocamento, é de estar vivendo uma situação econômica ruim, apesar de não ser o único motivo. O fato de Serginho ainda morar com sua mãe, mesmo já sendo um adulto e tendo trabalho, pode e deve estar relacionado a questões de afeto, de dependência emocional, mas não há como descartar as implicações econômicas que isso também pressupõe: “[...] olhei pela janela e não vi a Biz no quintal, espichei as pernas bobas e esbarrei com minha mãe na cozinha, ‘Acordou, meu filho?’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 20). Esse mesmo meio de transporte, sua Biz, mais “simples”, foi, segundo a personagem, um dos motivos para ser traído por uma de suas namoradas: “[...] ela me permutou por um rapaz dono de uma 125 azul [...] a desilusão com a Karina me inpingiu a certeza de que no Brasil vence o mais bem motorizado [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 18, 21-22), e quando teve a oportunidade de trocar a sua Biz por uma moto melhor, justamente uma 125, o levou a conhecer aquela que seria sua esposa: “[...] engraçou comigo quando finalmente consegui trocar a Biz por uma 125 retirada novinha em folha da concessionária [...]” (RUFFATO, 2009, p. 22). Ainda que aparentemente tenha melhorado um pouco sua condição econômica, refletida na aquisição de uma nova moto, isso não parece ter sido algo tão significativo.

Outra evidência clara das péssimas condições financeiras de Serginho é não ter nenhum tipo de reserva econômica significativa quando da viagem para Portugal:

[...] eu resistia, desempregado –, ‘Vendo minha metade procê’, e expus minha tenção de, com a quantia arrecadada, mais uma raspa-de-tacho do Fundo de Garantia, ‘Isso é segredo, se a Carvalhada descobre, me rapelam também’, e a transação da 125, desmudar pra Portugal [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 26-27)

Nessa passagem, ele está argumentando com sua irmã a fim de conseguir algum recurso minimamente suficiente para realizar o seu intento de migrar. Colocações como: “a raspa-de-tacho do Fundo de Garantia”; a necessidade de venda de sua moto; e o pedido de segredo para que a família de sua esposa não saiba que tem esses poucos recursos confirmam sua penúria.

Uma vez em Portugal, Serginho conseguiu se manter por um curto período de tempo antes de conseguir um emprego, mas isso lhe exigiu fazer economias, como ele confessa nesta passagem:

[...] clamei pra que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento, que Ele providenciasse logo uma colocação, porque o dinheiro escasseava, mal dava para bancar o aluguel do quarto e o almoço,

minha única refeição, rifados o café-da-manhã e a janta, por demanda de economia, andando a pé pra cima e pra baixo e negaceando dos fiscais nos **elétricos** e **autocarros**, e prometi mundos-e-fundos, até mesmo peregrinar a Aparecida do Norte de-a-pé, porque as noites incendiavam meu estômago vazio, estumando a vigília [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 53-54 – grifos no original)

A sua falta de recursos implicava principalmente sua alimentação, elemento mais básico para a subsistência, mas também em cometer algumas infrações – não pagar passagens nos meios de transporte – como estratégias para se manter naquele novo local por mais tempo.

A condição sócio-econômica de sua irmã e o cunhado também são relevantes, porque ajudam a contextualizar e perceber o conjunto social, mais amplo, mas ao mesmo tempo próximo a ele. Em um determinado momento, Serginho diz que viajou junto de sua irmã para São Paulo com o objetivo de comprar roupas para revender:

[...] quando acompanhei a Semíramis, minha irmã, à rua Oriente, no Brás, pra comprar roupas que ela revendia em Cataguases, numa lojinha na Taquara Preta, que durou pouco, a clientela comprava fiado e não pagava, acabou fechando, devendo também pra um monte de gente, essas coisas do comércio [...]. (RUFFATO, 2009, p. 17)

Ao que tudo indica, era uma atividade do tipo que se costuma chamar de “sacoleira”, mas que fracassou, gerando, em consequência, dívidas. É dito também que sua irmã morava de aluguel: “[...] pois morava de aluguel na Santa Clara [...]” (RUFFATO, 2009, p. 26), o que robustece a ideia de que não era abastada. A falta de crédito de seu cunhado para adquirir a parte da herança de Serginho arremata essa questão: “Neste entretanto, a tratativa da minha metade da herança não evoluía, os bancos recusavam empréstimo pro meu cunhado, nome-sujo na praça, e jogavam eles na arena dos agiotas [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 33-34).

A própria ambientação periférica de seu bairro explicita a pobreza do entorno onde morava. Na casa de uma das potenciais vendedoras de imóveis para Serginho, a dona Dalila, por contraste, percebemos isso:

[...] inspecionamos cada cômodo, me convencendo da qualidade do material utilizado, ‘De primeira’, que ela *em pessoa* escolheu, ‘O finado, que Deus o tenha!’, pra isso não prestava, e agarrada à minha mão ostentava a parede, ‘Que perfeição, passa o dedo!, nem um caroço’, o piso, ‘Paguei tanto, o metro quadrado’, os ladrilhos de banheiro, ‘De uma linha *exclusiva*’, e *principalmente* o que não está *às vistas*, ‘O essencial’, tubos e conexões, manilhas, fiação elétrica, ‘Igual, só em casa de rico’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 30 – grifos no original)

Muito provavelmente todos os elogios que a dona Dalila está fazendo à sua própria casa é uma estratégia de venda e, talvez, nem fosse tudo aquilo, mas não podemos desconsiderar suas colocações, especialmente quando diz que “Igual, só em casa de rico”. Ela apela para a noção de que sua casa, apesar de não “ser de rico”, é semelhante e contrasta com aquilo que se pode ver na vizinhança.

O percurso de vida de Sheila também demonstra as dificuldades pelas quais passou. Tendo seu pai abandonado a sua família, passou por muitas adversidades de ordem econômica. Em uma passagem que já mencionamos anteriormente, lemos: “[...] neta de garimpeiros sem pátria nem nome, cujo pai herdou o nomadismo e *sumiu* faiscando ouro na Serra Pelada, por ninguém mais visto, desamparando a mãe e uma feira de seis de-menor, ela, a caçula, de-colo ainda, que viviam regateando favor de fazenda em fazenda [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 63-64 – grifo no original). Se na infância havia vivenciado situações críticas quando já independente dos cuidados da mãe e morando em cidade grande, não parece ter melhorado muito de situação: “[...] as coisas não eram fáceis, morava de pensão, até de-boca passava dificuldades, depois, quando virou atendente numa loja de roupa chique no Shopping Flamboyant e pôde dividir o aluguel de uma quitinete com uma colega [...]” (RUFFATO, 2009, p. 66). A migração também, apesar dos sonhos e anseios, tampouco lhe garantiu melhorias, afinal, na passagem que, talvez, seja uma das mais agudas da obra, em que pede dinheiro para um agiota e faz com que Serginho perca seu passaporte, verificamos que as coisas não haviam melhorado. De acordo com Rodolfo, mais do que uma situação pontual, era consequência da condição de prostituta:

[...] e ele, assustado, ‘Ficou doido?’, aconselhou a não mexer com aquilo não, ‘Tem uma verdadeira máfia por trás desse negócio’, diferente o caso dela, ‘Veio por vontade própria, pra prover a família, fugir da miséria’, expliquei, ele rebateu, ‘É, sempre a mesma história’, mas na profundez impera a violência, as drogas, a escravatura, ‘Tenho nada com isso não’, mas aconselhou, ‘Sai dessa’, emendando que, mesmo bacana, ‘Ela vai consumir tua poupança, vai te deixar a zero’, e continuou, ‘Pode escrever... É da natureza da... ocupação...’. (RUFFATO, 2009, pp. 77-78)

Fase após fase, Sheila continua presa às experiências de necessidade financeira, mesmo quando se desloca para locais diferentes: da região interiorana, rural, para a cidade grande, a capital Goiânia, e de lá para o exterior, para Portugal, no chamado mundo desenvolvido.

A situação de seu Carrilho não é, em sua essência, diferente. Tentando escapar da miséria de sua região, em uma época provavelmente em contexto de guerra ou entre guerras – o que se depreende pela idade da personagem –, mesmo sendo de origem portuguesa, enfrentava uma dura situação: “[...] desembarcou sozinho, de navio, com doze, treze anos, ‘Menos um para passar fome na aldeia’ [...] ameaçou mandar ele de volta pra miséria de Trás-os-Montes [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 47-48). Não bastasse ter vivenciado a penúria na infância/adolescência, é preciso lembrar a traição que sofreu e que o levou à falência: “[...] algum tempo depois de retornar, descobriu, apavorado, que o tal **patrício**, mancomunado com seu genro, tinha dado um desfalque, e que estava falido” (RUFFATO, 2009, p. 49 – grifo no original). Essa é mais uma personagem migrante cuja trajetória está repleta de eventos que apontam na direção da decadência.

A família Bernardo também nos fornece dados para acreditar que a miséria abunda na experiência migrante. Tanto sua condição anterior ao deslocamento migratório quanto posterior dão-nos prova disso. Baptista Bernardo explica para Serginho as desigualdades em seu país:

[...] os que ganharam a guerra, a *elite*, mandavam os filhos **fazer banga** em Lisboa, e eles **faziam**, moravam nos melhores bairros e desfilavam nos melhores carros e comiam nos melhores restaurantes e vestiam as melhores roupas das melhores *marcas*, dilapidando o dinheiro dos diamantes e do petróleo, roubando o país como os **tugas** antes, e o povo, na mesma pobreza, enfiado nos **musseques**, nas **sanzalas**, à míngua [...]. (RUFFATO, 2009, p. 55 – grifos no original)

Pessoas como ele tinham que se submeter a péssimas condições de subsistência, recorrendo aos mais variados expedientes, como a esposa precisar se prostituir: “[...] quando casou, pensando no futuro dos filhos, debandaram pra Lisboa, sem dinheiro e sem emprego, e, pra não morrerem de fome, a mulher prostituía, com o consentimento do marido, responsabilizando pelo pagamento das despesas do mês [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 54-55). Essa prática do ponto de vista moralista de Serginho causava estranheza, mas era justificada segundo seu Carrilho, que as condições o exigiam: “[...] abismado perguntei como alguém pode sequer pensar em alugar a própria esposa, e seu Carrilho, filosofando, ‘É a miséria, filho, a miséria’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 54).

Migrantes, mesmo europeus, como os ucranianos – e outras nacionalidades do leste europeu –, que compõem um dos maiores contingentes de migrantes em

Portugal, não parecem se deslocar por motivos transcendentais. Eles o fazem em razão das dificuldades enfrentadas em seus países de origem. Embora essa situação não esteja explícita na obra, a personagem Anatólio torna esse aspecto presente. O seu Peixoto, proprietário do restaurante O Lagar do Douro, quando despede Serginho e tenta justificar o motivo, diz o seguinte sobre os ucranianos:

[...] anunciou, displicente, o meu desligamento, ‘nada contra a vossa pessoa’, desculpou, mas tinha contratado outro ucraniano, ‘Chegam cá’ destemidos, formação superior, ‘Conhecem inglês, francês’, mão-de-obra mais qualificada pelo mesmo salário, ‘O Anatólio, por exemplo’, graduado em agronomia, e eles querem realmente erigir uma vida nova [...]. (RUFFATO, 2009, p. 81)

De acordo com ele, portanto, os ucranianos eram um investimento melhor em termos de contratação: eram mais qualificados e recebiam o mesmo salário. O que nos perguntamos, no entanto, é: o que faz os migrantes dessa nacionalidade migrarem mesmo tendo altas qualificações? Certamente não é uma resposta simples de ser dada, mas não nos parece descabido supor que as condições materiais em seu país de origem, em contraste com Portugal, deva ser pior.

Rodolfo, em seu discurso para Serginho, deixa claro as péssimas condições materiais no Brasil para as camadas sociais mais baixas. Ainda que ele não esteja estabelecendo explicitamente essas questões como motivadoras da migração, é algo que se depreende. No entanto, nem todos migram. Muitos permanecem no país e continuam a levar uma vida de miséria. Em suas palavras:

‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos *os outros*, ‘Eta paisinho de merda!, terra de ladroagem e safadeza!’ [...] o trabalhador, aquele que bate-cartão ou que capina sol a sol, este morre à-míngua, ‘Tu conhece alguém, lá na tua cidade’, que, nascido pobre e honesto, esteja bem de vida, ‘Bem mesmo’, sem ter que preocupar em como pagar as contas no fim do mês?, ‘Não, claro que não’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 78 – grifo no original)

Segundo ele, os mais pobres estão fadados a essa condição desafortunada e sem perspectiva de que haja mudanças.

Doença, morte e situação econômica são elementos que remetem à ideia de decadência no próprio indivíduo, mas essa ideia também está presente na maneira como o espaço é conformado e apresentado. Neste subitem, damos destaque ao espaço retratado antes do deslocamento de Serginho para Portugal, ou seja, o espaço de seu bairro, a Taquara Preta, a sua cidade, Cataguases-MG, seu país, o Brasil. A caracterização de seu bairro e sua cidade acontece em muitas passagens, marcando

eventos cotidianos. No entanto, parece-nos que as passagens em que seu colega Ivan Cachorro Doido “avalia” as casas para que no futuro Serginho invista os supostos euros que irá ganhar com seu projeto migratório sejam mais reveladoras:

[...] ninguém mais indicado pra ajudar a destrinchar as inconveniências das moradias, como estrutura (‘Ó, pode ver, a laje descai pro canto direito ali, ó’); vizinhança (‘É procurar chifre-em-cabeça-de-cavalo, por quê que você acha que os antigos proprietários mudaram?’); documentação (‘Esses não têm registro da planta na Prefeitura’); valia (‘Quanto estão pedindo? Sai fora! Merece não?’) [...]. (RUFFATO, 2009, p. 29)

Além das considerações anteriores, também o fazia sobre o bairro, geralmente ruins, com o objetivo de convencê-lo a investir em outras localidades da cidade, dando um tom mais preciso da ideia da precariedade e decadência daquele espaço:

[...] após observar cuidadoso a rua escura, a fraca luz dos postes filtrada pelos galhos dos fícus, o silêncio lacerado pelo silvo dos morcegos, o latido dos cachorros, o choro de um neném, o barulho de uma televisão, segredou que aquela parte do bairro, ‘Sabia não?’, antes do loteamento, era um brejo, ‘Terreno ruim, as casas tudo condenadas, a umidade’, o que me convenceu de vez a procurar moradia em outro local, tristeza danada largar amizade *de-raiz*, mas fazer o quê?, como corrigiu o Ivan, ‘Quem vive de passado é historiador?’. (RUFFATO, 2009, p. 33 – grifo no original)

As considerações de Ivan Cachorro Doido apontam tanto para questões diretamente relacionadas aos aspectos físicos do espaço quanto do aspecto social das pessoas que ali moravam.

Outra passagem marcante que estabelece um perfil de sua localidade de origem e que constrói uma imagem ruim é dada quando Serginho está saindo de lá, no contexto de sua despedida:

[...] observando o adiantamento do bairro, cafundó pouco a pouco civilizado, o arruamento, a luz elétrica, as redes de água e esgoto, o asfalto, os botequins, as festas pra construção da igreja católica, o erguimento silencioso dos templos dos crentes, os shows no Clube do Cavalo, os comícios, as peladas no campo que tem um marco em ruína AOS VINTE E UM DIAS DE ABRIL DO ANO DE 1982 AQUI FORAM LANÇADAS AS BASES DO ESTÁDIO MUNICIPAL DE CATAGUASES, SENDO PREFEITO MUNICIPAL O EXCELENTÍSSIMO SENHOR etc. etc. e que sempre serviu de pasto pras criações de seu Nilto Leiteiro, as enchentes que ameaçavam sorradeiras, as queimadas que sufocam as casas, a poeirama de agosto, a praga de pernilongos, escorpiões, carrapatos, a epidemia de gatos e viralatas, as desavenças, as uniões, os que nasceram, os que morreram, a bandidagem, os maconheiros, o pessoal da cocaína, a aids e, ultimamente,, os mutirões contra a dengue [...]. (RUFFATO, 2009, p. 36 – grifo no original)

Embora possa parecer apenas que no movimento de Serginho de se deslocar de um lugar notadamente ruim, decadente, para um outro que em sua idealização é melhor é um avanço, um progresso, veremos que não é isso exatamente que ele vai constatar.

Uma última questão sobre a caracterização de um espaço decadente que nos parece valer a pena destacar é a comparação que ele faz entre o rio Tejo, de Lisboa, e o rio Pomba, de sua cidade natal, Cataguases-MG. Admirado pelo tamanho do Tejo, ele cogita enviar um cartão postal com a imagem do rio para os seus familiares e amigos:

[...] alcancei a beira do Tejo, uma ignorância tanta água, perto dele o infeliz do Pomba parece corguinho, comprei um cartão-postal pra exibir praquele povo incréu de Cataguases, mas às vezes fico pensando, acho que não vou mostrar não, pra que humilhar o pobre do nosso rio?, capaz até de adoecer, secar, a gente nunca sabe a reação das pessoas [...]. (RUFFATO, 2009, p. 43)

Talvez esta seja uma das poucas passagens em que há uma comparação entre os espaços, de suas ambas referências: Brasil/Portugal, em que há um posicionamento claramente mais favorável ao local de migração.

Vimos neste subitem como a ideia de decadência e ruína está presente na vida das personagens, particularmente nas personagens migrantes. Isso é trabalhado esteticamente com referências a elementos como as doenças, a morte, a condição econômica e a caracterização do espaço. Na sequência, veremos algo semelhante, mas com ênfase ao espaço de recepção de Serginho, ou seja, Lisboa mais pontualmente, e Portugal de maneira mais ampla.

3.3 Progresso e decadência para Portugal

Apesar do otimismo e das idealizações de Serginho sobre Portugal, motivadas em grande medida por certas falas de seu Oliveira, principal incentivador, o espaço com que ele vai se deparar ao chegar ao novo país, de sua migração, é bastante diferente do que ele havia imaginado. Ainda que um país europeu, desenvolvido, chamado, de acordo com a nomenclatura antiga, de Primeiro Mundo, as imagens que vão sendo construídas ao longo da segunda parte da obra, quando é retratado sua estada lá, revelam, no mínimo, o seu oposto.

Logo no começo da segunda parte quando descreve o bairro onde ficava o hotel do Vizeu em que mora, lemos:

[...] Madragoa, um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em **xailes** pretos, velhos de boinas de lã subindo-descendo devagar o ladeirame, sem ar, escorados nas paredes, gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa, cheia de macacoa, vista fraca, junta dolorida, dente molengo, perna inchada, e, assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação [...]. (RUFFATO, 2009, p. 39 – grifo no original)

Esta parece ser a melhor síntese da impressão geral que Serginho tem de Portugal e dos portugueses. Há elementos que vão se repetir ao longo de toda a segunda parte da obra. A antiguidade/velhice é plasmada tanto no espaço quanto nas pessoas. Empregar o termo no diminutivo para as ruas, “ruínas”, e dizer que são estreitas, além de agregar que o casario é maquiado, remete de maneira muito direta à questão do que é velho, já que contrasta com a concepção comum do que seria uma cidade moderna, de ruas largas e amplas e construções realmente novas, e não disfarçadas como que com uma maquiagem. O uso do termo “até as pessoas são passadas” estabelece a conexão de sua impressão do espaço com as pessoas. Elas são caracterizadas por traços que são próprios da velhice, da última fase da existência humana: parece haver uma maior necessidade de proteção contra o frio – com indumentária protegendo áreas vitais do corpo: pescoço e cabeça; há uma falta de ar, um cansaço inerente, que também implica a necessidade de se apoiar, talvez também por falta de equilíbrio; existe uma lentidão no deslocamento, enfatizada pelas dores nas articulações e as pernas inchadas; a visão, talvez o principal órgão de percepção do mundo é tida como fraca, logo, incapaz de cumprir sua função de maneira adequada; os dentes, principais responsáveis pelo processamento do alimento, vital para a vida, são moles; mas, especialmente têm um comportamento social tido como ruim, ou seja, são desagradáveis. Os termos “enfezados” e “resmungando” não deixam dúvida sobre o mau humor delas, o que dificulta os relacionamentos interpessoais, além de não confiarem nas pessoas.

Praticamente todas as personagens portuguesas com quem Serginho interage parecem ser idosos. Ainda que seja impossível saber com precisão a idade deles, temos uma pista que nos parece suficiente: o pronome de tratamento. Geralmente essas personagens de origem portuguesa são referidos como “seu” e o nome, para

os homens, e “dona” e o nome, para as mulheres. Listamos a seguir para demonstrá-lo: “seu” Seabra – proprietário do hotel do Vizeu; “seu” Carrilho – vizinho no hotel do Vizeu; “seu” Oliveira – proprietário do Beira Bar; “seu” Peixoto – proprietário do restaurante Lagar do Douro; “seu” Frade – proprietário do restaurante Ao Recanto dos Caçadores; “dona” Palmira – esposa de “seu” Seabra; “dona” Celestina – colega de trabalho. E mesmo quando não há o emprego do pronome “seu”, como no caso do Lopo Garcia, ele é claramente identificado como idoso: “De vez em quando aparecia um mais-velho, que, ao apontar na escada, todo mundo levantava [...] cabelos brancos raleados [...]” (RUFFATO, 2009, p. 51). Personagens de outras nacionalidades com quem Serginho interagia em Lisboa, ao contrário, não parecem ser idosos, já que não são referidos por esses pronomes de tratamento. Lembramos aqui para exemplificar: o Baptista Bernardo – vizinho, angolano; o Nino – colega de trabalho, guineense; o Anatólio – colega de trabalho, ucraniano; o Rodolfo – amigo, brasileiro; o Jerê – amigo, brasileiro; e a Sheila – amiga, brasileira. Talvez a única exceção de uma personagem que não seja portuguesa e que talvez seja mais velha, pois recebe um pronome de tratamento, seja o agiota, angolano, o “Senhor” Almeida. Trata-se de algo amplamente sabido entre os falantes de língua portuguesa que, mais do que apenas pronomes que remetem a respeito e consideração, principalmente por pessoas com quem não se tem muita intimidade, é uma referência a pessoas de mais idade. Essa forma de se referir a outras pessoas é empregada de igual forma por Serginho quando, na primeira parte, ainda não havia migrado.

Essas personagens portuguesas, que recebem o pronome de tratamento “seu” ou “dona”, quando apresentados mais minuciosamente, são referidos com aquelas características listadas no início deste subitem: ou com traços físicos que denotam a decadência própria da velhice, como a perda de certas habilidades no corpo, e/ou pelo comportamento desagradável.

Seu Seabra, proprietário do hotel do Vizeu, como já destacado, manca de uma das pernas, fruto de um estilhaço em sua participação em uma guerra. Apesar disso não ser consequência da idade, o elemento do mal-estar físico está presente.

O seu Seabra exigiu pagamento adiantado, e, capengando, subiu a escada de madeira [...] e o seu Seabra, olhinho azul miudinho, atrás de mim explicando que a casa não oferecia café-da-manhã, que a porta fechava às dez da noite, que os hóspedes carregavam a própria chave, que a responsabilidade pelo entra-e-sai cabia a cada um, que se notasse alguma

irregularidade chamava a polícia [...]. (RUFFATO, 2009, p. 41 – grifo no original)

Muito mais simpático com Serginho, comparado ao tratamento que sua esposa dava àquele, não deixa de ser um pouco ríspido.

Sobre seu Carrilho, é interessante notar que ele difere um pouco das demais personagens portuguesas com quem Serginho interage. Apesar de estar claro que já é idoso, por toda a sua trajetória de que ficamos sabendo, e ser dito que ele já é “reformado”, a sua implicância não é direcionada a Serginho. Em uma condição difícil de definir sobre seu afeto em relação ao seu torrão natal, afinal seu Carrilho tinha morado muitos anos no Brasil, sua implicância é para com os portugueses. Na passagem em que Serginho compartilha com ele que era amigo do Poeta, lemos: “Um dia comentei com seu Carrilho, todo orgulhoso, que era amigo do Poeta, e ele deu de ombros, ‘Meu filho, todo mundo nessa terra é poeta, até eu sou’ [...] e continuou, ‘Poetas sem livros... todos...’[...]” (RUFFATO, 2009, p. 52).

O patrão de Serginho, seu Peixoto, é descrito como alguém de poucas palavras: “[...] seu Peixoto, o dono, homem de muito mando e poucas palavras [...] envergonhado por não saber outras línguas, saía cumprimentando ligeiro a gringalhada, suando e balançando a cabeça pra cima e pra baixo, que nem doentes dos nervos [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 55-56). Após essa primeira apresentação, fica mais clara a sua rudeza e insensibilidade quando Serginho pede que intervenha na questão das gorjetas, que o Anatólio ficava apenas para si: “Uma vez reclamei com o seu Peixoto, ele disse que lavava as mãos, que o sistema era aquele, o Anatólio é que fazia as honras da casa, tinha direitos, ‘Não fosse ele abordar os clientes’, não tinha dinheiro nem pra me pagar” (RUFFATO, 2009, pp. 57-58). Outra ocasião em que esses traços se reforçam é quando despede Serginho:

[...] pouco depois de completar um ano de labuta n’O Lagar do Douro, um domingo, fim de expediente, seu Peixoto me convocou de-lado, e, ajeitando lulas, polvos, camarões e **percebes** no balcão-frio, anunciou, displicente, o meu desligamento, ‘nada contra a vossa pessoa’, desculpou, mas tinha contratado outro ucraniano, ‘Chegam cá’ destemidos, formação superior, ‘Conhecem inglês, francês’, mão-de-obra mais qualificada pelo mesmo salário, ‘O Anatólio, por exemplo’, graduado em agronomia, e eles querem *realmente* erigir uma vida nova, os brasileiros, sempre pensando em voltar, ‘Feitas as contas’ na ponta do lápis, mais *sensato* contratar um *leste-europeu*, e, além disso, ‘Não te ofendas, **pá**’, os fregueses preferem ser atendidos por um **gajo** louro de olhos azuis, ‘Eu cá até discordo, os brasileiros’, mais *cordatos*, mas o cliente é quem manda, ‘Tu sabes’ [...]. (RUFFATO, 2009, p. 81 – grifos no original)

Empatia e delicadeza passam longe de seu comportamento. Indiferente à situação de Serginho, tem um raciocínio bastante prático sobre o que lhe convinha mais em termos de seu negócio. A sua indiferença em dar a notícia de maneira displicente torna mais aguda a situação.

Outro dono de restaurante, e português, é seu Frade. Proprietário do Ao Recanto dos Caçadores, costumava interagir e conversar com seus clientes. Duas questões chamam a atenção sobre sua relação com Serginho: a primeira é ter participado, juntamente com outros clientes, de uma situação em que riem do sotaque de Serginho e, outra, em que fica extremamente irritado por uma suposta gafe que aquele teria cometido ao fazer comentários sobre o Lopo Garcia, que no seu entender eram absurdos.

Uma vez, desencabulei e especulei do seu Frade quem era aquele fulano que todo mundo puxava-o-saco, e ele, fora-de-si, só faltou me bater, gritando, 'O Lopo Garcia?! É a Ideia Viva de Portugal', 'O Mais Capaz de Todos os Concidadãos', 'A Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa', e que só desculpava minha *ignorância* porque eu era brasileiro, mas que anotasse o nome, pois muito ainda 'Haverá de ouvir dele', que estava tramando o 'Grande Livro', que ia ocupar com destaque todas as **montras** das livrarias, um negócio definitivo, e, vermelho, sem fôlego, achei que ele ia ter um troço. Acudimos ele e, depois que engoliu uma **bagaceira**, ponderei, preocupado, que, se o homem, já *meio-passado*, não terminasse logo a tal obra, não corria o risco de morrer antes de usufruir do sucesso? E o seu Frade, evocando a paciência dos santos, todo trêmulo, 'Ó **energúmeno**', quem liga para isso?, 'Quando morreremos todos, e morrerem nossos filhos', gaguejava exaltado, ele ainda 'Há de ser lembrado', e fiquei impressionado, porque não sabia nem mesmo o nome dos meus avós direito [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 51-52 – grifos no original)

São vários os matizes desta passagem; destacamos aqui, porém, aquele que talvez seja o mais óbvio e que temos grifado num geral na maioria das personagens portuguesas: a sua inabilidade social em dispensar um tratamento educado aos outros, em especial ao estrangeiro.

A dona Celestina, colega de Serginho no O Largar do Douro, já foi mencionada no subitem anterior em relação aos seus vários problemas de saúde. Ateremo-nos apenas ao aspecto do seu comportamento hostil para com outras pessoas, mais uma vez, particularmente com os estrangeiros. A primeira passagem de que nos lembramos é quando mostra uma cisma com Anatólio: "[...] sem domar no entanto a dona Celestina, a cozinheira, que resmungava, implicante, que ele era é um **finório**, 'Ele inventa', não fala nada, 'Se até o português dele é pior que o teu', comparava [...]" (RUFFATO, 2009, p. 56 – grifo no original). Essa passagem é uma implicância dupla:

primeiro com o Anatólio, não acreditando que ele fala várias línguas, e segundo com Serginho, já que implicitamente admite que o português de Serginho, e aqui ela simplesmente desconsidera o fato dele ser brasileiro e, portanto, tendo o português como língua materna, é ruim, apenas melhor do que o de seu colega ucraniano. Mas o momento mais marcante da dona Celestina é seu comentário em relação à Sheila quando esta vai visitar Serginho no trabalho:

[...] falou que, querendo, a gente podia se ver de novo, e me passou o número do **telemóvel**, 'Você está devendo' um almoço, e eu, embestalhado, coração manco, pernas insuportando a carga do corpo, retornei, cabeça longe, nem anotei pra que lado ela abstraiu, demorou apenas o rastro vespertino dela no meu nariz entupido, e acorreram a especular, maliciosos, 'Quem?' a **alterneira**, e, cara-fechada, tratei de proteger 'Minha prima', e até do Nino obtive desconsideração, e o seu Peixoto decretou, 'Putá', convocando grosseiro à faina, eu, controlando o juízo pra não esfolar a cara daqueles mequetrefes nos pés-de-moleques que realçam a rua, explanei pra dona Celestina, 'Pessoa das minhas relações', e, ela, sempre encafuada na cozinha, ranzinhou, pra desconsolo meu, 'Brasileira? Então é **rameira**'. (RUFFATO, 2009, p. 62 – grifos no original)

Ela estabelece uma relação necessária e certa entre a nacionalidade da pessoa em questão e decreta, sem meias-palavras, que, se era brasileira, era "rameira". Esse trecho, que trouxemos uma porção maior do que apenas as considerações da dona Celestina, também apresenta um comportamento semelhante ao de seu Peixoto.

Apesar do comportamento dessas personagens portuguesas ser bastante antipático para com o estrangeiro, evidenciados especialmente naqueles que são dirigidos para o protagonista Serginho, a personagem dona Palmira parece se destacar, pelo menos assim percebe o protagonista. Proprietária do hotel do Vizeu, esposa de seu Seabra, dona Palmira costumeiramente implica com Serginho. Tudo parece ter começado em uma dada ocasião quando ele, preocupado pela recepção estar vazia, tilinta a campainha várias vezes:

[...] deparei com a recepção abandonada, tilinte a campainha uma, duas, três vezes, esperei, e, como não aparecia ninguém, toquei de novo, impertinente, até surgir uma senhora de cara amarrada, enxugando as mãos no avental, gritando mal-humorada que não era surda, sem graça falei bom dia, ela não respondeu, repeti, mais alto, ela ignorou perguntando o quê que eu desejava, expliquei nada não, só que, como não havia *ninguém* no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse, 'Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!', e voltou a praguejar, brava [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 42-43 – grifos no original)

Embora sua preocupação fosse legítima e estivesse inclusive preocupado com o bem-estar dos proprietários no sentido de não terem nenhum tipo de prejuízo, não é essa a concepção de dona Palmira. Apresentando muitos dos traços de mau humor de outras personagens portuguesas, ela fecha a cara, grita, ignora e só parece estar ali para se livrar do que ela percebe como incômodo: o tilintar da campainha. Não percebendo sentido no que Serginho lhe explica sobre sua preocupação com o lugar vazio, responde-lhe de maneira extremamente áspera, insultando-o e estabelecendo uma lógica xenofóbica de que não havia razão para tal apreensão, afinal, ali não era o Brasil.

Essa, no entanto, não foi a única experiência ruim que Serginho teve com dona Palmira, mas apenas a primeira. Segundo ele, desde então, as implicâncias dela para com ele só aumentaram:

[...] e desde aí a dona Palmira inimizou comigo, quando passava por perto me excomungava, me esconjurava, no começo ficava chateado, ainda tentei puxar assunto, conversas-fiadas, salpicando um elogio aqui, uma louvação ali, mas ela não fartava de falar poucas-e-boas de mim pros outros hóspedes, invencionices pra prejuízo meu, e graças a deus o seu Seabra não combinava muito com ela, fazia de-tudo pra contrariar a mulher, se ela me depreciava, ele me tratava com decência, se ela me espiçava, ele me animava [...]. (RUFFATO, 2009, p. 43)

Apesar de seus esforços para manter uma boa relação com ela, as tensões continuavam. O que lhe dava um pouco de alento era o seu Seabra, nessas ocasiões pelo menos, tratar-lhe um pouco melhor. A passagem do guarda-chuva é mais uma que deixa clara a continuidade do estresse entre ambos:

[...] (cheguei da rua debaixo de um aguaceiro, fechei o guarda-chuva, e, pensando em expor ele no quarto pra secar, subi a escada ligeiro, deixando pra trás um rastro molhado, quando a dona Palmira, feita caninana, num bote me acercou, braços em cruz, sibilando, impedindo a passagem, gritando coisas que eu não entendia direito, um escarcéu, até surgir o seu Seabra berrando pra mulher calar, pegou o guarda-chuva, enterrou no recipiente, que nem uma colher na gelatina, e, bravo, agitado, xingando, falou pra, vindo da rua, deixasse o **chapéu-de-chuva** ali, sempre, porque se não a *diaba* perdia a cabeça, instalava a arruaça, ('Ela é louca, senhor Sampaio, não vê?') [...]. (RUFFATO, 2009, p. 46 – grifos no original)

Ainda que o comportamento de dona Palmira nesse momento não fosse desmotivado, parece-nos, no mínimo, desproporcional. Não temos indícios de haver outros motivos para que ela dispensasse esse tipo de comportamento contra Serginho, restando-nos imaginar apenas que era algo gratuito, motivado apenas

talvez pela nacionalidade dele e/ou como um reforço dessa imagem de um comportamento antipático dos idosos.

Grosso modo, os ataques e comportamentos hostis que Serginho sofre são originários dos próprios nativos. No entanto, chama-nos a atenção duas exceções: o antagonismo desenvolvido entre ele e Anatólio, outro migrante, de origem ucraniana; e o prejuízo causado por Sheila, com a perda de seu passaporte, sendo essa também migrante e de mesma nacionalidade que ele, brasileira.

A principal tensão entre Serginho e Anatólio é em razão da divisão das tarefas e o maior ganho deste com as gorjetas que ficavam só para ele: “O Anatólio, com mais tempo de firma, tirava o pedido, todo janota, e para mim sobrava desenvolver as garrafas, trazer e recolher os pratos, sacudir as toalhas, e, como só ele podia receber o pagamento, pegava a gorjeta, e enfiava no bolso do avental preto [...]” (RUFFATO, 2009, p. 57). Reclamar, como vimos, para o seu Peixoto não adiantava, e Serginho então passou a tentar imitar o colega para tentar atrair mais clientes. No entanto, o fim dessa experiência de trabalho já sabemos: o seu Peixoto despede Serginho e contrata outro ucraniano.

Sobre Sheila, no que se refere às hostilidades recebidas por Serginho de outras personagens, temos uma situação limite: nutrindo um grande afeto por ela, somado ao fato de também ser migrante e da mesma nacionalidade dele, essa relação terminará mal, já que Serginho será traído por ela em uma situação que fará com que ele perca o seu passaporte, ficando clandestino em Portugal. Cada uma dessas personagens, portuguesas ou não, mas no contexto desse país, contribui para a construção de uma imagem de decadência em si mesma ou para a trajetória de Serginho.

Não bastasse a impressão de Serginho sobre o lugar e as pessoas, apresentando traços de decadência plasmados naqueles, as próprias personagens portuguesas também demonstram um entendimento de que seu país é decadente. No entanto, em muitas ocasiões, parecem ansiar por uma espécie de retorno a um passado glorioso.

No contexto da passagem em que Serginho comenta com seu Carrilho que é amigo do Poeta, lemos:

[...] perguntei quem sustenta esses **tipos**, passam o dia inteiro à toa e sempre têm o de-comer, e ele explicou que *aquele* Poeta era descendente do marquês de Alva, ‘Tem sangue azul’, mas não tem dinheiro, só passado, ‘E

vive *mesmo* do passado', passeia pelos **alfarrabistas** bateando edições antigas de grandes escritores portugueses, pra depois, imitando a firma deles, *autografar* os livros e revender, multiplicando o preço vinte, trinta vezes... Aquele caderno dele 'Não é um rascunho de poesias', mas um bloco de exercício de falsificação de assinaturas... E eu fiquei pasmado com tanta esperteza! (RUFFATO, 2009, p. 52 – grifos no original)

Poderíamos dizer que essa passagem destaca, entre outras coisas, a exploração que alguns exercem sobre outros em razão da ignorância e de certa ingenuidade. Apoiados em uma ideia de poder que emana não de um poder econômico, mas da ideia de um passado glorioso, de um valor que seria intrínseco tão somente por ser passado de geração em geração, aproveitam-se para obter lucro pessoal. A evocação de tal passado remete-nos ao discurso mítico criado pelos Estados Modernos, entre os quais Portugal foi o pioneiro, bem como o primeiro em outras áreas, como o das Grandes Navegações e exploração do Novo Mundo, conforme defendido por Anderson (2008) em *Comunidades imaginadas*. Nessa obra, que é referência nas discussões sobre o processo de formação dos Estados Modernos, o autor explica como esses Estados tiveram de construir narrativas em torno de um passado mítico, glorioso e com muitos elementos pretensamente agregadores para justificar um senso de pertencimento e origem comum. Chama a atenção como literariamente essa questão é explorada, estabelecendo uma associação com a ideia de falsificação, de engano, de uma mentira. Se nos recordamos da imagem construída por seu Oliveira sobre Portugal para Serginho, e que o fez tomar a decisão de migrar para esse país em específico, e agregarmos um certo senso comum que nos é proposto pela mídia, e muitas vezes pela própria Literatura e pelo Cinema, se não especificamente sobre Portugal, pelo menos sobre a Europa, num geral, de imagens positivas, percebemos a tensão entre ambas ideias. De um lado, uma imagem favorável, bela, positiva, e de outra, a desconstrução de tal imagem, ao mostrar o seu reverso. A ingenuidade de Serginho fica evidente pelo seu espanto e pela necessidade de que alguém lhe explique esses mecanismos, com os quais, mesmo assim, ele não percebe que, de certa forma, também continua a ser enganado ao ansiar pelo sucesso de sua migração em terras lusitanas.

A ênfase no passado não apenas da nação – em que se destaca o passado e a história do espaço –, mas dos próprios indivíduos pela estratégia da menção de suas genealogias, também é marcante. Além do último trecho destacado, há pelo menos mais duas menções significativas: quando seu Frade se exaspera com

Serginho e o discurso alocado de Lopo Garcia em frente à igreja. No contexto em que Serginho questiona sobre a necessidade do Lopo Garcia terminar seu grande livro, lemos:

[...] ponderei, preocupado, que, se o homem, já *meio-passado*, não terminasse logo a tal obra, não corria o risco de morrer antes de usufruir do sucesso? E o seu Frade, evocando a paciência dos santos, todo trêmulo, ‘Ó **energúmeno**’, quem liga para isso?, ‘Quando morreremos todos, e morrerem nossos filhos’, gaguejava exaltado, ele ainda ‘Há de ser lembrado’, e fiquei impressionado, porque não sabia nem mesmo o nome dos meus avós direito [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 51-52 – grifos no original)

Seu Frade destaca o valor da tal obra do Lopo Garcia pelo que significaria ao longo das gerações, e não apenas do momento fugidio e efêmero do agora. A noção de valor da ancestralidade, o cultivo de seu conhecimento, geralmente em busca de uma associação com alguém importante, como estratégia de receber uma espécie de “respingo” de tal importância e poder, é algo bastante destacado. Chama atenção como contrastivamente Serginho diz ignorar quem seriam seus ancestrais, reforçando a ideia entre a posse de um passado por parte de Portugal e a falta de algo semelhante por parte do Brasil. A fala do Lopo Garcia na outra passagem é a seguinte:

[...] pregava pros transeuntes, movendo ligeiro de um lado pro outro, ‘É isso que desejam de Portugal’, que fiquemos de joelhos para o resto da Europa, ‘Já de nada somos donos nesse país’, os espanhóis *assenhoraram-se* de tudo, em-pouco restarão apenas dívidas, ‘E quem há de pagá-las?’, e, agarrando os ariscos passantes, eu!, tu!, as próximas gerações!, ‘Antecipemo-nos! Vendamo-nos enquanto resta tempo!’, bradava, possuído, e, me localizando no meio do povo que assistia o espetáculo, segurou meu braço, perguntou em voz alta, ‘Quanto achas que valho, **pá?**’, e eu, imaginando que ele tinha me reconhecido de quando frequentava a **tasca**, vasculhei o bolso, respondi chistoso, ‘Cinco euros’, e ele, puxando a nota da minha mão, desfilou berrando, ‘Cinco euros!, cidadãos, cinco euros!’, agora, até um brasileiro tem o displante de fazer uma oferta por um português, e vejam o preço que ele propõe, ‘É isto, o quanto valemós?’, e, abordando as assustadas pessoas que por ali circulavam, apontava pra mim, gritando, ‘Aquele brasileiro quer me comprar por cinco euros! Eu, um lusitano de quatro costados!, não um **retornado**, mas um legítimo descendente de Viriato!, cinco euros! É isso, o quanto valemós?’, e deitado na escada da igreja esperneava [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 79-80 – grifos no original)

Muitos elementos podem ser listados nessa passagem atinentes ao que estamos discutindo. Há uma percepção por parte da personagem de que Portugal ocupa uma posição submissa frente aos demais países europeus. Por melhor que se pense sobre o continente Europeu, isso não parece se aplicar a todos os países, pelo menos não a Portugal. É explorado pelos seus vizinhos, com destaque para a

Espanha, que historicamente já havia se beneficiado no contexto da União Ibérica, por exemplo, gerando, quem sabe, uma espécie de revanchismo com os vizinhos. Ele evoca na sequência a ideia das implicações para as futuras gerações, numa percepção mais ampla do tempo, e não restrita ao aqui e agora. Nesse sentido há uma perspectiva pessimista para o futuro, de que as coisas só tendem a piorar e, assim, ele vai contrastando um passado positivo com um provável futuro ruim. Embora haja essa clareza sobre a péssima posição de Portugal em relação aos demais países do continente, isso ainda o coloca, na ordem das nações, em uma posição melhor que a do Brasil, pelo menos simbolicamente. Quando Serginho oferece a ele cinco euros para lhe comprar, em tom de brincadeira e por não entender muito bem a manifestação que ele estava fazendo ali, ele se encoleriza. Ele acha um absurdo não apenas o baixo valor, mas a origem da oferta. Da sua perspectiva, por pior que esteja Portugal, é inconcebível que um brasileiro atreva-se a fazer qualquer tipo de oferta por um português, ainda mais como ele, de sangue nobre, com passado, com uma ancestralidade heróica. O uso de expressões como “costado” que remete à árvore genealógica ascendente, e a menção a “Viriato”, herói mítico da luta contra as invasões romanas na Península Ibérica anterior à Era Cristã (SILVA, 2003), dão o tom do valor que atribui a si mesmo.

A noção do valor de Portugal, especialmente em relação a certos lugares, como os países menos desenvolvidos, faz-se sentir na obra nas menções às Guerras de Independência de suas ex-colônias da África, e de forma subentendida ao Brasil, como uma espécie de mãe que ainda reclama sua posição de prevalência sobre seus filhos que já alcançaram a maioria. Na ocasião em que seu Seabra faz recomendações a Serginho assim que ele se hospeda, lemos algo nesse sentido: “[...] não entendia tanto esforço despendido pra depois abandonar as **colônias** pros **pretos**, assim, de mão beijada [...]” (RUFFATO, 2009, p. 42 – grifos no original).

No início deste subitem, destacamos qual foi a primeira impressão de Serginho sobre o espaço em Portugal. Gostaríamos de concluir esta seção retomando certas imagens ruins, decadentes, do espaço, especialmente aqueles que Serginho percorre. A citação que fizemos anteriormente retratava o bairro do hotel do Vizeu, primeira moradia dele em Lisboa. Trata-se de um espaço externo. Igualmente exterior são os espaços em que transita com Sheila ou flana sozinho. Em um trecho anterior quando discutíamos as associações da obra com a religião trouxemos uma citação de Brandellero (2017) sobre um intertexto com a *Divina comédia* por parecer abordar de

forma semelhante os percursos que Dante fez com Virgílio, sendo, no caso de *Estive em Lisboa...*, Serginho e Sheila os seus equivalentes. Destacamos aqui, no entanto, que essa ligação também permite pensar que simbolicamente o local do inferno geralmente está vinculado a uma espacialização voltada para baixo, o que é bastante sugestivo em termos simbólicos: as menções às ladeiras, ao elevador de Santa Justa, ao teleférico, às pontes, ou seja, um conjunto de cenários que enfatizam as variações topográficas de altura, ora mais baixos, ora mais altos, parecem-nos remeter à ideia de oscilações, de ciclos, de momentos de prosperidade e declínio também. A ocasião em que Serginho sai para se divertir a primeira vez quando vai até uma casa de alterne e depois a uma espécie de motel, logo antes de conhecer Sheila, também evoca sentidos semelhantes:

[...] segui pra rua Conde Redondo, passarela de travestis e prostitutas, tudo tão misturado, que, deus que me perdoe, a gente indistingue que é o quê, brasileiras e africanas, mas também umas *parentes* do filho-da-mãe do Anatólio [...] paguei a conta arrependendo daquela asneira, e marchamos, eu amuado atrás dela, até depararmos um prediozinho na rua Ferreira Lapa, ela pegou a chave com a **porteira**, uma velha mais feia ainda talvez pelo adiantado da hora, subimos uma escada rangedeira, entramos num quartinho com uma cama estreita de casal [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 58-60 – grifos no original)

O narrador menciona espaços e elementos no espaço que remetem à ideia do que está em processo de desfazimento, de ruína mesmo. Se lembramos também do quarto de Serginho no hotel do Vizeu, essa imagem fica explícita:

O seu Seabra exigiu pagamento adiantado, e, capengando, subiu a escada de madeira, apontou o banheiro comum no fim do corredor, pro *banho* e pras *necessidades*, mostrou o quarto minúsculo, limpo, mas fedendo naftalina, cama-de-solteiro e guarda-roupa [...]. (RUFFATO, 2009, p. 41 – grifos no original)

Mas talvez uma das coisas mais interessantes que notamos ao voltarmos nossa atenção para os espaços percorridos por Serginho é o último local onde mora. Sem passaporte e desempregado, recebe ajuda de Rodolfo e Jerê, seus amigos brasileiros, que lhe arrumam um lugar para morar: “No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu e homiziei no apartamento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca [...]” (RUFFATO, 2009, p. 83). O fato da pensão ser mencionada no diminutivo, sem nome, e num lugar

chamado “Buraca”, parece-nos evidência suficiente da decadência da trajetória de Serginho ao encerrar-se a obra.

Não podemos deixar de perceber durante o nosso percurso de levantamento de obras ficcionais que, de alguma forma, tematizassem o fenômeno migratório, como algumas delas, especialmente as mais contemporâneas, trataram de recorrer a uma abordagem dos espaços de migração das personagens que se deslocam não como locais que confirmam a impressão positiva e “dourada” que geralmente elas tinham antes de proceder seu deslocamento. Essas obras tratam de apresentar de maneira mais cruenta e, por isso mesmo, mais real, as agruras desses espaços. Geralmente se tratando de países ditos desenvolvidos, muitas vezes com uma forte propaganda turística, cuja construção imagética encontra-se extremamente arraigada na mentalidade das pessoas, elas apresentam uma imagem alternativa. Tal procedimento não se trata de puro ressentimento, mas de uma construção mais compatível com a experiência daqueles que efetivamente se deslocam. A título de exemplo, elencamos algumas obras.

Em *El síndrome de Ulises* (2005), do escritor colombiano Santiago Gamboa, vemos um enredo ambientado em Paris, mas não a cidade-luz que geralmente é retratada em sua beleza e requinte. Nessa obra, o que temos em termos de ambientação é uma Paris periférica, habitada por migrantes das mais diferentes nacionalidades, em espaços sujos, precários, apertados, sem ou com móveis avariados, sem água quente ou aspectos infraestruturais mínimos nas residências ou espaços de trabalho. Um espaço que contrasta com as imagens comuns da famosa cidade e que frustram as expectativas dos migrantes.

Outra obra que consegue desfazer as imagens positivas e idealizadas sobre Paris é *O ventre do Atlântico* (2019), da escritora senegalesa Fatou Diome. Esta obra, em parte ambientada em uma comunidade local no interior do Senegal, mas com intensas referências e algumas passagens em Paris, trabalha as imagens que as personagens que aspiram à migração têm daquela cidade, e as que a protagonista, que efetivamente conhece os desafios de ser um migrante negro e de origem africana, e ainda mulher, realmente implica. Os embates entre ela e o seu irmão que sonha em migrar para se tornar um jogador de futebol famoso na Europa são intensos.

Arquivo das crianças perdidas (2019), da escritora mexicana Valeria Luiselli, que tematiza entre outras coisas a migração de crianças da América Central, especialmente do México para os Estados Unidos, é mais uma obra que desconstrói

as imagens positivas e ingênuas sobre o tão sonhado país de migração. No caso dos Estados Unidos, talvez até haja uma maior visibilidade dos problemas enfrentados pelos migrantes, mas esse certamente não deixa de ser talvez ainda o país para onde mais os migrantes desejam migrar. Com amplo destaque para ambientações em espaços abertos e desérticos, longínquos dos grandes centros, as imagens evocam um senso bastante distinto do que se costumou acreditar como o de realização do *American Way of Life*. Engajado em discutir as peculiaridades da migração de crianças, particularmente daquelas que nem sequer conseguem efetivar o seu intento, os espaços escolhidos pela autora fomentam uma imagem bastante distinta da esperada e ansiada.

Esses breves comentários sobre outras obras ficcionais, certamente bastante reduzidos, servem para nos fazer notar que algumas obras contemporâneas têm procurado elaborar imagens distintas das que se tinha anteriormente sobre esses países tidos como objeto de desejo pelos migrantes.

Vimos neste subitem como a noção cíclica de tempo está presente na forma como espaço e personagens são retratados. Obedecendo à lógica da divisão da própria obra que aborda o espaço do Brasil, anterior à migração do protagonista na primeira parte, e de Portugal, após seu deslocamento, na segunda, enfatizamos essa última. Os espaços em Portugal e as personagens nativas evocam por meio de várias estratégias a noção cíclica.

Ao longo deste capítulo, em seus subitens, discutimos noções de concepção do tempo em referências de teor mais teórico, mas também literária, e na análise da obra em estudo propriamente dita, duas importantes concepções: a de progresso e a de um transcorrer cíclico. Na primeira, há um entendimento de que a história caminha num sentido único, retilíneo, e sempre positivo em direção a um melhoramento constante, e na segunda, em que há uma certa contraposição, há um entendimento de momentos que se trocam, ora mais positivos, ora mais negativos. Se por um lado a trajetória do protagonista parece evocar a noção de progresso, o que vemos na prática, construído literariamente na obra, é uma oscilação, muito mais próxima da noção cíclica do passar do tempo. O marco temporal enfatizado por ele, como o início de sua queda, o momento em que inicia seu tratamento para deixar de fumar, pressupõe que o momento anterior era melhor, havendo, a partir de então, um movimento decrescente, para baixo. A concepção de progresso não se encaixa nesse movimento, mas o cíclico sim. Nesse sentido, a referência que trouxemos de Hesíodo

(1996), em seu mito de *As cinco raças*, estabelece que, na concepção cíclica, apesar da dificuldade de se estabelecer um início absoluto, sempre há uma fase inicial melhor, que desperta o desejo pelo seu retorno – já que é cíclico. De maneira semelhante, a caracterização de Portugal e suas personagens, com a evocação de sua história, também sugere a noção cíclica, já que a ideia de que estejam atualmente em uma situação decadente é contrastada repetidamente com um passado glorioso de outrora, que é ansiado.

4 ESTIVE EM LISBOA... E A LITERATURA MIGRANTE

Nos três capítulos anteriores, buscamos fazer emergir alguns *topoi* da própria obra estabelecendo um diálogo deles com referenciais teóricos conforme percebíamos a pertinência de cada um. Os *topoi* que destacamos foram: a ingenuidade, o pensamento mágico e as concepções antagônicas de tempo progressista e cíclico. Neste capítulo, no entanto, aproximaremos-nos da literatura migratória, especialmente associada às disciplinas das Ciências Sociais, sem contudo deixar a discussão dos capítulos anteriores de lado.

4.1 A existência material do migrante

A obra sobre a qual nos debruçamos apresenta várias personagens migrantes: portugueses no Brasil, como seu Oliveira e a senhora que conversa com Serginho no ônibus; brasileiros em Lisboa, como Serginho, Rodolfo, Jerê e Sheila; assim como de outras nacionalidades também em Lisboa, como Nino (guineense), Anatólio (ucraniano), Baptista Bernardo e família e o senhor Almeida (angolano). Neste subitem, observaremos como a experiência migrante deles é mostrada no que se refere a seus aspectos materiais, ou seja, como questões de trabalho, moradia e alimentação, por exemplo, implicam sua vivência.

Iniciamos pela personagem principal Serginho. Ainda que para todos os efeitos ele só se torna migrante quando em Portugal – na segunda parte da obra –, é interessante observar esse momento anterior ao deslocamento em si, que apesar de não se tratar do período migratório propriamente dito, suas motivações estão aí. A literatura clássica sobre migração costumava colocar as motivações em termos de “atração” e “expulsão”. Essa proposta é questionável e já recebeu muitas críticas, mas não sendo nossa intenção debatê-la aqui, parece-nos minimamente razoável, sim, que existam condições prévias que podem fomentar o desejo de sair de um dado local, principalmente em razão de entender que a situação nesse local não é desejável. Logo, é imprescindível sua consideração.

Em ambos os momentos, no Brasil e em Portugal, as condições materiais de Serginho não são favoráveis. Trabalhando na Seção de Pagadoria da Companhia Industrial Cataguases, leva uma vida modesta. Ainda solteiro, mora com a mãe, dona Zizinha, viúva. Chega a citar uma viagem com a irmã até São Paulo para comprar

roupas no Brás e revendê-las no bairro onde moravam, Taquara Preta, em uma lojinha. Em um determinado incidente com uma moça com quem estava se relacionando, diz: “[...] no Brasil vence quem é melhor motorizado”, referindo-se ao fato de ela o ter deixado por outro que tinha uma motocicleta melhor do que a dele. O tempo entre sua decisão de migrar e efetivamente conseguir levantar o dinheiro necessário para a viagem também é outro elemento que reforça a ideia de que Serginho era alguém que se encaixa talvez no que poderíamos chamar de classe média baixa. Esse parece ser o perfil de muitas das personagens nas obras de Ruffato.

Se Serginho já não ocupava uma posição privilegiada na estratificação social em sua cidade natal, alguns eventos, como: a morte de sua mãe; a internação de sua esposa por problemas psicológicos; o nascimento de seu filho e a perda de seu emprego são questões que pioram a sua condição socioeconômica. Estes eventos também funcionam como motivadores mais imediatos para que ele tome a decisão de migrar, nutrindo a expectativa de com isso conseguir ascender socioeconomicamente.

Uma vez em Portugal, até onde podemos saber pelo seu próprio relato, ou seja, até o momento em que ele volta a fumar, a sua condição socioeconômica não havia melhorado. Em Lisboa, Serginho demora a conseguir um emprego, tendo que administrar suas poucas reservas: estabelece-se em um hotel simples, uma espécie de pensão – com mensalidades mais acessíveis; costuma fazer refeições frugais; tem dificuldades em se adaptar ao frio do hemisfério norte; e, quando consegue um emprego, trata-se de um trabalho com condições precárias.

Outra personagem de quem ficamos sabendo um pouco de sua trajetória é seu Carrilho. Ele é um migrante português retornado que viveu muitos anos no Brasil. Em suas várias conversas com Serginho, ele termina contando um pouco de sua vida. Quando adolescente em Portugal, devido à fome e à miséria que sua família passava, é enviado pela sua mãe para o Brasil. Ele é recebido por um tio que era padeiro e que lhe ensinou o ofício. Ele conta que foi explorado pelo seu tio e então fugiu dele. Conseguiu com muita dificuldade ascender no ramo das padarias chegando a ter o seu próprio estabelecimento. Chegando à velhice, já viúvo, com filhos crescidos e que pouco lhe davam atenção, resolveu retornar a Portugal.

Sheila é outra personagem migrante, que, pelos diálogos com Serginho, revela um pouco de seu percurso de vida também. Natural do interior de Goiás, era a filha caçula de uma mãe solteira que vivia na lida da roça. Insatisfeita com as péssimas

condições de vida e se encantando com a cidade grande, após fazer uma excursão escolar na capital, decide fugir para Goiânia. Também alimentava desejos de progredir na vida, mas, quando em Portugal, precisa trabalhar como prostituta para sobreviver.

Baptista Bernardo e sua esposa moravam na mesma pensão de Serginho. Naturais de Angola, também passam por dificuldades econômicas. Ele, deficiente, por ter perdido uma das pernas em razão de um acidente com uma mina terrestre e tendo com ela um casal de filhos pequenos, submetem-se à situação dela ter que se prostituir.

Sobre Jerê e Rodolfo, amigos brasileiros que Serginho tinha em Portugal, pouco sabemos sobre a condição econômica deles. A respeito de Jerê, só sabemos que era músico e que vivia dos ganhos de tocar em barzinhos. Quanto a Rodolfo, a única pista que temos é no seu “grande discurso”, em que revela um pouco de sua visão sobre a condição migrante. Sendo assim, nem um nem outro parecem desfrutar de uma situação privilegiada.

A última personagem migrante que nos parece valer a pena fazer menção é seu Oliveira. Migrante português estabelecido no Brasil há muitos anos, é dono do bar que Serginho costuma frequentar em Cataguases. Se não chega a ser alguém rico, parece pelo menos ser remediado, já que diz fazer uma viagem a Portugal a cada dois anos.

Enfim, esses são as personagens de que temos algum conhecimento sobre sua condição socioeconômica enquanto migrantes: Serginho, Carrilho, Sheila, Baptista Bernardo e sua esposa, Jerê e Rodolfo e seu Oliveira. Nenhum deles parece ter procedido a migração por divertimento ou algum outro motivo sublime. Pelo contrário, os relatos de vida de cada um, ainda que diferentes em seus detalhes, alinham-se na medida em que enfrentam situações socioeconômicas ruins em seus locais de origem, o que provoca o desejo pelo deslocamento na esperança que isso redunde em uma mudança.

4.1.1 Condições materiais precárias anteriores ao deslocamento e desejo de ascensão socioeconômica

As personagens migrantes que listamos anteriormente e que mais claramente sabemos do momento anterior ao deslocamento em si são: Serginho, Sheila, Carrilho

e Baptista Bernardo. O “grande discurso” de Rodolfo, porém, também nos dá elementos para pensar esse momento anterior.

É de amplo conhecimento que o Brasil é um país extremamente desigual. Com uma alta concentração de renda em alguns setores da sociedade, temos a existência de um grande número de indivíduos que enfrentam cotidianamente dificuldades de ordem material.

Além da desigualdade no interior do país, sabemos também que ela é agravada pela posição do Brasil na ordem das nações. O momento em que vivemos, chamado por alguns de pós-modernidade, como em Harvey (2008) e em Lyotard, (2009) ou modernidade líquida, como em Bauman (2001), é marcado, por entre outras coisas, pelo efeito da globalização, que, segundo Santos (2000), é perversa, porque profere um discurso de fornecedora de melhores condições para os países, quando o que faz é o inverso.

Independentemente das críticas que se costumam fazer à globalização, são vários os autores, e entre eles podemos citar Castles e Miller (2004), que destacam o seu impacto no fluxo de capitais, mercadorias e pessoas. Certamente é preciso relativizá-la, pois apesar de ser assim na teoria e existirem legislações internacionais tratando sobre o tema, na prática ainda vemos muitos entraves para o livre fluxo de pessoas entre os países. O caso mais contundente e exemplar que primeiro nos vem à mente é o da fronteira México-EUA, especialmente com sua longa discussão e implementação de barreiras físicas e legais entre os países. Outro exemplo que frequentemente ganha destaque nos noticiários são as embarcações com pessoas, geralmente oriundas do continente africano, que aportam na Europa pela Itália.

Serginho vivia uma vida comum, em um bairro simples, em uma cidade do interior de Minas Gerais. Não tinha propriedades, exceto uma motocicleta. O nascimento de seu filho Pierre e problemas pessoais agravam sua situação econômica. A perda da mãe, a internação da esposa Noemi e as pressões que Stela, sua cunhada, fazia para que ele cumprisse com suas obrigações financeiras no sentido de custear o tratamento médico da esposa e os cuidados com Pierre, que estava sob a tutela de Stela, o prejudicaram no trabalho: “[...] Eu vivia tão desacomodado que não rendia mais na fábrica: as faltas e a desatenção me cortaram a carreira, e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe [...]” (RUFFATO, 2009, p. 25). As poucas economias da poupança e sua parte da venda da casa da mãe, que dividiu com sua irmã, foram os recursos que

ele conseguiu levantar para ir para Portugal. Todos esses elementos deixam clara sua condição socioeconômica precária antes de migrar.

Sheila, personagem migrante brasileira que se prostituía em Lisboa e por quem Serginho se apaixona, conta para ele um pouco de sua trajetória anterior à sua migração:

E a Sheila era uma pessoa, como se diz aqui, **bué da fixe**, desnudou inteirinha a vida dela na minha frente, os tormentos de garota nascida em Maurilândia, neta de garimpeiros sem pátria nem nome, cujo pai herdou o nomadismo e sumiu faiscando ouro na Serra Pelada, por ninguém nunca mais visto, desamparando a mãe e uma fieira de seis de-menor, ela, a caçula, de-colo ainda, que viviam regateando favor de fazenda em fazenda, até que assentaram numa plantação de soja de uns paulistas, em Riverlândia, distrito de Rio Verde, e por lá entatuzaram, os irmãos, na medida que encorpavam, engajavam nas lides roceirais, destino agravado pra ela mesma [...] ela falou, a voz prisioneira, o garfo alevantado em falso, sem poder engolir, naquele instante atinou por que a mãe esconjurava a boniteza dela, nascida rica, 'Uma maravilha', agora, pobre, beirando a miséria, aquilo ia ser 'Uma ruína'. (RUFFATO, 2009, pp. 63-65 – grifo no original)

Mesmo depois de fugir de sua casa no interior e ir para a capital, sua vida não melhorou:

[...] em Goiânia arrumou emprego, primeiro num armarinho na rua Quatro, trabalhava de dia e estudava de noite, sonhava formar pra professora de criança pequena, 'Adorava criança pequena', e os olhos enchiam água, mas as coisas não eram fáceis, morava de pensão, até de-boca passava dificuldades, depois, quando virou atendente numa loja de roupa chique no Shopping Flamboyant e pôde dividir o aluguel de uma quitinete com uma colega, abandonou de vez aquela aspiração besta de entrar na faculdade, e durante alguns anos viveu como a-deus-é-servido. (RUFFATO, 2009, p. 66)

Da mesma forma que Serginho, obviamente que com particularidades, Sheila também vivia uma vida materialmente muito difícil.

No "grande discurso" de Rodolfo há uma percepção que aponta para essas mesmas questões:

'Eta paisinho de merda!, terra de ladroagem e safadeza!', ele, meio alto, quase-discursava, 'Pra se dar bem, o cabra tem que ser político ou bandido, que é quase a mesma coisa, aliás', porque o trabalhador, aquele que bate-cartão ou que capina sol a sol, este morre à-míngua, 'Tu conhece alguém, lá na tua cidade', que, nascido pobre e honesto, esteja bem de vida, 'Bem mesmo', sem ter que preocupar em como pagar as contas no fim do mês?, 'Não, claro que não', porque, nessa situação, só quem tem berço, as famílias que exploram o Brasil desde sempre, e que pra isso fazem política, 'Pra manter a pabulagem', discorria, revoltado, 'Na Paraíba, por exemplo', meia dúzia de sobrenomes mandam em-desde que o mundo é mundo. (RUFFATO, 2009, pp. 78-79)

Apesar de Rodolfo não estar falando nem dele nem de ninguém em particular, sua leitura do que é o Brasil reforça a ideia de um país que é extremamente desigual.

A última personagem que ficamos sabendo sobre sua situação anterior à migração é seu Carrilho. Neste caso, diferente dos anteriores, ele é um português que havia migrado para o Brasil. Quando conta a sua trajetória para Serginho, já havia retornado, mas interessa-nos agora o que ele revela sobre o momento anterior à sua migração para o Brasil: “[...] ‘Cheguei a estar rico na tua terra’, onde desembarcou sozinho, de navio, com doze, treze anos, ‘Menos um para passar fome na aldeia’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 47). Não nos é revelada a idade dele, mas podemos fazer algumas inferências. O recorte temporal do enredo está localizado historicamente no início dos anos 2000, por volta de 2005. Sabemos que seu Carrilho é um homem idoso – e “reformado” como dizem os portugueses, o que nos é informado. Sendo assim, é razoável imaginar que tivesse em torno de pelo menos uns 60 ou 70 anos. Isso faria com que ele tivesse nascido mais ou menos nas décadas de 1930 a 1940, chegando ao Brasil entre as décadas seguintes: 1940 a 1950. Ou seja, o momento em que ele migrou foi em meados do séc. XX. Esse é um contexto de guerra e pós-guerra na Europa; e Portugal, como os demais países vizinhos, enfrentava muitas dificuldades naquele momento.

4.1.2 A vulnerabilidade migrante

Estas personagens, cada qual ainda em sua terra natal, encontram-se em uma situação que a literatura especializada refere-se como de vulnerabilidade. Segundo Lussi (2017, p. 726), vulnerabilidade é a característica daquele indivíduo, ou grupo, que está sujeito a potencialmente sofrer algum agravo, quer seja físico, quer seja emocional. No sistema capitalista, ao qual a maioria dos países está submetida, por suas características intrínsecas, é muito comum que haja variados grupos e indivíduos nessa situação.

De acordo com Marandola e Hogan (2009), a vulnerabilidade pode estar relacionada mais aos aspectos geográficos, do espaço, como a aspectos de ordem mais social, demográficos, ou ainda uma combinação de ambos. Deschamps (2009, pp. 11-12) destaca alguns aspectos de ordem social, em uma unidade doméstica, que complica a capacidade de lidar com as dificuldades, e são eles: a) a estrutura familiar; b) o ciclo de vida; e c) os aspectos demográficos tradicionais. Sobre o primeiro item,

estrutura familiar, a uniparentalidade, sobretudo das mulheres, é um fator agravante na vulnerabilidade de uma família; quanto ao ciclo de vida, refere-se tanto ao seu início – membros, especialmente os “chefes”, jovens –, que, por falta de experiência, tenderia a proporcionar maiores dificuldades na disposição dos recursos, quanto na fase final – membros, especialmente os “chefes”, idosos – em que pode haver um esgotamento dos recursos bem como a perda de habilidades; e o último, aspectos demográficos tradicionais, refere-se especialmente ao tamanho das famílias: quanto maiores, sobretudo de membros ainda dependentes – crianças –, mais propensos à vulnerabilidade.

Todas essas personagens, independentemente de sua nacionalidade, quer tratando de sua própria história, quer fazendo uma leitura de seu país, revelam como a precariedade material é um dos motivos para que os indivíduos sintam-se propensos a migrar. E, sendo assim, migrar não é uma ação cujo objetivo conclui-se em si mesmo, mas trata-se de uma estratégia para, quem sabe, ascender socioeconomicamente.

Formular um projeto, segundo Velho (1999), voltado para um futuro hipotético, é algo próprio do tempo em que vivemos: fragmentado e individualista. Assim como a memória, voltada para o passado de forma a selecionar certos eventos e dar um senso de unidade e sentido coerente à existência de um indivíduo, de maneira semelhante parece atuar o projeto. Ambos entrelaçam-se no presente, cada qual apontando em uma direção: passado e futuro.

A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. (VELHO, 1999, s.p.)

Citando Schutz¹⁸, Velho (1999) diz que a noção de projeto refere-se a uma conduta organizada para atingir certas finalidades específicas. Velho (1999) deixa claro que, quando se refere à formulação de projetos por parte dos atores sociais, não está dizendo que forças inconscientes devam ser desconsideradas. Ele admite que a ação, no sentido sociológico, perpassa por elementos de ordem psicológica,

¹⁸ SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

emocional, que não são fáceis de contabilizar, não sendo, portanto, totalmente racional. Nem por isso deixa de ser um elemento importante na forma como os agentes se portam no mundo.

Ainda segundo Velho (1999), a formulação de projetos mostra-se importante à medida que dá

[...] significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. (VELHO, 1999, s.p.)

Sendo assim, é bom esclarecer que essa não é uma prática exclusiva dos migrantes. Porém, quando aplicada a eles, pode ganhar alguns outros contornos.

Como já discutido, a mobilidade geográfica humana pode se dar em razão de variados motivos. No entanto, há um peso muito grande naquelas que poderiam ser enquadradas por razões de ordem de desejo e expectativa de ascensão socioeconômica. Botega (2017), citando alguns outros estudiosos do fenômeno migratório, diz o seguinte:

Numa perspectiva weberiana, se nos questionássemos sobre qual o *sentido da ação de migrar*, seria possível afirmar que um dos principais motivos é o desejo de melhorar de vida (DURHAM, 1988), o que se relaciona com essa concepção de ascensão social, pois ascender socialmente significa a mudança no *status* profissional e a melhora nos padrões de vida. (MACIEL, 2012, p. 497 – grifo no original)¹⁹

Desta forma, interessa-nos discorrer sobre a ideia de mobilidade social e sua articulação com o fenômeno migratório.

A articulação mobilidade social/migração faz referência a algo que antecede o deslocamento em si, que podemos nos referir como “projeto migratório” (SIQUEIRA, 2017, p. 570). O aspirante à migração, quando o faz por razões relacionadas ao desejo de ascensão socioeconômica, elabora um “projeto migratório”, composto basicamente de três etapas: 1) a migração em si; 2) o trabalho e a renda no destino; e 3) o retorno

¹⁹ As referências que ela faz são as seguintes: DURHAM, E. R. Sociedade vista da periferia. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs, 1988; MACIEL, L. M. *O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP*. 2012 164f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

(SIQUEIRA, 2017, pp. 571-572). Interessa-nos nesta seção abordar de forma mais próxima as duas primeiras etapas e saber que o retorno²⁰, em grande medida, está condicionado ao sucesso do empreendimento migratório que permitirá a mobilidade social.

Na primeira etapa do projeto migratório, o indivíduo que deseja migrar precisa acionar suas redes sociais²¹ – amigos, parentes, conhecidos – a fim de auferir as condições para de fato realizar seu deslocamento. Esses indivíduos costumam fornecer ajuda de ordem material e imaterial, como empréstimos de dinheiro e contatos no local de destino, bem como informações outras que facilitarão a vida no novo lugar. Nessa primeira etapa, o planejamento do deslocamento em si, dependendo do país de destino e a dificuldade de acessá-lo e lá permanecer, eventualmente redes clandestinas são acionadas para que o deslocamento ocorra. Mais uma vez o caso da fronteira México-EUA, e como grupos como os chamados “coiotes” agem no sentido de facilitar a entrada ilegal de migrantes por essa fronteira, destaca-se (SIQUEIRA, 2017, p. 571).

Na segunda etapa do “projeto migratório”, o “trabalho e renda no destino”, há uma expectativa do migrante de que conseguirá um trabalho que lhe permita realizar o seu projeto: “[...] que tem relação, geralmente, com a aquisição de bens como casa, carro e um empreendimento que possibilite renda que garanta uma ascensão social no retorno” (SIQUEIRA, 2017, p. 571).

De acordo com Botega (2017, p. 496), os principais critérios para verificação da mobilidade social de um indivíduo ou grupo são: a remuneração – avaliada pela renda e pelo consumo; ou a ocupação – como transições entre grupos ocupacionais ou industriais. Ainda segundo essa autora, quando se considera a mobilidade social, é preciso se atentar à combinação de recursos estruturais e individuais. Sobre os estruturais, destacam-se: níveis de emprego, diferenciação ocupacional, urbanização, industrialização, etc. Quanto aos individuais, temos: educação, idade, treinamento e experiência.

Outra articulação possível entre mobilidade social e migração, de acordo com Botega (2017), é a seguinte:

²⁰ Tratamos da questão do retorno em subitem específico.

²¹ Também nos atemos sobre a questão das redes em um subitem específico.

A interface entre mobilidade social e migração internacional aparece na literatura a partir da análise das trajetórias dos migrantes por algumas perspectivas alternativas: 1) a incorporação dos migrantes no mercado de trabalho; 2) a integração social dos migrantes no local de destino e a integração das segundas gerações; 3) o estudo das remessas; e 4) do projeto migratório e de retorno. (BOTEGA, 2017, p. 497)

Dos itens elencados por ela, interessa-nos agora a parte do item 4 que trata do projeto migratório. Os itens 1, 2 e 3 serão considerados mais à frente.

Ao elaborar um “projeto migratório”, o indivíduo que pretende migrar espera com isso alcançar um melhor patamar de consumo e desempenhar uma função profissional de maior prestígio. Isso seria possível, em tese, pelo acúmulo de recursos: financeiros, mas de outros tipos também, como o domínio de uma língua estrangeira, alguma habilidade profissional muito valorizada, etc. Esses sonhos de ascensão dificilmente seriam possíveis no país de origem, ou pelo menos essa é a leitura que o indivíduo faz, não tendo perspectiva de que isso aconteça. Logo, a migração, muitas vezes, parece ser um caminho mais viável.

Nos casos em que o indivíduo retorna, se houver ascensão socioeconômica, seu deslocamento é percebido como bem-sucedido, justificando e dando sentido à sua ausência no país de origem, ao seu “sacrifício”, de acordo com Botega (2017).

Das personagens citadas anteriormente, neste subitem, de quem sabemos um pouco sobre sua situação material anterior ao deslocamento propriamente dito, apenas²² Serginho e Sheila explicitam ter um “projeto migratório”, um sonho e um desejo de, com a migração, conseguir os meios para a ascensão socioeconômica. Não se trata exatamente de um passo a passo. É mais uma ideia, um tanto vaga e, muitas vezes, ingênua, de que, com muita disposição e trabalho duro, conseguirão alcançar os seus objetivos.

São várias as passagens em que Serginho demonstra seu desejo de empreender a migração como estratégia, como projeto para alcançar uma vida melhor. Suas falas situam-se tanto na primeira parte do livro, quando ele ainda não havia se deslocado, quanto na segunda parte, quando já estava em Portugal. Além dele mesmo nutrir essa expectativa de sucesso, algumas pessoas que faziam parte do seu convívio também a manifestavam.

²² Certamente isto não quer dizer que os outros não tivessem um “projeto migratório”, mas apenas que estamos operando no limite do que a análise de um dado fenômeno em um objeto literário permite-nos. Não podemos extrapolar aquilo que nos é revelado – implícita ou explicitamente.

A primeira passagem que aponta para Serginho refletindo sobre a possibilidade de migrar é numa interação com colegas no Beira Bar (RUFFATO, 2009, p. 26). Além do incentivo de seu Oliveira, os demais colegas também se posicionam positivamente incentivando-o e pedindo presentes para quando ele voltasse a passeio.

Serginho comentou que pensava ir para o estrangeiro, sem especificar para onde exatamente. Ele tinha sido inquirido pelos seus colegas sobre o que pretendia fazer agora que estava desempregado e com dificuldades financeiras. Quem sugeriu Portugal foi o seu Oliveira, dono do bar, ele mesmo português que há muito já havia se estabelecido no Brasil.

Depois de tomada a decisão, começa a comunicá-la para algumas pessoas mais próximas de seu convívio. Ao conversar com sua irmã Semíramis e seu cunhado Josias, diz o seguinte: “[...] desmudar pra Portugal, de onde em um-dois anos retornava, os bolsos estufados, pronto para resgatar o Pierre [...] contabilizaram valores, pechincharam, antecipando minha riqueza futura [...]” (RUFFATO, 2009, p. 27). Da mesma forma que seus colegas, os seus parentes também estavam confiantes em seu sucesso. Ele mesmo já definindo o pretense tempo de permanência e o resultado que conseguiria.

O seu otimismo era tanto que já fazia planos do que faria com o tal dinheiro que conseguiria durante o seu período de migração: pensava em juntar dinheiro para comprar casas e “viver de aluguel”. Inclusive, tratou de tomar providências práticas: pediu ajuda a um conhecido, o Ivan Cachorro Doido, para ir se familiarizando com as ofertas disponíveis (RUFFATO, 2009, p. 29).

Esse movimento de tomar a decisão de partir, de comunicar às pessoas, rendeu-lhe um tratamento diferenciado no bairro. Foi chamado até para dar entrevista na rádio. As pessoas passaram a lhe cumprimentar e dizer como era corajoso de estar indo para o exterior. Como demorou para conseguir os recursos para a viagem, as pessoas passaram a pressioná-lo, dizendo que estava demorando a tal viagem. Mas termina conseguindo e, então, mais uma vez, é bem quisto na comunidade, sendo despedido com faixas desejando boa sorte e frases como: “A Taquara Preta se orgulha de Serginho, seu filho querido”.

Tão logo chegou a Portugal, em uma de suas primeiras conversas com a atendente do balcão de informações do aeroporto, ele, numa postura tipicamente interiorana, puxa conversa e começa a contar quais eram os seus planos. Ele diz: “[...] e meu pensamento de trabalhar firme por um tempo, ganhar bastante dinheiro e voltar

logo pro Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda, e, esperançoso, quem sabe, ‘Nada é impossível’, até mesmo, ‘Casar de novo’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 40). É bom lembrar que até então ele ainda não havia vivenciado a experiência migrante em si e continuava bastante otimista.

Após um tempo em Portugal, economizando ao máximo as suas reservas, finalmente consegue um emprego num restaurante. É nesse contexto que está a próxima passagem:

Como o salário era bom, retomei os planos de, descontada a *pensão* pra Noemi e pro Pierre, economizar ao máximo pra ir embora logo, comprar umas casas em Cataguases, viver de aluguel, fazendo nada o dia inteiro, subindo e descendo a rua do Comércio, sentar na praça Rui Barbosa pra conversar fiado, jogar porrinha, ver o mulhério desfilar, o povo, ensardinado dentro dos ônibus, respeitoso, me cumprimentar, Boa tarde, Serginho, Serginho não, seu Sérgio, Boa tarde, seu Sérgio, não, não, Doutor Sérgio, Boa tarde, Doutor Sérgio, quem sabe candidatar a vereador, entrar pro Rotary ou pro Lions, virar gente importante, frequentar o Clube do Remo, aparecer na coluna social do Cataguases, abrir um negócio pro Pierre, um *sacolão*, se ele quisesse, ou então uma *lã-rause*, que parece que está dando dinheiro agora, mas emantes eu tinha que melhorar meu desempenho. [...] (RUFFATO, 2009, p. 57 – grifos no original)

Talvez esta seja a passagem que melhor sintetiza os seus sonhos e as suas aspirações. Ele não apenas se remete ao ganho financeiro, mas também – e que seria o fim último – alcançar uma posição social de prestígio, de reconhecimento social pelos moradores da sua cidade. A disponibilidade dos recursos financeiros seria apenas um meio para isso, para não ter que trabalhar e garantir um futuro melhor para o seu filho.

A próxima passagem, a última em que fica mais evidente o seu desejo de ascensão socioeconômica, encontra-se em um contexto em que Serginho já tinha alguma experiência como migrante. Ele está conversando com Rodolfo um pouco antes daquele proferir o seu “grande discurso”. Serginho diz:

[...] confessei a minha ideia de permanecer aqui só o tempo suficiente de economizar pra comprar uns imóveis em Cataguases, ‘Garantia do futuro’, queria voltar logo pra ganhar a admiração do Pierre, ‘Meu filho’, e quem sabe até auxiliar na recuperação da *coitada* da Noemi. [...] (RUFFATO, 2009, p. 77 – grifo no original)

Apesar de já ter experimentado algumas das dificuldades da vida migrante, ele ainda permanecia otimista que seu plano daria certo.

Não de forma tão detalhada, mas bastante reveladora também, temos um trecho que mostra as aspirações que Sheila nutria com seu empreendimento migratório:

[...] soube, por uma conhecida, de moças recrutadas pra Espanha, e a ideia passou a atentar ela, pensar no amanhã, viver uma temporada por lá, juntar dinheiro, voltar, estabelecer em Goiânia, um teto pra morar, um plano de saúde, casar não 'Que homem nenhum presta'. (RUFFATO, 2009, p. 66)

Apesar de não explícito, fica subentendido que a informação que ela obteve era da possibilidade de ir para a Europa trabalhar como prostituta. Apesar disso, ela se fixa nas possibilidades que isso poderia lhe trazer, de desenvolver as condições para um futuro materialmente mais favorável.

4.1.3 Condições precárias durante a estada no país de recepção e fracasso

Como visto anteriormente, os indivíduos antes de migrarem, quando ainda estão apenas aspirando ao deslocamento, vivem em uma situação vulnerável em seus países de origem. No entanto, durante a estada, costumam experienciar situações, muitas vezes ainda piores do que a situação anterior. É preciso entender as razões para que isto aconteça, mas, antecipadamente, é notório que os migrantes deliberadamente aceitam, ou pelo menos formulam discursos de aceitação, de situações de vulnerabilidade por acreditarem que se trata de uma situação provisória.

Como em seu “projeto migratório” está previsto o seu retorno, o foco não é em “colher os benefícios” do seu empreendimento migratório quando ainda no país de recepção. O plano é acumular recursos para desfrutá-los depois de voltar. Um dos grandes problemas dessa situação é que geralmente o migrante está tão concentrado em concretizar seus objetivos de migração, estabelecidos em seu “projeto”, que, quando no local de destino, costuma se submeter a longas jornadas de trabalho, sem seguridade social e em mais de um emprego. Atividades de lazer, saúde e segurança no trabalho são desconsideradas. Isso pode levar ao comprometimento da saúde física e mental (SIQUEIRA, 2017, pp. 571-572). Dessa forma, podemos dizer que o “projeto migratório”, em grande medida, condiciona a experiência migrante no país de recepção.

Mais uma vez evocamos as personagens citadas na primeira parte desta seção: Serginho, Carrilho, Sheila, Baptista Bernardo e sua esposa, Jerê e Rodolfo e seu Oliveira, e acrescentamos as personagens Anatólio e Nino, colegas de trabalho de Serginho no restaurante. Se não foi possível saber de todos eles a sua situação anterior ao deslocamento, alguns elementos revelam, ainda que nem sempre com muitos detalhes, as situações materiais enfrentadas durante a estada no país de recepção.

4.1.3.1 O desconforto na “pele”: fome e frio

Fome e frio talvez sejam os elementos mais tangíveis das dificuldades materiais enfrentadas por um indivíduo. Se existem dificuldades de ordem mais emocional, estas, no entanto, são bastante concretas e geralmente se relacionam diretamente à falta de recursos para garantir o básico para a sobrevivência: comida, roupa e abrigo. Por uma junção de fatores, indivíduos nacionais ou migrantes podem enfrentar essa dificuldade, mas o migrante parece estar ainda mais suscetível, vulnerável, a ela.

Serginho, em seu relato, conta-nos situações que viveu que se relacionam com a questão da fome e do frio:

[...] clamei pra que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento, que Ele providenciasse logo uma colocação, porque o dinheiro escasseava, mal dava pra bancar o aluguel do quarto e o almoço, minha única refeição, rifados o café-da-manhã e a janta, por demanda de economia, andando a pé pra cima e pra baixo e negaceando dos fiscais nos **elétricos e autocarros**, e prometi mundos-e-fundos, até mesmo peregrinar a Aparecida do Norte de-a-pé, porque as noites incendiavam meu estômago vazio, estumando a vigília. (RUFFATO, 2009, pp. 53-54 – grifos no original)

A ambientação cultural talvez seja a mais difícil, mas a adaptação ao clima também pode oferecer desafios. Oriundo de um país tropical, Serginho não estava acostumado ao frio rigoroso do hemisfério norte.

[...] e caminhamos, o vento frio uma gilete [...] o rosto embrulhado num cachecol, as palavras saíam abafadas. [...] lá adoecendo com a friagem, comprei luva, meia, touca, blusa, camisa e calça, tudo de lã, e isso em plena primavera, como informou o seu Carrilho, ‘Prepare-se para o inverno, rapaz’, de quem acabei chapa. [...] (RUFFATO, 2009, p. 47)

Mesmo natural de uma cidade que, comparativamente a outras cidades do Brasil, não é tão quente, ainda assim tinha um impacto sobre ele. De acordo com o *site* Clima tempo²³, a climatologia de Cataguases-MG aponta que as médias de temperatura anuais variam entre mínimas de 15º celsius e máximas de 31º celsius.

4.1.3.2 *Trabalhos subalternos*

Outra questão bastante concreta na experiência migrante é o trabalho e suas condições. Serginho, depois de passar muito tempo em busca de um trabalho, finalmente consegue, com a ajuda de Jerê e Rodolfo, um emprego no restaurante O Lagar do Douro. Com longas jornadas de trabalho, tratamento indiferente do patrão e um certo antagonismo com seu colega Anatólio, via-se em uma situação difícil. Porém, como era o único emprego que tinha conseguido, sujeitava-se à situação. Anatólio era um ucraniano de olhos azuis e loiro. Falava várias línguas e conseguia atrair um grande número de clientes para o restaurante. Por conta disso, era o mais bem quisto de seu Peixoto, dono do restaurante.

Se a situação de Serginho não era a das melhores, a do seu colega Nino era pior ainda.

[...] e acabava sobrando pro Nino, coitado, um guineense retinto, pau pra toda obra, que armava e desarmava as mesas, descarregava os legumes, as verduras, os peixes, os frutos do mar, as carnes, os vinhos, lavava o chão e as **casas de banho**, o primeiro a chegar, o último a sair, e mesmo assim tratado aos pontapés, principalmente pelo Anatólio, que não escondia a aversão por pretos. (RUFFATO, 2009, pp. 56-57 – grifo no original)

É possível supor que a diferença das origens dos três funcionários do restaurante, Guiné, Brasil e Ucrânia, implicavam a forma de como eram tratados. Existem aspectos tangíveis que criam uma certa ordem hierárquica entre as nações, mas também há um imaginário construído em torno do prestígio que certos lugares podem ter em comparação a outros.

Depois de perder o emprego e sem condições de arcar com seus custos, já quase ao fim do enredo, ficamos sabendo que Serginho deixa o lugar onde morava.

²³ Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/126/cataguases-mg>. Acesso em: 2 set. 2021.

No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu e homiziei no apartamento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora. (RUFFATO, 2009, p. 83)

Mais uma vez precisa se submeter àquilo que surge como oportunidade de trabalho. Não há espaço para escolha. A sobrevivência urge. E assim, mais uma vez precisa aceitar aquilo que está disponível, mesmo que não seja o que havia pensado inicialmente, nem o que teria condições de exercer com sua formação.

Seu Carrilho, quando migrou adolescente para o Brasil, também enfrentou dificuldades no trabalho.

[...] um irmão da mãe recebeu ele em Santos, começou a trabalhar, três horas da manhã o tio acordava ele, arrancando a coberta no frio, estapeando no calor, pra amassar o pão e depois atender os clientes, todos os dias, sábados, domingos e feriados, um regime tão penoso que nem o bairro conhecia direito, e, quando fez dezesseis anos, encorpado e vivaz, desentenderam, porque queria ser tratado que nem gente e foi chamado de ingrato, *forte*, esbanjando saúde, quarto e comida de graça, reclamava do quê?, ameaçou mandar ele de volta pra miséria de Trás-os-Montes, e, diante do terrorismo, acabou fugindo, *com a roupa-do-corpo*, pra São Paulo. (RUFFATO, 2009, pp. 47-48 – grifos no original)

Explorado pelo próprio tio, tinha uma longa jornada de trabalho, sem lazer ou descanso digno. A alternativa que encontrou foi fugir e tentar a vida por conta própria.

4.1.3.3 Prostituição

A prostituição também pode ser encarada como uma precarização e subalternidade das formas de sustento material. Para além de discussões de ordem moral, essa questão concentra-se em como a necessidade material enfrentada pelos migrantes, em especial as mulheres, que as levam a ter que trabalhar como prostitutas.

Dois casos são destacados: o da esposa de Baptista Bernardo e o de Sheila. Começamos pelo da esposa do Baptista Bernardo:

Especulei de seu Carrilho se o angolano e a mulher desentendiam muito, e ele, respondendo 'Ao contrário, vivem bem', ficou abestalhado com minha cegueira, *todos* sabiam que, quando o Baptista Bernardo refugiava lá embaixo com as crianças, é porque tinha arranjado freguês pra mulher, uma africana alta, magra e sorridente, conhecida minha de **bons-dias**, e abismado perguntei como alguém pode sequer pensar em *alugar* a própria esposa, e

seu Carrilho, filosofando, 'É a miséria, filho, a miséria', [...], e, pra não morrerem de fome, a mulher se prostituía, com o consentimento do marido, responsabilizando pelo pagamento das despesas do mês. (RUFFATO, 2009, pp. 54-55 – grifos no original)

Sem uma das pernas e sem poder trabalhar, Baptista Bernardo conseguia fregueses para que a esposa se prostituísse. Serginho, um tanto moralista, sente um estranhamento em relação àquela situação, mas é lembrado pelo seu Carrilho, alguém mais maduro e com experiência de vida e de migração, que a miséria gerava a necessidade de medidas como aquelas.

Antes de tratarmos do caso de Sheila, vale a pena fazer menção de uma passagem anterior ao momento em que Serginho a conhece.

[...] folgado das funções d'O Lagar do Douro, segui para a rua Conde Redondo, passarela de travestis e prostitutas, tudo tão misturado, que, deus que me perdoe, a gente indistingue quem é o quê, brasileiras e africanas, mas também umas *parentes* do filho-da-mãe do Anatólio, e adentrei a **casa de alterne**, salão escuro, esfumaçado, parca frequência, uma moça oxigenada dançava um strip-tease em cima de um estrado, a caixa de som estalando a sussurraria do Je t'aime... moi non plus, música de sacanagem que eu conhecia da minha infância. (RUFFATO, 2009, pp. 58-59 – grifos no original)

Interessante notar que, ao estar andando em um lugar onde havia pessoas prostituindo-se, ele faz menção apenas a pessoas que não eram portuguesas. Ele diz ver brasileiras, africanas e parentes do Anatólio como uma referência genérica a mulheres com o fenótipo da Europa oriental.

Ele continua seu relato após ter entrado na "casa de alterne":

[...] sentei numa mesa, pedi uma cerveja, cinco euros!, quase caí para trás, um roubo!, mas já-já chegou uma alemoa, mais comprida que eu, cabelo afogeuado, olho azul-azul, corpo leitoso transbordando da roupa brilhante, pousou na cadeira, toda simpaticona, e estumei a conversa, declarei que era brasileiro, 'Brazilian', repeti, porque percebi que ela não manjava muito na nossa língua, empurrei um copo pro lado dela, mas ela preferiu uma beberagem colorida que custava os olhos da cara, e aquilo me enjerizou, desgramada!, mas, puxa vida, nunca em toda a minha vida tinha estado perto de uma mulher assim, tão, tão, sei lá, lembrava uma estrela de cinema, uma atriz de televisão. (RUFFATO, 2009, pp. 58-59)

Lá dentro, ele continua a ver prostitutas que não são nacionais, mas estrangeiras. Certamente há prostitutas portuguesas, mas a percepção dele, talvez por serem maioria, estava concentrada nas estrangeiras.

No mesmo dia que foi até essa “casa de alterne”, depois de ter ficado com uma prostituta, ao sair de lá, teve dificuldades de saber como voltar para o Hotel do Vizeu onde morava. É nesse momento, ao pedir informações, que ele conhece Sheila, personagem importante e de grande impacto na trajetória dele.

De forma semelhante a Serginho, Sheila também sonhava em conseguir juntar recursos no estrangeiro e então voltar para sua terra natal em uma situação econômica melhor do que a anterior à migração. Isso fica evidenciado na passagem em que ela revela esses desejos para ele:

[...] fomos tornando tristes, deprimidos, ela falou, ‘Serginho’, preciso juntar muito dinheiro porque quero aparecer em Riverlândia por-cima-da-carne-seca, engranada, mandando e desmandando, pra mostrar pros *maiorais* ‘Que sou pessoa decente’, tanto quanto as mulheres de lá, ‘Até mais’, se bobear, ‘Porque eu tive que vir pra Europa *fazer a vida*’, sem opção, ‘E muitas daquelas madames lá enganam os maridos porque são é umas sem-vergonha’. (RUFFATO, 2009, p. 69 – grifos no original)

Sheila, a seu modo, defende o esforço que está empreendendo ao migrar. Compara-se às mulheres de sua cidade e, mesmo que sem citar diretamente a sua atividade, estabelece uma moral mais elevada, já que faz o que faz em razão de buscar uma melhor situação de vida sem enganar a ninguém e como consequência da falta de alternativas.

Em um diálogo entre Rodolfo e Serginho, aquele o orienta a tomar cuidado com ela. Seu argumento baseia-se justamente nos perigos que a atividade da prostituição costuma envolver.

[...] fui sincero, depois que havia tropeçado na Sheila, andava meio perturbado, acho que apaixonado com ela, e relatei quem era e o que fazia, e ele, assustado, ‘Ficou doido?’, aconselhou a não mexer com aquilo não, ‘Tem uma verdadeira máfia por trás desse negócio’, diferente o caso dela, ‘Veio por vontade própria, pra prover a família, fugir da miséria’, expliquei, ele rebateu, ‘É, sempre a mesma história’, mas na profundez impera a violência, as drogas, a escravatura, ‘Tenho nada com isso não’, mas aconselhou, ‘Sai dessa’, emendando que, mesmo bacana, ‘Ela vai consumir tua poupança, vai te deixar a zero’, e continuou, ‘Pode escrever... É da natureza da... ocupação...’. Recai, pensativo, buscando razões pra contrariar ele, mas tudo que vinha à tona na minha mente fortalecia esse raciocínio. (RUFFATO, 2009, pp. 77-78)

Serginho fica mexido com o que Rodolfo lhe diz e, mesmo não querendo concordar, entende que faz sentido tudo aquilo que ouve. Para além de fazer uma avaliação do caráter da personagem Sheila, parece-nos que há fundamentos na sua

argumentação. A condição muitas vezes irregular da atividade de prostituição, sem uma fiscalização ou qualquer interferência mais direta por parte de algum organismo oficial, fragiliza a prática e gera possíveis abusos e explorações.

Percebe-se que entre as muitas atividades subalternas, fora do circuito de trabalhos legalizados, que os migrantes costumam ocupar quando no país de recepção, a prostituição, em especial para as migrantes mulheres, é uma das mais degradantes. Torna o migrante mais vulnerável do que já é pela sua condição de migrância.

O migrante, antes mesmo de partir, costuma já ocupar um lugar vulnerável no seu país de origem. Suas condições materiais são reduzidas, o que fomenta o desejo por um eventual sucesso no estrangeiro. Isso leva a um planejamento – “projeto migratório” – que, quando executado, na maioria das vezes, infelizmente resulta em fracasso. Nesse sentido, tanto o momento anterior quanto o durante a estada revestem-se de dificuldades de ordem material acentuadas: moradias precárias, fome, frio, desemprego, subemprego, subalternidade, irregularidade, disputas e tensões com nacionais e outros migrantes e exploração. Todos são elementos que concretizam uma condição vulnerável do ser migrante.

Colocando em termos mais concretos em relação à obra sob análise, percebemos que a abordagem das personagens migrantes, como o do protagonista Serginho, dá-se pela ênfase na situação difícil socioeconomicamente em que se encontram, quando ainda apenas aspiram ao deslocamento. Eles costumam nutrir uma forte crença de que a migração é uma solução viável para as suas dificuldades. Nesse momento, ainda esperançosos de retornarem – e o mais rápido possível – e com seus objetivos alcançados. Uma vez no local de recepção, deparando-se com situações tanto quanto ou pior que a anterior, vão paulatinamente perdendo as esperanças e desacreditando de seus sonhos e de algumas pessoas.

4.2 A importância das redes sociais

Ao analisarmos como as práticas migrantes em *Estive em Lisboa...* são trabalhadas literariamente, a questão das redes surge com bastante ênfase. As personagens migrantes, especialmente o protagonista, vivem a experiência da migração com amplo contato com outros atores sociais que participam direta ou indiretamente do processo migratório, tornando-o viável ou dificultando-o. Neste

subitem, daremos maior realce aos aspectos positivos e de solidariedade, pois entendemos que no subitem sobre a alteridade, que está à frente, surgem com mais força as questões de disputa e desamparo.

Quando nos referimos às “redes”, estamos mais especificamente nos referindo às “redes sociais”.²⁴ Essa é uma categoria amplamente usada por disciplinas das Ciências Sociais, como Sociologia, Antropologia e Demografia por exemplo. Em seus estudos, elas geralmente consideram “objetos empíricos” e, por isso, valemo-nos de algumas ideias dessas disciplinas em relação ao estudo das redes sociais com certa cautela.

Soares (2002, p. 24) aponta a existência de uma tipologia entre as redes sociais conforme seu grau de especificidade e objetivo. Apesar disso, costuma haver uma certa confusão, na literatura sobre o assunto, em relação à “rede pessoal”, “rede migratória” e “rede social”. Sendo assim, e como forma de trazer maior clareza sobre cada um dos termos, ele sugere as seguintes definições: “rede pessoal” é um tipo de rede social que se funda principalmente em relações sociais de amizade e parentesco, ou seja, em relações mais íntimas; “rede migratória” é um outro tipo de “rede social”, orientada especificamente para o ato de migrar (SOARES, 2002, p. 24). Entendemos então que, enquanto a rede social é um conceito mais amplo, estas últimas são componentes dela. Interessa-nos mais especificamente aqui a rede migratória.

Dessa forma, ao especificarmos um pouco mais qual tipo de rede social, a rede migratória, que nos é de maior interesse, vejamos a definição proposta por Soares (2017):

Assim, a teia de relações sociais interligadas, mantidas por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. (SOARES, 2017, p. 613)

Interessante notar que, de acordo com a definição de rede migratória de Soares (2017), não há apenas o movimento dos indivíduos migrantes, mas também de bens e informações, por exemplo.

Iniciamos com a definição de redes sociais proposta por Fusco e Rezende (2017):

²⁴ Não confundir com “mídias sociais”, como Facebook, Instagram, etc.

As redes sociais, empiricamente, são o conjunto das interações cotidianas, efetivas e latentes, estabelecidas pelos atores sociais (indivíduos e organizações) ao longo do processo social constitutivo das instituições e comunidades humanas. (FUSCO; REZENDE, 2017, p. 615)

Vemos aqui então que as redes sociais são um fenômeno social necessário no funcionamento daquilo que chamamos de sociedade. É impossível pensar em sociedade e não considerar as redes sociais. Há uma implicação mútua.

Até aproximadamente a década de 1980, os estudos sobre o fenômeno migratório concentraram-se em explicações de ordem macroestrutural, muitas vezes com ênfase apenas em aspectos econômicos, do tipo, por exemplo, de fatores de expulsão-atração, conforme explicam Sasaki e Assis (2000), Arango (2003) e Durand e Lussi (2015). A partir de então, surgiram novas propostas metodológicas para o estudo do fenômeno migratório, como os de enfoque microanalíticos; de história da família; os estudos de ciclo vital e as teorias das redes, conforme esclarece Abad (2001).

Tanto Soares (2002) quanto Abad (2001) dizem-nos que as novas teorias que procuraram estudar o fenômeno migratório desde aquele momento trataram de fundir certos aspectos e certas noções de abordagens macro e microanalíticas. Ou seja, não se rejeitaram por completo as explicações de cunho mais estrutural. O surgimento dessas novas propostas justificam-se em função das explicações clássicas não conseguirem mais responder aos questionamentos que passaram a surgir naquele momento.

De acordo com Soares (2002), a chamada “análise de redes” configura-se exatamente na confluência entre as perspectivas macro e microanalíticas, procurando extrair de uma e da outra o que haveria de melhor. Trata-se, dessa forma, de uma tentativa de síntese, apesar dos embates e das críticas que cada lado costuma sofrer. Num estudo como o nosso, que tem como objeto de análise uma obra ficcional, parece-nos interessante uma abordagem como a da análise de redes no sentido de enfatizar menos os aspectos estruturais – sem ignorá-los por completo – e, em contraposição, dar destaque aos aspectos mais qualitativos. Entendemos que isto se alinha melhor a um contato com a Literatura.

Citando Wellman (1997)²⁵, Soares (2002, p. 28) diz que a análise de redes considera duas perspectivas complementares: a “egocentrada” – perspectiva

²⁵ WELLMAN, Barry. *What is social network analysis?* Toronto, 1997.

ptolomaica, em que a ênfase é num determinado ator e nas relações que ele estabelece com outros atores – e a “rede completa” – perspectiva copernicana, com uma ênfase mais panorâmica da rede. Analisar uma rede de forma mais panorâmica – perspectiva copernicana – parece muito promissor. Dá-nos a esperança de podermos conhecer melhor os detalhes das relações entre todos os atores. No entanto, uma análise centrada mais em um dado ator específico – perspectiva ptolomaica – e como ele se relaciona com outros atores parece permitir uma análise mais aprofundada e qualitativa. Essas perspectivas de análise de redes chamadas de copernicana e de ptolomaica remetem respectivamente a ênfases mais gerais e mais específicas. É como se atuassem em escalas distintas, sendo, portanto, complementares.

Baseando-se em Bourdieu (1990)²⁶, Soares (2002) diz que a ênfase dos interacionistas é na experiência vivida dos indivíduos em sua construção mental da realidade. Para eles, o real é o que as pessoas definem como tal, suas representações (SOARES, 2002, p. 30). Diz ainda que o interacionismo é criticado por ignorar a dimensão política, o contexto histórico e os interesses de classe (SOARES, 2002, p. 30). Como era de se esperar, o interacionismo, enquanto perspectiva mais subjetivista, talvez deixe realmente a desejar na consideração de alguns aspectos de ordem mais macroestrutural.

Já a perspectiva estruturalista – objetivista – costuma pensar em sistema, no todo. O sistema seria relativamente constante e uniforme, sem deixar de apresentar certa dinamicidade. Haveria uma prevalência das estruturas sobre os indivíduos (SOARES, 2002, p. 30). A perspectiva estruturalista tende a permitir uma visão mais ampla de toda a rede, de todo o sistema. Portanto, permite uma visão holística, em uma escala maior. No entanto, perde em perspectiva dos detalhes que uma análise mais subjetivista implica. Diz ainda que as principais críticas ao estruturalismo são conferir um peso muito pequeno aos atores individuais e pensar as relações sociais de forma muito estática (SOARES, 2002, pp. 30-31). A grande crítica às perspectivas globais é elas se aferrarem a uma grande explicação e ignorarem os detalhes.

Em uma análise, é possível considerar um certo objeto/fenômeno em função de seus atributos, em sua unidade, ou podemos considerar as relações que ele estabelece com outro objeto/fenômeno. Quando nos atemos a considerar os atributos

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

intrínsecos de um dado objeto/fenômeno, estamos incursionando por uma espécie de ontologia, mas, quando nos atemos a estudar as relações que um dado objeto/fenômeno estabelece com outros objetos/fenômenos, estamos construindo uma análise de redes. Uma relação não é uma característica intrínseca, mas varia de acordo com o contexto. Já os atributos podem permanecer independentemente do contexto (SOARES, 2002, p. 27). As relações são fluídas, dinâmicas, enquanto as características podem ser mais ou menos permanentes, estáticas; “[...] Os diferentes tipos de relações correspondem a redes diferentes, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo” (SOARES, 2002, p. 26). Um novo tipo de rede surge não em função da variedade de atores, e sim da variedade de relações entre os atores. Ou seja, mesmo na existência de relações entre os mesmos atores, caso estas relações possuam alguma diferença comparada a outro tipo de relação, já se configuraria em um tipo de rede distinta.

Ainda neste sentido, Soares (2002, p. 27) cita Knoke e Kuklinski (1982)²⁷:

As relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo. O conteúdo é dado pela natureza dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva, etc.); e a forma da relação compreende dois aspectos básicos: i) a intensidade ou a força do laço entre dois atores; e ii) a frequência e o grau de reciprocidade com que esse laço se manifesta. Logo, conceitualmente, duas relações de conteúdo distinto podem apresentar formas idênticas. (SOARES, 2002, p. 27, apud KNOKE; KUKLINSKI, 1982)

Entender que as relações entre dois atores sociais distintos possuem essas duas características básicas de forma e conteúdo é muito importante, pois, com isso, conseguimos adentrar num processo de classificação e melhor entendimento delas.

Em relação à forma, um conceito importante desenvolvido por Granovetter (1973) é o de “laço fraco”. Segundo este autor, as relações que se apresentam, enquanto forma, menos frequentes e intensas, podem ser muito importantes para um dado ator social. Isso pode parecer um tanto contraintuitivo, mas ele explica. Nas relações cotidianas, frequentes e próximas, ou seja, os “laços fortes”, todos os envolvidos possuem mais ou menos os mesmos recursos materiais, os mesmos conhecimentos. Já nos chamados “laços fracos”, existe a possibilidade de haver ganhos significativos. O contato com pessoas que não fazem parte das nossas

²⁷ KNOKE, David, KUKLINSKI, James. *Network analysis*. Beverly Hills: Sage, 1982.

relações cotidianas enriquecem a experiência, aumentando o nosso repertório e os diversos recursos.

Uma vez apresentadas algumas linhas gerais dos estudos das redes sociais, concentremo-nos em considerar certas passagens de *Estive em Lisboa...* que apontam para esse aspecto da experiência migrante.

4.2.1 Contatos anteriores ao deslocamento

O indivíduo que ainda não migrou e que, portanto, é apenas um migrante em potencial, pode se valer de certos vínculos com outros atores sociais para angariar certos recursos – materiais ou não – para concretizar seu desejo de deslocamento. Esse é o caso de algumas personagens migrantes da obra sob análise. Destacamos inicialmente o caso do protagonista Serginho.

Serginho costumava se reunir em sua cidade com os amigos no bar Beira Bar. Em certa ocasião, quando já estava desempregado e um pouco perdido pelas adversidade que vinha passando, ouve de seu Oliveira, um migrante português, o seguinte: “O caminho é Portugal”; e diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país para onde todo mundo estava seguindo e que, se mais novo, até mesmo ele voltava [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 25-26). Não bastasse essa primeira fala, ele continua descrevendo os vários benefícios que Portugal dispunha.

Esse contato, orientação e apoio vindo de alguém que, em tese, tinha propriedade para afirmar o que estava dizendo, gera em Serginho um sentimento de confiança, de credibilidade. Além do próprio seu Oliveira, os amigos que ali estavam, ao se manifestarem positivamente sobre sua decisão de migrar, certamente se apresentam como um grande incentivo.

Apesar disso, não basta se sentir motivado. A migração exige recursos materiais, mas também um mínimo de conhecimento prático em como proceder o deslocamento em si: aonde ir, que documentos são necessários, os meios de transporte, entre outros. E é mais uma vez na figura de seu Oliveira que Serginho ampara-se.

Resolvi explorar a experiência de seu Oliveira, que ultimamente, de dois em dois anos, viaja para lá, encostei no balcão, pedi uma cerveja, um pratinho de azeitona, e desembainhei um questionário, ‘Como é que um sujeito chega em Portugal?’, ‘De avião, ora pois’, ‘Como é que é um avião por dentro?’, ‘Apertado’, ‘De onde sai o avião?’, ‘Do Rio de Janeiro’, ‘Quanto tempo demora

a ida?', 'Umas nove horas', 'E a volta?', 'Mesma coisa, ora pois', 'Tem banheiros?', 'Evidentemente', 'Dá pra dormir?', 'Até ronco', 'Tem comida?', 'A da TAP é boa', 'E o país?', 'O melhor lugar do mundo', 'Onde um sujeito, que quiser ir, compra a passagem?', 'Em Juiz de Fora', 'Quanto custa mais ou menos?', 'Uns mil dólares, dependendo da época', 'Mil dólares?', 'Dependendo da época', 'Que mais um sujeito, que quiser ir, precisa saber?', 'Tem que tirar passaporte...', 'Passaporte?', 'Um documento universal', 'Hum...', 'E tem que trocar o dinheiro', 'Onde o sujeito arruma o tal passaporte?', 'Na Polícia Federal, em Juiz de Fora', 'E o quê que o senhor falou de dinheiro?', 'Tem que trocar, levar euro', 'E se o sujeito nem nunca viu um euro de perto?', 'Guardo comigo umas notas, posso mostrar', e incentivou, com a minha cultura, a minha desenvoltura, a minha saúde, 'Vá, Sérgio, empenhe-se, economize', pra, investindo em imóveis em Cataguases, garantir uma velhice tranquila, de papo-pro-ar, 'Ah, tivesse tua idade, tua disposição!', e tornou a referir a um *contato*, um primo, que certamente me arranjará uma boa colocação. (RUFFATO, 2009, pp. 28-29 – grifo no original)

Vemos nesse trecho o quanto de questionamentos seu Oliveira responde a Serginho. Tais interações que fornecem informações valiosas, que conectam pessoas do país de origem com o de destino, configuram-se em um importante tipo de recurso para se empreender a migração. Sem ele, a migração pode até ocorrer, mas com muito mais dificuldades e barreiras a serem transpostas.

Outra passagem que destaca a importância desse contato prévio é no caso de seu Carrilho. Antes de migrar para o Brasil, ele já tinha um tio que havia migrado anteriormente. Apesar do péssimo tratamento recebido pelo tio, destacamos o fato de que, com a idade que ele tinha, ainda adolescente, ter um parente que o recebesse no novo país mostrou-se imprescindível para que a migração ocorresse.

Agora pensando em atores sociais de uma outra escala – não apenas indivíduo-indivíduo – temos o caso de Sheila. Quando morava em Goiânia, ela fica sabendo da possibilidade de recrutamento para ir para a Espanha. Apesar de não explícito, fica evidente se tratar de uma rede de aliciamento de garotas para prostituição.

Este caso, como é-nos relatado pela imprensa e como o senso comum adverte-nos, costuma levar a situações de abuso e exploração. Mas tal rede, apesar de se desenhar como criminosa e de resultados negativos para o migrante, termina sendo um meio possível para que a migração ocorra.

As três situações apresentadas nos parágrafos anteriores dão-nos um vislumbre das possibilidades que as redes proporcionam para que o potencial migrante efetivamente se desloque. Vimos que elas podem fornecer informações de grande valor, contatos, pressupor amparo de um parente – ainda que no caso de seu

Carrilho não ter acontecido exatamente isso –, a promessa de um ganho mais significativo, entre outras possíveis vantagens.

4.2.2 Benefícios no local de recepção ao fazer parte de uma rede social

Neste subitem, deteremo-nos em observar as potencialidades das redes, uma vez que o migrante já esteja no local de recepção. Quais são os benefícios que tais redes e contatos proporcionam para os migrantes? Iniciamos recorrendo à passagem em que Serginho busca o contato do primo de seu Oliveira. Em um determinado dia, ele sai cedo em busca do tal contato, mas, depois de muito andar e perguntar pelo endereço, termina desistindo.

Chama-nos a atenção o fato de Serginho, ao não encontrar o endereço, achar que tinha sido enganado. Apesar de ter se guiado pelas dicas de seu Oliveira em muitos sentidos, nesta ocasião em particular chegou a duvidar da boa vontade do amigo. Constata posteriormente que ele é quem havia se equivocado, retomando o apreço que tinha pelo seu Oliveira e, isso, porque outro migrante brasileiro assim o esclareceu. Havia, portanto, boa fé por parte do português que lhe passou o contato, e um outro indivíduo contribuiu para esclarecê-lo.

Esse mesmo Jerê, por intermédio do Rodolfo, passa-lhe a informação de uma possível vaga de trabalho. Mais uma vez são as relações que ele vai construindo no local de recepção que lhe proporcionam algum tipo de vantagem. Neste caso, é possível verificar a solidariedade de outro migrante de mesma nacionalidade e, talvez, algum tipo de tensão com uma nacional, a dona Palmira. É sempre bom lembrar que as relações que um dado ator social estabelece com outros atores nem sempre são favoráveis.

Ocorre-nos que essa mesma vaga de emprego de que Serginho ficou sabendo, em razão da solidariedade de um conterrâneo, talvez tenha sido passada para um outro migrante em razão do mesmo tipo de ajuda. Após ter sido demitido, Serginho imagina que isso tenha se dado em razão de algo que seu desafeto, Anatólio, tenha falado para o patrão. Serginho diz: “[...] deve de ter me intrigado com o seu Peixoto pra conseguir a colocação pro conterrâneo dele [...]” (RUFFATO, 2009, p. 82). Não podemos ter certeza se foi isso mesmo o que aconteceu, mas é algo plausível.

Destacamos na sequência a relação que Serginho estabelece com Sheila, migrante brasileira que trabalha como prostituta. É preciso considerar, neste caso, em

como a relação se desenvolve, de quem para quem. Analogamente, poderíamos falar de “vetor”. O que veremos a seguir é o destaque das ações de Serginho para com Sheila e não o contrário. Ainda que ele se beneficie em parte, já que nutre uma afeição por ela e termina desfrutando de momentos agradáveis e de lazer, a maior beneficiária é Sheila. Destacamos duas ocasiões em que isso fica mais evidente.

[...] caminhamos pelo Parque das Nações enorme, sol acachapante, a cabeça latejando, sentei na beira de um corguinho para desafadigar, descalcei os sapatos, pensei refrescar os pés ardidos, e de repente explodiu uma fonte me molhando a roupa toda, pulei assustado, a Sheila, adivinhando o malfeito, gargalhava de escorar a barriga e, mesmo não agradando ver um casal com dois filhos, daquele povo branco, magro e alto, cabelo cor-de-palha, também rir de mim, os meninos apontando, picolé na mão, fiquei bem puto na hora, mas ainda assim, vendo a Sheila feliz, mesmo ela explicando depois que sabia de antemão dos *esguichos*, acabei achando graça na coisa também. (RUFFATO, 2009, p. 68 – grifo no original)

Tal passagem aponta um momento cotidiano em que eles saíram para passear num dia de folga do trabalho. Apesar do inconveniente do acontecido e de ter ficado irritado na hora, ele confessa que depois não nutriu sentimentos ruins, ainda mais ao ver Sheila feliz.

Outra passagem que marca o tipo de relação que Serginho mantinha com Sheila é quando ela liga desesperada para que ele a acompanhe até um lugar sem dar mais explicações. Ele prontamente diz que sim e vai até ela.

Então, descí as escadas correndo e do outro lado do telefone deparei com a voz lamentosa da Sheila implorando pra que eu encontrasse com ela, ‘O mais rápido possível’, num café da avenida Vinte e Quatro de Julho, ‘Já estou aqui, esperando’, e nem deu azo pra perguntar o que tinha havido. Desliguei o aparelho, relatei *por cima* a ocorrência pro seu Seabra, que acompanhava atento a agitação, farejando uma calamidade, subi, botei a luva, a touca e o casaco de lã, e despenquei Madragoa abaixo. Encontrei a Sheila desacorçoada, o **telemóvel** em cima da mesinha, o maço de cigarro, o cinzeiro, a xícara vazia, os olhos vermelhos lembrando uma menina-colegial que tivesse acabado de perder o namorado, ‘Quê que aconteceu?’. Ela disse que *infelizmente* não podia falar sobre *aquilo*, ‘Um dia, quem sabe’, suspirou, e perguntou se eu podia acompanhar ela a Oeiras, onde ia ter com uma *pessoa*, ‘Faz isso por mim?’, apertando minha mão, aflitiva. Eu respondi que, ‘Claro, conte *sempre* comigo’. (RUFFATO, 2009, p. 74 – grifos no original)

Essa é uma ocasião que se mostrará bastante prejudicial para Serginho, afinal é quando ele se vê constrangido a deixar o seu passaporte como garantia do empréstimo de Sheila. Apesar disso, o que queremos enfatizar aqui é o benefício que Sheila obtém pela ajuda e solidariedade de Serginho. Ele se mostra extremamente preocupado com ela e disposto a sempre lhe ajudar.

Outra relação que damos destaque é a que se dá entre Rodolfo e Carrilho. Rodolfo já havia morado no Hotel do Vizeu, mas continuava a visitar o seu Carrilho. Assim como seu Carrilho mostra-se ser alguém importante para Serginho, parece ter cumprido um papel semelhante para com Rodolfo. Há reciprocidade de um para com o outro. Mesmo já estabelecido no país, Rodolfo não rompe relações com seu Carrilho, como forma de reconhecimento pela ajuda que recebeu anteriormente.

Por fim, apresentamos a relação que talvez mais bem trate do tipo de ajuda que um migrante pode receber no local de recepção. Trata-se da relação que Serginho estabeleceu com seu Carrilho. Primeiramente destacamos que eles mantinham uma relação próxima e de muito diálogo, o que para um migrante pode ser útil no sentido de manter a saúde emocional. Além disso, por meio desses diálogos, seu Carrilho, por conta de sua experiência de vida, aconselha e instrui, em muitos aspectos da vida, a Serginho. Lembramos dos casos em que chama a atenção para a possibilidade de estar bancando a Stela, sua cunhada, sem garantia de que o dinheiro que enviava realmente era gasto nos cuidados de Pierre, seu filho, e Noemi, sua esposa; esclarece que o Baptista Bernardo agenciava programas de prostituição para a própria esposa e relativiza a questão quando Serginho parece apresentar uma crítica moral; aconselha-o a se agasalhar bem durante os períodos mais frios; indica um restaurante próximo e barato – o Ao Recanto dos Caçadores; esclarece que tipo de pessoas eram o Lopo Garcia e o tal Poeta e, também, assim como Rodolfo, alerta Serginho em relação à Sheila.

Todos os casos citados neste subitem remetem às relações que os migrantes estabelecem com outros indivíduos, quer sejam migrantes – da mesma nacionalidade ou não – ou nacionais. Tais interações, pelo menos em um dos sentidos, tende a proporcionar benefícios, tais como: informações sobre possíveis vagas de emprego; momentos de lazer; razões para certas práticas; informações cotidianas sobre endereços – como se mover pela cidade; aconselhamento amoroso; alerta para perigos potenciais. O conjunto desses elementos significa um tipo de recurso relevante para o migrante, uma vez que a hostilidade de um local novo e desconhecido pode engendrar muitos perigos e prejuízos. Lembramos ainda que a presença desses aspectos em uma obra ficcional é limitada. Muitos outros ficam de fora. Apesar disso, são significativos para pensar a questão.

4.2.3 Manutenção dos laços com o local de origem

Neste subitem, damos destaque aos laços e vínculos que os migrantes continuam mantendo com seu local de origem. Não é possível pressupor que os migrantes rompam em definitivo com sua terra natal, com as pessoas que ali mantinham algum tipo de contato, ainda mais se considerarmos que é frequente a ideia de que em algum momento eles retornarão. Eventualmente, algum caso assim pode acontecer, como o do seu Carrilho, mas geralmente essa não é a regra.

A primeira ocorrência que citamos é a da remessa de dinheiro que Serginho faz para Stela, sua cunhada:

[...] eu transferia para a conta da minha cunhada, religiosamente, um *auxílio* pro Pierre e pra Noemi, na agência da Uêstem Úion, sobrava uma mixuruquice pra vencer as quatro semanas seguintes, e, economista, ainda juntava pra adquirir uns imóveis em Cataguases, garantidores do meu futuro [...] ‘Quem garante’ que a *ajuda* escoava até os *destinatários*?, e isso me intoxicava, vontade de estancar a hemorragia, desfazer os vínculos com o Brasil [...] mastigava o meu orgulho e ia no Rossio depositar o dinheiro, e, enquanto preenchia a papelama, ficava olhando praqueles pobres-diabos, africanos, árabes, indianos, babel de raças e cores, se espremerem dois-três na mesma cabina de telefone, esgoelando, chorando. (RUFFATO, 2009, pp. 71-73 – grifos no original)

As responsabilidades para com parentes e o desejo que nutre de algum dia voltar – algo que costuma ser essencial no projeto migratório – enseja que esses vínculos mantenham-se no tempo. Ocasionalmente o migrante pode se questionar e desejar romper tal laço, como manifestado pelo protagonista, mas a prática de enviar recursos de forma recorrente para o país natal é comum entre os migrantes.

Uma outra passagem que dá destaque aos vínculos do migrante com sua terra natal é relatada por Serginho ao observar outros migrantes num certo espaço onde ele consegue notar a interação deles com seus familiares pelo telefone e pela internet:

[...] uma vez, perto do Natal, uma senhora negra, baixa e gorda, enfiada numa roupa estampada, cabelos começando a alvejar, desmaiou no decorrer de uma ligação, socorremos ela, apareceu uma cadeira, um copo d’água, um abano, quando voltou a si, socando os pés no chão, a jabuticaba dos olhos clamou seu desespero num português estropiado que ninguém entendia mas que todos adivinhamos, o desalento imigrante de quem sabe que de nada serve essa vida se a gente não pode nem mesmo aspirar ser enterrado no lugar próprio onde nasceu [...] e aí me deu uma agonia danada, lembrei da minha gente, como será que estavam todos lá, será que continuavam naquela labuta lá deles, acordar cedo, ir trabalhar, voltar de tardinha, encontrar no Beira Bar, sábado jogar carteadado, domingo dormir até mais tarde. (RUFFATO, 2009, pp. 73-74)

Este trecho revela-nos duas dimensões interconectadas de como os migrantes continuam vinculados à sua terra natal. A primeira delas, talvez um pouco mais concreta, seja a efetiva comunicação com ligações e envio de mensagens pela internet e acesso às notícias do que ocorre por lá – e aqui também poderíamos considerar, como no parágrafo anterior, a questão das remessas de dinheiro, ou ainda de objetos e presentes. Já a segunda refere-se ao apego afetivo que se mantém com o torrão natal. Neste último sentido é que as informações que de lá advêm são sentidas de forma emocional, o afetam, o fazem lembrar, pensar naqueles que lá ficaram. Ainda que estritamente falando, fisicamente, eles não estejam em seu país de origem, seria inadequado desconsiderar esses elementos como fatores de ligação.

Retomando algumas ideias mais gerais sobre o aspecto das redes sociais no contexto das migrações, lembramos que um motivo importante para o seu estudo é que elas, em certa medida, orientam muitas das ações que os indivíduos tomam. Os atores sociais levam em consideração outros atores e as relações que com eles estabelecem. Existe um misto de constrangimento estrutural, do ambiente social, do confronto de desejos dos atores e a vontade mais subjetiva de um dado ator que precisa ser negociada a fim de se obter o melhor resultado possível numa tomada de ação.

De acordo com Tilly (1990), as próprias redes migram, transladam-se. Tilly (1990), ao tentar entender as razões para que grupos étnico/nacionais que migraram para os EUA, especialmente ao longo do séc. XIX e do séc. XX, tivessem graus de sucesso tão distintos, gerando uma grande desigualdade entre eles, questionou o argumento mais aceito até então de que isso se dava basicamente em razão do grau de assimilação desse grupo ao novo local. Apesar de não desconsiderar a assimilação como variável importante, ele concluiu que a articulação das redes existentes, desde o local de origem dos grupos que para lá migraram, tinham um peso muito maior.

Quando falamos de redes migratórias, geralmente estamos pensando em como elas atuam para o fluxo migratório de grandes grupos étnico/nacionais. Com isso, no entanto, não estamos desconsiderando que migrações pontuais, de indivíduos e/ou de pequenos grupos, não se beneficiem de uma rede migratória já bem estabelecida. Ambos os casos garantem vantagens com ela.

Migrar pressupõe inúmeros riscos, e ter uma rede migratória de apoio permite diluir muitos desses riscos. As redes migratórias afetam a escolha de migração pelo

menos de três maneiras distintas: ao fornecerem informações do mercado de trabalho do país de recepção; ao estabelecerem a utilidade migrante em função da quantidade de bens étnicos disponíveis; ao gerarem uma expectativa nos novos migrantes que serão de alguma forma amparados pelos mais antigos no processo de acomodação no novo local (BAUER; EPSTEIN; GANG, 2000, p. 4). Os novos migrantes não vão às cegas. Eles geralmente já possuem elementos de informações que justifiquem a crença de que a decisão de migrar pode, potencialmente, ser benéfica. É feito um cálculo para decidir se vale a pena de fato migrar. De acordo com Soares,

[...] nas redes sociais circulam informações importantes para a decisão de migrar; as redes ajudam no deslocamento de migrantes potenciais e na inserção econômica deles no destino; contribuem, então, para reduzir os riscos vinculados à migração. (SOARES, 2002, p. 20)

O aspecto das informações que circulam nas redes – sociais, mas em especial a rede migratória – e que contribuem para que o potencial migrante realmente migre é essencial. Diante de um lugar novo, com uma cultura diferente, muitas vezes hostil do ponto de vista do clima e da língua por exemplo, saber como se comportar – entender certos códigos sociais do local; onde ir; onde não ir – e perigos a evitar; potenciais trabalhos; etc., ser apoiado por uma rede migratória ajuda em muito esse migrante a se mover e viver no novo local.

Uma rede migratória é composta principalmente por atores sociais que migram e que têm uma mesma origem e/ou falem um mesmo idioma (BAUER; EPSTEIN; GANG, 2000, pp. 4-5). Apesar disso, existem outros atores sociais que também compõem a rede migratória sem necessariamente serem migrantes. É preciso se lembrar dos familiares que permanecem no país de origem; os parentes ou amigos daqueles que recebem remessas de dinheiro, por exemplo, ou articulam o contato com outros migrantes potenciais; nos nacionais do país de recepção; nas instituições, como os consulados; nas organizações criminosas que promovem o deslocamento migratório também; entre outros atores. Todos eles, de forma benéfica ou não, contribuem para que a migração aconteça e se perpetue.

Alguns autores, como Soares (2002), Fusco e Rezende (2017), destacam que as redes sociais não dão início aos fluxos migratórios, mas ajudam na sua manutenção e expansão. Abad (2001) evoca o princípio do “efeito chamada”, que afirma que, para cada migrante, há um “estoque potencial” de novos migrantes, já que estes tendem a atrair parentes, amigos e conhecidos do seu país de origem ao longo

do tempo, alimentando e dando continuidade ao processo. Apesar disso, há um “limite ótimo” para essa atração. Em algum ponto, uma quantidade excessiva de migrantes com características semelhantes pode resultar em decréscimo de salários por exemplo (BAUER; EPSTEIN; GANG, 2000, p. 4).

Ao escolher um dado local, o migrante tende a pensar tanto no histórico de migração de indivíduos de uma mesma origem para um dado local de recepção quanto no número atual desses migrantes que lá estejam (BAUER; EPSTEIN; GANG, 2000, p. 5). A rede migratória que se conecta com um dado ponto de recepção pode ser incipiente ou estar saturada. Isso ajuda no cálculo que o potencial migrante precisa fazer para tomar a decisão de migrar ou não.

O migrante precisa de uma rede de apoio, de pessoas que o fazem de forma voluntária, com motivações que se restringem ao âmbito do afeto, ou de pessoas que o fazem por motivações pecuniárias mesmo, como um negócio. Ambas são importantes para o empreendimento migratório de um certo indivíduo. Se pensamos em uma rede que apoia movimentos migratórios de forma a se beneficiar financeiramente, logo nos vem à mente: os grupos que exploram o trabalho sexual – como o caso que leva mulheres para a Europa para serem prostitutas – e o caso dos “coiotes”, os famosos atravessadores de migrantes na fronteira México-EUA.

Tilly (1990) diz que as redes também possuem tensões e não apenas solidariedades: a) migrantes exploram migrantes; b) há exclusão, por exemplo, quando há especialização do trabalho em função da nacionalidade. É interessante como nós pressupomos que sempre deve haver uma relação de solidariedade entre migrantes em geral, e em especial entre migrantes de uma mesma nacionalidade. Isso certamente acontece e é bastante provável que seja frequente. No entanto, isso não impede também que haja casos em que migrantes explorem outros migrantes. Parece haver um pressuposto implícito que entre iguais não deveria haver essas tensões ou relações de exploração. No entanto, talvez o equívoco desse raciocínio é imaginar que sejam realmente iguais. Para quem olha de fora, pode até não notar diferenças, mas para os atores realmente implicados há nuances que fazem toda a diferença.

Ao pensarmos a questão das tensões nas relações entre atores semelhantes, ocorre-nos os postulados de Norbert Elias em seu livro *Os estabelecidos e os outsiders* (2000). A tese central do livro nos diz que pequenas diferenças, como o tempo de residência num dado lugar, pode ser motivo suficiente para que os atores,

grupos, sintam-se muito diferentes entre si, ainda que em vários outros aspectos sejam muito semelhantes.

Com ou sem uma rede de apoio, não há garantias de que o empreendimento migratório seja bem-sucedido. No entanto, há uma potencialização com o apoio de uma rede. Por isso, é importante, no sentido de diminuir os riscos, que os migrantes se apoiem em uma rede migratória.

Não entendemos que a amplitude da rede, nem sua anterioridade ao deslocamento sejam imprescindíveis – talvez o sejam mais nos estudos de grandes fluxos que se debruçam sobre um dado grupo étnico/nacional. A nossa análise, como dissemos, tendo como objeto uma obra ficcional, limita a consideração de uma rede completa. Temos de nos ater a certos nós, geralmente nos vínculos entre dois atores sociais. Quanto à existência prévia das redes, acreditamos que seja importante, mas os vínculos que vão se formando no processo de estada no país de recepção parecem-nos tão válidos e importantes quanto aquela.

4.3 O retorno do migrante: efetivo e ilusório

Neste subitem, dedicamo-nos a abordar o elemento do retorno do migrante à sua terra natal. As práticas migrantes em *Estive em Lisboa...* fazem-nos perceber a existência, naquilo que é revelado sobre as personagens migrantes, de alguns casos.

Grosso modo, a maioria das personagens migrantes ainda está num momento em que se encontra no país de recepção. A exceção disso é seu Carrilho, que é um português retornado. Uma outra situação, que de acordo com a tipologia apontada por Siqueira (2017, pp. 572-573), também se constitui em uma forma de retorno – retorno temporário –, é a de seu Oliveira, que de tempos em tempos viaja até Portugal.

Dos que ainda estão no país de recepção, temos elementos na narrativa que explicitam o retorno enquanto desejo – ou seu contrário: quando não há mais expectativa que ela ocorra – e os casos em que esta questão fica em aberto. Os que mais claramente expressam seu desejo de retorno, e preferencialmente de forma rápida, são Serginho e Sheila.

Temos, portanto, duas situações mais marcantes: ou o retorno é efetivo e realmente acontece – quer seja temporário ou permanente –, e o retorno enquanto virtualidade, desejo. A partir dessa ampla divisão, temos abordagens mais práticas, quer seja pelas disciplinas, como a Sociologia, a Economia ou a Demografia, e

abordagens mais intimistas, subjetivas, que podem ser trabalhadas também pela Sociologia, quer seja pela Filosofia e Psicologia.

4.3.1 O retorno efetivo

Quando o retorno de fato acontece, como apontamos em alguns parágrafos anteriores, temos o exemplo das personagens de seu Carrilho e seu Oliveira. O primeiro deles, seu Carrilho, é um português retornado que passou muitos anos no Brasil. No momento propriamente dito do recorte temporal do enredo, ele é um senhor idoso, já aposentado, que vive na mesma pensão de Serginho, em Lisboa, e com quem estabelece vários momentos de diálogo. É justamente a partir dessas interações que sabemos um pouco mais sobre sua trajetória anterior e o seu cotidiano presente.

Para que possamos entender melhor a trajetória de seu Carrilho, seu processo de migração e retorno, mencionamos a seguir uma passagem em que se faz uma síntese:

[...] a vida correu, e, mesmo sem tempo, contraiu matrimônio, teve um casal de filhos, 'Antônio José, médico formado, e Cândida Maria, jornalista', e, quando faleceu a mulher, se viu desnortado, cinquenta anos de Brasil sem nunca tirar férias, frequentar restaurante, nada de festas, praia, gastou os dias conferindo feixes de lenha, sacos de farinha-de-trigo e maços de notas, desconfiado de que era roubado pelos empregados e arrumando jeitos de sonegar o governo, e percebeu que estava sozinho, o rapaz pouco via, pediatra em Ribeirão Preto, a moça casada com um sujeito, também jornalista, com quem não se dava, e então anunciou uma longa ausência, pôs os quatro imóveis nos nomes dos filhos, deu uma procuração pra outro *compatriota* tocar a padaria, agora na freguesia do Ó, e bateu-pernas atrás dos parentes, aldeia de Algosó, distrito de Bragança, mas já ninguém sabia dos Carrilhos, 'Espalhados sabe Deus por que terras', referências vagas a Angola, Moçambique, até mesmo ao Brasil, mas nem a casa onde nasceu estava mais de pé, e assim, 'Sem passado e sem futuro', rezou na igreja de Santo Antônio, em Lisboa, e rezou na igreja de Santo Antônio, em Pádua, na Itália, cumprindo promessa, e visitou o Vaticano, quando chorou ao ver, lá-longe, o papa João Paulo II, no meio da multidão, espremido na praça de São Pedro, e algum tempo depois de retornar, descobriu, apavorado, que o tal **patrício**, mancomunado com seu genro, tinha dado um desfalque, e que estava falido. O que fez com os filhos-da-mãe, ele não conta, só que mora tem seis anos no mesmo quarto no Hotel do Vizeu, de onde avista roupas quarando nas janelas e gatos gordos ressonando desde sempre, dedicado, como diz, a arrastar os últimos dias *com a teimosia dos jumentos*. (RUFFATO, 2009, pp. 48-49 – grifos no original)

Nesta passagem, é-nos revelada a difícil vida que levava como migrante no Brasil, mas como mesmo assim parece ter conseguido ascender socioeconomicamente, garantindo uma boa formação aos filhos e um negócio próprio.

A perda da esposa e o afastamento afetivo dos filhos parecem ter sido o gatilho para pensar a vida e tentar resgatar as suas raízes com o retorno.

Dois elementos destacam-se da passagem acima: a busca pelos parentes e pela casa onde havia nascido. Ambos remetem ao que há de mais íntimo e próprio ao indivíduo: a família e a casa, num sentido metafórico. Esses elementos, como já há muito tempo nos ensinou Bachelard (1993) em sua *Poética do espaço*, revelam uma busca por algo esquecido, no caso, a identidade, as raízes que eventualmente podem ter se perdido em razão do longo período passado longe do torrão natal. Mas o que ele descobre, como não haveria de ser diferente, é que nem seus parentes nem a casa onde nasceu estavam mais lá. E mesmo que estivessem ainda assim não seriam as mesmas. Num certo sentido, até poderiam estar fisicamente, já que o espaço comporta a dimensão da reversibilidade, mas o tempo, outra variável envolvida, não o prevê. Para Sayad (2000), o tempo é irreversível, fazendo com que o retorno seja impossível, mesmo quando o deslocamento geográfico de volta ocorre.

Não encontrando o que procurava, apega-se à fé, um outro elemento que em muitos casos compõe a base dos sistemas de crença do indivíduo, dando um certo sentido e razão de ser. A visita a certos locais, como os templos, torna esse contato com o divino mais palpável e tangível, funcionando como artifício de apoio emocional.

O evento pontual da traição de seu compatriota que havia ficado responsável pelo seu negócio, juntamente com seu genro, termina sendo o estopim para o fim de uma espécie de razão de viver. Apesar de não sabermos exatamente qual foi a sua ação para com aqueles, fica implícito que algo, num sentido vingativo, pode ter acontecido. Estando na velhice, no que costumamos pensar como fim da vida, o passa “[...] dedicado, como diz, a arrastar os últimos dias com a *teimosia dos jumentos*” (RUFFATO, 2009, p. 49 – grifo no original). E, por último, parece que, apesar do sucesso econômico de sua migração, a traição que lhe resultou em perda de seu patrimônio acumulado resultou em uma condição economicamente ruim, já que vive há muitos anos numa pensão barata.

A outra personagem que efetivamente retorna, ainda que temporariamente, é seu Oliveira: “[...] Resolvi explorar a experiência de seu Oliveira, que ultimamente, de dois em dois anos, viaja para lá [...]” (RUFFATO, 2009, p. 28). Não nos é revelado de forma direta como é a experiência de retorno de seu Oliveira nas viagens que faz de tempos em tempos até Portugal. Apesar disso, podemos supor que são elas que lhe permitem manter um contato afetivo com sua terra natal e algum conhecimento mais

ou menos atualizado sobre os processos de viagem para lá, a dinâmica do mercado de trabalho, entre outros elementos que serão muito importantes para Serginho orientar-se em seu processo migratório para Portugal.

O que seu Oliveira alega como motivo para não retornar de forma permanente é a sua idade. Ele diz: “‘O caminho é Portugal’, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo, até mesmo ele voltava [...]” (RUFFATO, 2009, pp. 25-26).

De acordo com Siqueira (2017), existem variadas razões e motivos para que o migrante retorne. Ela propõe quatro tipos de retorno: “retorno temporário”; “retorno continuado”; “retorno permanente” e o “transmigrante” (SIQUEIRA, 2017, pp. 572-573). Ainda que tenhamos apenas duas personagens em *Estive em Lisboa...* que retornam, acreditamos que tais tipologias podem nos ser úteis para pensar esses casos.

O primeiro tipo, o “retorno temporário”, é aquele em que o migrante já não nutre mais o desejo de retornar – não envia remessas nem faz poupança pensando em voltar –, pois já se estabeleceu no país de destino e mudou o seu estilo de vida. Contudo, eventualmente passa férias no país de origem; acompanha as notícias e mantém vínculos pelas mídias sociais com pessoas que ali permanecem (SIQUEIRA, 2017, p. 572). Este parece ser o caso de seu Oliveira.

O “retorno continuado”, segundo tipo, refere-se àqueles migrantes que retornam, investem o dinheiro acumulado e ficam falidos ou não conseguem se readaptar ao seu local de origem. Com isso, reemigram mais uma vez – às vezes repetidamente fazendo esse processo – para o mesmo local ou outro a fim de juntarem mais dinheiro e retornarem a seu país de origem. Alguns autores chamam esse tipo de migração de “migração ioiô” (SIQUEIRA, 2017, p. 572). Na obra sob análise não encontramos esse tipo.

O terceiro tipo, “retorno permanente”, refere-se ao migrante que retorna e consegue se estabelecer na sua cidade ou no país de origem sem ter pretensão de voltar a emigrar, pois conseguiu auferir recursos suficientes, ou pelo menos melhores do que tinha antes da migração para se manter. É tido como alguém bem sucedido, já que conseguiu ascender socioeconomicamente. É o ideal que o migrante busca ao estabelecer seu projeto migratório. Não são muitos os migrantes que retornam que podem ser enquadrados nessa categoria, mas terminam servindo de referência, reforçando a ideia de que a migração é um projeto viável (SIQUEIRA, 2017, p. 573).

Ainda que seu Carrilho não pareça nutrir o desejo de voltar a migrar e, dessa forma, poderia mais ou menos ser enquadrado nesta categoria, este não parece ser o caso. E isso porque ele não desfruta de uma situação que denota o que se pode chamar de sucesso do seu projeto migratório. Seu retorno é permanente não porque alcançou o que queria – sucesso –, mas porque não vê sentido em voltar a migrar.

O quarto e último tipo de retornado proposto por Siqueira (2017) é o que ela chama de “transmigrante”. Este seria aquele que vive em dois ou mais lugares. Está em dias com sua documentação; tem vida estabilizada tanto em seu país de origem quanto no de recepção; costuma ter investimentos e vida social ativa em ambos os lugares. Assim como o retornado permanente, o “transmigrante” é referência de sucesso para sua rede de conhecidos, fomentando o sonho da migração (SIQUEIRA, 2017, p. 573).

4.3.2 A ilusão da provisoriedade

Um elemento muito marcante nas personagens que manifestam seu desejo pelo retorno é o que poderíamos chamar de crença em um retorno rápido. Em termos de intenções, eles não apenas querem retornar, mas também querem que esse retorno seja o mais breve possível. Isto está fortemente presente nas falas da personagem principal Serginho e na de sua amiga Sheila, outra personagem migrante brasileira.

São várias as passagens em que elementos que denotam o anseio pela prontidão no retorno são destacados. A seguir alguns exemplos de falas de Serginho: “[...] desmudar pra Portugal, de onde em um-dois anos retornava, os bolsos estufados, pronto para resgatar o Pierre [...] contabilizaram valores, pechincharam, antecipando minha riqueza futura [...]” (RUFFATO, 2009, p. 27). Na passagem anterior, temos essa marcação na expressão “um-dois anos”, que podemos, seguramente, considerar como um espaço curto de tempo se considerarmos o sucesso que eles parecem esperar do empreendimento migratório. Em outra passagem diz: “[...] e meu pensamento de trabalhar firme por um tempo, ganhar bastante dinheiro e voltar logo pro Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda, e, esperançoso, quem sabe, ‘Nada é impossível’, até mesmo, ‘Casar de novo’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 40). No trecho anterior, Serginho estava falando com a moça do balcão de informações do aeroporto logo que havia chegado. Aqui seria impossível ser mais explícito do que sua fala

“voltar logo pro Brasil”. Apesar de ter que conciliar a remessa de recursos financeiros durante sua estada em Portugal, a estratégia de Serginho era ao mesmo tempo já ir juntando dinheiro para os seus futuros empreendimentos em sua cidade natal: “[...] retomei os planos de, descontada a pensão pra Noemi e pro Pierre, economizar ao máximo pra ir embora logo [...]” (RUFFATO, 2009, p. 57). Mais uma vez a marcação pela expressão “ir embora logo” se faz presente. E por último, a seguinte citação:

[...] confessei a minha ideia de permanecer aqui só o tempo suficiente de economizar pra comprar uns imóveis em Cataguases, ‘Garantia do futuro’, queria voltar logo pra ganhar a admiração do Pierre, ‘Meu filho’, e quem sabe até auxiliar na recuperação da coitada da Noemi. (RUFFATO, 2009, p. 77)

Em todas essas passagens fica explícito o desejo e a crença de que sua estada no país de recepção será a mais breve possível, numa crença talvez ingênua de que seus sonhos tornar-se-ão realidade.

Sobre o anseio do pronto retorno pela personagem Sheila, destacamos a seguinte passagem:

[...] soube, por uma conhecida, de moças recrutadas pra Espanha, e a ideia passou a atentar ela, pensar no amanhã, viver uma temporada por lá, juntar dinheiro, voltar, estabelecer em Goiânia, um teto pra morar, um plano de saúde, casar não ‘Que homem nenhum presta’. (RUFFATO, 2009, p. 66)

Ainda que talvez não tão explícita quanto as falas de Serginho, acreditamos que a expressão “viver uma temporada por lá” aponta no mesmo sentido de uma estada de duração relativamente curta, em que conseguiria alcançar seus objetivos que lhe permitiriam retornar em uma situação melhor do que a que vivenciam antes da partida para o país de recepção.

Na literatura sobre a migração, o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998) já havia percebido esse fenômeno do anseio por um retorno rápido na migração argelina para a França. O problema é que apesar do migrante nutrir esse desejo, ele geralmente não acontece, e a isso ele se refere como a “ilusão da provisoriedade”.

4.3.3 A ilusão do retorno

Apesar de nem sempre o retorno ocorrer de forma tão rápida quanto se espera, imagina-se pelo menos que o retorno em si ocorrerá em algum momento. As mesmas passagens do subitem anterior, além de marcarem o anseio pela rapidez do retorno,

apontam para o desejo do retorno em si. No entanto, da mesma forma que a questão anterior, pode ser que ele nem sempre aconteça e o indivíduo permaneça no país de recepção indefinidamente, não retornando nem sequer temporariamente.

Este parece ser o caso da personagem que conversa com Serginho no ônibus no momento em que ele ainda está indo para Belo Horizonte quando, enfim, pegaria o avião para Portugal. Trata-se de uma senhora portuguesa adoentada:

[...] e uma senhora portuguesa, que ia pra Belo Horizonte, franzina e enfermiça na cadeira-de-rodas, implorou para ser trazida à minha presença e, aos prantos, explicou que tinha nascido na serra da Estrela, chegou com dezesseis anos, ‘Perdi a esperança de voltar’, me pedindo pra lembrar sempre dela. (RUFFATO, 2009, p. 37)

Nessa breve passagem, descobrimos que ela nunca havia voltado para sua terra natal e encontrava-se em uma situação em que já não esperava mais que isso fosse acontecer.

Outra passagem que aponta para algo semelhante é quando Rodolfo elabora algumas reflexões – seu “grande discurso” – em um diálogo com Serginho:

‘É ilusão, Serginho’, pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, ‘Volta nada’, a precisão drena os recursos, ‘É a mãe doente na fila do SUS, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro, é um irmão que estuda, uma irmã que casa, um sobrinho problemático’, os cabelos caem, a pele enruga, ‘Nessa brincadeira’ cinco anos escorreram já, ‘E sabe quanto consegui acumular? Nada... Porra nenhuma’. (RUFFATO, 2009, p. 79)

Essa fala de Rodolfo aponta tanto para o desejo de voltar quanto para a ideia de que se espera que a estada seja breve, o que na prática geralmente não acontece. Ele atribui isso à falta de condições para que o retorno se efetive, tanto pelas demandas cotidianas quanto pelas necessidades daqueles que permaneceram na terra natal.

Como complemento, e intimamente interligado, parece ocorrer o que Sayad (1998) chamou de “ilusão do retorno”. Os migrantes tanto esperam retornar quanto retornar em um curto espaço de tempo. Nos casos em que o retorno – geográfico – acontece, o mais comum é que ele leve um tempo bem maior do que eles esperavam e haviam planejado.

4.3.4 O retorno simbólico

Enquanto o retorno não se efetiva e o migrante precisa permanecer no país de recepção como parte de seu projeto migratório de auferir os recursos e condições para o seu retorno, eles parecem fazer uma espécie de retorno simbólico ao se fixarem nos elementos que remetem à sua terra natal.

Gostaríamos de destacar duas passagens que apontam nessa direção. A primeira delas é a seguinte:

[...] de repente um sujeito me cumprimentou simpático, levantei, 'Você é brasileiro?', confirmou, e, satisfeito, eu disse, 'Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente', apertamos as mãos, 'Sérgio de Souza Sampaio, às suas ordens', apresentei, 'Rodolfo...', não entendi o sobrenome, e convidou para tomar um café, andamos umas duas quadras, paramos num Segafredo, e ele contou que era do interior da Paraíba, esqueci o nome da cidade, e morava em Lisboa mais de quatro anos já, de começo tinha hospedado no Hotel do Vizeu, mas agora dividia um apartamentinho na Damaia com um colega, o Jerê. (RUFFATO, 2009, p. 46)

De pronto, chama-nos a atenção a afirmação de Serginho de que acha bom encontrar alguém que “fala a mesma língua da gente”. Inicialmente poderíamos questionar tal afirmação, já que em Portugal fala-se o mesmo idioma que no Brasil. No entanto, as diferenças regionais, de sotaque, de expressões, fazem com que ele considere praticamente um outro idioma e, ao estabelecer contato com um brasileiro, que também tem suas variações linguísticas, parece-lhe mais próximo do que aqueles com quem convive em Portugal. Mas, para além da língua, as similitudes que compartilham, especialmente de ordem cultural, parecem apontar para esse retorno simbólico em direção à terra natal.

A outra passagem que aponta para essa necessidade de vinculação às origens refere-se a um encontro que Serginho combinou com Sheila. Ela, com desejo de comer comida tipicamente brasileira, faz com que Serginho tenha muito trabalho para descobrir onde poderia encontrar. A culinária certamente é um dos elementos culturais mais característicos de um dado lugar. Suas possibilidades sensitivas visuais, olfativas e gustativas mexem com o imaginário do indivíduo, transportando-o para um passado vinculado à terra natal.

4.3.5 Alguns outros aspectos do retorno

Há outros aspectos do retorno que se mostram presentes entre as práticas migrantes de *Estive em Lisboa...* Chama-nos a atenção a passagem em que Serginho é despedido do restaurante onde trabalhava. Neste caso, vemos o ponto de vista e os argumentos usados pelo seu patrão para justificar a sua demissão.

A percepção que seu patrão tinha a respeito dos migrantes e suas origens orientou sua decisão sobre quem contratar e quem dispensar. Do seu ponto de vista, valia mais a pena contratar um migrante do leste europeu e dispensar o latino americano, menos qualificado. Mas o que mais nos interessa neste subitem é sua percepção de que os migrantes brasileiros, de forma geral, não têm pretensão de permanecer no país de recepção.

Sobre esta distinção entre tipos de migrantes, em especial sobre uma suposta diferença qualitativa a depender sobre sua intenção de apenas ocupar um posto de trabalho ou permanecer e contribuir com o crescimento do país de recepção, Sayad (2000) diz se tratar de um argumento falacioso: “Hoje não existe imigração considerada de povoamento, e mesmo de colonização que não tenha começado como uma imigração de trabalho” (SAYAD, 2000, p. 26).

Outra questão que não se enquadra exatamente nos aspectos destacados nos subitens anteriores é uma situação vivida por seu Carrilho quando ainda era adolescente no Brasil. Descontente com o tratamento que o tio lhe dava, desentendeu-se com ele:

[...] quando fez dezesseis anos, encorpado e vivaz, desentenderam, porque queria ser tratado que nem gente e foi chamado de *ingrato*, forte, esbanjando saúde, quarto e comida de graça, reclamava do quê?, ameaçou mandar ele de volta para miséria de Trás-os-Montes, e, diante do terrorismo, acabou fugindo. (RUFFATO, 2009, pp. 47-48 – grifo no original)

Neste caso, o retorno é apresentado como algo ruim, como uma punição ao mal comportamento que o migrante, do ponto de vista do tio do seu Carrilho, estaria tendo.

De todas as situações apresentadas nos subitens anteriores, podemos inferir algumas questões. A primeira delas, e talvez umas das mais importantes, é que o retorno, como nos diz Sayad (2000) já no título de um de seus textos, é um “elemento constitutivo da condição do migrante”. Só se pode ser migrante e pensar sua condição considerando a questão do retorno.

Vivendo ainda sob a égide da lógica do Estado-nação, nem mesmo os pressupostos da globalização e do transnacionalismo anulam a condição do migrante pertencer a uma outra nacionalidade que não a do país de recepção.

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente desse primeiro sentido: a presença do imigrante, presença imprópria, é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada. (SAYAD, 2000, p. 11)

E sendo assim, ele é sempre um deslocado, um fora de lugar.

Apesar de não estar contemplada na questão do retorno em *Estive em Lisboa...*, tanto Sayad (2000) quanto Cavalcanti e Parella (2012) pensam a questão do retorno também pelo envolvimento de outros atores sociais além do próprio indivíduo migrante. Eles se referem à ação dos Estados para com os quais o migrante possui uma relação, ou seja, seu país de origem e o de recepção.

Sayad (2000), grifando o retorno como uma ação de Estado, chama-nos a atenção sobre como esse processo denota as relações de força entre os Estados envolvidos. Buscando atender a interesses próprios, o país de recepção pode fomentar políticas migratórias que incentivem o retorno de migrantes. Ele está pensando em especial o caso da presença argelina na França.²⁸

Em um estudo mais recente, Cavalcanti e Parella (2012) discutem políticas da Espanha e do Brasil para o caso dos brasileiros migrantes naquele país que desejam proceder o retorno.

Cassarino (2017) é outro estudioso da migração que se baseia na questão do retorno. Para ele, dois elementos fundamentam a questão do retorno: o “querer” (*willingness*) voltar e o “estar pronto” (*readiness*) para voltar (CASSARINO, 2017, p. 457). Como vimos, no caso de Serginho, o desejo pela volta é anterior inclusive ao próprio deslocamento e se estende ao momento quando efetivamente está no país de recepção. Quanto ao estar pronto para voltar, é preciso que o migrante entenda que conseguiu auferir os recursos mínimos para fazê-lo e objetivamente os tenha conseguido.

Retomando a ideia de “estar pronto”, Cassarino (2017) diz o seguinte:

²⁸ Vale lembrar que há uma relação de colonização entre os países, o que, de certa maneira, encontra um paralelo com *Estive em Lisboa...*, já que a maioria dos migrantes retratados envolve Portugal e suas ex-colônias, como Brasil, Angola e Guiné-Bissau.

O querer (*willingness*) e o estar pronto (*readiness*) para retornar refletem a capacidade de uma pessoa em decidir como, quando e por que é hora de voltar para casa. Essa habilidade não é inata, uma vez que as condições de retorno podem variar substancialmente, levando a diferentes graus de preparação. A preparação não diz respeito apenas à escolha individual, mas também define se o indivíduo está pronto para retornar. (CASSARINO, 2017, p. 458)

Sendo assim, não basta apenas “querer” voltar, mas a sua articulação com o “estar pronto”. Dessa combinação, podem-se identificar três níveis de preparação do retorno: 1) alto nível; 2) baixo nível; e 3) sem nível de preparação (CASSARINO, 2017, pp. 458-459).

O primeiro nível, “alto nível”, pressupõe que o indivíduo que retorna organizou por si mesmo o seu retorno – encerrou seu ciclo migratório –, mobilizando os recursos necessários para isso. Detém um conjunto valioso de recursos – tangível e intangível – e, eventualmente, se necessário, pode se mover entre fronteiras. Quanto ao segundo nível, “baixo nível”, temos indivíduos com um ciclo migratório incompleto. Não conseguiram ainda reunir recursos suficientes para um retorno seguro, mas acreditam que os custos de permanência são maiores do que os de retorno. Com isso, não alcançam níveis significativos de mobilidade social quando de seu retorno. O terceiro e último nível, “sem nível”, pressupõe as situações em que o ciclo migratório foi abruptamente interrompido. Nesses casos, os indivíduos nem sequer estavam cogitando o retorno naquele momento, mas algum evento inesperado o fez necessário.

As proposições de Cassarino (2017) sobre o retorno mostram-se muito relevantes, mas são pensadas num nível de retorno de fato, físico, geográfico. López (2015), em um texto que busca fazer um estudo comparativo entre obras ficcionais que tratam a questão da migração, mais particularmente a questão do retorno, chama-nos a atenção para a “impossibilidade do retorno”, num sentido, poderíamos dizer, emocional. As obras que ela analisa abordam personagens que “efetivamente retornam”, mas que “não encontram mais a sua terra”. A autora diz que obras ficcionais com essa temática estão intimamente ligadas ao mítico Ulisses e costumam, em muitos aspectos, apresentar paralelos. Um traço recorrente é que as personagens inspiradas em Ulisses, nas obras atuais, costumam apresentar dois perfis referentes a dois momentos da trajetória de Ulisses: o momento em que ele é valente,

empreendedor, esperançoso, como quando enfrenta as sereias; e o perfil deplorável, mendigo, fracassado, de quando ele chega a Ítaca (LÓPEZ, 2015, p. 189).

Ao pensarmos em *Estive em Lisboa...*, à exceção de seu Carrilho, não sabemos se as personagens migrantes conseguirão, pelo menos estritamente falando, proceder o retorno. O enredo encerra-se quando isso ainda não aconteceu e pode nunca acontecer. Mas, se tomarmos a exceção do caso de seu Carrilho, temos pelo menos o retorno geográfico. Com base no que essa personagem relata para Serginho, ficamos sabendo que no seu processo de retorno, depois de ter vivido muitos anos no Brasil, não encontrou seus parentes, a paisagem havia mudado, o Portugal que ele conhecia já era outro. Isso tem a ver com o que Sayad (2000) também diz sobre a “impossibilidade do retorno”: se existe a reversibilidade espacial, a temporal é impossível!

4.4 Relações de alteridade

Neste subitem, debruçar-nos-emos sobre a questão da alteridade. Enquanto condição de ser outro, está implícita a necessidade de avaliarmos as relações que se estabelecem entre os atores sociais, em que um pode ser considerado o mesmo e os demais, o outro. Geralmente, em função de relações de poder, em contextos de migração, o nacional é tido como o mesmo e o migrante, como o outro. Parece-nos, no entanto, que a definição de quem é quem – o mesmo/o outro – depende também do ponto de vista. No nosso caso, em que consideramos a obra *Estive em Lisboa...*, sendo a personagem principal um migrante, e o ponto de vista majoritariamente ser dele, em muitas situações ele pode ser considerado o mesmo, apesar de muitas vezes também ele manifestar a impressão e vivenciar experiências de estar sendo o outro.

Sendo a questão da relação entre os atores sociais imprescindível para a consideração da alteridade e estarmos pensando nesse aspecto especialmente a respeito dos migrantes, apontaremos várias situações em que os migrantes estabelecem contato, interações com outros atores sociais, sejam eles nacionais do país de recepção, sejam outros migrantes, de mesma nacionalidade ou outra.

Para avaliarmos essas situações que tratam da questão da alteridade em *Estive em Lisboa...*, valer-nos-emos dos pressupostos de alguns pensadores do tema. Iniciamos, porém, tomando como base uma tipologia proposta por Todorov em *A conquista da América – A questão do outro* (2019), que ele chama de “tipologia das

relações com outrem”. No trecho a seguir, em suas palavras, fica mais clara sua proposta:

Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (TODOROV, 2019, pp. 269-270)

Sintetizando, ele destaca três planos para a consideração de tais relações: “axiológico”, “praxiológico” e “epistêmico”. Acreditamos que os tipos propostos por Todorov (2019) aplicam-se bem às situações relacionais vividas pelas personagens migrantes. É bom lembrar, no entanto, que as passagens muitas vezes vão contemplar mais de um plano ao mesmo tempo. Todas as interações entre as personagens que iremos considerar são retiradas da segunda parte da obra quando Serginho já está em Portugal.

4.4.1 As relações entre os migrantes e os nacionais

Nesta primeira categoria de relação, migrante-nacional, que consideraremos a questão das diferenças que se apresentam, e que são percebidas pelas personagens envolvidas, parece ser mais patente, mas às vezes também apresenta certas sutilezas. A primeira situação que destacamos é a de Rodolfo para com seu Carrilho e vice-versa:

[...] de vez em quando vinha visitar o seu Carrilho, um português **reformado**, que tinha passado a maior parte da vida no Brasil e que ajudou muito ele no princípio, aconselhando, ensinando, incentivando, e de gratidão levava pra ele uma coisa ou outra que estivesse *precisando* (descobri, depois, que tratava de revistas de sacanagem, que o velho colecionava, mas, por vergonha, evitava comprar, achava *indecente*). (RUFFATO, 2009, pp. 46-47 – grifos no original)

Estritamente falando, as relações que seu Carrilho estabelece com as personagens que não são portuguesas podem ser classificadas dentro da categoria

migrante-nacional. Porém, como o próprio trecho acima destaca, é preciso lembrar que seu Carrilho ocupa uma posição difícil de definir. Sendo português de nascimento, viveu até o início da adolescência em Portugal, migrando então para o Brasil e vivendo por muitos anos lá. De qualquer forma, para todos os efeitos, é um português. Ele se relacionava de forma muito positiva, tanto com o Rodolfo quanto com o próprio Serginho, servindo em muitos sentidos de ponto de apoio numa rede de acolhimento.

Se pensarmos as relações de seu Carrilho, em como considera os migrantes, sua postura de alteridade, pelas lentes da tipologia de Todorov (2019), é fácil perceber que no plano axiológico ele não nutre uma imagem negativa dos migrantes nem os considera inferiores. Lembramos do trecho em que explica a Serginho a prática do angolano Baptista Bernardo em arranjar clientes para sua própria esposa prostituir-se. Apesar de Serginho manifestar um certo estranhamento, a fala de seu Carrilho para com ele vai num outro sentido, no de entender que, dada a situação econômica e a trajetória de vida do casal, não havia razões para julgamentos de ordem moral.

Essa postura que podemos considerar positiva para com os migrantes é evidenciada pela fala de Serginho ao se referir ao seu Carrilho: “[...] um tipo que gosta dos brasileiros e detesta os conterrâneos, sempre que pode fala mal, por tudo e por nada, traumatizado com os **patrícios** [...]” (RUFFATO, 2009, p. 47 – grifo no original). Além de se posicionar favoravelmente aos migrantes, com destaque para os brasileiros, costumava, pelo contrário, apresentar uma visão negativa dos próprios conterrâneos. Algumas pistas para essa postura são dadas em passagens como quando Serginho diz sobre ele: “[...] algum tempo depois de retornar, descobriu, apavorado, que o tal patrício, mancomunado com seu genro, tinha dado um desfalque, e que estava falido. O que fez com os filhos-da-mãe, ele não conta [...]” (RUFFATO, 2009, p. 49). É possível imaginar que uma das razões para que seu Carrilho comporte-se dessa forma é sua própria experiência como migrante no Brasil, onde viveu muitos anos e constituiu família e negócios.

Se continuarmos a considerar a forma como seu Carrilho relaciona-se com os migrantes pela tipologia todoroviana das “relações com outrem”, podemos afirmar que no plano praxiológico há uma aproximação dele para com aqueles, e que isso permite, no plano epistêmico, um conhecimento de quem eles são. Mais uma vez evocamos o caso de Baptista Bernardo contado por ele para Serginho.

Se esta primeira situação que destacamos da categoria de relações migrante-nacional aponta para uma relação positiva, de solidariedade, podemos dizer também

que nem sempre é assim. Sigamos com outras situações que divergem da forma como seu Carrilho costumava se relacionar com os migrantes.

Serginho, antes de conseguir um emprego no restaurante O Lagar do Douro, costumava fazer algumas refeições no restaurante Ao Recanto dos Caçadores. Lá ele conheceu e estabeleceu alguma relação de proximidade com o dono, seu Frade, e alguns clientes. Em certa ocasião, ele diz ter passado pela seguinte situação:

Uma vez, seu Frade, que no final do expediente aderiu à conversalhada, disse pro Poeta, apontando pra mim, ‘É brasileiro, o **gajo**’, e notei que ele tinha em alta conta o nosso povo, porque de imediato virou e pediu, ‘Enuncie alguma coisa, ó brasileiro, quero ouvir a música da tua fala’, e eu, que nunca cantei, expliquei, ‘Rapaz, sou passarim na muda!’, e ele, curioso, indagou da minha região, porque não compreendia *patavina* do meu sotaque, ‘De Cataguases, Minas Gerais, terra de gente ordeira e trabalhadora’, respondi, e ele gargalhou, e os comensais troçaram, e até eu ri para agradar o Poeta. Daí, todas as vezes que me via, requeria que eu palestrassem um pouquinho com o pessoal pra escutar meu acento e se divertir, ‘Estes brasileiros!’, no que, após, contente, recuperava o debate com seus pares. (RUFFATO, 2009, pp. 50-51 – grifos no original)

Esta é uma passagem interessante que revela várias questões que podem ser pensadas no âmbito das discussões sobre a alteridade. O primeiro elemento que se destaca do trecho anterior é o fato do dono do restaurante referir-se a Serginho não pelo nome, mas apenas pela sua nacionalidade. A identificação genérica à nacionalidade, e não ao seu nome, remete ao terceiro plano todoroviano: o epistêmico. Revela-se uma ignorância, desconhecimento, sobre quem é aquele sujeito. Isso é reforçado quando, no mesmo trecho, o tal Poeta diz: “Esses brasileiros!”, procedendo uma generalização, como se todo indivíduo, apenas por possuir uma mesma nacionalidade, assumisse uma homogeneidade com todos seus conterrâneos.

O segundo aspecto que salta aos olhos é a crença de Serginho de que o “Poeta tinha em alta conta o nosso povo”. Podemos dizer que Serginho apresenta um certo traço ingênuo manifestado em muitas passagens, e, nessa, isso é bastante evidente. Ao lermos toda a passagem, o que se nos revela não é exatamente admiração, e sim uma valoração. Se não explícita, pode-se dizer que bastante clara, sendo as risadas, a diversão e, logo em seguida, a indiferença, uma valoração negativa – plano axiológico.

Um terceiro e último dado que nos parece relevante a ser destacado é o motivo que gera, que é o motor, daquela interação: a língua. Desde a antiguidade clássica,

com os gregos e os romanos, a questão da língua é uma importante razão de diferenciação entre o mesmo – ou o nós – e o outro. O termo clássico, que eles costumavam usar para aquele que não era tido como parte do nós, era bárbaro – altamente depreciativo. Ainda que se possa alegar que a questão da língua no caso considerado de brasileiros interagindo com portugueses, não parece se sustentar, haja vista que ambos falam o mesmo idioma, o português, podemos dizer que há diferenças sensíveis que justificam o seu destaque. Essa diferença é percebida no próprio trecho acima, em que se grifa a questão do sotaque. Outra passagem que denota essa mesma questão da língua, enquanto percepção de personagens migrantes, é quando Serginho encontra-se pela primeira vez com Rodolfo e diz: “[...] ‘Você é brasileiro?’, confirmou, e, satisfeito, eu disse, ‘Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 46). As nuances da língua vão além da simples classificação que diz se tratam do mesmo idioma.

Em termos todorovianos, essa interação específica de Serginho revela-nos algumas coisas: ele é tido como inferior – plano axiológico; há uma aproximação apenas superficial, tendendo muito mais há uma indiferença – plano praxiológico; ignora-se a identidade dele – plano epistêmico –, recorrendo-se a termos genéricos, como “o brasileiro”.

Nesse mesmo restaurante, em uma outra ocasião, Serginho questiona o seu Frade a respeito de um outro cliente chamado Lopo Garcia:

Uma vez, desencabulei e especulei do seu Frade quem era aquele fulano que todo mundo puxava-o-saco, e ele, fora-de-si, só faltou me bater, gritando, ‘O Lopo Garcia?! É a ideia Viva de Portugal’, ‘O Mais Capaz de Todos os Concidadãos’, ‘A Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa’, e que só desculpava a minha *ignorância* porque eu era brasileiro, mas que anotasse o nome, pois muito ainda ‘haverá de ouvir dele’, que estava tramando o ‘Grande Livro’, que ia ocupar com destaque as **montras** das livrarias, um negócio definitivo, e, vermelho, sem fôlego, achei que ele ia ter um troço. Acudimos ele e, depois que engoliu uma **bagaceira**, ponderei, preocupado, que, se o homem, já *meio-passado*, não terminasse logo a tal obra, não corria o risco de morrer antes de usufruir do sucesso? E o seu Frade, evocando a paciência dos santos, todo trêmulo, ‘Ó **energúmeno**’, quem liga pra isso?, ‘Quando morreremos todos, e morrerem os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos’, gaguejava exaltado, ele ainda ‘Há de ser lembrado’, e fiquei impressionado, porque não sabia nem mesmo o nome dos meus avós direito. (RUFFATO, 2009, pp. 51-52 – grifos no original)

Esta é mais uma passagem que nos revela algumas questões sobre a alteridade também. Destacam-se pelo menos três aspectos interessantes: a suposta ignorância de Serginho por não conhecer alguém tão importante – no entender do seu

Frade – como o Lopo Garcia; a pretensa condição de seu Frade em poder desculpar – perdoar, tolerar, suportar – tal ignorância – que é associada à origem nacional; o xingamento que seu Frade profere contra Serginho.

Em seu texto *Quem é bárbaro?*, o filósofo Francis Wolff (2004, pp. 21-23) diz que geralmente se atribui pelo menos três sentidos ao conceito de civilização – e seu antônimo, barbárie. São eles: 1) um sentido ligado às boas maneiras, à etiqueta, ao saber comportar-se em certas situações sociais – corresponde a um processo cada vez maior de urbanização; 2) a valorização às grandes realizações no campo das artes, da arquitetura, etc., referindo-se à parte mais espiritual da cultura; 3) a observância de práticas de convivência pacíficas, de não violência para com o outro. Assumindo essa lista como referência, parece-nos que a postura de Serginho, ao precisar perguntar quem seria aquele indivíduo, que do ponto de vista de seu Frade tinha uma resposta óbvia, coloca-o como um bárbaro – um outro – do segundo sentido. Serginho não domina esse conhecimento de ordem mais cultural – no sentido das artes, do espiritual –, que é manifesto tanto na necessidade da pergunta quanto na sua insensibilidade – assim pelo menos percebida pelo seu Frade – em achar que seria importante que o tal Lopo Garcia terminasse logo seu livro se quisesse gozar algum sucesso, o que mais uma vez é repudiado pelo seu interlocutor, já que desenvolver uma obra daquele tipo transcendia qualquer expectativa de reconhecimento imediato e mundano.

Tratemos agora do segundo aspecto: o de seu Frade ter o poder de desculpar Serginho. Almeida (2010), recuperando alguns sentidos do termo tolerância usados no séc. XVI, diz que, antes de adquirir o sentido mais virtuoso que geralmente atribuímos hoje em dia e que se consolidou no séc. XVIII – pelo Iluminismo –, tolerância podia apontar para algo como suportar: “[...] No século XVI, a palavra tolerância mantém o máximo de sua carga negativa (que existe, de certo modo, até hoje): tolerar então era sofrer, suportar pacientemente um mal necessário, como uma doença ou infecção” (ALMEIDA, 2010, p. 170). É nessa posição que seu Frade se coloca ao dizer que “desculpa” Serginho por não saber quem era o Lopo Garcia. A imagem que o próprio Serginho constrói de seu Frade, referindo-se a ele como tendo uma “paciência de santo”, hierarquiza suas posições. Podemos dizer que apenas o mesmo – seu Frade – está em condições de “liberar desculpa”, e como alguém superior, mais espiritualizado – como um santo –, está acima do seu interlocutor, o outro – Serginho –, carente de perdão.

O terceiro aspecto, referente ao último trecho destacado, refere-se ao ato de seu Frade xingar Serginho de energúmeno. Se no aspecto anterior, seu Frade exerceu seu poder de perdão, agora ele exerce um outro poder, o de cometer violência. Em ambos os casos, coloca-se numa posição superior de poder, podendo exercer tanto o perdão quanto a violência. Assim como o Poeta, seu Frade também estabelece, levando em conta a tipologia todoroviana, uma relação de alteridade que vitupera aquele que é tido como um outro.

Como dissemos anteriormente, seu Carrilho, apesar de português, ocupa um lugar identitário difícil de definir. Se a um tempo ele é, em termos estritos e jurídicos, um português, em termos de trajetória de vida e de afetos, ele parece ser muito mais um brasileiro. No início deste subitem, destacamos um trecho considerando-o muito mais no primeiro sentido, em ele sendo um português. O trecho a seguir parece deixar mais claro sua oposição aos seus conterrâneos portugueses, colocando-o numa condição muito mais próxima à de um migrante. E é neste último sentido que pretendemos considerar tal trecho:

Um dia comentei com seu Carrilho, todo orgulhoso, que era amigo do Poeta, e ele deu de ombros, 'Meu filho, todo mundo nessa terra é poeta, até eu sou', no que fiquei boquiaberto, porque nunca tinha imaginado o seu Carrilho debruçado numa mesa, descabelado, tocando *inspiração*, e continuou, 'Poetas sem livros... todos...', aí perguntei quem sustenta esses **tipos**, passam o dia inteiro à toa e sempre têm o de-comer, e ele explicou que *aquele* Poeta era descendente do marquês de Alva, 'Tem sangue azul', mas não tem dinheiro, só passado, 'E vive *mesmo* do passado', passeia pelos **alfarrabistas** bateando edições antigas de grandes escritores portugueses, pra depois, imitando a firma deles, *autografar* os livros e revender, multiplicando preço vinte, trinta vezes... Aquele caderno dele 'Não é um rascunho de poesias', mas um bloco de exercício de falsificação de assinaturas... E eu fiquei pasmado com tanta esperteza! (RUFFATO, 2009, p. 52 – grifos no original)

Aqui, portanto, seu Carrilho ocupa uma posição muito mais próxima à de um migrante, fazendo críticas aos nacionais, mas ainda assim numa posição melhor que a dos migrantes de fato, já que sendo português de nascimento domina e entende certas práticas sociais que lhe dão condições de fazer as avaliações e críticas que ele faz. A principal crítica que seu Carrilho dirige aos portugueses nessa passagem é a de suas veleidades em ostentar um suposto passado glorioso, mas que na prática, hoje em dia, não valeria de nada, a não ser para enganar os desavisados. Desta vez é o migrante – se assim considerarmos o seu Carrilho – quem assume uma posição de poder e diz o que pensa sobre o nacional. Na perspectiva de seu Carrilho, os

portugueses é que são inferiores, enganadores – valores negativos – plano axiológico –, com os quais não faz questão de manter proximidade – plano praxiológico –, mas que apesar disso parece conhecê-los – plano epistêmico.

Concluindo este subitem, trazemos um trecho em que Rodolfo manifesta algumas impressões das relações que os nacionais portugueses estabelecem com os migrantes, principalmente os brasileiros. Temos nos referido, genericamente, a esse trecho em que Rodolfo e Serginho dialogam como o “grande discurso” de Rodolfo. É um trecho que, no nosso entender, aborda várias questões da experiência migrante. Apontamos agora, no entanto, apenas uma parte dele, mais específica à questão da alteridade. A passagem diz o seguinte: “[...] O Rodolfo avivou a conversa, ‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os brasileiros. ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos os outros [...]” (RUFFATO, 2009, p. 78). A fala de Rodolfo para Serginho, em certa medida, contempla todos os três planos todorovianos: ele diz que eles não são nada – são tidos como inferiores – plano axiológico –, e o afastamento dos nacionais em relação a eles – plano praxiológico – leva a um desconhecimento de quem eles são – plano epistêmico. Soma-se a isso a noção de que também em relação ao país de origem, ao Brasil no caso deles, também ocupam uma posição de outro. Este sentido já foi trabalhado por Sayad (2000) ao se referir ao fenômeno da “dupla ausência” do migrante: fisicamente está ausente do seu país de origem, e “espiritualmente”, por conta de sua invisibilidade, também está ausente do país de recepção. Esta sensação fantasmagórica de não estar nem aqui nem lá, de estar num limbo, em um não lugar, parece ser mais angustiante que sofrer uma violência direta. Como diria Verissimo (1962): “[...] O amor está mais perto do ódio do que a gente geralmente supõe. São o verso e o reverso da mesma moeda de paixão. O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença...”.

4.4.2 Xenofobia

Neste subitem, trataremos mais especificamente sobre a xenofobia, que, grosso modo, assim como no subitem anterior, também aborda as relações entre o migrante e o nacional. No entanto, as relações de violência que o migrante costuma sofrer ficam mais evidentes e geralmente estão escancaradamente ligadas ao fato de serem migrantes.

De acordo com Rosa (2017), xenofobia é um “[...] sentimento construído social e culturalmente (e que pode se manifestar nos indivíduos em maior ou menor grau) que cultiva a aversão à convivência próxima com estrangeiros, comunidade de imigrantes e alteridades internas à nação” (ROSA, 2017, p. 733).

Ao longo de *Estive em Lisboa...*, é possível encontrar passagens que abordam a questão da xenofobia. Na primeira situação que destacamos, temos o seguinte trecho:

[...] sem graça falei bom dia, ela não respondeu, repeti, mais alto, ela ignorou perguntando o quê que eu desejava, expliquei nada não, só que, como não havia ninguém no balcão, achei perigoso, alguém podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse, ‘Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!’ (RUFFATO, 2009, p. 43)

A interação em questão refere-se às personagens Serginho e dona Palmira, esposa de seu Seabra e proprietária do Hotel do Vizeu. Todas as ações – ou falta delas – da dona Palmira para com Serginho são ríspidas. Ela não responde aos seus cumprimentos, manifesta estar com raiva, xinga-o e, na mesma frase, estabelece uma diferença entre aquele lugar, seu país – Portugal –, e o país de origem dele – Brasil. Implícito está que, na avaliação dela, Portugal é um país mais evoluído, melhor se comparado com o Brasil. Como pano de fundo para o seu comportamento está a questão da origem nacional de Serginho.

Outra passagem significativa para avaliarmos a questão da xenofobia são as observações de Serginho em relação ao seu colega de trabalho Nino, originário da Guiné:

[...] e acabava sobrando pro Nino, coitado, um guineense retinto, pau pra toda obra, que armava e desarmava as mesas, descarregava os legumes, as verduras, os peixes, os frutos do mar, as carnes, os vinhos, lavava o chão e as **casas de banho**, o primeiro a chegar, o último a sair, e mesmo assim tratado aos pontapés, principalmente pelo Anatólio, que não escondia a aversão por **pretos**. (RUFFATO, 2009, pp. 56-57 – grifos no original)

As interações contempladas pelo relato de Serginho dão-se entre Nino e seu patrão, seu Peixoto, ainda que não explícito o seu nome, e entre Nino e outro colega, o Anatólio, também um migrante, mas da Ucrânia.

O fato de Nino ocupar uma função no trabalho que lhe exigia tarefas tidas como repulsivas e de maior esforço braçal, comparada aos demais colegas – todos migrantes, à exceção de dona Celestina, a cozinheira –, não parece ser gratuita. Dois

elementos são destacados pelo relato de Serginho que revelam características de Nino: ele é negro e é da Guiné. Tratam-se de dois atributos vinculados à sua origem. Sendo a razão para o tratamento diferenciado – negativamente – dispensado a ele, certamente se configura como uma prática de xenofobia. Aqui lembramos dos postulados de Sayad (1998), que destaca que é importante lembrar nos estudos migratórios a chamada “ordem das nações”. As posições que os países ocupam no cenário internacional em termos de força política, diplomática, econômica, refletem-se na valoração de seus membros. Implícito está que entre Anatólio, Serginho e Nino, empregados no Lagar do Douro, eles estão posicionados hierarquicamente em função também de sua origem nacional.

Ainda no contexto do trabalho no Lagar do Douro, temos a passagem que trata da demissão de Serginho. Entre outros motivos, o seu Peixoto aventa razões relacionadas à nacionalidade e ao fenótipo de Serginho e Anatólio:

[...] pouco depois de completar um ano de labuta n’O Lagar do Douro, um domingo, fim de expediente, seu Peixoto me convocou de-lado, e, ajeitando lulas, polvos, camarões, e **percebes** no balcão-frio, anunciou, displicente, o meu desligamento, ‘Nada contra vossa pessoa’, desculpou, mas tinha contratado outro ucraniano, ‘Chegam cá’ destemidos, formação superior, ‘Conhecem inglês, francês’, mão de obra mais qualificada pelo mesmo salário, ‘O Anatólio, por exemplo’, graduado em agronomia, e eles querem *realmente* erigir uma vida nova, os brasileiros, sempre pensando em voltar, ‘Feitas as contas’ na ponta do lápis, mais *sensato* contratar um *leste-europeu*, e, além disso, ‘Não te ofendas, **pá**, os fregueses preferem ser atendidos por um **gajo** louro de olhos azuis’, ‘Eu cá até discordo, os brasileiros’, mais cordatos, mas o cliente é quem manda, ‘Tu sabe’. (RUFFATO, 2009, p. 81 – grifos no original)

Não sabemos ao certo como era a aparência de Serginho, mas pelo fato de seu Peixoto grifar que o Anatólio era louro de olhos azuis, como um diferencial, e Serginho dar uma pista, em outra passagem, dizendo que tinha orgulho de ter sangue coropó, lusitano e escravo, ou seja, de ser mestiço, podemos supor que não tinha o fenótipo tido como desejável, pelo menos do ponto de vista de seu patrão. Outra questão posta nos argumentos de seu Peixoto foi a da quase essencialização dos migrantes leste-europeus como mais engajados no trabalho e no desejo de estabelecerem uma nova vida em Portugal se comparados aos brasileiros, que sempre estariam pensando em voltar. Estabelecer esses argumentos e critérios como razões para a sua demissão é mais uma situação de xenofobia presente na obra.

Em uma dada situação, Sheila passou no trabalho de Serginho para falar com ele. Seus colegas ficaram comentando sobre quem seria, e ele tentando explicar que

se tratava de uma amiga. A fala, no entanto, da cozinheira é bastante reveladora de uma posição xenófoba: “[...] explanei pra dona Celestina, ‘Pessoa das minhas relações’, e, ela, sempre encafuada na cozinha, ranzinhou, pra desconsolo meu, ‘Brasileira? Então é rameira’ [...]” (RUFFATO, 2009, p. 62). Apesar dos esclarecimentos de Serginho, isso não foi suficiente para que a dona Celestina fizesse a associação que fez. Mesmo que de fato Sheila fosse uma garota de programa, chama-nos a atenção a certeza de que a dona Celestina atribui a sua suspeita simplesmente em razão da outra personagem ser brasileira. Em outras palavras, seu postulado básico é de que, apenas por ter a nacionalidade que tinha, isso lhe tornava uma prostituta. Há uma essencialização da origem com certas características. Em suma, é isso o que a xenofobia costuma fazer.

Um último fragmento que gostaríamos de considerar que mais claramente trata da questão da xenofobia dá-se em uma interação que Serginho tem com o Lopo Garcia. Esta personagem estava numa praça fazendo uma espécie de discurso em favor de Portugal e contra a suposta exploração que sofriam do resto da Europa. Sua postura assemelhava-se a de alguém com problemas mentais. Em um dado momento, volta-se para Serginho, que estava olhando para ele, e diz:

‘Quanto achas que valho, pá?’, e eu, imaginando que ele tinha me reconhecido de quando frequentava a tasca, vasculhei o bolso, respondi, chistoso, ‘Cinco euros’, e ele, puxando a nota da minha mão, desfilou berrando, ‘Cinco euros!, cidadãos, cinco euros!’, agora, até um brasileiro tem o desplante de fazer uma oferta por um português. (RUFFATO, 2009, p. 80)

Serginho diz que estava levando aquilo como uma brincadeira e que acreditava que o Lopo Garcia o tinha reconhecido. No entanto, não era essa a situação. A expressão mais clara de um ato xenófobo daquele para com Serginho está no fim do trecho: “[...] agora, até um brasileiro tem o desplante de fazer uma oferta por um português” (RUFFATO, 2009, p. 80). Há uma clara indicação de que, no seu entender, enquanto português, eles estão em uma posição muito diferente. Ainda que estivesse, poucos momentos atrás, grifando a posição subalterna de Portugal frente ao restante da Europa, esta estaria numa posição muito mais privilegiada, na “ordem das nações”, do que o Brasil. Nada daria o direito de que um brasileiro tivesse tamanha ousadia de fazer uma oferta por um português. É preciso lembrar que questões de ordem histórica, em especial o colonialismo, ainda que no caso do Brasil já houvesse uma ruptura política – pelo menos formalmente – de aproximadamente duzentos anos,

ainda se fazem presentes. Uma relação hierárquica ainda ocupa o imaginário das pessoas.

4.4.3 As relações entre migrantes e outros migrantes

Nos subitens anteriores, destacamos especialmente as relações entre as personagens migrantes e os nacionais do país de recepção. Agora, vamos tratar das relações entre migrantes e outros migrantes, da mesma origem nacional ou não. Em um primeiro momento, poderíamos achar óbvio que tal tipo de relação entre migrantes seria uma relação entre iguais, semelhantes, e, portanto, não se trataria de uma relação de alteridade. Preferimos não supor isso antecipadamente e verificar como esse tipo de relação é abordada.

Concordamos que em muitos sentidos os migrantes podem ser tidos como iguais, mas há certas nuances que os diferenciam entre si. Tais assimetrias geram potenciais interações de alteridade. Citamos alguns possíveis elementos: tempo de moradia no local de recepção, gênero, idade e origem nacional. Esses contatos entre os migrantes podem ir, em um espectro, de um polo mais positivo, mais solidário, a um outro pólo mais negativo, de tensões e hostilidades.

Iniciamos fazendo menção às ajudas que Serginho recebeu dos brasileiros Jerê e Rodolfo. Há dois momentos marcantes em que estes lhe ajudam. O primeiro foi com a indicação do posto de trabalho n'O Lagar do Douro, que lhe garantiu ter uma renda e assim se manter. A segunda, um pouco mais dramática, é quando, ao perder o emprego no restaurante, Serginho precisa sair fugido do Hotel do Vizeu e, mais uma vez, são eles quem o acolhem e lhe conseguem um novo emprego. Esse tipo de interação entre migrantes, neste caso de mesma origem nacional, dialoga diretamente com a noção de rede discutida anteriormente.

Outra interação que podemos considerar positiva, sem necessariamente fazer menção a uma passagem específica, é a de Serginho para com Sheila. Aqui vale destacar que a ordem, a direção em que essa relação se estabelece, faz diferença. Se pensarmos em como Sheila comporta-se para com Serginho, percebe-se uma discrepância. Serginho está sempre preocupado com ela. Procura manter contato, pergunta se ela precisa de algo. Ele desenvolve uma relação afetuosa para com ela.

Agora vejamos algumas passagens que apontam para relações entre migrantes que se configuram como negativas, tensas e de hostilidade. Lembramos

primeiramente do caso do seu Carrilho quando, ainda adolescente, estava no Brasil. A sua interação com outro migrante é também com um parente, seu tio. Serginho contando sobre isso, diz:

[...] quando fez dezesseis anos, encorpado e vivaz, desentenderam, porque queria ser tratado que nem gente e foi chamado de ingrato, forte, esbanjando saúde, quarto e comida de graça, reclamava do quê?, ameaçou mandar ele de volta para miséria de Trás-os-Montes, e, diante do terrorismo, acabou fugindo. (RUFFATO, 2009, pp. 47-48)

Este é um exemplo em que um migrante explora outro migrante, agravado pelo fato de serem de mesma nacionalidade e ainda parentes, o que em tese geraria uma expectativa de maior solidariedade. Esta situação faz-nos lembrar dos casos muito noticiados de bolivianos nas alfaiatarias em São Paulo, em que muitos são cooptados por outros bolivianos, já há mais tempo estabelecidos, que exploram seus conterrâneos. Essa situação é bastante estudada pelo antropólogo Sidney Silva (2005; 2006; 2014).²⁹

Voltamos a fazer menção da relação entre Serginho e Sheila, mas desta vez pensando na direção das ações dela para com ele. Talvez um dos momentos mais dramáticos da experiência migrante de Serginho tenha sido o momento em que ele perdeu seu passaporte em razão de uma situação que envolvia Sheila. Em um dado momento, ela liga para Serginho chorando e pedindo que ele a acompanhasse até um lugar sem explicar exatamente do que se tratava. Ele a acompanha, e eles vão até um agiota. De forma resumida, na negociação das garantias para que o agiota emprestasse uma certa quantia de dinheiro que ela precisava, o agiota exige que tanto ela quanto Serginho deixem seus passaportes como garantia do empréstimo. Somente depois, e a partir do que Rodolfo lhe disse sobre Sheila, é que Serginho entende que estava sendo enganado por ela. Temos aqui, portanto, mais uma situação em que um migrante age de forma negativa para com outro migrante, mesmo sendo ambos de mesma nacionalidade.

²⁹ Citamos a título de exemplo alguns de seus trabalhos: SILVA, Sidney Antonio da. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, pp. 77-83, 2005; SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, pp. 157-170, 2006; SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005; SILVA, Sidney Antonio da. Estigma e mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 16, n. 1/2, pp. 111-120, 2014.

Nesse mesmo contexto em que Serginho acompanha Sheila até o agiota, temos uma fala bastante significativa do agiota, seu Almeida, que acreditamos valer a pena mencionarmos:

Mas graças a Deus, 'E aos meus esforços', consegui amealhar uns poucos haveres, 'E posso' dedicar a socorrer as pessoas, 'Não fosse eu, meu querido', vários colegas, brasileiros, angolanos, guineenses, moçambicanos, cabo-verdianos, são-tomenses, estariam na miséria, 'Porque muitos deixam' a situação de penúria, dão a volta por cima, transformam desespero em desafio, 'Os imigrantes' muito mais empreendedores que os europeus. (RUFFATO, 2009, p. 76)

Após contar um pouco sobre sua trajetória e de como migrou para Portugal, diz o que está no trecho acima. Ele assume um discurso de que ajuda as pessoas, em especial os migrantes, de várias nacionalidades. No entanto, para além de julgamentos morais, não parece ser esse o caso.

Encaminhamo-nos para o fim deste subitem fazendo menção à relação que talvez mais revele as tensões nas relações de alteridade entre migrantes, que é a que se dá entre Serginho e seu colega Anatólio. Evocaremos algumas passagens para melhor evidenciar a questão:

[...] e repassava essa parte de prosopopeia pro convencido do Anatólio, um garçom ucraniano louro do olho azul, que entendia o diabo de tudo quanto é idioma estrangeiro, aparecia alguém grunhindo esquisito, ele, cheio de salamaleque, já laçava o sujeito, simpático e feiticeiro, fosse o que fosse, americano, japonês, francês, alemão, italiano, espanhol, colocava sentado na mesa, empurrava a entrada de pão, azeitona e patê, destrinchava a **ementa**, sugeria o vinho e a sobremesa, e encarava com soberbia os colegas dos outros restaurantes que disputavam a clientela [...]. (RUFFATO, 2009, p. 56 – grifo no original)

O trecho acima fornece uma apresentação de quem era o Anatólio. Suas habilidades no trabalho e o domínio de outras línguas garantiam-lhe uma melhor posição e melhores funções no restaurante:

O Anatólio, com mais tempo de firma, tirava o pedido, todo janota, e pra mim sobrava desenvolver as garrafas, trazer e recolher os pratos, sacudir as toalhas, e, como só ele podia receber o pagamento, pegava a gorjeta, e enfiava no bolso do avental preto que a gente usava em cima da camisa branca calça preta e sapato preto, que o seu Peixoto todo dia passava em revista pra ver se tinha mancha, se estava amarrotado. Eu ficava chateado porque no fim da noite o Anatólio juntava uma quantidade danada de euro, em pratinha e nota, e ia embora sem dividir nem um centavo, sendo que eu também ajudava o povo a gostar do serviço. Uma vez reclamei com o seu Peixoto, ele disse que lavava as mãos, que o sistema era aquele, o Anatólio é que fazia as *honras da casa*, tinha direitos, 'Não fosse ele a abordar os

clientes', não tinha dinheiro nem pra me pagar. (RUFFATO, 2009, pp. 57-58 – grifo no original)

O fato do Anatólio ficar com as gorjetas deixava Serginho aborrecido e ia aumentando a tensão entre ambos. Com um pensamento extremamente prático, seu Peixoto não se incomoda com a reclamação de Serginho e diz que o funcionamento era aquele mesmo. Talvez o ápice dessa relação em termos de tensão, e que denota uma relação de alteridade entre ambos, foi o momento da demissão de Serginho:

[...] e o Anatólio desfilou, cínico, amoldada no rosto uma expressão de ó-não-tenho-nada-a-ver-com-isso-não-heim, mas permitindo transparecer o contentamento do alívio, sempre antipatizou comigo, desde o primeiro dia, medo que eu ultrapassasse ele na *galanteria*, já aproximava da gringalhada acendendo meu Rau ariú, Quem na relpiú, Gude mil, Gude praice, envolvente, agradável, profissional, deve ter me intrigado com o seu Peixoto pra conseguir a colocação pro conterrâneo dele, grandíssimo filho-da-puta, o Nino, querendo me consolar, coitado, resmungou, os dentes atristados, na língua lá dele, Panga bariga ka ta kontra ku **bunda** largu. (RUFFATO, 2009, p. 82 – grifos no original)

O relacionamento deles encerra-se nesse episódio, mas antes Serginho pensa e formula algumas ideias sobre o que poderia ter acontecido para que seu Peixoto o demitisse, e ele atribui a culpa ao Anatólio.

Neste último subitem, enfatizamos passagens que trataram sobre interações entre migrantes – de mesma nacionalidade ou não. Evocando mais uma vez a tipologia todoroviana, podemos considerar cada uma das várias interações que destacamos: i) Jerê/Rodolfo para com Serginho; ii) Serginho para com Sheila; iii) o tio de seu Carrilho para com seu Carrilho; iv) Sheila para com Serginho – a direção da relação tem implicações nas considerações; v) seu Almeida – agiota – para com os migrantes num geral; e vi) Anatólio para com Serginho.

A tipologia todoroviana, ao considerar três eixos, o axiológico, o praxiológico e o epistêmico, tende a apresentar aspectos positivos ou negativos conjuntamente; ou seja, se num determinado eixo há uma relação de tipo positiva, é mais provável que nos outros também sejam positivos, assim como, se negativo, os demais também o acompanham. Nas relações i) e ii), percebemos que os atores sociais desenvolvem uma consideração do outro como bom, de apreço, e de igualdade – axiológico; tendem a se aproximar e se interessar pelo outro – praxiológico; desejam conhecê-lo, saber sobre sua história, sua trajetória. Já nas outras quatro relações, da iii) até a vi), o que vemos é o inverso. Os atores sociais não gostam do outro, o consideram mau e/ou

inferior – axiológico; distanciam-se ou são indiferentes – praxiológico; ignoram e não têm o menor interesse em saber quem é esse outro.

Ao longo deste subitem, trabalhamos três instâncias das relações com o outro: a relação dos migrantes com os nacionais do país de recepção; a xenofobia sofrida; a relação dos migrantes com outros migrantes. Seguimos de perto a “tipologia das relações com outrem” proposta por Todorov (2019) na consideração de cada passagem que apontava de forma mais direta essa questão.

Percebemos que as relações de alteridade compõem um dos elementos das práticas migrantes em *Estive em Lisboa...* Tal prática pode ser mais ativa apontando para a direção de como o migrante comporta-se para com um outro ator social – nacional ou migrante –, bem como pode também apontar de forma contrária para como o migrante é tratado por outros atores sociais.

No primeiro subitem, grifamos as interações migrante-nacional – em ambas direções. Essa primeira instância mostrou relações ora mais positivas e de solidariedade, ora mais tensas e de disputa. Os nacionais do país de recepção mais bem ambientados e vivenciando seu próprio espaço costumam possuir maiores recursos – de vários tipos –, o que favorece uma relação de poder e posicionamento social assimétrica para com os migrantes. Já no subitem seguinte, apresentamos situações em que a variável da origem nacional leva a um tipo de relação negativa: a xenofobia. Costuma haver uma associação a certos traços no migrante, geralmente negativos, em razão de sua origem. E, por último, apresentamos as relações entre os próprios migrantes e como, apesar de muitas vezes insuspeito, também haver relações de alteridade.

Em todos os trechos em que se manifestou a questão da alteridade, foi possível perceber que variáveis como o espaço social de interação entre os atores sociais, no caso da migração o próprio país de recepção, o mercado de trabalho, a cidade, os espaços de vivência cotidianos e os recursos – de vários tipos – tiveram um papel preponderante em como tal relação se dava.

5 AS TRANSFORMAÇÕES DOS MIGRANTES AO LONGO DA EXPERIÊNCIA DE DESLOCAMENTO

Neste capítulo, gostaríamos de destacar como algumas outras ideias teóricas, desta vez, dos estudos das Ciências Sociais, em particular alguns dos conceitos centrais do sociólogo francês Pierre Bourdieu, parecem ser uma escolha pertinente para pensar o nosso objeto.

5.1 Conceitos bourdieusianos

Como as questões sobre a migração geralmente são do cotidiano, das ações dos indivíduos migrantes, das suas interações sociais, suas disputas, suas falas, suas negociações, seus afetos, parece-nos que a tríade conceitual de Bourdieu, “*habitus*”, “capital” e “campo”, ajudar-nos-ão a pensar melhor a questão das práticas migrantes.

Pierre Bourdieu, sociólogo de origem francesa, tem uma vasta obra sobre vários temas, e seus conceitos estão dispersos por todos os seus trabalhos. Em linhas gerais e de forma tangencial, apresentamos o que cada um dos três conceitos que nos interessam mais diretamente significam. Um dos principais estudiosos de sua obra, Grenfell (2018), diz que o projeto sociológico de Bourdieu é entender como e por quê os agentes sociais agem. É por isso que a sua obra é conhecida como “Sociologia da prática” ou “Teoria da prática”. Bourdieu, de certa maneira, é herdeiro das ideias estruturalistas, mas possui um grande trunfo e motivo de destaque para as suas ideias: o fato de conseguir propor conceitos que articulam uma perspectiva objetivista com uma subjetivista.

O primeiro conceito, e talvez o mais importante, é o de “*habitus*”. Este conceito desenvolvido por Bourdieu teve influência de muitos pensadores anteriores e, apesar de guardar certa proximidade com o termo hábito, distingue-se à medida que não se deve apenas aos determinantes do próprio agente, nem apenas aos da sociedade. Dos três conceitos que damos destaque aqui, parece ser o mais subjetivo. Devemos lembrar, no entanto, que esta posição é sempre relativa. Os elementos do conjunto social e suas implicações sobre os agentes individuais fazem-se sentir: trata-se da “história incorporada”, conforme Bourdieu (2011). Nas palavras do próprio Bourdieu, “[...] exemplo mais típico é a oposição, absolutamente absurda em termos científicos, entre indivíduo e sociedade, oposição que a noção de *habitus* enquanto social

incorporado, logo, individuado, visa superar” (2004, p. 45). O *habitus* é “executado” pelos agentes sociais – sujeitos individuais ou instituições – e abarca o conjunto das crenças, percepções, valores e ações – escolhas/decisões, *hexis* corporal³⁰, linguagem. Atores sociais que compõem uma mesma categoria social tendem a desenvolver *habitus* semelhantes. E, ao mesmo tempo, um mesmo ator social, a depender do contexto em que se encontre, pode apresentar *habitus* distintos. Isto se deve a um pressuposto fundamental da “teoria da prática”: a inter-relação do *habitus* com os outros dois conceitos – campo e capital. Se o *habitus* é o conceito majoritariamente subjetivo, costuma-se dizer que ele se articula grandemente com o de campo, que por sua vez seria mais objetivo. Ambos, em sua confluência, seriam ao mesmo tempo “estruturantes e estruturados”, “retroalimentando-se” nesse processo.

Como acabamos de evocar o conceito de campo, discorreremos mais sobre ele. Trata-se de uma metáfora que aponta para os espaços, de caráter social, em que os agentes entram em ação, onde operam o seu *habitus*. Bourdieu (2011) deixa claro a necessidade de valorizar a relação entre os conceitos e entre os fenômenos ao dizer que a noção de campo

[...] funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objecto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, *substancialista*: é preciso pensar *relacionalmente*. Com efeito, poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: *o real é relacional*. (BOURDIEU, 2011, pp. 27-28 – grifos no original)

Nesses espaços, que possuem regras próprias – não escritas, mas subentendidas – e nos quais os seus membros sabem se mover de forma adequada ao que se espera, ocorrem relações de disputa e poder, que se configurariam ou na direção de sua manutenção – por aqueles que possuem uma posição tida como confortável, dominante – ou na de sua subversão – por aqueles que se encontram em uma posição dominada. Os membros de um dado campo tendem a ter um *habitus* semelhante. Vários são os campos possíveis. Bourdieu (2011) estudou alguns deles – artístico, acadêmico, econômico, etc. –, mas admitiu a necessidade de que mais estudos seriam necessários para se debruçar sobre outros que ele não contemplou.

³⁰ Conjunto de práticas, trejeitos e formas de mover-se corporalmente.

O campo enquanto espaço social é anterior aos próprios atores e está regido por certas regras implícitas, sendo que os atores sociais ocupam posições específicas de acordo com algumas condições anteriores, como a do capital, que cada ator social possui, de acordo com Bourdieu (2011). O conceito também está associado metaforicamente à noção de jogo. Os atores sociais ocupando posições, tendo poderes e práticas distintas entre si. Se pudéssemos citar um jogo em específico que possa tornar mais concreta a metáfora, evocaríamos o xadrez. Neste jogo, apresentam-se as seguintes características: espaço delimitado; regras definidas; peças que ocupam posições iniciais determinadas, ainda que ao longo do jogo possam se mover; peças com valores diferentes; formas diferentes de se movimentar pelo tabuleiro. Uma outra característica que cabe bem à metáfora é o da promoção. O peão, peça de menor valor no jogo, caso atenda a um certo critério – mover-se por todo o tabuleiro saindo de sua casa inicial e chegando até o extremo oposto – ganha o direito de ser convertido em uma outra peça de maior valor. Essa última característica aponta para a possibilidade de mobilidade social. A metáfora do jogo é ampla o suficiente para comportar não apenas a noção de “campo”, mas também a de “*habitus*” e de “capital” conjuntamente. Ainda que tenhamos deixado claro que o *habitus* não é apenas um elemento de ordem subjetiva, mas consequência de instâncias objetivas também, ele tende sim mais ao primeiro. Da mesma forma podemos fazer essa ressalva ao conceito de campo, mas desta vez pensando em que se trata de um elemento que pode ser associado majoritariamente às condições mais objetivas, sem deixar de apresentar traços subjetivos.

Por último, damos destaque ao conceito de capital. Tomado de empréstimo da noção econômica, em Bourdieu (2011) transcende esse sentido puramente material. Trata-se, grosso modo, do conjunto de recursos e poderes utilizáveis que um determinado agente detém, manifestado muitas vezes pelo *habitus* em um certo campo. Geralmente é apresentado pela seguinte tipologia: econômico, social, cultural, político, entre outros. Entende-se que pode ser adquirido e acumulado ao longo da trajetória do indivíduo ou herdado.

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a

produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de fato, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). (BOURDIEU, 2011, p. 134)

Ao pensarmos a questão da migração e das práticas migrantes em obras ficcionais, talvez o conceito de *habitus* fosse o que mais de perto nos interessaria. No entanto, como alguns estudiosos da obra de Bourdieu alertam, assim como ele mesmo, trabalhar com esse conceito de forma desarticulada dos outros dois que fizemos menção – campo e capital – seria incorrer em grandes riscos.

Podemos dizer, portanto, que o migrante é alguém que possui um conjunto de práticas orientado pelo seu *habitus* – ações, crenças, etc., comuns entre os migrantes: “*habitus* migrante” –, operado em um determinado campo – pensamos que a sociedade receptora cumpre esse papel pelos espaços de interação dos migrantes com os nacionais, disputas, xenofobia, etc., e outros migrantes, disputas e solidariedade, bem como com os elementos próprios desse novo espaço, cultura, mercado de trabalho, a vivência da cidade, etc. – e de posse de certo conjunto de capitais que lhes permitiria garantir maior ou menor sucesso em seu empreendimento migratório.

O imbricamento entre esses conceitos fazem com que sejam simultaneamente “estruturantes e estruturados” – perspectiva relacional – entre si. E é por isso que apesar de darmos destaque à noção de “*habitus* do migrante” não desconsideramos os conceitos de “campo” e “capital”.

Acreditamos que tais conceitos possam ser aplicados a uma variedade de categorias sociais: um grupo étnico/nacional, profissional, de gênero, de uma dada faixa etária, entre outros. É nesse sentido que acreditamos estar autorizados a pensar em um *habitus* de migrante e, logo, a possibilidade de seu estudo em obras ficcionais. O *habitus* de migrante seria, portanto, o conjunto de práticas e crenças desenvolvidas por atores sociais que se encontram em mobilidade espacial, tendo em vista que tal característica, a da mobilidade espacial, fomenta estas práticas, bem como os une ao operarem num mesmo campo e terem capitais – em tipo e volume – semelhantes.

É plenamente possível encararmos os migrantes como uma categoria social. Certamente há uma vasta gama de situações e tipos de migrantes, que podem variar de acordo com uma profusão de critérios e características distintas. No entanto,

também entendemos que é possível pensar os aspectos mais gerais que unem os migrantes entre si, mesmo que possuam nuances que os distingam. Além disso, no nosso caso sob estudo, ao debruçarmo-nos sobre uma dada obra ficcional em específico, não nos é necessário abordarmos todos os traços possíveis de um *habitus* de migrante – ainda que possamos citar elementos que transcendam o que foi abordado. Interessa-nos mais diretamente observarmos quais elementos compõem o *habitus* de migrante em *Estive em Lisboa....*

5.2 Uma proposta de *habitus* de migrante

Não havendo muitos estudos que se debruçam a respeito da presença de *habitus* em obras ficcionais, em particular de *habitus* de migrante, recorremos a um trabalho que procura estudar o *habitus* de migrante com base em objetos não ficcionais. Trata-se do artigo de Ângela Xavier de Brito (2010) intitulado *Habitus de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial*. Nesse trabalho, a autora destaca, inicialmente, as suas pesquisas sobre os estudantes brasileiros na França e, posteriormente, comparando vários outros trabalhos com grupos diversos de atores em mobilidade espacial, formula o que acredita serem os elementos essenciais do *habitus* de migrante.

Tomando apenas como base os seus próprios estudos, Brito (2010) diz que os estudantes brasileiros na França costumam apresentar um traço marcante anterior ao seu deslocamento àquele país: uma “familiaridade com o estrangeiro”, ou com o processo de mobilidade espacial – em diferentes escalas. Essa noção refere-se ao fato de a maioria dos sujeitos de sua pesquisa, em momentos anteriores ao seu deslocamento para aquele país, já ter: migrado de cidade, estado ou país; estar acostumado com o contato com outras culturas; já ter feito algum tipo de deslocamento, como intercâmbios linguísticos, estudantis ou turismo; ou ter pessoas muito próximas, geralmente parentes, que tivessem também procedido um deslocamento em razão de estudos. Com isso, esses indivíduos conseguiam imaginar esse cenário.

Considerando e admitindo que podem existir grupos de atores em mobilidade espacial muito distintos entre si e amparada na literatura sobre o assunto, ela propõe uma grande divisão em dois tipos de migrações – claro está que tal divisão poderia ser diferente: i) migrações voluntárias ou forçadas; e ii) migração permanente ou

temporária. Tomando isso em conta, os elementos que caracterizariam o *habitus* de migrante dar-se-iam quando esses atores estivessem efetivamente no país de recepção.

A relação de elementos que ela destaca como sendo comuns, independentemente do tipo de migração, entre os indivíduos em mobilidade espacial, e que conformariam o *habitus* de migrante é: i) operar entre dois sistemas de referências e valores; ii) estabelecer um forte vínculo com a comunidade de origem; iii) apropriar-se instrumentalmente de vantagens do país receptor; iv) desenvolver um sentimento de culpa; v) sentir-se sempre provisório; e vi) ter o retorno sempre em seu horizonte de possibilidade.

Consideremos brevemente cada um desses elementos. Em relação ao primeiro item, Brito (2010) destaca: uma vez que o ator social domina um conjunto de práticas comuns ao seu local de origem, arraigado e desenvolvido ao longo de muitos anos, ele não consegue se desvincular deles de forma automática para dar lugar a uma nova lógica, à do local de recepção. Dessa maneira, esse ator está constantemente negociando o seu sistema de referência com o do novo local. Vive numa constante ambivalência identitária.

Quanto ao segundo item, temos a prática comum desses atores buscarem, sempre que possível, se associar com outros atores semelhantes, também em deslocamento espacial e que tenham uma mesma origem. Há uma busca pela manutenção de uma certa coesão social pré-existente. Trata-se de um tipo de laço emocional, afetivo. Essa vinculação exerce um papel de proteção e de ajuda mútua entre os seus membros, manifestando-se desde maneiras mais informais até associações regulamentadas. Nessas interações, valorizam-se os traços comuns, como a língua, a culinária, a música, entre outros.

O terceiro item, que trata da apropriação instrumental das vantagens que o país receptor pode proporcionar, manifesta-se nos casos em que os atores em mobilidade espacial fazem valer alguma lei ou regra em seu benefício; utilizam o idioma local com mais frequência; desenvolvem práticas de sociabilidade cotidianas típicas do local, etc. Alguns estudiosos referem-se a isso como um processo de transculturação. Não se trata de um processo fácil, já que modifica, aos poucos, o indivíduo que assim procede.

O próximo item, o quarto, que se refere ao sentimento de culpa que o ator em mobilidade costuma desenvolver, é mais comumente percebido nos atores em

situação de exílio. Há a ideia de que deveriam ter tido a coragem de ficar, de enfrentar as dificuldades, de contribuir e trabalhar pelo progresso de sua terra natal. Ainda assim, tal sentimento aplica-se aos demais tipos de atores em mobilidade espacial também. Trata-se de uma percepção vinculada a um sentimento de deserção, de traição.

O penúltimo item refere-se ao sentimento de provisoriedade. Os atores em deslocamento espacial estariam sempre acreditando que seu retorno dar-se-á o mais breve possível, ainda que o tempo transcorra indefinidamente. Entre outras coisas, essa postura acarreta entre esses atores sociais: não aproveitarem o tempo presente, mas viverem sempre em função de um possível futuro – espera-se que melhor; costumam não se engajar em muitas atividades no país de recepção; um certo imobilismo social; um patriotismo exacerbado; um fechamento na comunidade de origem, pouco interagindo com os nacionais; e um sentimento de nostalgia.

O sexto e último item refere-se à eterna expectativa de retorno. Esse elemento é constitutivo do próprio projeto de migração. É ele que dá sentido às dificuldades cotidianas enfrentadas por esses atores sociais, que dá coerência à sua trajetória. Apesar disso, com o passar do tempo, o enraizamento no novo local, o estabelecimento de família, entre outras variáveis, podem inviabilizar o retorno efetivo, sem que com isso se deixe de pensar nessa possibilidade.

Apesar de muito bem estruturado o estudo de Brito (2010), temos algumas ressalvas em relação a ele. No entanto, apresentaremos nossas proposições nesse sentido depois de expormos a nossa proposta de abordagem do *habitus* de migrante em *Estive em Lisboa...*

5.3 A compleição do migrante em *Estive em Lisboa...*

Em diálogo com a noção de “*habitus*” de Bourdieu (2011) e “*habitus* de migrante” de Brito (2010) e a partir de análise e reflexões sobre a obra *Estive em Lisboa...*, desenvolvemos a noção de compleição do migrante.

Essa noção leva em conta um conjunto de características, disposições, crenças que o indivíduo migrante desenvolve em consequência do processo pelo qual ele passa ao longo de sua vivência em sua terra natal e no país de recepção. O tempo, o espaço, as experiências, as condições concretas experimentadas nessas duas dimensões por esse indivíduo vão conformando quem ele chega a ser após um certo

período sendo efetivamente um migrante, ou seja, já tendo se deslocado espacialmente.

A própria ideia do termo compleição supõe a conformação de uma série de elementos que são tecidos, entrelaçados, conjuntamente. Nesse sentido, lembramos de Sayad (1998), que diz ser importantíssimo nos lembrarmos de que todo (i) migrante também é, junto e ao mesmo tempo, um (e)migrante. Por isso, inclusive, preferimos adotar ao longo de todo o nosso texto a nomenclatura mais geral de migrante. Essas duas dimensões da experiência migrante, esses dois locais, estão sempre presentes, se não concretamente, ao menos nos sentimentos e nas motivações para certas ações desses indivíduos que se encontram em deslocamento.

Se existe um conjunto de traços que caracteriza o migrante quando no país de recepção, mais ou menos como Brito (2010) nomeia o “habitus de migrante”, entendemos que as condições que levaram a isso não se deram apenas e tão somente já nesse novo espaço. Esse indivíduo tem uma história, um passado, que amalgamado com novos elementos do novo espaço, além das experiências e condições concretas, constrói esse tipo social.

É por isso que acreditamos que a noção de compleição do migrante é mais ampla, já que considera o processo como um todo: o antes, o durante e o depois. Por cada uma dessas etapas, referimo-nos a: antes como o momento em que o indivíduo apenas tem o desejo do deslocamento, logo, ainda não é efetivamente um migrante; o durante como o momento em que ele já se encontra no novo local, mas ainda não possui experiência suficiente para alcançar um conjunto de traços comuns entre os migrantes; e, por último, o depois como o momento em que ele ainda está no novo local, mas com muito mais bagagem e repertório, fruto e componente desse processo.

Em *Estive em Lisboa...* o típico migrante é um migrante laboral de classe média baixa que, passando por dificuldades socioeconômicas, anseia, com a migração, reverter sua situação e ascender nessa mesma dimensão. Retratado mais plenamente pelo protagonista e também narrador Serginho, apesar de certos traços dessa imagem serem complementados por outras personagens migrantes, notamos que esse ainda aspirante à migrante é um indivíduo: ingênuo; que possui um certo pensamento mágico; e uma certa noção e expectativa de progresso que contrasta e se confunde muitas vezes com uma noção cíclica, no sentido de oscilações entre momentos bons e ruins. Esses três elementos trabalhamos ao longo dos três primeiros capítulos.

No primeiro capítulo discutimos como o aspirante a migrante apresenta-se como um indivíduo ingênuo. Tomando como base teórica Schiller (1985) e Adorno (2003), que entendem a ingenuidade como um traço que evoca o primordial, o antigo e a natureza, constatamos que as personagens migrantes, antes de se deslocarem, são: infantis; precisam de um tutor; têm uma ausência de malícia; uma carência afetiva e autoimagem positiva; são provincianos; alienados e otimistas. Apresentam-se infantis à medida que se portam como tal, não abandonando a casa dos pais, por exemplo, ou sujeitando-se a uma posição de obediência incompatível com sua condição adulta. Ao não serem capazes de fazer muitas coisas por si mesmos, mostram-se quase sempre dependentes de outras pessoas, como que precisando frequentemente de uma espécie de tutor. Essa tutela, no caso do protagonista, é simbolizada, entre outras formas, pelo seu envolvimento com professoras e, efetivamente, demonstrada em decisões que outros tomam por ele. Em muitas situações, são incapazes de perceber as más intenções dos outros com que interagem e depositam extrema confiança em quem pouco conhecem. Estão também constantemente preocupados com o que pensam sobre ele e acreditam ser alguém muito esperto, inteligente e capaz, o que muitas vezes se mostra falso. Oriundos de cidades pequenas de interior, de regiões periféricas e de países menos prestigiosos, não detêm um amplo e variado repertório cultural, dificultando muitas vezes sua vivência posterior no local de recepção, que geralmente são locais mais desenvolvidos. Ignoram muito do que acontece ao seu redor e não se dão conta da perversidade de que o sistema social em que estão inseridos tem uma responsabilidade muito grande pela sua miséria. E, por último, como elemento que conforma sua ingenuidade, é alguém com um senso de otimismo incompatível com os dados e as condições que possui. Não tendo referenciais de sucesso, e/ou não tendo elaborado minimamente um plano para o seu projeto migratório, têm uma expectativa descabida de que obterão sucesso e o farão em um curto espaço de tempo.

Na sequência, no segundo capítulo, abordamos como os indivíduos que irão se tornar migrantes possuem um conjunto de crenças que não se apoia em elementos concretos que dão sustentação a elas. A essas crenças chamamos de pensamento mágico. Em *Estive em Lisboa...*, essa questão está plasmada por um certo paralelo com o mito da Curupira/Caipora e a ideia de que esse ser mítico inflige punições em forma de má sorte àqueles que a ela não oferecem oblações, como o fumo. O próprio

protagonista, por exemplo, diz que inicia uma fase ruim de sua vida, em suas palavras, ela começa a “degringolar” justamente quando para de fumar. É como se ele imputasse uma causalidade aos eventos ruins por qual passa simplesmente por ter parado de fumar, como algo que é consequência do destino, o que não parece ser razoável. No mesmo espectro de sentido, é marcante a questão da religião, plasmada na obra na forma como as personagens agem, nas invocações que proferem, nas menções literais às religiões e nos vários topônimos que aludem a santos católicos.

Por último, como elemento que conforma aspectos que surgem antes do deslocamento, o terceiro capítulo trata de como esses indivíduos têm uma expectativa de progresso, de avanço, que se confunde e contrasta com a realidade que se mostra muito mais instável, oscilante, cambiante, cíclica, ora pendendo para momentos bons, mas, na maioria, para momentos ruins. Essa questão é apresentada literariamente na obra por referências ao aspecto decadente das ambientações, com lugares que evocam a ruína bem como descrições de personagens com doenças, deficiências, velhos, mal-humorados e a questão da morte. A cosmovisão e as falas das personagens portuguesas também ajudam a construir esse aspecto na medida em que suscitam um anseio por um passado mítico do país, em que, em tese, teria sido glorioso. Isso é marcado, por exemplo, pelo uso da genealogia com a associação a ancestrais nobres e heróis.

Se esses três elementos surgem já antes do deslocamento dos aspirantes à migração, eles continuam ao longo do processo, mas vão se transformando. Ao chegarem no novo local, vivenciando o durante, mas ainda sem repertório de migração, enfrentam situações que também ajudam a moldar o típico migrante. Concentramos esses aspectos no capítulo quatro e são eles: a precariedade, as redes sociais, o retorno e a alteridade. Esses elementos dialogam mais intimamente com a literatura sociológica, que discute as questões da migração e encontra algum paralelo com as categorias de Brito (2010), que definem o que ela chama de “habitus de migrante”.

O primeiro desses elementos que destacamos é a precariedade vivida pelo sujeito agora já migrante. Lembramos, desde o início, que uma das principais razões alegadas para procederem a migração são justamente as dificuldades no país de origem. Apesar disso, uma vez no novo local, o que vivenciam é o agravamento dessa situação. Isso se revela em dificuldades habitacionais, alimentares e subalternidade nas ocupações laborais.

A noção de redes sociais, o segundo elemento, é algo que não está restrito ao momento pós-deslocamento, já que ela se faz presente e necessária antes desta, ao acionar um conjunto de atores sociais que permite e facilita o deslocamento do migrante. No entanto, esse componente ganha um destaque importante no novo local na medida em que tende a ser uma estratégia de superação das vicissitudes enfrentadas. Além disso, reforçam os laços do indivíduo migrante com ambas as localidades, de origem e destino.

A expectativa de retorno que se desdobra em um sentimento de provisoriedade, já que além de pretenderem voltar, esperam que isso seja o mais breve possível, compõe o terceiro elemento. Ao manterem a volta e a prontidão dela como horizonte de possibilidade sempre presente, terminam por, muitas vezes, se fecharem em seus grupos étnicos, não interagindo com a comunidade local para além do mínimo necessário. Essa falta de integração também pode se constituir em mais um problema e sofrimento, já que tais expectativas costumam ser frustradas quando seus objetivos não são atingidos.

O quarto e último desses elementos que destacamos como compondo o durante é o da alteridade. Por alteridade referimo-nos ao conjunto de relações que esses migrantes desenvolvem com outros atores sociais, como: nacionais do país de recepção; e outros migrantes, de mesma nacionalidade ou não. Essas relações são, grosso modo, positivas ou negativas. Para especificar e perceber com maior precisão as nuances, apoiamo-nos na “Tipologia das relações com outrem”, de Todorov (2019). Esse autor estabelece três planos a que ele chama de: i) plano axiológico – valor; ii) plano praxiológico – ação; e iii) plano epistêmico – conhecimento) A combinação desses planos, em termos de valoração, ações e conhecimento para com esse migrante, geralmente pensado como o outro, estabelece como as relações de alteridade dão-se.

Os traços iniciais, que se apresentam antes mesmo do deslocamento e que permanecem, pelo menos por um tempo, após o deslocamento, somados às questões que configuram o primeiro momento da migração, antes que tenham desenvolvido um maior repertório de migração, transformam esse indivíduo, que vai, paulatinamente, abandonando aquele conjunto inicial de traços e adotando uma nova postura. Em *Estive em Lisboa...*, especialmente demonstrado em Serginho, o indivíduo migrante que antes era ingênuo, demonstrando todas aquelas nuances que tal ingenuidade supunha, por exemplo, atinge uma posição de maior consciência. Mais que isso, ele

se mostra desesperançado e desamparado. Nesse sentido, Brandellero (2017) enxerga uma relação intertextual entre Serginho e Esteves, do poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa.

De fato, talvez possamos ver em Serginho um reflexo do ‘Esteves sem metafísica’, que Campos vê saindo da tabacaria em frente de casa e que o traz de volta ao real da materialidade, como lemos no final de ‘Tabacaria’: ‘Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me./ Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves! e o universo / Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança e o dono da Tabacaria sorriu’ (Pessoa, 1987, p. 300). (BRANDELLERO, 2017, pp. 17-18)

Para essa autora, a última passagem, em que Serginho volta a fumar, aponta para um sentido de que demonstra que ele não mais mantém a ingenuidade anterior. Ele não está mais preocupado com o que vão pensar dele. Ele apenas fuma. Não há mais expectativas ou sonhos. Se Serginho do começo de sua trajetória migrante até o fim, havia sido uma espécie de Esteves, inconsciente do que ocorre com o mundo e com ele, alcança um estado semelhante ao sujeito poético de “Tabacaria”, ou seja, sem esperança. A sua dura trajetória, repleta de percalços, prejuízos e frustrações não dá mais margem para aquele otimismo anterior. Além de Serginho, já no discurso de Rodolfo isso havia ficado claro:

O Rodolfo avivou a conversa, ‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos os *outros*, ‘Eta paisinho de merda!, terra de ladroagem e safadeza!’ [...] e, macambúzio, prosseguiu, ‘É ilusão, Serginho’, pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, ‘Volta nada’, a precisão drena os recursos, ‘É a mãe doente na fila do SUS, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro, é um irmão que estuda, uma irmã que casa, um sobrinho problemático’, os cabelos caem, a pele enruga, ‘Nessa brincadeira’ cinco anos escorreram já, ‘E sabe quanto consegui acumular? Nada... Porra nenhuma’ [...]. (RUFFATO, 2009, pp. 78-79 – grifos no original)

Com isso não dizemos que a compleição do migrante é apenas isto ou aquilo, o que mais caracteriza o momento anterior ou posterior ao deslocamento, mas a soma desses períodos, ou seja, o processo que envolve todos eles e que resulta na transformação gradual desse indivíduo ingênuo em um desesperançado, mas consciente.

5.4 Biografia, fortuna crítica e cosmovisão do autor

O ficcionista Luiz Fernando Ruffato de Souza, mais conhecido como Luiz Ruffato, é natural de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais: Cataguases. Filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira, tinha um irmão – já falecido –, que era metalúrgico, e tem uma irmã que trabalha como merendeira em uma escola. Esses elementos apresentam um panorama de formação familiar de condições socioeconômicas bastante humildes, segundo o Museu da Pessoa (2014).

5.4.1 Trajetória como escritor

Ruffato conta-nos que, quando criança, provavelmente no início da década de 1970, assistiu a uma novela chamada *O feijão e o sonho*, que o fez se identificar com uma personagem que era escritor. Naquele momento, passou a dizer que gostaria de se tornar um escritor, o que deixava a sua mãe bastante apreensiva, já que a novela mostrava as dificuldades que aquela personagem tinha justamente por ser escritor, segundo Ruffato (2004) e Bongo (2017, p. 261). Apesar desse desejo um tanto improvável – pois não era exatamente um leitor, por não ter as melhores condições materiais, como livros em casa –, esse desejo ficou adormecido, e ele tratou de conquistar primeiro “o seu feijão”. Houve, no entanto, em sua formação escolar de leitura, uma experiência no ano em que estudou no Colégio Cataguense. Pouco adaptado ao ambiente, costumava frequentar a biblioteca de onde pegava emprestado alguns livros. Ao longo daquele ano, leu vários livros e tomou gosto pela leitura (BONGO, 2017, pp. 250-261). Fez estudos técnicos na área de metalurgia, uma vez que na região havia empresas do setor, e trabalhou na área por um tempo. Fez vários outros tipos de trabalho informalmente, até que enveredou por áreas mais humanísticas, fazendo sua graduação em Comunicação Social na Universidade Federal de Juiz de Fora (ROCHA, 2007, p. 203).

No início dos anos 1990, migrou para São Paulo, onde passou a trabalhar em um jornal. Sobre essa experiência de trabalhar no jornal, ele diz:

Nunca me considerei jornalista. Sempre estive na cozinha da redação, ou seja, sempre trabalhei com edição. No meu caso específico, o jornalismo não contribuiu nem prejudicou minha opção pela literatura. O que trouxe do jornalismo é um certo olhar interessado na realidade, talvez, e com certeza, a disciplina para trabalhar. (BONGO, 2017, p. 262)

Isso corrobora com as análises que Schøllhammer (2016) faz de sua obra como sendo um autor vinculado à Literatura brasileira contemporânea, com preocupações sobre questões presentes na realidade.

Publicou o seu primeiro livro apenas no fim dos anos 1990: *Histórias de remorso e rancores* (1998), o que considera relativamente tarde para a carreira de um escritor, ainda que suas histórias sempre estivessem presentes dentro dele, de acordo com Ruffato (2004). O seu terceiro livro, no entanto, *Eles eram muitos cavalos* (2001), foi o que o projetou como destaque no cenário literário nacional e internacional e contribuiu para que ganhasse vários prêmios literários, de acordo com Ruffato (2021), Siqueira e Santos (2020, p. 174) e Rocha (2007, p. 203).

Várias de suas falas apontam para uma postura de engajamento político e de crença numa função para além da estética das artes (ROCHA, 2007, p. 203). Diz acreditar que o autor literário pode contribuir com sua arte sendo um repositório da memória coletiva e retratando aspectos de seu universo e seu cotidiano. Isso é bem presente em suas obras, já que em muitas delas há a presença da classe média baixa – que ele diz estar “sub-representada” na literatura nacional – da qual é oriundo; a questão da migração, lembrando que a mãe, de ascendência italiana, e o pai tendo sido criado por uma família também italiana, ou, ainda, mais a sua experiência pessoal, justificaria tal vinculação; além do “cenário” das cidades com as quais manteve algum contato, quer na infância, quer na idade adulta, como a própria cidade natal Cataguases, ou a metrópole São Paulo.

5.4.2 Projeto literário de Luiz Ruffato

Apesar de não ser nossa intenção apresentar exaustivamente a fortuna crítica às obras de Luiz Ruffato, faremos menção aqui a alguns trabalhos que apresentam e discutem o que poderíamos chamar de projeto literário desse autor. Aproveitamos também para trazer algumas falas, geralmente declaradas em entrevistas, do próprio autor, sobre o que acredita ser a sua obra.

Em uma entrevista feita por Rocha (2007), Ruffato faz menção a vários aspectos do que entende por literatura. Uma primeira ideia que nos chama a atenção é a seguinte: “Eu percebo o ofício literário como uma escolha entre várias. Eu não nasci predestinado a ser escritor – ninguém nasce. A minha opção se deu em função de questionamentos políticos” (ROCHA, 2007, p. 204). Essa parece ser uma

afirmação que revela uma percepção importante da sua forma de ver o mundo de forma geral e a literatura em particular. Denota seu vínculo com a política e com a crença na função da literatura como forma de engajamento político-social também. Isso certamente não significa, e é sempre bom lembrar, que seus escritos não tenham preocupação com a estética, com a forma. Pelo contrário, seu trabalho parece ser reconhecido especialmente pela sua inovação formal, levada a um radicalismo inovador em *Eles eram muitos cavalos*, de Ruffato (2001). Essas questões ficam ainda mais claras em uma outra entrevista:

Para mim, escrever é compromisso. Compromisso com minha época, com minha língua, com meu país. Não tenho como renunciar à fatalidade de viver no começo do século XXI, de escrever em português e de viver num país chamado Brasil. Estes fatores, junto com a minha origem social, conformam toda uma visão de mundo à qual, mesmo que quisesse, não poderia renunciar. (BONGO, 2017, p. 266)

Como ele diz, essas questões, de ordem política, de engajamento e de vinculação com a realidade circundante, são “irrenunciáveis”. Elas são matéria-prima para o pensamento, para a formulação ficcional e para a transformação da realidade também. Voltando a Rocha (2007), Ruffato diz: “Eu não escreveria se achasse que a literatura não tem nenhuma função social” (p. 209).

Outra importante obra de Luiz Ruffato, escrita inicialmente em volumes separados, mas depois editados conjuntamente, é *Inferno provisório*. Talvez esta seja a obra que melhor sintetize a cosmovisão e o projeto literário dele.

Não quero ser cúmplice da miséria nem da violência, produto da absurda concentração de renda do país. Por isso, proponho, no *Inferno provisório*, uma reflexão sobre os últimos cinquenta anos do Brasil, quando acompanhamos a instalação de um projeto de perpetuação no poder da elite econômica brasileira, iniciado logo após a segunda Guerra Mundial, com o processo de industrialização brutal do país, com o deslocamento impositivo de milhões de pessoas para os bairros periféricos e favelas de São Paulo e Rio de Janeiro. (BONGO, 2017, p. 266)

Nessa passagem, ele aponta como percebe a ação do capitalismo no Brasil e suas implicações diretas sobre a população, em especial a mais pobre. Interessante notar que, nesse seu projeto literário, o seu recorte temporal contempla justamente o mesmo recorte que vários autores têm chamado de pós-modernidade – ou por categorias semelhantes que guardam significado próximo, como “modernidade líquida”. Tendo esse período como característica marcante à globalização, é possível

notar como ela abrange e afeta todos os países, mostrando sua face perversa, como ensina-nos Milton Santos (2000). Ainda que em *Estive em Lisboa...*, de Ruffato (2009), a questão da migração internacional esteja mais patente e seja mais fácil associá-la aos prejuízos da globalização, no trecho acima vemos que os deslocamentos internos em um país, de uma cidade para outra, de um estado para outro, ou mesmo o afastamento das áreas mais centrais de uma cidade rumo à periferia também são reflexos desse mesmo processo.

Ainda sobre os impactos do deslocamento sobre os indivíduos, Ruffato faz uma declaração bastante significativa:

O imigrante, a qualquer tempo, carrega consigo a sensação de não pertencimento, fazendo com que a sua história pessoal tenha de ser continuamente refundada. Partir, como disse acima, não é só desprender-se de uma paisagem, de uma cultura. Partir é principalmente abandonar os ossos dos antepassados, imersos na solidão silenciosa dos cemitérios, é deixar para trás uma história comum, feita de dor e luta, de alegrias e memórias. (BONGO, 2017, p. 266)

Ele destaca os sofrimentos pessoais vivenciados pelos indivíduos que se deslocam, sendo talvez o mais evidente o da falta de pertencimento. Deslocar-se pressupõe um desapego para além de uma simples imagem – ele diz “paisagem” –, pressupõe abandonar memórias ruins, mas também as boas, a sua própria história, a sua identidade. Tal ação parece gerar um certo desamparo, um sentimento de orfandade, ainda mais quando não há acolhimento e integração ao novo local. E sendo difícil estabelecer uma identidade para esses deslocados, ele acrescenta:

Rompido esse lastro, perambulamos sem saber quem somos. E se não temos autoconsciência, se permanecemos imersos na inautenticidade, não reconhecemos o estatuto do outro, do diferente de nós. E perdido esse reconhecimento, instaura-se a barbárie. A Arte serve para iluminar caminhos, e se ela modifica o indivíduo, ele é capaz de modificar o mundo. Para isso, portanto, escrevo. (BONGO, 2017, p. 266)

Essa sequência de trechos parece-nos iluminar alguns temas caros ao autor, como: a presença da classe média baixa; a perversidade do capitalismo e da globalização; os efeitos das migrações – em várias escalas: em uma mesma cidade, periferização; em um mesmo país; ou, internacionais; a alteridade; a barbárie; o valor da arte, com destaque para a literatura, e sua função enquanto escritor.

Ainda sobre o ofício de escrever e sua função social, Ruffato afirma:

Envolvi-me com a política estudantil e com a literatura. E surpreendi-me com o fato de que não há praticamente nenhum registro da classe operária urbana nos romances e contos brasileiros. Então decidi que, se algum dia eu fosse escrever algo, queria dar um depoimento da minha época, por meio da minha vivência. O escritor, para mim, é apenas isto: um repositório da memória coletiva. Foi assim que escolhi tornar-me um escritor profissional. (ROCHA, 2007, p. 204)

É impossível não lembrarmos das palavras de Pound (2001) em *ABC da Literatura* que diz que “o artista é a antena da raça”. Há um alinhamento da fala de ambos, no sentido de darem importância ao ofício do artista como sintetizadores da cultura, capazes de uma sensibilidade que permite a construção de obras que falem a vários. Apesar disso, Ruffato deixa transparecer que quanto mais próximo o artista é de uma dada realidade, mais provável é de se construir uma obra verossímil. Sem entrarmos em conceitos como o de “pacto autobiográfico”³¹, certamente é preciso ter em conta que as vivências do autor são, se não as principais, umas das fontes mais importantes do repertório de um autor.

Outro elemento importante destacado no trecho acima e também evidenciado em outros trechos anteriores é sua postura de encarar o ofício de escritor como uma outra “profissão qualquer”: “[...] Ser escritor não tem nada de especial. Senta-se ao computador e escreve-se. O que me impele é a indignação. Mas a indignação é o que todo cidadão de bem deve carregar consigo” (ROCHA, 2007, pp. 205-206). É preciso trabalho duro, disciplina e seriedade. Ele diz, no entanto, que ser escritor no Brasil é muito difícil. Os motivos que ele alega são o analfabetismo, o fraco mercado editorial e a falta de políticas públicas. Ruffato chega a dizer que ser escritor no Brasil é um ato de subversão (SIQUEIRA; SANTOS, 2020, p. 175). Em outra oportunidade, acrescentou que no Brasil é difícil viver de Literatura pela falta de profissionalismo de ambos os lados, dos escritores e do sistema editorial. As coisas são feitas de forma muito amadora (ROCHA, 2007, p. 205).

O escritor ainda vê no editor um bom samaritano e o editor vê no autor um coitado, a quem fará um enorme favor publicando seu trabalho. Eu tenho tentado, na medida do possível, resistir a isso. Não escrevo resenhas ou orelhas ou prefácios de graça; recebo direitos autorais adiantados (a maior parte das vezes equivalentes à primeira edição) e cobro por palestras (nem que sejam valores simbólicos). Entretanto, luto contra a corrente. (ROCHA, 2007, p. 205)

³¹ Conceito desenvolvido por Philippe Lejeune em seu livro *O pacto autobiográfico – De Rousseau à internet*.

Essa é uma das muitas críticas que Ruffato (2013) faz ao Brasil. Inclusive, essa sua postura crítica foi motivo de polêmica em razão de seu discurso na Feira do livro de Frankfurt, em 2013.

Ruffato (2013) diz: “Para mim, escrever é compromisso”, e seu engajamento é tão sério que confessa que apesar de estar atento à recepção crítica de suas obras e se alegrar com o retorno dado pelos leitores, isso não tem implicações mais profundas de como concebe a sua escrita (ROCHA, 2007, pp. 205-206). Ainda sobre as críticas que seu trabalho recebe, ele diz que sua obra costuma sofrer críticas diferentes no Brasil e em outros países. Ainda grifando problemas que existem no Brasil, declara que não há recepção crítica em jornais e revistas; que a crítica é basicamente acadêmica, mas que peca pela sua segregação na sociedade e linguagem hermética; que o Brasil é muito provinciano, funcionando na base do compadrio; que no Brasil é preciso fazer parte do espetáculo, o que faz com que pessoas sem talento eventualmente se destaquem; que no exterior há sistemas literários mais bem organizados e eficazes (SIQUEIRA; SANTOS, 2020, pp. 175-176).

A respeito das referências literárias das quais ele diz ter sofrido influência, afirma:

Nesse sentido, as minhas leituras confluem para autores que tenham como preocupação encontrar a forma ideal de explicitar um conteúdo. Podemos falar, então, de uma tradição do romance não convencional, que, se não começa, pelo menos passa necessariamente por Laurence Sterne e caminha com Anton Tchekov, com Marcel Proust, com William Faulkner, com Alain Robbe-Grillet, com Georges Pérec, entre outros – e, no Brasil, passa por Machado de Assis, por Dyonélio Machado, por Guimarães Rosa... Mas, no meu caso, acho impossível pensar em diálogos sem pensar na poesia – o que me obriga a falar em Charles Baudelaire, em Stephane Mallarmé, em Ezra Pound, em T.S. Eliot e em grandes nomes da poesia brasileira. [...] Mas sempre e acima de tudo, a Bíblia, o maior repositório do conhecimento humano, de onde deriva grande parte do imaginário da literatura ocidental. (ROCHA, 2007, pp. 208-209)

Como já havíamos destacado anteriormente, Ruffato está preocupado com a possibilidade de fazer um registro da realidade brasileira em sua obra, mas sem prescindir da preocupação com a forma, com a estética. O encontro desses dois elementos, a forma e o conteúdo, é uma das marcas de seu trabalho, e que certamente é um dos motivos da crítica positiva e dos prêmios que recebeu. Em uma outra oportunidade, Ruffato (2004) afirma: “[...] na verdade a literatura é a tradição, e a renovação da literatura se dá no diálogo entre a renovação e a tradição”.

As breves considerações sobre Ruffato, sua biografia e fortuna crítica fazem-nos acreditar que *Estive em Lisboa...* contribui para o seu projeto literário maior. Assim como outras obras do autor, ela consegue literariamente apresentar, tanto tematicamente quanto, principalmente, esteticamente, uma discussão sobre a classe média brasileira que em razão das dificuldades enfrentadas cotidianamente no Brasil enxergam, ingenuamente, uma possibilidade de mudarem suas condições pelo empreendimento migratório. No entanto, a experiência mostra que para a maioria desses indivíduos o resultado não é bem sucedido, mas ao menos permite que desenvolvam um senso crítico e entendam que seu fracasso não é reflexo apenas de uma incompetência ou mero azar, mas uma consequência de um sistema injusto e opressor.

Questões de ordem política e entendimento sobre a função da arte e do artista estão subjacentes em suas obras, e em *Estive em Lisboa...* não é diferente. Passagens como quando Serginho menciona o nome do seu time de futebol, de maneira sutil revelam, por exemplo, críticas à história nacional recente: “[...] o Primeiro de Abril, dupla homenagem ao Dia da Mentira e à Revolução de 1964, que, na opinião de colegas mais políticos, dava na mesma.” (RUFFATO, 2009, p. 16). Seu posicionamento politicamente mais à esquerda, destacado em entrevistas e em discursos, como o que fez em Frankfurt, revela como suas obras, além da função estética de fruição, permitem uma aproximação a temas relevantes e, eventualmente, a um despertar para o questionamento e engajamento político também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos o nosso trabalho retomando pontos centrais de cada um dos capítulos anteriores. Acreditamos que esse exercício permitirá recobrar sentidos e fornecer um senso de maior coesão às ideias espaçadas ao longo do texto.

Em nosso trabalho, procuramos demonstrar o desenvolvimento da compleição do migrante presente em *Estive em Lisboa...*, de Luiz Ruffato. O percurso para a construção do trabalho foi pontuado, desde a introdução, pelo processo de escolha da obra para a nossa análise. Foi necessária a leitura de várias obras ficcionais que abordassem o tema da migração. Esse exercício foi riquíssimo, pois permitiu-nos verificar um conjunto de aspectos relacionados ao fenômeno migratório que não necessariamente apareciam todos nas mesmas obras. Algumas valorizavam certos tópicos que outras não contemplavam. Ao fim, levando em conta a qualidade da obra, a significativa repercussão do autor e da obra pela crítica, a experiência e a relação do autor com a migração e certo gosto pessoal, optamos por *Estive em Lisboa...*, do escritor mineiro Luiz Ruffato.

Lembrando que temos formação anterior em outras áreas e entendendo que o nosso objeto exigia uma aproximação a outras disciplinas, apoiamo-nos, em especial, em conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu: “*habitus*”, “campo” e “capital”. O primeiro desses conceitos ocupa uma posição primordial. Os outros dois conceitos se conectam a ele por força do próprio fundamento da teoria bourdieusiana, que prima pela relação. Trata-se de um esforço teórico que conjuga aspectos de ordem estrutural e subjetiva, ao mesmo tempo, e de forma indissociável. A separação dos conceitos funciona muitas vezes mais como uma exigência didática para sua melhor compreensão. O sociólogo francês sempre destacou a característica “estruturante e estruturada” que cada um desses conceitos centrais exercem entre si.

Ainda na Introdução apontamos como a prática do deslocamento espacial faz parte da história humana, sendo relatada por textos muito antigos, como a Bíblia. Historiadores lembram-nos de que, enquanto espécie, antes de nos tornarmos sedentários, éramos nômades. Apontamos também como o Brasil, tido por muito tempo como um país de imigração – do fim do séc. XIX até boa parte do séc. XX –, tornou-se nas últimas décadas um país também de emigração.

Apesar de nosso estudo não se debruçar sobre o fenômeno migratório de maneira mais ampla, mas sobre o desenvolvimento da compleição do migrante, não

poderíamos nos furtar, minimamente, de passar em revista algumas linhas teóricas sobre os estudos migratórios. Tal exercício ajudou-nos a ter uma base de como estudiosos do fenômeno, de várias áreas do conhecimento, têm pensado a questão.

Para além das abordagens sociológicas e econômicas sobre o fenômeno migratório, muitas obras ficcionais tematizam a migração, sendo por isso motivos de estudos em pesquisas de cunho literário. Resgatamos esse percurso de obras ficcionais e estudos por esse viés com base em Chiarelli (2012) e Vieira (2016). Esses dois autores, com ênfases um pouco distintas, abordam como a literatura nacional preocupou-se, desde o século XIX, em tratar sobre a questão da migração, inserindo personagens migrantes de outros países que para o Brasil vieram e também de brasileiros que para outros países se deslocaram. A ênfase e a importância nas obras para esse tipo de personagens, os migrantes, alteraram-se ao longo do tempo. Se inicialmente tinham aparições sutis, em personagens de pouca importância, paulatinamente alcançaram, em algumas obras, posições de destaque, sendo em muitas delas protagonistas inclusive.

Encerramos a Introdução apresentando uma breve descrição da obra *Estive em Lisboa...*, com destaque para certas características de ordem mais formal e as categorias da narrativa, que nos pareceram mais relevantes no nosso processo de análise e que entendemos serem importantes para situar o nosso leitor ao longo de nossas considerações nos capítulos subsequentes.

Nos três primeiros capítulos abordamos o que chamamos de *topoi* simbólicos, que emergiram da análise da obra e que mantêm uma relação mais próxima das discussões de cunho mais literário. Cada um desses capítulos aborda um *topoi* diferente: ingenuidade, pensamento mágico e concepção temporal progressiva *versus* cíclica. Apesar de certa autonomia entre eles, o segundo e o terceiro reforçam o primeiro, que possui uma posição de maior importância. Eles se mostram relevantes porque deixam mais claro também a condição e os elementos anteriores ao deslocamento.

O primeiro capítulo, que trata sobre a ingenuidade, apresenta qual é a condição inicial desse indivíduo, que naquele momento ainda é um aspirante a migrante. Recorremos aos postulados de Schiller (1985) e de Adorno (2003), que, para tratar de aspectos literários, o primeiro na formulação do que ele chama de “poesia ingênua” e o segundo sobre “ingenuidade épica”, terminam tratando de maneira mais ampla e geral sobre o conceito de ingenuidade. Com base no que defendem, de que a

ingenuidade é um movimento em direção ao que é primordial, antigo e ligado à natureza, pudemos perceber características nesse âmbito em *Estive em Lisboa...*, em muitas de suas categorias da narrativa, especialmente nas personagens, com destaque maior ainda no protagonista. Nesse primeiro capítulo, por exemplo, pormenorizamos como essa ingenuidade manifesta-se em suas muitas nuances pelos subtítulos: i) infantilidade; ii) tutela; iii) ausência de malícia; iv) carência afetiva e autoimagem positiva; v) provincianismo; vi) alienação; e vii) otimismo.

No segundo capítulo, a que intitulamos de pensamento mágico, apresentamos como um traço marcante na obra de atribuir causalidade a fenômenos e eventos concretos a forças sobrenaturais caracteriza fortemente as personagens migrantes. Nesse capítulo, evocamos várias passagens em que o protagonista, por exemplo, acredita que as dificuldades pelas quais está passando é consequência do destino, do seu azar, mas nunca de fatores materiais tangíveis. Levantamos ainda a questão de que a percepção do protagonista de que vive uma maré de azar ligada ao fato de ter parado de fumar convoca uma intertextualidade com a lenda do Caipora/Curupira. Fundamentados no que o folclorista Câmara Cascudo (s.d.) coletou dessa lenda, sabemos se tratar de uma crença de caráter mítico, que pressupõe que um certo ente mágico das florestas inflige castigos a caçadores e viajantes que não lhe oferecem certas oblações, com destaque para o fumo. Entendemos que metaforicamente quando Serginho deixa de fumar, recai sobre ele uma série de eventos ruins, dando-nos condições de fazer a associação com a lenda. Outro elemento muito presente na obra e que se encaixa neste quesito é a forte presença da religiosidade. A existência de vários topônimos com nomes de santos, além de menções mais diretas ao divino e às religiões dão prova disso.

Durante o terceiro capítulo, discutimos a existência de uma noção de percepção temporal progressista que contrasta com uma outra cíclica. Se por um lado, a ideia de sucesso, de ascensão, de conquista de objetivos socioeconômicos estão muito presentes, o seu avesso também se faz notar. O fracasso, a decadência, a velhice, a doença, a morte, a crise econômica, entre outros elementos, marcam uma concepção temporal distinta da progressista. Apoiados em um texto de Adler (2013), que discute a noção de tempo progressista e cíclica, bem como num texto de Benjamin (1994), que também aborda a ideia de ruína, que contrasta diretamente com a noção de progresso, embasamos algumas de nossas considerações. Outro texto importante com o qual dialogamos é o “mito das cinco raças”, em *Os trabalhos e os dias*, de

Hesíodo. Nele é possível perceber como desde os gregos há uma concepção cíclica da passagem do tempo.

Como dissemos anteriormente, esses três primeiros capítulos configuram uma certa maneira de ser, um conjunto de traços e comportamentos anteriores ao deslocamento, que aos poucos, com o passar do tempo, com as experiências no país de recepção e a alteração do campo e dos capitais desses indivíduos migrantes, fazem com que alcancem uma outra condição, a que chamamos de compleição do migrante.

Ao analisarmos a obra de forma mais próxima à literatura migrante especializada, detectamos, no capítulo quarto, quatro elementos que eram os mais significativos da experiência migrante no local de recepção: i) a existência material do migrante; ii) a importância das redes sociais; iii) o retorno do migrante: efetivo e ilusório; e iv) relações de alteridade.

O primeiro elemento do capítulo quatro trata sobre a condição material do migrante – antes e durante o deslocamento. Logo no início, damos ênfase à fase anterior ao deslocamento em si. Grifamos que, apesar de ainda, estritamente falando, não se tratar de um momento propriamente migratório, afinal o indivíduo é apenas um aspirante a migrante, tal etapa é fundamental. Todas as personagens migrantes presentes na obra apresentam essa característica de encararem uma situação material precária já em sua terra natal. É principalmente essa condição que parece fomentar, juntamente com o desejo de ascensão socioeconômica, que o aspirante à migração formule seu projeto migratório e o execute. Na sequência, destacamos a vulnerabilidade que os migrantes, de maneira geral, costumam enfrentar. Tal condição parece estar diretamente relacionada à falta de capitais dos mais diversos tipos, tanto econômico quanto social e cultural, por exemplo. Não bastasse a experiência precária no país de origem, os migrantes continuam a enfrentar situações semelhantes, se não piores, no país de recepção. Uma vez no novo local, o migrante depara-se com um cenário diferente do que havia idealizado. Ele se vê constrangido a residir em moradias precárias; a se alimentar inadequadamente; a passar frio; e a se submeter a trabalhos subalternos, como a prostituição.

Já o segundo elemento trata sobre a importância das redes sociais. Iniciamos evocando a etapa anterior ao deslocamento em si. Esse momento privilegia os contatos que os então aspirantes a migrante vão estabelecendo com o intuito de por em prática o seu projeto migratório. Além dos contatos anteriores, no novo local, as

relações que o já migrante passa a estabelecer, tanto com nacionais quanto com outros migrantes, apresentam-se como um importante recurso social. Distante de suas referências e com poucos recursos, tal prática mostra-se imprescindível para que o migrante mantenha-se e consiga levar adiante os seus planos. Encerramos as nossas considerações sobre este elemento tratando sobre os vínculos que o migrante costuma manter com sua terra natal. Essa questão manifesta-se por meio das mensagens eletrônicas e das ligações para os parentes e amigos; a amizade com conterrâneos; a participação em organizações cujos compatriotas frequentem; a busca por produtos típicos de sua terra natal; o envio de remessas de recursos para parentes, entre outras estratégias.

O terceiro elemento é referente ao retorno. Inicialmente discutimos o caso em que o retorno efetivamente acontece. Na obra sob análise, apenas uma das personagens, seu Carrilho, efetivamente retorna para a sua terra natal. Apesar disso, o retorno acontece depois de muitos anos passados no Brasil. O retorno é espacial, mas com um efeito muito distante do esperado e ansiado pelo migrante. Na sequência, exploramos a noção da expectativa que o migrante nutre de que sua estada seja a mais breve possível. Essa postura costuma fomentar privações deliberadas por parte do migrante que não busca se integrar ao novo local, imaginando que não valeria a pena, já que em breve deve retornar. Nada mais distante da realidade. O transcorrer do tempo demonstra que tal expectativa é ilusória, geralmente não acontecendo. Debates em seguida o que se costuma chamar de ilusão do retorno. Apesar de fazer parte constituinte do projeto migratório desde o início, inúmeras variáveis contribuem para que o retorno quase nunca se efetive. Poucos são os que o conseguem. Na impossibilidade, ou dificuldade, de proceder o retorno, e na sua demora, os migrantes costumam conduzir um retorno simbólico, manifestado pelos vínculos, de múltiplas dimensões, com sua terra natal.

O quarto e último elemento é referente à alteridade. Com base na “tipologia das relações com outrem”, de Todorov (2019), que propõe a análise de três planos entre qualquer relação entre dois atores quaisquer: axiológico, praxiológico e epistêmico. Concentramo-nos inicialmente em avaliar as relações entre os migrantes e os nacionais, que tendem a ser as de maior tensão e disputas. Comparativamente, os nacionais tendem a possuir um maior volume de capitais, que os posiciona socialmente melhor e os outorga maior poder. Apesar disso, é possível verificar relações de solidariedade também. Abordamos questões da xenofobia, que denota

um tipo de relação tensa e negativa, endereçada geralmente aos migrantes em razão de suas origens étnicas e/ou nacionais. E por último, atemo-nos às relações entre migrantes e outros migrantes, quer sejam de uma mesma origem, quer não. Assim como as relações migrante-nacional, as relações migrante-migrante também comportam relações variadas e não necessariamente apenas de solidariedade ou hostilidade. A origem étnica/nacional pode exercer alguma influência, mas também não é garantia de homogeneidade nas relações.

O capítulo cinco buscou integrar os capítulos anteriores com a teoria bourdieusiana, com uma proposta de “*habitus* de migrante” (BRITO, 2010) e apresentar a nossa noção de compleição do migrante, além de estabelecer uma ligação com a própria forma da obra e a cosmovisão do autor.

Destacamos três conceitos bourdieusianos, dos quais se destaca o de “*habitus*”. Os outros dois foram o de “campo” e o de “capital”. A articulação desses três conceitos permite pensar como uma dada categoria social, dada certas condições costuma agir. Centrada na “ação”, o cerne das propostas teóricas de Bourdieu valem-se dessas três categorias, principalmente, por entenderem que considerando o espaço de atuação – campo – e os recursos – capital – que um dado indivíduo possui, isso leva a uma melhor compreensão de suas crenças e ações – *habitus*. Uma vez que esse esquema conceitual pode ser aplicado a múltiplas categorias de atores sociais, pensamos em utilizá-la para refletir sobre o migrante.

Em um trabalho sobre estudantes brasileiros migrantes na França Brito (2010), com base nesses pressupostos de Bourdieu, desenvolveu o conceito de “*habitus* de migrante”. Segundo essa autora, existem seis elementos que melhor caracterizariam esse conceito: i) operar entre dois sistemas de referências e valores; ii) manter um forte vínculo com a comunidade de origem; iii) apropriar-se de vantagens do país receptor; iv) desenvolver um sentimento de culpa; v) nutrir um sentimento de provisoriedade; e vi) ter o retorno em seu horizonte de possibilidade.

A partir dos conceitos bourdieusianos e da definição de “*habitus* de migrante” de Brito (2010), construímos a nossa conceituação de compleição do migrante conforme percebemos em *Estive em Lisboa....* Levando tais preceitos teóricos em consideração, somados àquilo que detectamos na obra, como os *topoi* simbólicos desenvolvidos nos três primeiros capítulos e os elementos do capítulo quarto, entendemos que os migrantes, para atingirem a compleição de migrante, percorrem uma trajetória de transformações que se desloca de um ponto no espectro para outro,

geralmente distante. Sendo assim podemos dizer que o indivíduo que procede a migração costuma se encontrar em uma situação em termos de “capital” – em seu sentido amplo: material e cultural – deficiente antes da migração. O “campo” onde atua, no seu país de origem, com os poucos recursos que possui, desperta o desejo de mudança de vida pela via da migração. As suas condições em termos da trilogia conceitual bourdieusiana são uma, e que poderíamos definir de maneira sintética como ingênua – com todas as implicações e nuances que desenvolvemos anteriormente. Uma vez no país de recepção, e tendo suas condições se alterado, ele mesmo se transforma, tornando-se efetivamente um migrante. O que chamamos de compleição do migrante, portanto, é de natureza processual e abarca todas as etapas da experiência migrante. Em oposição à ingenuidade inicial, constatamos uma condição essencialmente mais consciente sobre as causas e injustiças do sistema no qual está inserido, ainda que mais desesperançada, como Brandellero (2017) compara Serginho com Esteves do poema pessoano “Tabacaria”: um indivíduo “sem metafísica”.

O último subtítulo do capítulo cinco debruçou-se sobre Luiz Ruffato e sua obra. Pontuamos passagens que marcam sua origem, condição social na infância e na idade adulta. Ruffato teve uma formação inicial do tipo técnica, mas depois se encaminhou para uma formação mais humanista. Ele diz ter trabalhado em vários empregos, mas, depois de sua formação superior em Comunicação, passou a trabalhar em jornais. Desenvolveu essa atividade por muitos anos até que tivesse condições de viver apenas de literatura. Natural de Cataguases-MG, cidade de interior, e palco de muitos de seus romances, é neto de avós maternos italianos, e seu pai foi criado por uma família de origem italiana também. Além dessa herança familiar migratória, ele mesmo, já na idade adulta, também procedeu a sua migração: foi para o estado de São Paulo por motivos de trabalho. Com uma infância humilde, com pai semianalfabeto e mãe analfabeta, fazia parte de uma camada social subalterna. Atualmente, em razão de sua trajetória como escritor, pode-se dizer que ascendeu socioeconomicamente, mas mantém suas referências como matéria-prima para os seus textos. Destacamos também o que poderíamos chamar de projeto literário de Ruffato. Com base principalmente em entrevistas, é-nos revelado que Ruffato entende a literatura como um artifício de engajamento político e de transformação da realidade. Isso, contudo, não quer dizer que ele a torne um artifício panfletário. Ele o faz de forma muito competente, primando pela forma estética, o que é confirmado pelas boas

críticas e pelos prêmios recebidos. Uma das questões centrais sobre seu projeto literário é contemplar em suas obras a classe média baixa urbana brasileira, que, no entender dele, é muito pouco presente na literatura nacional. Mas ele não o faz apenas inserindo personagens dessas classes, ele dá voz a elas, as torna protagonistas.

Encerramos dizendo que percebemos que há um “*habitus* de migrante” presente na obra de Ruffato, em especial em *Estive em Lisboa...*, mas preferimos desenvolver uma noção que considerasse não apenas um conjunto de traços que se manifesta no país de recepção, e sim que contemple todo o processo de deslocamento espacial, levando em conta desde o momento em que se encontra em sua terra natal. A esta ideia chamamos de compleição do migrante, uma noção que busca apontar as transformações processuais pelas quais o migrante passa e que o modificam, como em *Estive em Lisboa...*, de um indivíduo ingênuo para um desesperançado.

REFERÊNCIAS

ABAD, Garcia Rocio. El papel de las redes migratorias en las migraciones a corta y media distancia. *MIGRACIÓN Y CAMBIO SOCIAL* – Número extraordinario dedicado al III Coloquio Internacional de Geocrítica (Actas del Coloquio) **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] nº 94 (11), 1.º de agosto de 2001.

ADLER, Mortimer Jerome. Como pensar sobre Progresso. *In*: ADLER, Mortimer J. **Como pensar sobre as grandes ideias**. Trad. Rodrigo Mesquita. São Paulo: É Realizações, 2013, pp. 479-489.

ADORNO, Theodor. Sobre a ingenuidade épica. *In*: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, pp. 47-54.

ALMEIDA, Maria Cecília Pedreira de. Do vício à virtude: o artigo “Tolerância” da Enciclopédia. *In*: SANTOS, Antônio Carlos dos (org.). **O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade**. São Paulo: Alameda, 2010, pp. 169-175.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. *In*: **Migración y Desarrollo**, octubre, número 001 – Red Internacional de Migración y Desarrollo – Zacatecas, Latinoamericanistas, 2003.

ARIÈS, Philippe. A descoberta da infância. *In*: ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, pp. 17-31.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Thesaurus essencial**: dicionário analógico. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUER, Thomas; EPSTEIN, Gil; GANG, Ira N. What are migration networks? **IZA DP**, n. 200, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 222-232.

BETTEGA, Amílcar. **Barreira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BÍBLIA, NTLH (NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE). Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/GEN.3.17-19.NTLH>. Acesso em: 18 abr. 2022.

- BÍBLIA, NVI (NOVA VERSÃO INTERNACIONAL). Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/129/NUM.5.2.NVI>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato. *In: Signótica*, Goiânia, v. 29, n. 1, pp. 259-268, jan./jun. 2017.
- BOTEGA, Tuíla. Mobilidade social. *In: CAVALCANTI, Leonardo et al. (orgs.). Dicionário crítico das migrações internacionais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 495-502.
- BOTTON, André Natã Mello; ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Deslocamento de identidade em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, pp. 3-12, jan./jun. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BRANDELLERO, Sara. Táticas do cotidiano em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 27, pp. 12-23, jan./jun. 2017.
- BRITO, Angela Xavier de. *Habitus* de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. **Sociedade e Estado**, v. 25, pp. 431-464, 2010.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. Caipora. *In: CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d., pp. 223-226.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. Curupira. *In: CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d., pp. 332-334.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CASSARINO, Jean-Pierre. Migração de retorno. *In: CAVALCANTI, Leonardo et al. (orgs.). Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 455-460.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **La era de la migración**: movimientos internacionales de población en el mundo moderno. Traducción Luis Rodolfo Morán Quiroz. México, DF: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2004.

CAVALCANTI, Leonardo. “Imigrantes”, “Imigrados”, “Estrangeiros”... e a Fabricação do “Outro” Imaginário: a Presença Brasileira no Contexto da Imigração na Espanha. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 3, n. 2, 2007.

CAVALCANTI, Leonardo *et al.* Um convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico das migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 11-30.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. Entre las políticas de retorno y las prácticas transnacionales de los migrantes brasileños. Re-pensando el retorno desde una perspectiva transnacional. *In*: **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, v. 2, n. 2, pp. 110-124, dez. 2012.

CHIARELLI, Stefania. Notas sobre a imigração na literatura brasileira. *In*: PORTO, Maria Bernadette; VIANNA NETO, Arnaldo Rosa (orgs.). **Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros**. Niterói: Editora da UFF, 2012, pp. 93-101.

CINTRA, Ismael Ângelo. Dois aspectos do foco narrativo (retórica e ideologia). **Revista Literatura**, São Paulo, v. 21, pp. 5-12, 1981.

CUENCA, João Paulo. **O único final feliz para uma história de amor é um acidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. O narrador e suas circunstâncias. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012, pp. 75-107.

DE ASSIS, Machado. O rei dos caiporas. (conto). *In*: **machadodeassis.net** - Referências na ficção machadiana. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/@id/39114>. Acesso em: 4 mai 2022.

DE ASSIS, Machado. Último capítulo. (conto). *In*: **machadodeassis.net** - Referências na ficção machadiana. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/@id/29108>. Acesso em: 4 mai 2022.

DESCHAMPS, Marley Vanice (coord.). **Vulnerabilidade socioambiental das regiões metropolitanas brasileiras**. Observatório das metrópoles. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.

DIOME, Fatou. **O ventre do Atlântico**. Trad. Regina Célia Domingues da Silva. Rio de Janeiro: Malê, 2019. [versão kindle].

DOLABELLA, Lira Turrer. Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, pp. 21-50, 2015.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1912-1913) – algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 13-244.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. *In*: **Revista USP**, São Paulo, n. 53, pp. 166-182, 2002.

FUSCO, Wilson; REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. Redes sociais. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 615-617.

GALERA, Daniel. **Cordilheira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GAMBOA, Santiago. **El síndrome de Ulises**. Barcelona: Seix Barral, 2005.

GENETTE, Gerard. **O discurso da narrativa**. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, s.d.

GIKOVATE, Flávio. **O que é ingenuidade?** (vídeo). 5'53", 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dVVJT-_5kJI&list=PL5kfdD07OyNbwwwrbOKxvuW5ZKs_iserP&index=2. Acesso em: 14 mar. 2022.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *In*: **Tintas**. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012.

GRANOVETTER, Mark Sanford. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, n. 6, pp. 1.360-1.380, 1973.

GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna** – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HESÍODO. As cinco raças. *In*: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias** (Primeira Parte). Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996, pp. 31-51.

JAUCOURT, Louis. Naiveté. *In*: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean Le Rond (orgs.). **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. v. XI, p. 10, 1765. Disponível em: <https://mazarinum.bibliotheque-mazarine.fr/viewer/2104/?offset=12#page=20&viewer=picture&o=bookmark&n=0&q=> . Acesso em: 10 mar. 2022.

LAFER, Mary de Camargo Neves. Os mitos: comentários – 3. As cinco raças. *In*: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias** (Primeira Parte). Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996, pp. 77-89.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LISBOA, Adriana. **Hanói**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

LISBOA, Adriana. **Azul corvo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014A.

LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014B.

LISBOA, Adriana. **Todos os Santos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

LÓPEZ, Yasmina Yousfi. El mito del regreso: Ítacas y Ulises contemporáneos. *In*: BARAIBAR, Álvaro; RECOBA, Martina Vinatea (eds.). **Viajes y ciudades míticas**. Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2015, pp. 185-197.

LUISELLI, Valeria. **Arquivo das crianças perdidas**. Trad. Renato Marques. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

LUSSI, Carmem. Vulnerabilidade. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico das migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 726-732.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidade do lugar vs vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. *In*: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, pp. 161-181, jul./dez. 2009.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**: imigrantes brasileiros em Nova York. Trad. Luzia A. de Araújo e Talia Bugel. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MATTOSO, Chico. **Nunca vai embora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MUSEU DA PESSOA. **A literatura com paixão**: história de Luiz Fernando Ruffato Souza. Versão PDF, 2014. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/a-literatura-com-paixao-4522>. Acesso em: 26 out. 2021.

MUTARELLI, Lourenço. **O Filho mais velho de Deus e/ou Livro IV**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NANI, Rita Helena Gonçalves; CHAVES, Wilson Camilo. "Paidescendo no paraíso": uma investigação sobre o pai e a religião na teoria de Freud e Lacan. *In: Revista Subjetividades*, v. 11, n. 1, pp. 335-367, 2011.

NOLL, João Gilberto. **Solidão continental**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

OLIVEIRA, Carolina. **A experiência do sujeito migrante no mundo contemporâneo** – Uma leitura de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. 2014. 95f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo – volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, pp. 23-33, 2005.

PELLIZZARI, Daniel. **Digam a Satã que o recado foi entendido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *In: PIGLIA, Ricardo. Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 87-94.

PIQUER, David Viñas. New Criticism. *In: Piquer, David Viñas. História de la crítica literária*. Barcelona: Editorial Ariel, 2002, pp. 397-407.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. *In: POE, Edgar Allan. Poética* (Textos Teóricos). Trad. Helena Barbas. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016, pp. 29-52.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PÓVOA NETO, Helion. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. *In: Estudos Avançados*, 20 (57), 2006.

ROCHA, Janine Resende. Entrevista: A literatura segundo Luiz Ruffato. *In: Revista do Cesp* – v. 27, n. 37 – jan.-jun. 2007, pp. 203-213.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. A arte de escrever 19 - uma metodologia de leitura. S.d. *In: Blog da Editora Pangeia*. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-19-uma-metodologia-da-leitura/>. Acesso em: 2 set. 2021.

ROSA, Renata de Melo. Xenofobia. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 733-735.

RUFFATO, Luiz. **Histórias de remorsos e rancores**. São Paulo: Boitempo, 1998.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo, 2001.

RUFFATO, Luiz – “Encontros de Interrogação”. Vídeo (5'59"). Canal: **Itaú Cultural**. 2004. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VzY_GsNT_YM. Acesso em: 9 set. 2021.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUFFATO, Luiz. Discurso para a abertura da Feira de Frankfurt. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 1.357, pp. 20-21, nov./dez. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/axtktd>. Acesso em: 5 out. 2021.

RUFFATO, Luiz. **Inferno provisório**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Verbete da Enciclopédia. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3628/luiz-ruffato>. Acesso em: 8 set. 2021.

SAAVEDRA, Carola. **Toda terça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANCHES NETO, Miguel. **A segunda pátria**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

SANCHES NETO, Miguel. **Um amor anarquista**. 2. ed. São Paulo: Grua, 2020.

SANT'ANNA, Sérgio. **O livro de Praga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – Do pensamento único à consciência universal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. *In*: **XII Encontro Nacional da ABEP 2000** – Caxambu, outubro de 2000 – GT de Migração – Sessão 3 – A migração internacional no final do século.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração** – Ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EdUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno – Elemento constitutivo da condição do imigrante. *In*: **Travessia** – Revista do migrante. Ano XIII, número especial, pp. 7-32, jan. 2000.

SCHILLER, Friedrich. Sobre poesía ingenua y sentimental. *In*: SCHILLER, Friedrich. **Sobre la gracia y la dignidad / Sobre poesía ingenua y sentimental / y una polémica KANT, SCHILLER, GOETHE y HEGEL**. Trad. Juan Probst y Raimundo Lida. Barcelona: Icaria Editorial, 1985, pp. 67-157.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Um mundo de papel – Reflexões sobre o realismo de Luiz Ruffato. *In*: **Alea**, Rio de Janeiro, v. 18/2, pp. 232-242, maio-ago. 2016.

SCOTT, Paulo. **Ithaca Road**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da. O nome de Viriato. *In*: **PORTVGALIA**. Nova Série, v. XXIV, 2003. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13579/2/3871000071570.pdf>. Acesso em: 17 maio 2022.

SILVESTRE, Edney. **Vidas provisórias**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
SIQUEIRA, Joelma Santana; SANTOS, Vivaldo Andrade dos. Entrevista com Luiz Ruffato. *In*: **Gláuks**: Revista de Letras e Artes. V. 20, n. 2., pp. 174-178, jul.-dez. 2020.

SIQUEIRA, Sueli. Projeto migratório. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico das migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 570-574.

SOARES, Weber. Análise de redes sociais. *In*: SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. 344f. 2002. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, pp. 19-38.

SOARES, Weber. Rede migratória. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017, pp. 612-615.

SPRANDEL, Marcia Anita. Migrações internacionais e a sociedade civil brasileira. *In*: **Migrações Internacionais** – contribuições para políticas. Brasília, CNPD, 2001, pp. 547-562.

TERRON, Joca Reiners. **Do fundo do poço se vê a lua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TILLY, Charles. Transplanted networks. *In*: YANS-MCLAUGHLIN, Virginia (org.). **Immigration reconsidered**: history, sociology, and politics. London: New York: Oxford University, 1990, pp. 79-95.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea**: vidas de santos. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Movimentos de um crítico: Antonio Candido e a tradição anglo-americana. *In: Revista USP*. São Paulo, n. 118, pp. 89-104, jul./ago./set. 2018.

VELHO, Gilberto. IX – Memória, identidade e projeto. *In: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose* – Antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. [versão EPUB]

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**: o arquipélago. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

VIDAL, Paloma. **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

VIDAL, Paloma. **Mais ao sul**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2018.

VIDAL, Paloma. **Algum lugar**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. **Brazilian writers abroad**: cartography and quantitative analysis. 2013. Disponível em: <http://zip.net/bpncyH>. Acesso em: 11 ago. 2017.

VIEIRA, Nelson H. Fora do Brasil – Globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. *In: CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo de (orgs.). Falando com estranhos* – O estrangeiro e a literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, pp. 48-63.

WOLFF, Francis. Quem é bárbaro? *In: NOVAES, Adauto (org.). Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO – FORTUNA CRÍTICA

Apresentamos a seguir uma relação de trabalhos críticos da obra de Luiz Ruffato, como artigos de periódicos científicos, livros, capítulos de livro, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Certamente a lista não é exaustiva, mas esperamos que contribua para novas pesquisas sobre a obra de Luiz Ruffato.

Artigos em Periódicos

ALMEIDA, Marcos Vinícius Lima de. O luto e a História em *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato. *In: Remate de Males*, v. 37, n. 1, pp. 429-447, 2017.

ALMEIDA, Samira Pinto. Imigrante refugado: a condição marginal do estrangeiro em 'Estive em Lisboa e lembrei de você', de Luiz Ruffato. *In: Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, v. 9, pp. 158-169, 2015.

ALVES, Wanderlan da Silva. O discurso de Luiz Ruffato em Frankfurt: polêmica, recepção inicial e paradigmas em disputa. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 48, pp. 149-176, 2016.

ANDRADE, Patrícia H. Baialuna de. Subjetividade, melancolia e realismo: leitura de *O verão tardio*, de Luiz Ruffato. *In: Revista de Letras*, v. 61, n. 1, pp. 159-170, 2021.

BEAL, Sophia. Uma cidade em camadas: Ensaio sobre o romance *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato. *In: Luso-Brazilian Review*, v. 45, n. 1, pp. 212-214, 2008.

BEZERRA, Ligia. A representação da cultura de consumo em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 48, pp. 177-190, 2016.

BOROWSKI, Gabriel. Reconsiderando o 25 de abril: "Estive em Lisboa e lembrei de você" de Luiz Ruffato enquanto etnografia do submundo lisboeta. *In: Romanica Cracoviensia*, v. 20, n. 1, 2020.

BOTTON, André Natã Mello; ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Deslocamento de identidade em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: IPOTESI – Revista de Estudos Literários*, v. 21, n. 1, pp. 03-12, 2017.

BRANDELLERO, Sara. Táticas do cotidiano em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 27, pp. 12-23, 2017.

CABRAL, Éderson de Oliveira; MÜGGE, Ernani; KIERNVIEW, Janniny Gautério. Relações sociais em *O verão tardio*, de Luiz Ruffato. *In: Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 3, pp. 250-269, 2021.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Anonimato e transgressão: uma deambulação por romances de José Saramago e Luiz Ruffato. *In: Revista Uniabeu*, v. 5, n. 9, pp. 175-187, 2012.

CARRIZO, Silvina; CERQUEIRA, Rodrigo. Abandono e sobrevivência: o sujeito migrante na obra de Luiz Ruffato. *In: IPOTESI – Revista de Estudos Literários*, v. 16, n. 1, pp. 55-63, 2012.

CARVALHO, Keiliane da Silva Araújo. Para além da fronteira: uma leitura do romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, sob a ótica pós-modernista. *In: Opiniões*, n. 16, pp. 302-320, 2020.

CASAI, Allysson Augusto Silva. A Cataguases de Luiz Ruffato: a experiência urbana no interior mineiro. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 65, pp. 1-13, 2022.

CASAI, Allysson Augusto Silva. Novos migrantes em cena: pobreza e (e)migração em Luiz Ruffato. *In: Nau Literária*, v. 17, n. 3, pp. 153-181, 2021.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. A relação sujeito-espaço na obra de Luiz Ruffato. *In: RE-UNIR - Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia*, v. 4, n. 2, pp. 113-127, 2017.

CERQUEIRA, Rodrigo. As armas do invasor: Luiz Ruffato e as disputas do campo literário brasileiro. *In: Teresa*, n. 18, pp. 199-215, 2016.

CHAGAS, Eduardo Lopez. Os “brasis” de Luiz Ruffato, em *Eles eram muitos cavalos*: crítica ao discurso de nação à luz de Homi Bhabha. *In: Revista Investigações*, v. 32, n. 1, pp. 282-299, julho/2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Pelas margens da cidade: exclusão e silenciamento em Samuel Rawet e Luiz Ruffato. *In: ITINERÁRIOS – Revista de Literatura*, n. 32, pp.15-25, jan./jun. 2011.

DAYRELL, João Guilherme. A montagem em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato: conversações entre cinema e literatura. *In: Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária*, v. 15, n. 1, pp. 63-83, 2010.

DAYRELL, João Guilherme. O sensível cinemático: notas sobre *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In: Scripta-Uniandrade*, v. 9, n. 1, pp. 67-79, jan-jun 2011.

DE PAULA, Júlio César Machado. O entrever da história nas narrativas de Luiz Ruffato. *In: Arte 21*, v. 2, n. 1, pp. 82-85, 2014.

DEALTRY, Giovanna. Cidades em ruínas: a história a contrapelo em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 34, pp. 209-221, 2009.

DELGADO, Gabriel Estides. A classe feita corpo: pertencimento e discriminação social em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 45, pp. 183-199, 2015.

DELGADO, Gabriel Estides. A construção do narrador em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato: aderência programática ao Outro representado. *In: FronteiraZ - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*, n. 22, pp. 23-39, 2019.

DELGADO, Gabriel Estides. Migração e fatalismo em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. *In: Fórum de literatura brasileira contemporânea*, v. 4, n. 8, 2012.

DELGADO, Gabriel Estides. O depoimento como forma: leitura de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 12, n. 16, pp. 37-53, 2013.

DOLLE, Verena. Do 'sonho americano' ao 'sonho europeu': o romance de emigração *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato. *In: Literatura e Sociedade*, v. 23, n. 28, pp. 298-316, 2018.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari; JUNGBLUT, Helena. A letra e a imagem da letra: intermedialidade em *Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato. *In: VIS - Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UnB*, V. 19, n. 1, pp. 130-157, janeiro-junho de 2020.

FANINI, Angela Maria Rubel. Vozes do mundo do trabalho nas obras de Luiz Ruffato e Roniwalter Jatobá. *In: Linguagem em (Dis)curso*, v. 20, pp. 503-516, 2020.

FRITSCH, Israel Augusto Moraes de Castro. Dois meninos e a paralisia: os contos de abertura do novo livro de Luiz Ruffato e *Dublinenses*, em nova tradução. *In: Organon*, v. 33, n. 65, 2018.

GARCIA, Mireille. *Mamma, son tanto felice* de Luiz Ruffato: da canção do exílio ao canto do inferno. *In: Amerika. Mémoires, identités, territoires*, n. 13, 2015.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Contos de futebol escritos por mulheres: "Entre as quatro linhas" (2013), de Luiz Ruffato. *In: FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, pp. 134-138, 2019.

HAZIN, Elizabeth; BARRETO, Francismar Ramirez. Luiz Ruffato: O começo e o fim dependem do ponto de vista. *In: Scripta*, v. 12, n. 23, pp. 263-277, 2008.

HEINEBERG, Ilana; SALES, Kall Barroso. Representação de sotaques e oralidade na tradução francesa de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *In: Belas infieis*, v. 7, n. 1, pp. 39-58, 2018.

HERINGER, Victor. Entretela: de Luiz Ruffato a Valêncio Xavier. *In: Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 2, n. 4, p. 111-130, 2010.

KOLEFF, Miguel Alberto. Luiz Ruffato y la modernidad como infierno. *In: RECIAL: Revista del Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades, Áreas Letras*, v. 8, n. 12, 2017.

LEHNEN, Leila. Cartografias da cidadania diferenciada em Luiz Ruffato e Guillermo Saccomanno. *In: Teresa*, n. 17, pp. 53-70, 2016.

LIPPMAN, Rebecca Ann; LEHMAN, Peter. "Brainiac" An excerpt from *They were many horses* by Luiz Ruffato. *In: Mester*, v. 42, n. 1, pp. 97-102, 2013.

LOBO, Rosana Corrêa. *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato: as ditaduras vistas de baixo. *In: Guavira Letras*, v. 11, n. 20, 2017.

LOBO, Rosana Corrêa. O sentido de utopia em Luiz Ruffato. *In: Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS*, v. 19, n. 38, pp. 50-63, 2015.

MARQUES, Barbara Cristina. Visualidades e visibilidades: literatura e cinema em João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu e Luiz Ruffato. *In: O eixo e a roda*, v. 24, n. 1, pp. 107-123, 2015.

MENEGAZZO, Maria Adélia *et al.* A reinvenção das tipologias romanescas em *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato. *In: Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18, n. 29, 2017.

NIELSON, Rex P. Anti-nostalgia e a masculinidade tóxica na obra de Michel Laub e Luiz Ruffato. *In: REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 2, n. 19, pp. 255-266, 2018.

OLIVEIRA, Júlia de Mello Silva; ROCHA, Rejane C. Mímesis e realismo no romance contemporâneo: uma leitura de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In: Olho d'água*, v. 10, n. 2, pp. 12-29, 2019.

OLIVIERI-GODET, Rita. "Entre o chão encontrado e o chão perdido": Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato. *In: Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 22, n. 3, pp. 131-138, 2012.

PASSIANI, Enio. Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em *O verão tardio*. *In: Arte e ensaios*. vol. 26, n. 40, pp. 333-345, jul./dez. 2020.

PAULO, Eloésio. *El libro de las imposibilidades*: la catábasis de la memoria en Luiz Ruffato. *In: Taller de Letras*, n. 44, pp. 193-196, 2009.

PELLEGRINI, Tânia. A refração do realismo em Luiz Ruffato: um inferno permanente. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 59, pp. 1-14, 2020.

POKULAT, Luciane Figueiredo. A "história a contrapelo" em *Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato. *In: Literatura e Autoritarismo*, Dossiê nº 20: Ressignificando histórias, pp.31-45, jul. 2017.

RAYNOR, Cecily. O global e o particular: uma leitura espacial de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: **Brasil/Brazil**, v. 29, n. 54, pp. 9-24, 2016.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. *Inferno provisório* e a modernização do Brasil: uma leitura de Luiz Ruffato. In: **REVELL**: Revista de Estudos Literários da UEMS, n. 1, pp. 383-395, 2019.

ROCHA, Wesley Thales de Almeida. Transpassagens: nomadismo, subjetividade e intersubjetividade em *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato. In: **Revista Araticum**, v. 20, n. 2, pp. 140-156, 2019.

ROLLE, Carolina. Un imaginario (transmedial) de São Paulo. Cuadrado negro sobre fondo blanco em *Ellos eran muchos caballos* de Luiz Ruffato. In: **Iberoromania**, v. 2021, n. 94, pp. 269-286, 2021.

SALES, Paulo Alberto da Silva. Narrar/Editar: faces do realismo refratado em *De mim já nem se lembra* (2007), de Luiz Ruffato. In: **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 28, n. 54, pp. 553-566, 2021.

SANTOS, Carolina Barbosa Lima e. A Resignificação do futurismo na literatura de Luiz Ruffato. In: **Acta Scientiarum**. Language and Culture, v. 44, n. 1, p. e59951, 2022.

SANTOS, Carolina Barbosa Lima e. Eles Eram Muitos Cavalos, de Luiz Ruffato: a metáfora de uma metrópole em ruínas. In: **REVELL**: Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, pp. 148-163, 2017.

SANTOS, Flávia Karla Ribeiro; RICARDO, Marcela; ABRIATA, Vera Lucia Rodella. Figurativização e experiência sensível: a opressão em “O dia em que encontrei meu pai”, de Luiz Ruffato. In: **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras, v. 16, n. 2, pp. 35-55, jul./dez. 2020.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. Processo criativo em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. In: **Brasil/Brazil**, v. 30, n. 56, pp. 14-28, 2017.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Um mundo de papel – reflexões sobre o realismo de Luiz Ruffato. In: **Alea**: Estudos Neolatinos, v. 18, pp. 232-242, 2016.

SILVA, Daniele Cristina da. As faces do narrador em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato. In: **Revista Criação & Crítica**, n. 28, pp. 188-202, 2020.

SILVA, Daniele Cristina da; VILALVA, Walnice Aparecida Matos. Literatura e memória: configuração estética da obra *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato. In: **Letras de Hoje**, v. 53, pp. 493-500, 2018.

SILVA, Isabel Camila Alves da; PÁDUA, Vilani Maria de. A epístola como espaço da memória e da escrita de si: uma análise do romance *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato. In: **Revista Entrelaces**, v. 1, n. 16, pp. 279-297, abr./jun. 2019.

SILVA, Ívens Matozo; MATOS, Xênia Amaral; MARTINS, Aulus Mandagará. “Selvagens mais que o bruto polifemo”: a representação dos imigrantes em *Estive*

em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato. In: **Letras Escreve**, v. 7, n. 4, pp. 399-417, 2018.

SILVA, Lucas Neiva da. Um olhar sobre o filme *Redemoinho* (2016), inspirado no livro *O mundo inimigo* (2005), de Luiz Ruffato, sob a perspectiva da transcrição. In: **Trem de Letras**, v. 9, n. 1, 2022.

SILVA, Marcela Ferreira. Lutar com palavras entre ruínas: narrativa e errância em *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato. In: **Scripta**, v. 21, n. 42, pp. 236-258, 2017.

SILVA, Marcela Ferreira. Os sentidos da viagem em Luiz Ruffato. In: **Revista Garrafa**, v. 19, n. 55, pp. 151-167, jan.-jun. 2021.

SILVA, Maurício. Percursos pós-modernistas: hibridismo e simulação na ficção de Luiz Ruffato. In: **Scripta-Uniandrade**, v. 15, n. 1, pp. 138-149, 2017.

SILVA, Nádia Regina Barbosa da. Literatura e a cidade: a São Paulo de Luiz Ruffato. In: **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 12, pp. 66-78, 2008.

SILVA, Nádia Regina Barbosa da. Urbe contemporânea: motivo e linguagem. "Eles eram muitos cavalos", de Luiz Ruffato. In: **Letras**, n. 34, pp. 87-104, 2007.

SILVA, Wellington Augusto. Infância e trabalho em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. In: **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 6, n. 1, pp. 214-229, 2015.

SILVA, Wellington. Por um princípio formal de *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato. In: **Revista Garrafa 28**, v. 10, n. 31, 2012.

SOUSA, Camila Galvão de; FOIS-BRAGA, Humberto. Entre o violão e o crucifixo: a fama enquanto vontade de potência nietzschiana em "A decisão" de Luiz Ruffato. In: **Revista Interfaces**, v. 10, n. 04, pp. 121-132, 2019.

SOUSA, Camila Galvão de; SIQUEIRA, Joelma Santana. A Cataguases de Luiz Ruffato em *O mundo inimigo* (2005). In: **Navegações**, v. 11, n. 2, pp. 162-171, 2018.

SOUSA, Camila Galvão de; SIQUEIRA, Joelma Santana. Precariedade, solidão e desintegração em "O Mundo Inimigo", de Luiz Ruffato. In: **Jangada: crítica| literatural| artes**, n. 10, pp. 66-82, 2017.

SOUZA CEZAR, Luís Adriano de. Memória e política em "Inferno provisório", de Luiz Ruffato. In: **Muitas Vozes**, v. 6, n. 2, pp. 259-270, 2017.

SOUZA, Camila Galvão de; FOIS-BRAGA, Humberto. Vista parcial (das ruas) de São Paulo em *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato. In: **RUA**, v. 27, n. 2, pp. 375-386, 2021.

SOUZA, Gislei Martins de. O impossível retorno: degradação e utopia em Luiz Ruffato. In: **Revista Alere**, v. 13, n. 1, pp. 45-64, 2016.

SOUZA, Licia Soares de. Montréal et São Paulo dans la dynamique narrative de Monique Proulx et Luiz Ruffato. *In: Interfaces Brasil/Canadá*, v. 17, n. 1, pp. 39-50, 2017.

TADDEI, Angela. De cidade e de “cavalos”: notas sobre a São Paulo de Luiz Ruffato. *In: Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 3, n. 6, pp. 111-129, 2011.

THOMÉ, Cláudia Albuquerque; RODRIGUES, Michele Pereira. As fronteiras do fático e do ficcional nas crônicas de Luiz Ruffato no El País. *In: Rizoma*, v. 5, n. 1, pp. 50-63, 2017.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque; RODRIGUES, Michele Pereira. A relevância da crônica para o projeto de escrita de Luiz Ruffato: formação da autoridade sobre uma temática específica. *In: Contracampo*, v. 38, n. 3, s.p., dez./mar. 2019.

TONUS, José Leonardo. O discurso sobre a precariedade em Luiz Ruffato e Arlindo Gonçalves. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 41, pp. 47-59, 2013.

VIEGAS, Ana Cláudia. Pilhéria do biografado ou incompetência do retratista? A obra-arquivo de Luiz Ruffato. *In: Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, s.p., s.d.

VIEIRA, André Soares; ZAMBERLAN, Lucas da Cunha. A simultaneidade na configuração fragmentada de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In: Nonada: Letras em Revista*, v. 1, n. 22, 2014.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In: O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, pp. 27-41, 2007.

ZAMBERLAN, Lucas da Cunha; VIEIRA, André Soares. Hibridismo cultural no espaço urbano: a São Paulo de Luiz Ruffato. *In: Signo*, v. 40, n. 69, pp. 100-109, 2015.

Livros dedicados à obra Ruffatiana

HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007.

KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. Córdoba: Ferreyra Editor, 2019.

OLIVEIRA, Gislei Martins de Souza. **Aporias do Tempo em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato**. Curitiba: Editora Appris, 2022.

Capítulos de livro

BENEVENUTTO, Luiz Fernando Etelvino. Agregação e dispersão - O passado e a memória em *Mamma, son tanto felice*, de Luiz Ruffato. *In*: LOURENÇO, Camila Morgana; MARKENDORF, Marcio (orgs.). **A contemporânea literatura brasileira: poéticas do século XXI em debate**. Florianópolis: Literatual UFSC, 2020, pp. 134-158.

BRAVO, Claudia Ruarte. Cultura, identidad y frontera en Domingos sem Deus, de Luiz Ruffato. *In*: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. Córdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 147-164.

BRITOS, Alejandra. Sujetos vulnerables en *O mundo inimigo*, de Luiz Ruffato. *In*: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. Córdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 61-96.

COUTINHO, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo. Ficções Contemporâneas: a poética do fragmento em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Ó*, de Nuno Ramos. *In*: FERREGUETT, Cristhiane; MOURA, Deije Machad de; NASCIMENTO NETO, João Evangelista do (orgs.). **Literatura e linguística: saberes acadêmicos além das fronteiras**. Salvador: EDUNEB, 2016, pp. 37-61.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Ética e simpatia: o olhar do narrador em contos de Luiz Ruffato. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 107-118.

FAULTRIER-TRAVERS, Isaure de. O encontro e o desencontro no conto “Os amigos”, de Luiz Ruffato. *In*: SILVA, Rejane Veccia da Rocha e (org.). **Literatura e comparativismo contemporâneo: narrativa, poesia e cinema**. São Paulo, 2013, pp. 124-129.

GOMES, Renato Cordeiro. Móviles urbanos: eles eram muitos... *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 132-140.

HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 18-42.

KOLEFF, Miguel Alberto. Cartografía del proletariado: el infierno provisório de Luiz Ruffato. *In*: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. Córdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 19-40.

LAJOLO, Marisa. Uma paulicéia pra lá de desvairada. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 102-106.

LEHEN, Leila. Os não-espços da metr3pole: espço urbano e viol4ncia social em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 77-91.

LEHNEN, Leila. Luiz Ruffato - Landscapes of Disrepair and Despair in *Inferno provis3rio*. In: **Citizenship and Crisis in Contemporary Brazilian Literature**. Palgrave Macmillan, New York, 2013, pp. 23-71.

LIMA, S3nia Maria van Dijck. Painel da condiç3o humana. In: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 141-145.

MACEDO, Helder. Um livro que exacerba. In: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 53-55.

MALAKKI3N, Cintia. El tiempo indeterminable de la felicidad en *O livro das impossibilidades*, de Luiz Ruffato In: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. C3rdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 121-146.

OLIVEIRA, Vera L3cia de. Eles eram tantos coraç3es, corpos, consci4ncias. In: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 146-154.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. Pr3logo. La paradoja de lo provis3rio y de lo permanente en la obra de Luiz Ruffato. In: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. C3rdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 11-18.

POKULAT, Luciane Figueiredo. Da f3bula da migraç3o 3 f3bula do (des)enraizamento: notas sobre *Inferno Provis3rio*, de Luiz Ruffato. In: GOMES, G3nia Maria (org.). **Mobilidade e resist4ncia na literatura brasileira contempor3nea**. Porto Alegre: Polifonia, 2020, pp. 83-103.

READ, Maria Valeria. El realismo capitalista en *Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato. In: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. C3rdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 97-120.

RICCIARDI, Giovanni. Pedras para um mosaico. In: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 48-52.

RODR3GUEZ, Ximena; NATALONI, Silvia. *Mamma, son tanto felice*: la narrativa de Ruffato desde Walter Benjamin. In: KOLEFF, Miguel Alberto (org.). **La modernidad como infierno**: Luiz Ruffato desde Walter Benjamin. C3rdoba: Ferreyra Editor, 2019, pp. 41-60.

SÁ, Lúcia. Dividir, multiplicar, repetir: a São Paulo de Luiz Ruffato. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 92-101.

SALLES, Cecília Almeida. Um 9 de maio qualquer. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 43-47.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Fragmentos do real e o real do fragmento. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 68-76.

SILVA, Daniele Cristina da. Literatura contemporânea brasileira: memórias e efeito de real na prosa de ficção de Luiz Ruffato. *In*: VILALVA, Walnice; SILVA, Samuel Lima da; OLIVEIRA, Jeciane de Paula (orgs.). **Trânsitos Literários**: abordagens sobre a narrativa moderna. Tangará da Serra: Editora da Unemat, 2019, pp. 15-24.

STOENESCO, Dominique. Histoires individuelles et histoire collective, esthétique et éthique dans *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato. *In*: OLIVIERI-GODET, Rita (dir.). **Écriture et identités dans la nouvelle fiction romanesque**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010, pp. 269-281.

VIEIRA, Nelson H. O desafio do urbanismo diferencial no romance de Luiz Ruffato: espaço, práxis e vivência social. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 119-131.

VILLARINO PARDO, Carmen. *Eles eram muitos cavalos* no(s) processo(s) de profissionalização de Luiz Ruffato. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 155-187.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *In*: HARRISON, Marguerita Itamar (org.). **Uma cidade em camadas** – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007, pp. 56-67.

Dissertações de Mestrado

ANDRADE, Cinthia Ramalho de. **Configurações do imigrante latino-americano como sujeito em obras de Mario Vargas Llosa e Luiz Ruffato**. 103f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte (MG), 2017.

CAPOBIANCO, Eder Dias. **Ecos do naturalismo no projeto literário de Luiz Ruffato**: uma análise de *Eles eram muitos cavalos*. 124f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis (SP), 2019.

CASAI, Allysson Augusto Silva. **Dois anos infindos**: o brasileiro como estrangeiro na ficção de Luiz Ruffato. 125f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Niterói (RJ), 2020.

COSTA, Isabelly Cristina Gonçalves. **As representações dos lugares e objetos na literatura e no cinema**: *O mundo inimigo*, de Luiz Ruffato e *Redemoinho*, de José Luiz Villamarim. 92f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Niterói (RJ), 2020.

DELGADO, Gabriel Estides. **A negociação social do espaço em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2014.

EBLE, Laetícia Jensen. **Imagens convergentes**: os anônimos de Oswaldo Goeldi e Luiz Ruffato. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília (DF), 2011.

FERREIRA, Terezinha Perini. **Caótica Unidade**: a narrativa de Luiz Ruffato em *Eles eram muito cavalos*. 116f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Três Lagoas (MS), 2009.

FRETTA, Cristiano. **A relação forma literária e sociedade em *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato**. 89f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre (RS), 2013.

FRITZEN, Gecielli Estefania. **Uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato**. 111f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis (SC), 2015.

GAMA, Vítor Castelões. **Laurence Sterne e Luiz Ruffato**: convergências/divergências. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Literatura – PósLit, Brasília (DF), 2017.

GUIMARÃES, Carolina Nalon Silveira. **O escritor como autor de si mesmo**: Luiz Ruffato na imprensa. 119f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017.

MACIEL, Maria Lucia et al. **O processo de invenção ficcional em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 100f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (SP), 2015.

MEDEIROS, Marco Aurélio Pinheiro de. **O labirinto dos eus cambiantes**: a questão da identidade em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.

NUNES, Matheus da Costa. **A São Paulo de Alcântara Machado e Luiz Ruffato: duas versões de caos.** 118f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós-Graduação em Letras, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Carolina. **A experiência do sujeito migrante no mundo contemporâneo** - uma leitura de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. 95f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria (RS), 2014.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. **Uma nova forma de narrar a história:** a renovação do romance histórico em Luiz Ruffato. 114f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Letras, São José do Rio Preto (SP), 2016.

RODRIGUES, Michele Pereira. **O cronismo de Luiz Ruffato no El País:** narrativas de resistência e engajamento. 174f – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora (MG), 2018.

RODRIGUES, Reginaldo de Souza. **O mundo inimigo. Inferno provisório Vol. II, de Luiz Ruffato:** a representação dos trabalhadores das páginas para as telas. 119f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2020.

ROSTELLO, Luciana Greanin. **Correspondências e conexões em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato:** romance, poesia e arte. 90f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

RUIZ, Melissa Salinas. **O trabalho feminino na atualidade:** perspectivas a partir do conto *Sorte teve a Sandra*, de Luiz Ruffato. 93f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu (PR), 2018.

SANTOS, João Guilherme Dayrell de Magalhães. **O Sensível cinemático:** desmontagens em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. 202f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão Visual, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis (SC), 2011.

SILVA, Amanda Trindade Martins da. **Estilhaços da cidade:** uma leitura de *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. 97f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Feira de Santana (BA), 2017.

SILVA, Lucas Neiva da. **A interação entre literatura e cinema no espaço ficcional da *Cataguases de Luiz Ruffato*:** uma proposta de letramento literário e ampliação de repertório. 100f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Juiz de Fora (MG), 2019.

SILVA, Luciana Lima. **Recriação, fragmentação e unidade em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 92f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas (SP), 2017.

SILVEIRA, Carolina Nalon. **O escritor como autor de si mesmo: Luiz Ruffato na imprensa**. 119f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017.

SILVESTRE, Ingra Cristina Gomes. **Aspectos da outridade excluída em *Eles eram muitos cavalos* e *O livro das Impossibilidades*, de Luiz Ruffato**. 110f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia (GO), 2016.

SOUSA, Camila Galvão de. **Personagens em trânsito: do trabalho ao lar em *O mundo inimigo* (2005) de Luiz Ruffato**. 96f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa (MG), 2017.

SOUZA, Francisco Elieudo Buriti de. **Os fragmentos do real em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 96f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2015.

TRAJANO, Roberta Torres. **Sujeitos em trânsito: espaços urbanos em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 167f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Belo Horizonte (MG), 2014.

VIEIRA, Gabriel Carrara. **Autonomia e referencialização em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. 90f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte (MG), 2012.

Teses de Doutorado

ALIS, Gleidston. **Mosaicos, hiperlinks e outras dispersões: considerações sobre "Eles eram muitos cavalos" de Luiz Ruffato e "Ó" de Nuno Ramos**. 350f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte (MG), 2019.

BORDINI, Maria Isabel da Silveira. **Luiz Ruffato e o romance proletário no Brasil**. 255f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte (MG), 2019.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Um escritor excepcional, uma obra de exceção: o *Inferno provisório* e as movimentações de Luiz Ruffato no campo literário brasileiro**. 252f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Letras, Juiz de Fora (MG), 2016.

COUTINHO, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo. **Margens limiares da prosa contemporânea**: a poética do fragmento em *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Ó*, de Nuno Ramos. 179 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FILGUEIRAS, Virgínia Aparecida Ramos. **A migração do operário cataguasense em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato**. 233f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Niterói (RJ), 2015.

OLIVEIRA, Marcos Vinícius de. **A ruína e a máscara**: as contradições de uma modernização conservadora em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. 219f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Juiz de Fora (MG), 2011.

OLIVEIRA, Waldívia de Macêdo. ***Eles eram muitos cavalos - o romance Duchampiano de Luiz Ruffato***. 210f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI, Campina Grande (PB), 2021.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. **Heróis efêmeros**: uma análise de *Inferno Provisório* de Luiz Ruffato. 167f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Letras, São José do Rio Preto (SP), 2020.

SILVA, Cristina Maria da. **Rastros das socialidades**: conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. 308f - Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas (SP), 2009.

SILVA, Marcela Ferreira da. **“Sou, sempre fui um estranho, um estrangeiro”**: figurações do deslocamento em narrativas de Luiz Ruffato. 178f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO), 2019.